

DOCUMENTO ORIENTADOR CURRICULAR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA
AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA, QUILOMBOLA E INDÍGENA (EHCAAQI):

ENTRE ÁFRICA, ABYA YALA & BRASIL

ARARAQUARA 2024



Prefeitura do Município de Araraquara | Secretaria Municipal da Educação



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Documento orientador curricular para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana, quilombola e indígena (EHCAAQI)

[livro eletrônico] : entre África, Abya Yala & Brasil / [coordenação Secretaria Municipal da Educação de Araraquara, Coordenaria Técnica para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) - SME/Araraquara ; texto e conteúdo Tatiane Pereira de Souza e Clélia Mara dos Santos]. -- 1. ed. -- Araraquara, SP : Prefeitura Municipal de Araraquara, 2024.PDF

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-999676-3-4

1. Antirracismo 2. Comunidades quilombolas 3. Cultura afro-brasileira 4. Cultura indígena
5. Educação - Finalidades e objetivos 6. História - Estudo e ensino 7. Prática pedagógica
8. Relações étnico-raciais 9. Sociologia educacional
I. Secretaria Municipal da Educação de Araraquara.

II. Coordenadoria Técnica para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) - SME/Araraquara. III. Souza, Tatiane Pereira de. IV. Santos, Clélia Mara dos Santos.

24-236620

CDD-306.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Relações étnico-raciais : Sociologia educacional 306.43

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Prefeito Municipal de Araraquara

Edson Antonio Edinho da Silva

Secretária Municipal da Educação

Clélia Mara dos Santos

Coordenadora Executiva da Educação Básica

Ana Beatris Lia Vaccari

Coordenadora Executiva de Políticas Educacionais

Márcia Maria da Costa

Coordenadora Técnica de Educação Integral

Alzira Cristina Gonçalves

Coordenadora Técnica de Educação para as relações étnico-raciais (ERER)

Rosires de Fátima Botelho

Coordenadora Técnica para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI)

Tatiane Pereira de Souza

Comissão Multidisciplinar para Análise, Avaliação e Proposição de Material Didático-Pedagógico na perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (SME N° 278/2022)

Contato: coordtecnica.ehcaaqi@educararaquara.com

seceducao@araraquara.sp.gov.br

Secretaria Municipal
da **Educação**



Prefeitura Municipal
de **Araraquara**

FICHA TÉCNICA

Coordenação editorial: Secretaria Municipal da Educação de Araraquara. Coordenadoria Técnica para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) – SME/Araraquara.

Autoria, texto e conteúdo: Tatiane Pereira de Souza e Clélia Mara dos Santos

Colaboração técnica: Alzira Cristina Gonçalves, Ana Beatris Lia Vaccari, Márcia Maria da Costa, Muriane Sirlene Silva de Assis e Rosires de Fátima Botelho

SOUZA, Tatiane Pereira de; SANTOS, Clélia Mara dos. Documento Orientador Curricular para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI): Entre África, Abya Yala & Brasil. Coordenadoria Técnica para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI). Secretaria Municipal da Educação. Prefeitura de Araraquara: Araraquara, 2024.

1. Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena;
2. Educação das relações étnico-raciais;
3. Educação antirracista;
4. Práticas pedagógicas;
5. Equidade étnico-racial.

Revisão de texto: Carol Vicentini, Fernanda Franco, Fernanda Chiossi.

Projeto gráfico e diagramação: Marcelo Quén, Lucas Sgobi.

Arte e ilustração: Clau Marcondes.



Produção: Grupo Inca Comunicação

www.grupoinca.com.br



SUMÁRIO



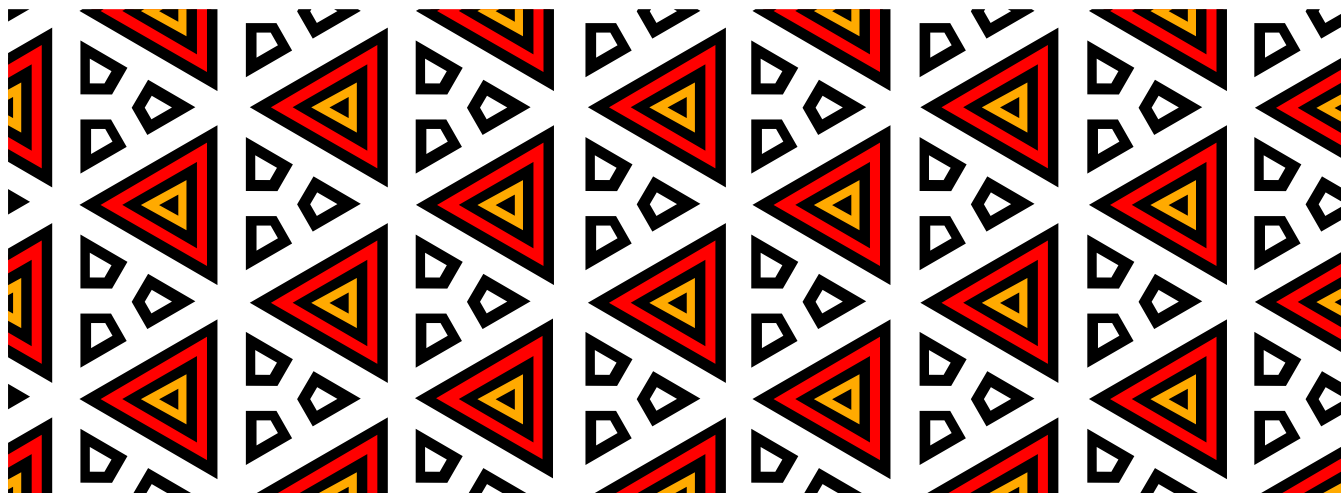
Ensinando a aprender: educando a educação.....	8
Povos indígenas do Brasil: por uma nova História	11
Introdução	12
Objetividade dos temas articuladores das práticas pedagógicas.....	16
Cronograma dos Temas Articuladores para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) nos Anos Finais do Ensino Fundamental para o 1º semestre de 2024.....	19
Cronograma dos Temas Articuladores para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) na Educação Integral para o 1º semestre de 2024.....	19
Sugestões de Atividades segundo os temas articuladores para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI)	20
Tema Articulador – Identidade	21
Tema Articulador – Corporeidade e Estética	24
Tema Articulador – Antirracismo	28
Tema Articulador – Literatura	32
Tema Articulador – Ludicidade	35
Tema Articulador – Dança e Musicalidade	38
Tema Articulador – Religiosidade	43
Tema Articulador – Representatividade	48
Tema Articulador – Territorialidade	55
Bibliografia da concepção das atividades e dos temas articuladores do EHCAAQI	64
Sugestões de referências e materiais para os temas articuladores do EHCAAQI e as atividades	67
Identidade.....	67
Corporeidade e Estética	68
Antirracismo	69
Dança e Musicalidade.....	70
Literatura	72
Ludicidade	73
Religiosidade.....	75
Representatividade	76
Territorialidade	77
Orientações para avaliação do componente curricular Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI).....	80
Sugestões de referências para a formação e pesquisa docente.....	85
Obras que compõem o acervo das escolas municipais	87

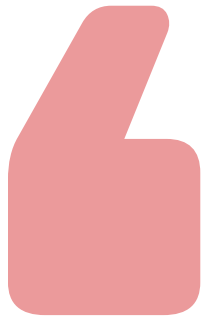


SUMÁRIO



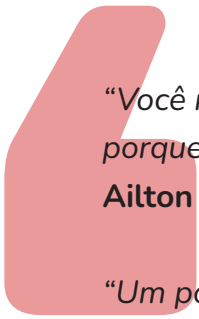
Cronograma e Descrição das temáticas para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) na Educação Integral e nos Anos Finais do Ensino Fundamental no 2º semestre de 2024	90
Descrição das temáticas com sugestões de atividades para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) no 2º semestre de 2024	91
A Origem Africana da Humanidade	92
África: berço das primeiras civilizações do mundo (5.000 a.C - 200 d.C aprox.)	99
Ancestralidade dos povos indígenas de Abya Yala (Pindorama e Américas)	102
Antiguidade africana (200 d.C – 1.500 d.C aprox.)	109
Período Ressurgente (1500 – 1870 aprox.)	111
Ciência, tecnologias e as universidades africanas	113
Resistência africana contra a dominação colonialista e o imperialismo europeu e a partilha da África entre as nações da Europa	124
A sociodiversidade dos povos indígenas no Brasil	128
Resistências indígenas e africanas contra a escravização nas Américas e no Caribe	135
A resistência dos quilombos nas Américas, Caribe e Brasil	140
Religiões, religiosidades e espiritualidades de matrizes africanas e indígenas	143
A descolonização da África e as lutas pela independência dos países africanos	145
Influência e participação dos povos indígenas e africanos na formação do Brasil	147
Cartografia da África e dos países africanos na contemporaneidade	162
Os movimentos sociais, as resistências e as lutas por liberdade e direito da população africana, negra, quilombola e indígena	165
Histórias e culturas das populações negras e indígenas em Araraquara	173
Conceitos antirracistas e valores civilizatórios de raízes africanas e indígenas	182
Jogos, brinquedos e brincadeiras e literatura infantojuvenil de raiz africana e indígena	185
Referências utilizadas na construção das temáticas para o EHCAAQI	186





“Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai”.

Ailton Krenak



“Um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes”

Marcus Garvey

“Para nós, cultura é tudo que somos, é nosso modo de vida e também sinônimo de luta”.

Sônia Guajajara

“Quando você compartilha o saber, o saber só cresce”.

Antônio Bispo dos Santos [Nego Bispo]

“As africanidades fortalecem o pertencimento étnico-racial dos negros e também dos não-negros, lhes dão informações e energia para lutar contra desigualdades e opressões, para promover reconhecimento da história e cultura dos africanos e afrodescendentes”.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Paulo Freire

“A grandeza da vida, a magnitude da vida, gira em torno da educação”.

Antonieta de Barros

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela





ENSINANDO A APRENDER: EDUCANDO A EDUCAÇÃO

Dagoberto José Fonseca¹

“Entre África, Abya Yala & Brasil: documento orientador introdutório para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana, quilombola e indígena (EHCAAQI)” é uma prova da ousadia pedagógica, recheada de honradez política e preenchida com a coragem e responsabilidade didáticas da Secretaria Municipal da Educação de Araraquara, com a anuência e apoio da Prefeitura Municipal de Araraquara. A ousadia, a honradez, a coragem e a responsabilidade são no sentido de compreender a realidade educacional e ter ciência e sabedoria ao ir além das fronteiras demarcadas pelos estudos das relações étnico-raciais no Brasil, bem como avançar nas agendas e nas práticas educacionais que ficam pautadas ora na defensiva, ora na combativa pedagogia antirracista presente nas escolas de ensino fundamental no Brasil.

O “Documento Orientador Introdutório para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI)” é inovador em todo o sistema educacional nacional, pois transforma, articula e normatiza

com maestria as leis 10.639 de 2003 e 11.645 de 2008, os Pareceres do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica nº 16 de 2012 e nº 5 de 2012 em um Componente Curricular que vai muito além de tratar de racismo ou de antirracismo no processo de ensino-aprendizagem-cultura-sapiência das crianças e adolescentes do ensino fundamental. Ele, de maneira dialética e dialógica, também educa os professores, posto que os provoca a conhecerem, a estudarem e a pesquisarem sobre os valores civilizatórios, culturais e as cosmovisões dos diversos povos africanos e afro-brasileiros, dos inúmeros quilombos e das variadas nações indígenas presentes em um país com dimensões continentais como o Brasil.

Com esse Documento orientador, há mais segurança e a garantia de que possam ser introduzidos em um universo de ensino que não seja só e simplesmente permeado pelos temas que envolvam escravizações, desumanizações, explorações e racismos, fenômenos e processos



¹ Dagoberto José Fonseca, Livre Docente da Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara – UNESP, professor do Curso de Ciências Sociais e dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais (Araraquara) e Serviço Social (Franca) da UNESP, Coordenador Científico do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE) e do Centro das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN). Africano-brasileiro da 6ª região, escritor e autor de diversos livros, artigos e textos científicos e literários, incluindo os livros “Vovó Nanã vai à escola”, “Um povo, duas nações: Angola e Brasil; o mundo Bantu no Atlântico”, “Racismos”, “África - desconstruindo mitos”, “As mentiras do ocidente”, entre outros.

criados pelos conquistadores europeus.

É um imperativo deste Documento o fato de trazer e de reconhecer o poder desses povos e nações que também são protagonistas centrais na história e na educação brasileira, são sujeitos histórico-culturais e político-econômicos importantes e fundamentais para o entendimento e a melhoria de nossa realidade educacional. Em suma, o Documento orienta, assegura e anuncia que o novo Componente Curricular tem como objetivo, meta e missão inseri-los (povos e nações) no projeto educacional do município de Araraquara de forma cidadã e republicana.

A Resolução SME nº 43, de 24 de novembro de 2023, dispõe sobre a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental, nas escolas que integram o Programa Municipal de Ensino Fundamental Integral e nos Centros de Educação da Rede Municipal de Araraquara. A Prefeitura de Araraquara, por meio da Secretaria Municipal da Educação, apresenta o Documento Orientador Introdutório para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) e nos desafia a construir uma escola para a maioria dos diferentes grupos, povos e nações que compõem a sociedade brasileira, fundamentalmente aqueles que construíram esse país desde antes do século XVI e consolidaram as bases do que é o Brasil real e profundo que temos hoje.

A Resolução Municipal de Araraquara acima citada, o Documento Orientador e o novo Componente Curricular estão baseados nas legislações da educação federal do Ministério da Educação, do Conselho Nacional de Educação e no eixo do Campo Integrador “Educação para a Cidadania, Diversidade e Equidade”. Com isso, se compromete de forma articulada, integral

e inteligente com a educação antirracista e o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira, quilombola e indígena.

O Documento Orientador é uma expressão maior das intencionalidades aqui expostas no sentido de que, com os valores civilizatórios de origem africana, afro-brasileira, quilombola e indígena, se busca construir equidade a fim de se combater a desigualdade, o preconceito e a desinformação sobre o continente africano; a discriminação referente às pessoas negras, quilombolas e indígenas que construíram e desenvolvem toda a sociedade brasileira, as nossas instituições e ciências nos âmbitos nacional e mundial. Mas, para além disso, esse documento nos orienta e nos obriga a respeitar e a valorizar a diversidade e a diferença como princípio motor de uma sociedade democrática, plural, inclusiva e fraterna.

Os valores civilizatórios estão assentados em temas articuladores que são os sustentáculos das culturas de origem africana e indígena, a saber: Antirracismo, Corporeidade e Estética, Identidade, Literatura, Ludicidade, Dança e Musicalidade, Religiosidade, Representatividade e Territorialidade. Eles serão tratados nos Anos Finais do Ensino Fundamental para o 1º semestre de 2024, atendendo do 6º ao 9º ano, bem como na Educação Integral.

A estruturação deste Documento Orientador foi feita com muito cuidado, com diálogo, com trocas entre diferentes profissionais da Secretaria Municipal da Educação de Araraquara e de outras instituições de ensino, especialmente da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Todos contribuíram com suas perspectivas, conhecimentos, interesses e compromissos com a educação pública municipal. Liderados pela Coordenadoria Técnica responsável, produziram este Documento. Nele, incluíram as referências bibliográficas que embasaram

a concepção das atividades e dos temas articuladores, bem como há sugestões de vídeos, jogos, brinquedos e brincadeiras que abordam os temas articuladores.

A elaboração cuidadosa também os levou a produzir orientações para a avaliação e a organização do trabalho pedagógico, desconsiderando uma educação bancária, conteudista e que não humaniza, mas está focada em potencializar pessoas desde a mais tenra infância. O que se recomenda é uma avaliação constante, contínua e processual, sistemática e dinâmica, responsável e respeitosa, inclusiva e fraterna, durante todo o processo de ensino-aprendizagem com o objetivo de aprimorar o aprendizado e ampliar o repertório de conhecimentos dos/as estudantes, mas também dos/as professores/as e demais profissionais da educação municipal, bem como a própria comunidade extramuros à escola.

Assim, se busca uma avaliação que seja uma ação afetuosa com acolhimento, tendo como objetivo observar, acompanhar e assessorar o/a estudante no seu processo de construção de aprendizagens e ampliação de conhecimentos por meio de uma perspectiva mais qualitativa.

O documento também orienta como se procede em sala de aula ou fora dela, enquanto uma estratégia metodológica, didático-pedagógica, quando solicita que “as aulas sejam desenvolvidas em rodas de conversas com cadeiras dispostas em círculo para facilitar a interação, o diálogo e o olhar entre todos/as”. Essa estratégia é importante, pois conecta os estudantes e os professores no universo cultural, mítico e místico das sociedades africanas, afro-brasileiras, quilombolas e indígenas que têm, na circularidade do conhecimento, um sustentáculo da sua existência; na equidade um imperativo de sua vivência comunitária; na representatividade um princípio da importância de todos serem vistos e ouvidos.

Desta maneira, se introduz um modo de se operacionalizar esse Documento avaliando todo o processo e respeitando o estudo como um ato coletivo, tendo no planejamento, isto é, no plano de cada aula, uma relação de reciprocidade e confiança no tratamento com todos os envolvidos e no comprometimento um critério de inclusão. Assim, a avaliação é centrada na inclusão, “numa perspectiva compreensiva do que as/os estudantes aprenderam sobre África, a população negra, quilombola e indígena”.

Enfim, consideramos que esse Documento Orientador intitulado “Entre África, Abya Yala & Brasil” avança e muito no que já foi feito na educação brasileira. Com certeza, por ser o primeiro - logo inovador, transgressor e transformador, deverá receber críticas, mas esse é o movimento da história, pois os pioneiros recebem as críticas que os fazem aprimorar mais e avançar mais, mas como regra, geralmente quem os critica são os que estão atrás e não na frente.

A Secretaria Municipal da Educação de Araraquara avança quando normatiza e busca dar normalidade à Lei de Diretrizes de Base da Educação Brasileira (LDB de 1996), o que já era para ter sido feito no século XX, portanto é um avanço na inércia de tantos outros. A esperança agora é que os que estão na inércia venham nessa direção e façam esse caminho necessário para termos uma sociedade democrática, plural, republicana, antirracista e que valoriza o seu povo e os demais povos do planeta Terra que estão em nossa única casa, quilombo e aldeia.

Quero me congratular e parabenizar a todas as pessoas e instituições, em especial à Secretaria Municipal da Educação de Araraquara, ao propiciar que os leões e as leões possam contar as suas histórias e falar de suas culturas, parafraseando o provérbio africano que nos diz: “Até que os leões tenham a sua História, os contos de caça glorificarão sempre o caçador!”.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL: POR UMA NOVA HISTÓRIA

Tiago Nhandewa¹

Ao longo da história, os conhecimentos ancestrais dos povos indígenas e africanos foram sistematicamente subjugados, marginalizados, diminuídos e questionados em favor das chamadas culturas de origem europeia. No entanto, diante desse esforço de apagamento e opressão, esses povos mostraram resistência, lutando pelo direito à sua existência, à preservação de suas línguas, culturas e tradições, sem temer a injúria ou a subjugação. Apesar das adversidades enfrentadas, como a escravidão, massacres, doenças e o racismo, os povos indígenas e africanos persistem, mantendo vivos muitos conhecimentos que merecem ser valorizados, compartilhados e estudados.

As escolas desempenham um papel fundamental nesse processo, ao incluírem em seus currículos as histórias e culturas desses povos, que permeiam todos os aspectos da sociedade brasileira, desde as artes até a identidade nacional. Embora negros e indígenas constituam a base da sociedade brasileira, essas populações ainda sofrem diversas formas de preconceito, discriminação e violência, em decorrência do racismo e do capitalismo enraizados na cultura brasileira que permeiam a percepção coletiva do país.

É essencial reconhecer e valorizar a diversidade pluricultural dos povos indígenas, compreendendo que não se limitam a uma única categoria, como Tupi/Tapuia, mas abrangem mais de 305 nações, falando mais de 274 línguas, contribuindo para o mosaico étnico-racial brasileiro em todos os biomas, especialmente na preservação ambiental. Esses povos não são relíquias do passado, mas sim agentes ativos no presente, presentes em diversos setores da sociedade, incluindo a política, as artes e a academia.

Para promover uma educação verdadeiramente antirracista, é necessário desconstruir estereótipos e preconceitos arraigados, reconhecendo os/as indígenas como detentores/as de conhecimentos científicos e sistemas complexos de sabedoria milenar. Nesse contexto, este documento orientador busca cumprir as exigências da legislação vigente, promovendo o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira, quilombola e indígena, visando proporcionar novas perspectivas e ferramentas educacionais que promovam uma consciência mais respeitosa, não apenas nas escolas, mas em toda a sociedade, incluindo o município de Araraquara, no estado de São Paulo.

¹ Tiago Nhandewa é doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/USP. Membro da comunidade indígena Guarani Nhandewa. Participou ativamente do Núcleo de Educação Escolar Indígena em São Paulo (NEI/SEDUC/SP). Foi um dos fundadores e membros articuladores do Fórum de Articulação dos Professores Indígenas do Estado de São Paulo (FAPISP). Tem formação em Pedagogia Intercultural pela USP. Pedagogia convencional e Especialização em Antropologia pela USC. Mestrado em Antropologia Social pelo PPGAS/USP. Licenciatura em História pela UniCesumar. É escritor e autor de diversas obras de literatura indígena contemporânea, incluindo “Quando eu caçava tatu, memórias de um kunumim”, “Onimangá, brincadeiras indígenas”, entre outras obras com autoria e coautoria.





INTRODUÇÃO

Em 2007 a Rede Municipal de Ensino de Araraquara, faz sua primeira imersão numa formação continuada de fôlego (intensiva) intitulada “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira- Promovendo a Igualdade Racial, em parceria com o Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra – CLADIN, da Faculdade de Ciências e Letras/ UNESP – Campus de Araraquara, do Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão (NUPE) da mesma Universidade e, ainda, com o apoio da Assessoria Especial de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura Municipal, com o intuito de aprofundar conhecimentos, informações e repertório docente necessários ao ensino de história e cultura nos termos previstos na Lei nº 10.639/2003.

Entre idas e vindas, ao longo desses anos, o diálogo sobre a questão étnico-racial na escola foi intermitente e sem um caráter de Rede, não posto como mecanismo de compreensão das teias e emaranhados do racismo estrutural e institucional, do entendimento do país, das suas desigualdades sociais, econômicas e educacionais, sobre os motivos pelos quais o déficit na aprendizagem e desenvolvimento, o abandono e a evasão escolar afetam de modo contundente estudantes negros e negras. Ao mesmo tempo, é necessário dizer que na última década o racismo, a discriminação, a intolerância e a violência contra o povo negro brasileiro estão recrudescidas. Motivos contundentes para intensificar as ações educacionais antirracistas na escola.

Desde 2017 foram adotados diferentes mecanismos para o enraizamento da temática étnico-racial nas escolas municipais, como as ações de formação para professoras (es) para difusão e valorização do legado cultural africano, afro-brasileiro e indígena no cotidiano das escolas, corporeidade negra e implicações para a educação das relações étnico-raciais no espaço escolar, povos indígenas; histórias, culturas e ensino, seminários e rodas de conversa. A aquisição de bonecas e bonecos negros e negras se insere na perspectiva de representação, identidade e autoestima dos estudantes negros, no mesmo sentido, a aquisição de lápis cor da pele, por sua vez, o acervo literário de autores negros/negras focado na temática étnico-racial para professoras/es e estudantes propicia que rompamos com a hegemonia literária eurocêntrica e apresentemos ao coletivo da escola outros imaginários e outras formas de tratar e retratar negras, negros e indígenas e propiciando a construção das identidades e de formação como cidadãos e cidadãs de crianças e adolescentes. Isto porque:

Levar a história e a cultura africana e afro-brasileira para a escola através da Literatura Infantil é mais do que fazer cumprir a lei, é tornar conhecida uma história que tradicionalmente foi negada, mas que nem por isso deixou de existir em espaços específicos de resistência: quilombos, senzalas, terreiros etc. Como a Literatura tem uma linguagem ampla e interfere diretamente na imaginação, a Literatura Infantil é um canal importante e indispensável para se conectar ao imaginário infantil e, assim, contribuir para a compreensão de si mesmo e do mundo (Rufino, 2010, p. 22).¹



¹ RUFINO, Tatiana Cristina Dias. Representação da identidade negra nos livros de Literatura Infantil. Criciúma, 2010.

As ações voltadas à institucionalização das questões étnico-raciais também acompanham as estratégias da Secretaria Municipal da Educação, de modo a guardar coerência com as definições programáticas do governo municipal e das normativas em vigência no país, como a criação da Coordenação Técnica para as Relações Étnico-Raciais, designada por meio da Portaria SME N° 92/2021, a instituição da Comissão Multidisciplinar para análise, avaliação e proposição de material didático-pedagógico na perspectiva da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Cultura Africana, conforme designação da Portaria n° 278/2022, de modo inédito, a instituição do componente curricular “História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena” nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental e nas escolas que integram o Programa Municipal de Ensino Fundamental Integral da Rede Municipal de Araraquara, de acordo com a Resolução n° 43/2023 e da Coordenadoria Técnica para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI), conforme Portaria n° 24/2024.

A criação do componente curricular encontra respaldo na percepção de que, em que pese todos os mecanismos estratégicos e ações pedagógicas em curso, o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, artigo art. 26-A, estabelecido por força da Lei n° 10.639/2003, modificada pela Lei n° 11.645/2008, a questão étnico-racial não era plenamente vivenciada no interior da escola, estava ausente do planejamento pedagógico, dos planos de aulas, das discussões cotidianas do chão da escola. Sabemos que a escola é, não raro, o primeiro lugar em que a criança tem contato com o racismo. A escola como

instituição não é neutra, por isso reproduz no seu interior as estruturas fundantes do racismo, do preconceito e da discriminação, é produtora de desigualdades educacionais que tornam o clima e as relações escolares insustentáveis para as crianças, adolescentes e jovens negras, negros e indígenas tendo, por consequência, uma aprendizagem deficitária, não porque não consigam aprender por suas capacidades cognitivas, o que não se sustenta porque brancos e negros aprendem igualmente, mas porque para aprender é necessário, para além da performance pedagógica, didática e de conteúdo, que a atenção, o cuidado, o respeito e a crença no potencial de cada um estejam presentes. O negro e o indígena precisam entrar na sala de aula não mais como sujeitos assujeitados, escravizados, acorrentados, inferiores e inferiorizados, mas sim como parte integrante da história brasileira, como criadores e criadoras de cultura, descendentes de povos que engendraram os conhecimentos que nos trouxeram até aqui, nas ciências, nas engenharias, na arquitetura, nas artes. Sueli Carneiro, bem elucida a questão ao dizer que:

Se existe história, é o ocidente que construiu história; se existe civilização, é o ocidente que produziu; se existe conhecimento relevante, é o conhecimento produzido pelo ocidente. E todo esse processo de destituição das pessoas não brancas – dos negros em especial – da condição de ser sujeitos de conhecimento, sujeitos cognocêntricos, tem a ver com a própria destituição das pessoas negras de ser plenamente humanas e que chamo em minha tese de doutorado de epistemicídio, que é negar. Negar ao outro a capacidade de produzir cultura, conhecimento e de ser sujeito relevante. Isso é obra da escravidão, da colonização e que o pós-abolição não resolveu. A escola reitera isso, não é gratuito que nossas primeiras experiências de racismo ocorram na escola. (Carneiro, s/d)².

2 CARNEIRO, Sueli. O papel da escola no enfrentamento do racismo. Instituto Unibanco. Disponível em <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/educando-para-a-diversidade-o-papel-da-escola-no-enfrentamento-do-racismo>. Acesso em 02/12/2024.

É preciso contar as outras histórias. Isto porque a história dos povos originários no Brasil e na África e de sua descendência indígena e negra não começa com a intrusão europeia e muito menos com o tráfico e a escravização. É a história de toda a humanidade que começa com África: terra mãe, berço e solo fértil e ancestral dos primeiros seres humanos, das ciências, das artes, das tecnologias e das primeiras invenções e civilizações do mundo. Não há humanidade sem África, do mesmo modo que não há Brasil sem os povos indígenas. Toda a gama de conhecimentos e tecnologias construídas e inventadas por esses povos contribuiu sobremaneira para o enriquecimento do mundo, em especial do Brasil, seja na dimensão social, econômica, científica, cultural, linguística, religiosa, entre outras. É preciso conhecer essa história. Esse é o desafio, desconstruir o eurocentrismo e trazer perspectivas da história a partir de outras cosmo percepções de mundo, com diversas personagens, acontecimentos e múltiplos olhares, promovendo outras rotas de compreensão da história considerada universal, tanto para desconstruir práticas e imaginários discriminatórios e preconceituosos quanto para construir práticas e imaginários humanizados sobre as pessoas e as culturas africanas, afro-brasileiras, quilombolas e indígenas. Assim, é possível construir perspectivas e práticas antirracistas na sociedade, sobretudo na escola. Todavia, essa história é relevante para todos/as nós, pois nos ensina a olhar, a agir, a pensar e a ser diante do mundo, abrindo horizontes, ampliando nossos conhecimentos e potencializando nossas humanidades em prol da equidade e do respeito às diferentes culturas e formas de existência no mundo.

Dessa forma, com vistas a implementação da Resolução SME n.º 43, de 24 de novembro de 2023, que dispõe sobre a obrigatoriedade do

Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental, nas escolas que integram o Programa Municipal de Ensino Fundamental Integral e nos Centros de Educação da Rede Municipal de Araraquara, a Secretaria Municipal da Educação, apresenta o Documento Orientador para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI), a partir, sobretudo da Lei n.º 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (alterada pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que incluem a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena), do Parecer CNE/CEB n.º 03/2004 e da Resolução CNE/CEB n.º 01/2004, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para os níveis e modalidades da Educação no Brasil.

Assim, reconhecendo o caráter inovador e desafiador desta proposta, que apresenta o currículo e orienta as concepções e práticas para o ensino, aprendizagem, desenvolvimento e abordagem da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena nos anos finais do Ensino Fundamental, no eixo do Campo Integrador “Educação para a Cidadania, Diversidade e Equidade” e na Oficina Relações da Educação Integral, essa ação visa o cumprimento da legislação referida como compromisso com a educação antirracista e o ensino das histórias e culturas das raízes africanas e indígenas que participaram ativamente na construção da nação brasileira. Deste modo, para desenvolver essa perspectiva por meio dos/as professores/as com os/as estudantes da rede municipal de ensino de Araraquara, dividimos este documento em duas partes:



A primeira parte introduz o componente curricular com temas articuladores baseados nos valores civilizatórios das culturas de origem africana e indígena. A segunda apresenta as temáticas com conceitos, fatos, eventos e personalidades da história e da cultura africana e de sua descendência negra, dos povos indígenas e quilombolas, principalmente nas Américas (Abya Yala) e no Brasil (Pindorama), com referências e sugestões de atividades para serem desenvolvidas ou reelaboradas no ambiente escolar, de modo a orientar o trabalho pedagógico das/os professoras/es responsáveis pelo componente curricular EHCAAQI no Ensino Fundamental, na Educação Integral e no Programa de Ensino Fundamental Integral (conforme experiência já implementada) durante o 1º e o 2º semestre do ano letivo de 2024.

Portanto, este documento orientador, que se sustenta em um acompanhamento formativo de caráter continuado e em uma formação docente intitulada Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola

e Indígena (EHCAAQI), é um prenúncio de que é possível lidar com o enfrentamento ao racismo, desenvolvendo referências, ações e práticas para aprender com os conhecimentos, valores, histórias e culturas de raízes africanas e indígenas que constituem a identidade e as dimensões da sociedade brasileira. Sabemos que um documento como esse não esgota suas potencialidades e possibilidades, porém entendemos que essa iniciativa se destaca por sua inovação ao sistematizar o currículo e organizar conhecimentos e conteúdos voltados para a orientação docente e para o desenvolvimento das aulas com base nas sugestões, temáticas e assuntos propostos que englobam as histórias e culturas dos povos africanos e indígenas e das populações negras e quilombolas. Com isso, é possível reeducar as relações étnico-raciais através do ensino de história e cultura afro-brasileira, africana, quilombola e indígena? Você acredita nisso? Nós acreditamos, pois o momento de fazer cotidianamente uma escola plural, diversa, aprendendo e ensinando o antirracismo e as culturas de raiz africana e indígena é agora!



Tatiane Pereira de Souza

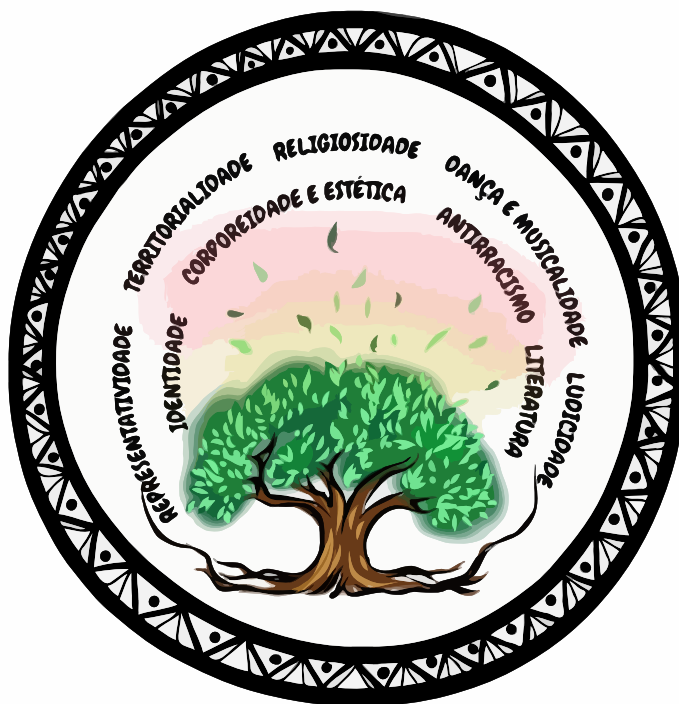
Coordenadora Técnica para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI).

Clélia Mara dos Santos

Secretária Municipal da Educação da Prefeitura Municipal de Araraquara.



OBJETIVIDADE DOS TEMAS ARTICULADORES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS



Apesar do infortúnio da escravização, desumanização e exploração forjados pelos conquistadores europeus, os povos indígenas e africanos deixaram impressos seus marcos e valores civilizatórios na cultura e na formação social e histórica do Brasil.

Com a expressão **valores civilizatórios de origem africana e indígena**, busca-se ressaltar a importância da África, de sua descendência negra e dos povos indígenas para a humanidade, sobretudo para o Brasil, devido à influência desses valores na cultura, na identidade, na história, na memória, no modo de ser, na música, na dança, na literatura, na religiosidade, na ciência, na gastronomia, na arquitetura, entre outros aspectos da vida social, intrínsecos na forma de falar, pensar, dançar, rezar, vestir e cozinhar da população brasileira. Não há Brasil sem a participação

dos povos indígenas e africanos que também civilizaram esta nação com suas culturas, ciências e tradições milenares.

Todavia, o legado desses povos é desconhecido por boa parte da população brasileira fortalecida por um imaginário social distorcido, que ainda reproduz preconceitos em virtude da influência do racismo e do etnocentrismo europeu que contribuem não somente para a discriminação de pessoas negras, quilombolas e indígenas, como também para o desconhecimento, apagamento e invisibilidade da participação dos povos indígenas e africanos na construção e no desenvolvimento do Brasil.

Sendo assim, os temas articuladores aqui recomendados foram elaborados a partir dos valores civilizatórios de origem africana e indígena, presentes nas contribuições de Gersem Luciano Ba-

niwa (2021), Daniel Munduruku (2012), Azoilda Loretto da Trindade (2010), Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2008), Eduardo de Oliveira (2003) e Marco Aurélio Luz (2000), com o intuito de introduzir aos/as estudantes o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana, quilombola e indígena por meio da educação das relações étnico-raciais (Schneider, 2021). Espera-se que o conhecimento sobre as histórias, as ciências e as culturas de origem africana e indígena, nas perspectivas de suas próprias populações, possa fortalecer tanto as práticas antirracistas quanto a humanidade dos/as estudantes em contato com essa história e legado no ambiente escolar.

ANTIRRACISMO

Promover a desconstrução do imaginário social influenciado pelo racismo, pela discriminação e pelos preconceitos que atingem as populações indígenas e negras (africanos, afro-brasileiros e quilombolas) no Brasil, abordando conceitos que fortalecem a consciência crítica e a prática antirracista dos/as estudantes.

CORPOREIDADE E ESTÉTICA

O corpo é a morada da vida, resultado das composições familiares, da ancestralidade e da pertença aos grupos sociais e suas culturas. A corporeidade é a expressão da identidade situada nas culturas e em contextos diversos.

Neste aspecto, é preciso reconhecer e respeitar as diferentes características físicas, simbólicas, culturais e estéticas que compõem os corpos negros e indígenas, ressaltando o reconhecimento da beleza das cores e texturas dos cabelos, olhos, tez da pele, o uso da moda, de vestimentas, de acessórios, de pinturas na pele, penteados, turbantes e outros adereços e marcas que expressam o corpo e suas formas de ser, ver e estar no mundo a partir de suas culturas e expressões ar-

tísticas de origens indígenas e africanas.

Nesse sentido, a moda é também a expressão estética da cultura no corpo que compõe sua aparência e expressa sua identidade e sentimento de pertença a um grupo social.

IDENTIDADE

A identidade é componente da cultura, estabelecida e construída nas relações sociais. Devido à escravização e ao racismo no Brasil, as imagens e representações sociais das pessoas indígenas e africanas e sua descendência negra foram estabelecidas de maneira negatizada, estigmatizada e estereotipada, resultando em desumanizações de suas existências e distorções sobre suas identidades.

Diante desse contexto, é oportuno desenvolver práticas e atividades pedagógicas que fortaleçam a expressão e a construção positiva das identidades negras e indígenas situadas em suas culturas, comunidades e etnias de origem, trazendo imagens e representações positivas para a construção da memória e de repertórios positivados dessas populações na sociedade.

LITERATURA

A literatura é a manifestação artística das palavras, como linguagem, expressão, comunicação e criatividade humana. Neste aspecto, será abordada a partir das escritas, oralidades, personagens e produções das e sobre as populações africanas, afro-brasileiras, quilombolas e indígenas.

LUDICIDADE

Situada entre culturas e povos, a ludicidade faz parte da vida humana na construção de conhecimentos por meio dos jogos, das brincadeiras, dos brinquedos e das brincadeiras dançantes e musicais, oportunizando divertimento, aprendizado, socialização, comunicação e experiências. Neste

contexto, a ludicidade será abordada a partir das tradições e culturas de origem africana e indígena.

DANÇA E MUSICALIDADE

Oportunizar o conhecimento de diferentes ritmos, gêneros e estilos de música e de dança como expressão das culturas de origem indígena e africana, explorar os diferentes estilos nas comunidades indígenas, negras e africanas e suas influências na sociedade.

RELIGIOSIDADE

Dar a conhecer as filosofias, mitologias, ancestralidades, crenças e cosmovisões oriundas das populações africana, afro-brasileira, quilombola e indígena que envolvem jeitos próprios de compreensão do sagrado em suas tradições ou denominações. Compreende-se religiosidade como uma dimensão da cultura e da forma de lidar e se comportar diante da manifestação da fé e daquilo que é sagrado para os grupos sociais.

REPRESENTATIVIDADE

Trazer a imagem e visibilizar produções, pensamentos e ações de personalidades e pessoas indígenas, negras, quilombolas e africanas exercendo diferentes funções e papéis no mundo e/ou na sociedade brasileira, em diferentes âmbitos e campos de atuação.

O intuito é dar a conhecer e disseminar a influência e participação dessas personalidades no desenvolvimento da sociedade, bem como trazer datas e marcos importantes na história, tais como:

07 de fevereiro: Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas;

13 de maio: Dia Nacional de Combate e Denúncia contra o Racismo;

21 de março: Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial;

19 de abril: Dia dos Povos Indígenas;

25 de maio: Dia Mundial da África;

25 de julho: Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e Dia Nacional de Tereza de Benguela (líder do quilombo Quariterê);

31 de julho: Dia da Mulher Africana;

09 de agosto: Dia Internacional dos Povos Indígenas;

24 de agosto: Marcha em homenagem a Luiz Gama - Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil;

20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra.

TERRITORIALIDADE

A territorialidade é o resultado da transformação de um espaço natural em território devido às relações sociais e as atividades da vida cotidiana estabelecidas a partir da organização e das identidades dos grupos sociais que constroem seus ambientes, suas comunidades, suas terras de referência. Tal concepção também abarca o território como lugar de memória, de território do sagrado, da manifestação da ancestralidade, da memória ancestral e da cultura a ser preservada e salvaguardada como relíquia de um povo, de uma comunidade. Assim, é preciso abarcar cartografias, terras, locais, cidades, regiões, quilombos e comunidades rurais e urbanas referentes às populações africanas, negras, quilombolas e indígenas, bem como as concepções da ancestralidade em territórios sagrados, as arquiteturas, ciências, invenções, esculturas, pinturas, os patrimônios materiais e imateriais e as manifestações de suas culturas nesses territórios.



Cronograma dos Temas Articuladores para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) nos Anos Finais do Ensino Fundamental para o 1º semestre de 2024

PERÍODO 2024		CONTEÚDO CURRICULAR INTRODUTÓRIO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA, AFRO-BRASILEIRA, QUILOMBOLA E INDÍGENA (EHCAAQI)		
TEMAS ARTICULADORES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL				
1º Sem.	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
1º bimestre Março Abril	Identidade Corporeidade e Estética Dança e Musicalidade Ludicidade	Identidade Corporeidade e Estética Representatividade Territorialidade	Identidade Corporeidade e Estética Territorialidade Literatura	Identidade Corporeidade e Estética Literatura
2º bimestre Maio Junho Julho	Literatura Representatividade Territorialidade Religiosidade Antirracismo	Literatura Ludicidade Religiosidade Dança e Musicalidade Antirracismo	Representatividade Religiosidade Ludicidade Dança e Musicalidade Antirracismo	Religiosidade Territorialidade Dança e Musicalidade Ludicidade Antirracismo

Cronograma dos Temas Articuladores para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI) na Educação Integral para o 1º semestre de 2024

PERÍODO 2024		CONTEÚDO CURRICULAR INTRODUTÓRIO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA, AFRO-BRASILEIRA, QUILOMBOLA E INDÍGENA (EHCAAQI)		
TEMAS ARTICULADORES PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL				
1º Sem.	1º e 2º ano	3, 4º e 5º ano	6º e 7º ano	8º e 9º ano
1º bimestre Março Abril	Identidade Corporeidade e Estética Dança e Musicalidade Ludicidade	Identidade Corporeidade e Estética Representatividade Territorialidade	Identidade Corporeidade e Estética Territorialidade Literatura	Identidade Corporeidade e Estética Literatura
2º bimestre Maio Junho Julho	Territorialidade Literatura Religiosidade Representatividade Antirracismo	Dança e Musicalidade Literatura Ludicidade Religiosidade Antirracismo	Ludicidade Representatividade Religiosidade Dança e Musicalidade Antirracismo	Religiosidade Territorialidade Dança e Musicalidade Ludicidade Antirracismo

**SUGESTÕES DE ATIVIDADES SEGUNDO OS TEMAS
ARTICULADORES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA
E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA,
QUILOMBOLA E INDÍGENA (EHCAAQI)**





Tema Articulador IDENTIDADE



A identidade é componente da cultura, estabelecida e construída nas relações sociais. Devido à escravidão e ao racismo no Brasil, as imagens e representações sociais das pessoas indígenas e africanas e sua descendência negra foram estabelecidas de maneira negativada, estigmatizada e estereotipada resultando em desumanizações de suas existências e distorções sobre suas iden-

tidades. Diante desse contexto, é oportuno desenvolver práticas e atividades pedagógicas que fortaleçam a expressão e a construção positiva das identidades negras e indígenas situadas em suas culturas, comunidades e etnias de origem, trazendo imagens e representações positivas para a construção da memória e de repertórios positivos dessas populações na sociedade.

6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

Como você se identifica? Como você se vê e como vê seus/suas colegas? Pesquisar e apresentar imagens de pessoas diversas (negras, brancas, asiáticas, africanas e indígenas) e construir um gráfico com a autodeclaração dos/as estudantes segundo as categorias Asiáticos, Brancos, Negros (pretos e pardos) e Indígenas. Produzir autorretratos criados em fotografia

ou desenho (utilizar os lápis tons de pele para mostrar que, além do rosa, há outras cores para pintar a pele das pessoas negras e indígenas em seus diversos tons).

Criar cartaz ou painel com o título “**Somos todos diferentes, cada pessoa é única**” com desenhos produzidos pelos/as estudantes, fotografias ou imagens que contemplem a diversidade étnica, por exemplo. Trazer literatura infanto-juvenil, músicas e vídeos que abordem a construção da identidade na perspectiva negra e indígena.

7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

Como foi a escolha do seu nome? Qual o significado do seu nome? Qual a origem dele? Trabalhar com as origens e significados dos nomes das crianças, apresentando para eles a função do nome e seus diferentes significados nas culturas de raiz africana e indígena. Pesquisar os nomes próprios de origem africana

e indígena e montar uma coletânea com os nomes encontrados, com suas origens, locais, significados, gêneros e funções conforme a cultura de origem. Propor uma roda de conversa para explorar as percepções sobre o tema. Pesquisar e trazer imagens de pessoas conhecidas que possuem nomes de origem africana e indígena, escrever textos, montar cartazes, painéis ou outra representação gráfica sobre o tema discutido.

8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

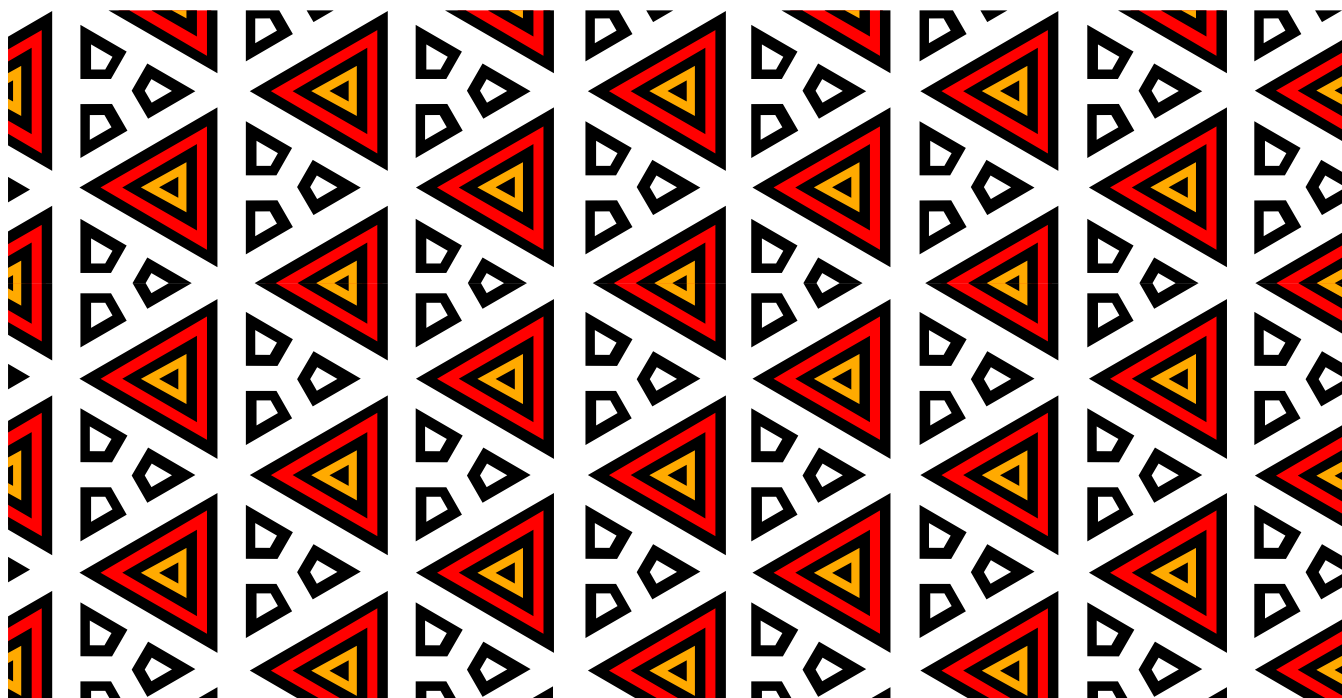
Quem é você no mundo? Qual a sua origem familiar? De onde você veio? Quem é a sua família? Com quem você se parece? Qual é a sua história e a história dos seus ascendentes e antepassados? Todos nós temos uma narrativa! Aprofundar a discussão sobre a história familiar de cada estudante, para apresentar as

concepções de família consanguínea e estendida, presentes nas culturas de raiz africana e indígena, apresentando a convivência das famílias indígenas seja na aldeia ou em espaço urbano, das famílias em comunidades quilombolas, da concepção de família nas culturas de origem africana como no Congado e nos Terreiros, por exemplo. Propor uma roda de conversa e criar uma produção gráfica ou audiovisual que apresente essa discussão.

9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

Como você se vê? Quem é você na sociedade? E como você acha que a sociedade te vê? Quais são seus valores? Seus princípios? Abordar a autoimagem dos/as estudantes e a consciência que têm de si e dos outros. Aprofundar a conversa e abordar o autoconhecimento sobre os sentimentos e as emoções de estarem no mun-

do. Apresentar o conceito Ubuntu, segundo a filosofia africana, para compreender o sentido do “eu sou porque nós somos”. Apresentar o conceito teko porã na perspectiva indígena para pensar como essas comunidades veem as pessoas, as crianças. Como constroem suas identidades e vivências? Propor uma roda de conversa sobre o tema. Criar redações, histórias, desenhos ou outra representação gráfica sobre o tema discutido.





Tema Articulador **CORPOREIDADE E ESTÉTICA**



O corpo é a morada da vida, resultado das composições familiares, da ancestralidade e da pertença aos grupos sociais e suas culturas. A corporeidade é a expressão da identidade situada nas culturas e em contextos diversos. Neste aspecto, é preciso reconhecer e respeitar as diferentes características físicas, simbólicas, culturais e estéticas que compõem os corpos negros e indígenas, ressaltando o reconhecimento da beleza das cores e texturas dos cabelos, olhos,

tez da pele, o uso da moda, de vestimentas, de acessórios, de pinturas na pele, penteados, turbantes e outros adereços e marcas que expressam o corpo e suas formas de ser, ver e estar no mundo, a partir de suas culturas e expressões artísticas de origens indígenas e africanas. Nesse sentido, a moda é também a expressão estética da cultura no corpo que compõe sua aparência e expressa sua identidade e sentimento de pertença a um grupo social.

6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

Por que os seres humanos possuem corpos, cores de pele e características diferentes?

Do ponto de vista da ciência, onde surgiu a humanidade? Dialogar com o conhecimento prévio dos/as estudantes e apresentar o local de nascimento da humanidade na região dos Grandes Lagos, em volta do vale do Omo, no território atual da Etiópia no continente africano. Segundo Cheikh Anta Diop:

“O tipo humano nasceu em volta da região dos Grandes Lagos, quase no Equador, é necessariamente pigmentada e negra; a lei de Gloger coloca que em climas quentes e úmidos os animais de sangue quente tendem a ser pigmentados. Todas as outras raças derivam da raça negra por uma filiação mais ou menos direta, e os outros con-

tinentes foram ocupados a partir da África pelo homo erectus e pelo homo sapiens, há 150.000 mil anos atrás”. (DIOP, 1981, p. 27).

Pesquisar os deslocamentos da humanidade explorando as características corporais que foram se adaptando aos lugares. O corpo inicialmente negro foi se modificando e clareando conforme sua adaptação aos ambientes para onde foi migrando, por isso a grande diversidade fenotípica e cultural entre a humanidade dos continentes África, América, Antártida, Ásia, Europa e Oceania. Explorar as características e fenótipos das pessoas africanas, indígenas e negras, conhecendo os diferentes tons de pele, olhos e texturas de cabelo. Criar cartazes e/ou painéis com imagens que mostram: “Que somos todos diferentes, mas nossa origem humana é africana!” ou “A beleza humana está em sua diversidade”, ou “Ser diverso é ser humano”, etc.

7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

Por que os seres humanos possuem corpos e cores de pele e características diferentes?

Do ponto de vista da ciência, onde surgiu a humanidade? Dialogar com o conhecimento prévio dos/as estudantes e apresentar o local de nascimento da humanidade na região dos Grandes Lagos, em volta do vale do Omo, no território atual da Etiópia no continente africano. Segundo Cheikh Anta Diop:

“O tipo humano nasceu em volta da região dos Grandes Lagos, quase no Equador, é necessariamente pigmentada e negra; a lei de Gloger coloca que em climas quentes e úmidos os

animais de sangue quente tendem a ser pigmentados. Todas as outras raças derivam da raça negra por uma filiação mais ou menos direta, e os outros continentes foram ocupados a partir da África pelo homo erectus e pelo homo sapiens, há 150.000 mil anos atrás”. (DIOP, 1981, p. 27).

Mostrar os deslocamentos da humanidade explorando as características corporais que foram se adaptando aos lugares. Pesquisar imagens que expressam a estética e corporeidade das pessoas africanas, indígenas e negras no uso da moda, de vestimentas, acessórios, penteados, turbantes e outros adereços culturais; pesquisar as funções e usos desses elementos e adereços dentro das culturas de origem afri

cana e indígena. Por exemplo, em que culturas se usa o cocar, o turbante, o torço, a túnica, a bata, as máscaras e quais suas funções, utilidades e/ou significados? Elaborar uma produ-

ção gráfica, literária, audiovisual, fotográfica ou artística que expresse os diferentes usos de penteados e acessórios entre as etnias e povos de origem africana e indígena.

8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

Por que os seres humanos possuem corpos e cores de pele e características diferentes?

Do ponto de vista da ciência, onde surgiu a humanidade? Dialogar com o conhecimento prévio dos/as estudantes e apresentar o local de nascimento da humanidade na região dos Grandes Lagos, em volta do vale do Omo, no território atual da Etiópia no continente africano. Segundo Cheikh Anta Diop:

“O tipo humano nasceu em volta da região dos Grandes Lagos, quase no Equador, é necessariamente pigmentada e negra; a lei de Gloger coloca que em climas quentes e úmidos os animais de sangue quente tendem a ser pigmentados. Todas as outras raças derivam da raça negra por uma filiação mais ou menos direta, e os outros continentes foram ocupados a partir da África pelo homo erectus e pelo homo

sapiens, há 150.000 mil anos atrás”. (DIOP, 1981, p. 27).

Mostrar os deslocamentos da humanidade explorando as características corporais que foram se adaptando aos lugares. Apresentar o uso dos grafismos e pinturas indígenas no corpo e suas funções que conferem identidade à corporeidade dos diferentes povos indígenas no Brasil. Dialogar sobre essa arte corporal e dialogar com os/as estudantes sobre as marcas que carregam e expressam nas suas corporeidades. Propor a produção de um texto e/ou com autorretrato, a fim de ressaltar quais são as características físicas (fenótipo e partes do corpo) e quais são as características culturais (roupas, acessórios, penteados, costumes, alimentação, hábitos de higiene e saúde) que possuem devido às suas origens étnicas e culturais. Criar cartazes, painéis ou outras produções para mostrar as diferentes pinturas corporais e seus usos dentro das culturas pesquisadas.

9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

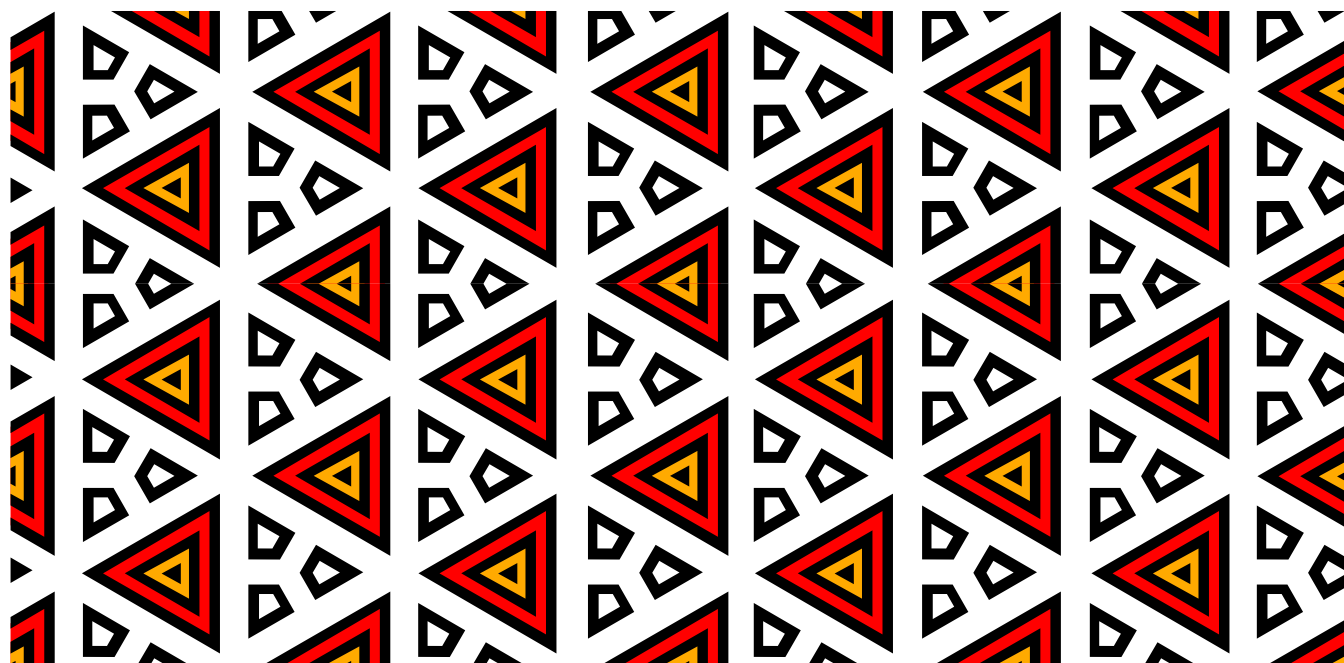
Por que os seres humanos possuem corpos e cores de pele e características diferentes?

Do ponto de vista da ciência, onde surgiu a humanidade? Dialogar com o conhecimento prévio dos/as estudantes e apresentar o local de nascimento da humanidade na região dos Grandes Lagos, em volta do vale do Omo, no território atual da Etiópia no continente africano. Segundo Cheikh Anta Diop:

“O tipo humano nasceu em volta da região dos Grandes Lagos, quase no Equador, é necessariamente pigmentada e negra; a lei de Gloger coloca que em climas quentes e úmidos os animais de sangue quente tendem a ser pigmentados. Todas as outras raças derivam da raça negra por uma filiação mais ou menos direta, e os outros continentes foram ocupados a partir da África pelo homo erectus e pelo homo sapiens, há 150.000 mil anos atrás”. (DIOP, 1981, p. 27).

Junto aos deslocamentos da humanidade, a moda surgiu para expressar a estética de suas culturas. O que seria a moda africana? E como ela influencia a moda negra no Brasil? Dialogar sobre a vestimenta na composição estética desses corpos africanos e negros. Propor uma pesquisa sobre a origem e a confecção dos tecidos africanos, o uso e função desses tecidos na composição da moda e da vestimenta de pessoas africanas e negras na afirmação de suas identidades e culturas de origem.

Pesquisar por etnias, por exemplo a origem e o uso dos tecidos Kente e Akunitan e dos símbolos adinkra nas estampas dos tecidos do país africano de Gana. Os tecidos Samakaka de Angola, o uso das capulanas em Moçambique, o tecido Bogolan do Mali e da Guiné, o uso do Batik africano como técnica artesanal de tingimento em tecido. Pesquisar a confecção e produção do tecido indígena Tururi-Nhoê dos povos Tikuna. Criar um jogo da memória ou carimbo artesanal com símbolos adinkra para estampá-los em quadrinhos de tecido, papel cartão ou papel sulfite 40kg, por exemplo.





Tema Articulador **ANTIRRACISMO**



Promover a desconstrução do imaginário social influenciado pelo racismo, pela discriminação e pelos preconceitos que atingem as populações indígenas e negras (africanos,

afro-brasileiros e quilombolas) no Brasil, abordando conceitos que fortalecem a consciência crítica e a prática antirracista dos/as estudantes.

6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

O que vocês conhecem sobre a África? O que vocês sabem sobre as pessoas africanas, negras, quilombolas e indígenas? Construir uma tempestade de ideias sobre. Assistir ao filme “Vista Minha Pele” e perguntar o que eles sentiram vendo o filme. Vocês já passaram por situações preconceituosas ou conhecem alguém ou histórias de quem já sofreu racismo? Compartilhe!

Questionar: Para vocês, como é ser negro na sociedade? Para vocês, como é ser branco na sociedade? Para vocês, como é ser indígena na sociedade? Há duas perspectivas sobre isso, a negativa construída pelo racismo, discriminação e preconceito e a perspectiva positiva construída a partir das culturas de origem africana e indígena. Dialogar com os/as estudantes de modo a desconstruir preconceitos e estigmas contra as populações negras e in-

dígenas e orientar que tais concepções se dão em virtude do racismo. Assim, discutir e conceituar o racismo como crime e desumanização. Abordar a resistência dos povos indígenas, da população negra e quilombola contra o racismo. E questionar: como podemos combater o racismo?

Uma das respostas é estudar e se posicionar contra falas, comportamentos e ações racistas, pois, como diz a filósofa Angela Davis (2019),

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.

Perguntar: Para vocês, do que se trata essa frase? O que é ser antirracista? Como devo me posicionar diante de situações de preconceito e discriminação? Construir uma mandala, um espiral ou outra produção com desenhos, imagens e palavras positivas e/ou frases afirmativas sobre as pessoas negras e indígenas e suas lutas de resistência contra o racismo e a favor de suas culturas de origem.

7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

O que vocês aprenderam sobre a África, sua descendência negra e a população indígena? Construir uma tempestade de ideias sobre. Assistir ao filme “Vista Minha Pele” e perguntar o que eles sentiram vendo o filme. Vocês já passaram por situações preconceituosas ou conhecem alguém ou histórias de quem já sofreu racismo? Compartilhe!

Questionar: Para vocês, como é ser negro,

branco e indígena na sociedade? Há duas perspectivas sobre isso, a negativa construída pelo racismo, discriminação e preconceito e a perspectiva positiva construída a partir das culturas de origem africana e indígena. Dialogar com os/as estudantes de modo a desconstruir preconceitos e estigmas contra as populações negras e indígenas e orientar que tais concepções se dão em virtude do racismo. Assim, discutir e conceituar o racismo como crime e desumanização. Abordar a resistência dos povos indígenas, da população negra e quilombola contra o racismo. E questionar: como podemos

combater o racismo? Estudando e se posicionando contra falas, comportamentos e ações racistas, pois, como diz a filósofa Angela Davis (2019),

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.

Para vocês, do que se trata essa frase? O que é ser antirracista? Pesquise e traga frases afirma-

tivas para os/as estudantes conhecerem as de Angela Davis, Beatriz Nascimento, Sonia Guajajara, Lélia González, Ailton Krenak, bell hooks, Daniel Munduruku, Nego Bispo, Abdias do Nascimento, Nelson Mandela, Martin Luther King, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, João Paulo Barreto (Tukano) e outros/as.

Dialogar sobre o teor desses pensamentos e construir uma produção com imagens, desenhos e/ou frases dessas personalidades ativistas.

8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

O que vocês aprenderam sobre a África, as pessoas negras e indígenas? Dialogar. Assistir ao filme “Vista Minha Pele” e perguntar o que eles perceberam do filme. Vocês já passaram por situações preconceituosas ou conhecem alguém ou histórias de quem já sofreu racismo? Compartilhe!

Questionar: Para vocês, como é ser negro, branco e indígena na sociedade? Há duas perspectivas sobre isso, a negativa construída pelo racismo, discriminação e preconceito e a perspectiva positiva construída a partir das culturas de origem africana e indígena. Dialogar com os/as estudantes de modo a desconstruir preconceitos e estigmas contra as populações negras e indígenas e orientar que tais concepções se dão em virtude do racismo. Assim, discutir e conceituar o racismo como crime e desumanização.

Abordar a resistência dos povos indígenas, da po-

pulação negra e quilombola contra o racismo. E questionar: como podemos combater o racismo? Estudando e se posicionando contra falas, comportamentos e ações racistas, pois como diz a filósofa Angela Davis (2019),

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.

Para vocês, do que se trata essa frase? Apresentar as diversas formas de resistência das populações negras e indígenas. Inicialmente contra a escravidão e depois contra as discriminações. Pesquisar sobre Zumbi e Dandara dos Palmares, João Cândido e a Revolta da Chibata, Revolta dos Malês, a luta e a resistência indígena à colonização europeia, como o ataque dos indígenas Caetés à vila de Igarassu em Pernambuco, as guerras dos Tamoios no Rio de Janeiro, dos Aimorés no litoral norte de São Paulo, por exemplo. Criar cartazes, escrever textos, poemas, literatura de cordel, paródias, músicas, histórias em quadrinhos ou outras produções educativas sobre essas insurgências.

9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

O que vocês aprenderam sobre a África, as pessoas negras e indígenas? Dialogar. Assistir ao filme “Vista Minha Pele” e perguntar o que eles perceberam do filme. Vocês já passaram por situações preconceituosas ou conhece alguém ou histórias de quem já sofreu racismo? Compartilhe!

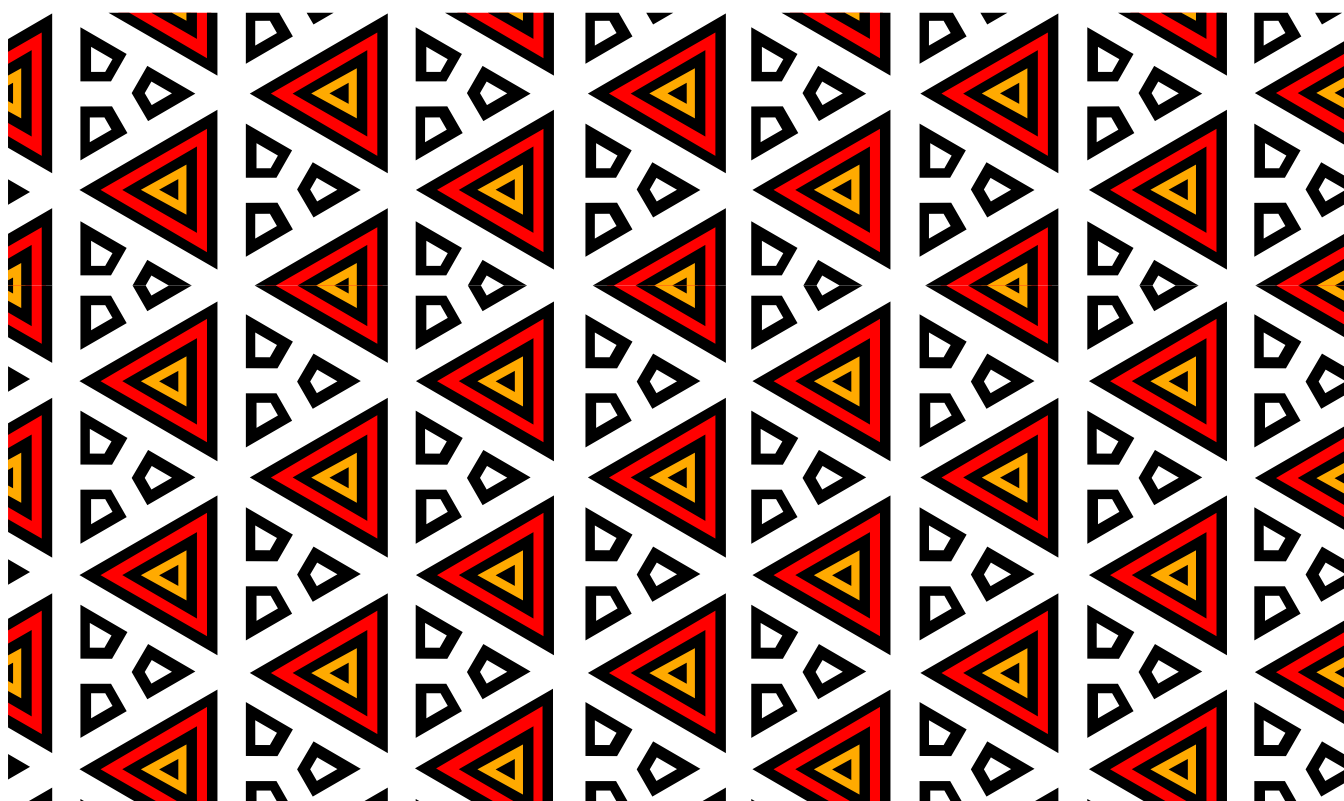
Questionar: Para vocês, como é ser negro, branco e indígena na sociedade? Há duas perspectivas sobre isso, a negativa construída pelo racismo, discriminação e preconceito e a perspectiva positiva construída a partir das culturas de origem africana e indígena. Dialogar com os/as estudantes de modo a desconstruir preconceitos e estigmas contra as populações negras e indígenas e orientar que tais concepções se dão em virtude do racismo. Assim, discutir e conceituar o racismo como crime e desumanização. Abordar a resistência dos povos indígenas, da população ne-

gra e quilombola contra o racismo. E questionar: como podemos combater o racismo? Estudando e se posicionando contra falas, comportamentos e ações racistas, pois, como diz a filósofa Angela Davis (2019),

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.

Para vocês, do que se trata essa frase?

Apresentar as diversas formas de movimentos de resistência das populações negras e indígenas contra o racismo e as discriminações. Pesquisar sobre Zumbi e Dandara dos Palmares, João Cândido e a Revolta da Chibata, Revolta dos Malês, a resistência indígena à colonização europeia, como o ataque dos indígenas Caetés à vila de Igarassu em Pernambuco, as guerras dos Tamoios no Rio de Janeiro, dos Aimorés no litoral norte de São Paulo, por exemplo. Escrever textos, criar desenhos, montar performances, encenações e peças ou editar vídeos sobre essas lideranças e insurgências de resistência.





A literatura é a manifestação artística das palavras como linguagem, expressão, comunicação e criatividade humana. Neste aspecto, será abor-

dada a partir das escritas, oralidades, protagonismos e produções das e sobre as populações africana, afro-brasileira, quilombola e indígena.

6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

É essencial que os/as estudantes tenham contato com as diferentes formas de literatura escrita e oral produzidas, especialmente por pessoas de ascendência e descendência africana e indígena no Brasil e também no Mundo, conhecendo enredos, lugares e personagens dessa linguagem em suas variáveis artística, simbólica, étnica e cultural.

Questionar: Vocês conhecem histórias, contos e livros escritos por pessoas negras, africanas, quilombolas e indígenas ou que tenham personagens negras e/ou indígenas? Se sim, quais vocês já leram ou ouviram na escola? Promover uma contação de história utilizando os livros infanto-juvenis, tais como: “Amor de

cabelo” de Matthew A. Cherry; “O pequeno príncipe preto” de Rodrigo França; “Meninas negras” de Madu Costa; “Obax” de André Neves; “Sulwe” de Lupita Nyong’o; “Amoras” de Emicida; “Vovó Nanã vai à escola” de Dagoberto José Fonseca; “Kabá Darebu” de Daniel Munduruku, “O tupi que você fala” de Claudio Fragata, etc. Assistir aos vídeos dos livros de Kiusam de Oliveira, “Nana & Nilo” de Renato Nogueira, Nilma Lino Gomes, “Meu Crespo é de Rainha” de bell hooks, Joel Rufino dos Santos, Lázaro Ramos “Falando Banto” de Eneida Duarte Gaspar, “Olelê: Uma Cantiga da África” de Fábio Simões, Waldete Tristão e do canal no youtube Afroinfância, etc. Conversar e refletir sobre as características das personagens, dos lugares e da história. Criar desenhos e textos sobre as personagens ou as cenas do livro que mais gostaram e se identificaram.

7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

É essencial que os/as estudantes tenham contato com as diferentes formas de literatura escrita e oral produzidas, especialmente por pessoas de ascendência e descendência africana e indígena no Brasil e também no Mundo, conhecendo enredos, lugares e personagens dessa linguagem em suas variáveis artística, simbólica, étnica e cultural.

Questionar: Vocês conhecem histórias, contos e livros escritos por pessoas negras, africanas, quilombolas e indígenas ou que tenham personagens negras e/ou indígenas? Se sim, quais vocês já leram ou ouviram? Já leram na escola?

Promover uma roda de conversa a partir da leitura dos livros: “Heroínas negras brasileiras” de Jarid Arraes; “Histórias de índio” de Daniel Munduruku; “Histórias da preta” de Heloisa Pires Lima; “Luana: as sementes de Zumbi” de Aroldo Macedo; “E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigos” de Emicida; “Viagem com Debret: descobrindo o Brasil” de Valeria Lima; “Minha dança tem história” de bell hooks; “Debret em viagem histórica e quadrinhesca” de Spacca; “Nós uma antologia de literatura indígena”, dentre tantos outros.

Dialogar e refletir sobre os temas abordados pelos livros e suas histórias, correlacionando-os com a realidade dos/as estudantes. Recontar as histórias. Criar reflexões com pequenos textos e desenhos sobre os temas presentes nas obras literárias.

8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

É essencial que os/as estudantes tenham contato com as diferentes formas de literatura escrita e oral produzidas, especialmente por pessoas de ascendência e descendência africana e indígena no Brasil e no Mundo, conhecendo enredos, lugares e personagens dessa linguagem em suas variáveis artística, simbólica, étnica e cultural.

Questionar: Vocês conhecem histórias, contos e livros escritos por pessoas negras, africanas, quilombolas e indígenas? Se sim, quais vocês já leram ou ouviram na escola?

Ler trechos dos livros “Sobrevivendo no inferno” dos Racionais MCs, “Quarto de despejo” de Carolina de Jesus ou as poesias e poemas de Conceição Evaristo, Cruz e Sousa, Solano Trindade, Paulina Chiziane, Cuti, Agostinho Neto, Eliane Potiguara, Carlos de Assumpção, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Olívio Jekupé, Ryane Leão, Márcia Kambeba, Eva Potiguara, Juliana Kerexu e/ou outros/as. Aprofundar os temas que a literatura traz por meio do diálogo, explorando os textos e seus contextos para dialogar com a realidade dos/as estudantes. Criar um fanzine coletivo com os temas abordados através de textos, desenhos, colagens, poesias e a literatura estudada, para que a turma expresse os saberes adquiridos.

9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

É essencial que os/as estudantes tenham contato com as diferentes formas de literatura escrita e oral produzidas, especialmente por pessoas de ascendência e descendência africana e indígena no Brasil e no Mundo, conhecendo enredos, lugares e personagens dessa linguagem em suas variáveis artística, simbólica, étnica e cultural.

Questionar: Vocês conhecem poesias e livros escritos por pessoas negras, africanas, quilombolas e indígenas? Se sim, quais vocês já leram na escola?

Ler os livros: “Sobrevivendo no inferno” dos

Racionais MCs, “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus, entre outros; as poesias “Quem sou eu” de Luiz Gama, “Tem gente com fome” de Solano Trindade, “Mahin Amanhã” de Mirian Alves, “A noite não adormece nos olhos das mulheres” de Conceição Evaristo, “O levante” de Juliana Kerexu, poesias de Ailton Krenak, Mel Duarte, Tula Pilar, Akins Kintê, Ryane Leão, entre outras poesias publicadas no site Literafro ou nos Cadernos Negros, as músicas “Canto das três raças” de Clara Nunes, “Kizomba, festa da raça” de Luiz Carlos da Vila, “Sorriso negro” de Dona Ivone Lara, músicas de Djúena Tikuna, entre outros/as. Pesquisar a história desses/as autores/as para montar e apresentar um sarau com suas obras, trazendo músicas, textos, paródias, encenações e/ou performances.



Tema Articulador LUDICIDADE



Situada entre culturas e povos, a ludicidade faz parte da vida humana na construção de conhecimentos por meio dos jogos, das brincadeiras, dos brinquedos e das brincadeiras dançantes e musicais, oportunizando divertimento, aprendizado, socialização, comunicação e experiências. Neste contexto, a ludicidade será abordada a partir das

tradições e culturas de origem africana e indígena.

*As sugestões e orientações descritas aqui são recomendadas para o conhecimento de todos os/as estudantes, devendo o/a professor/a escolher e selecionar qual jogo e/ou brincadeira melhor se adequa à sua turma dentro das condições e contextos de cada escola.

6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

A ludicidade é fundamental na formação humana e no processo de ensino e aprendizagem nas culturas. Trazer brincadeiras, jogos e brinquedos de raiz africana e indígena oportuniza conhecer os jeitos próprios de brincar desses povos e suas influências nas brincadeiras e na alegria do povo brasileiro, mas não somente, brincar nessas culturas é também um processo de constituição humana, daquilo que se é a partir de suas identidades, valores e conhecimentos construídos ao longo dos tempos.

Do que e como brincam as crianças africanas e indígenas? Antes de propor essa ludicidade, realize uma contextualização do nome da atividade, da origem dela, do povo e do território em que ela acontece, de modo que os/as estudantes consigam conhecer os contextos em que essas brincadeiras e jogos acontecem. Desse modo, dizendo de outra forma, é oportuno pesquisar a origem dessas brincadeiras, os modos de brincar e as orientações, mostrar no mapa e em fotos os lugares de origem desses jogos, das brincadeiras

e dos brinquedos para que os/as estudantes conheçam novos territórios e cartografias. Sendo possível, conhecer como brincam os diferentes grupos de crianças indígenas e africanas, objetivando: reconhecer a diversidade étnica e cultural dos povos africanos em África e dos povos indígenas no Brasil e em África; conhecer os tipos de brincadeiras e jogos africanos e indígenas; conhecer e comparar o modo de vida dos/as estudantes com o de crianças indígenas e africanas em seus territórios de origem; vivenciar novas formas de brincar. Para tal, seguem sugestões como fonte de inspiração para o brincar neste componente, segundo o Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras (Pinto et al., 2022), o livro “Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola (2010), Brincadeiras africanas para a educação cultural (Cunha, 2016) e outras referências.

Jogos e brincadeiras africanas, segundo os países de África:

ANGOLA:

Banana Verde, Bica Bidom, Boneco de Lido, Bura-quinha, Carro de Lata, Coleção de Latas, Desenho de Areia, Garrafinha, Jogo das Rolhas, Kiela, Pondongo, Nsuekamena, Saltar Corda, Silikoti, Sola Tu Sola, Zera, etc.

CABO VERDE:

Frik Frak, Jogo do Carambola, Jogo de Oril, Jogo de Ringui, Jogo das Cinco Pedrinhas, Passa Anel, etc.

GANÁ:

Da Ga, Ampe, Obwisana (batata quente), Mbube mbube, Pombo, Si ma ma ka, etc.

Guiné-Bissau: Cerca-Cerca, Fui ao Jardim da Celeste, Mucur Mucur, Cabra-Cega, etc.

GUINÉ-EQUATORIAL:

Goho, Mongoa, Nguec, Esuga Mebene, etc.

MOÇAMBIQUE:

Labirinto, Marrabenta, Mocho, Jogo de Corda, Matacuzana, Neca, Terra-Mar, Meu Deus, Nyaga Nyaga Nya, etc.

NIGÉRIA:

Meu Querido Bebê, Da Ga, Pegue a Cauda, Saltando o feijão, L'abe igi orombo, Igba-ita, etc.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE:

Corrida de Saco, Escondida, Jogo de Corda, Jogo de Lata, Jogo Humano, Malha, Stop, etc.

TANZÂNIA:

Fogo na Montanha, Si Mama Kaa, etc.

DENTRE OUTROS, COMO:

Jogo Mancala (criado no país africano Egito e difundido na África), Gutera Uriziga (Ruanda), Kakopi (Uganda), Acompanhe Meus Pés (Zaire), Kameshi mpuku ne (Congo), Chigora danda e Kudoda (Zimbábue), Mamba (África do Sul), Neéz degúaan (adaptação do Marrocos), Comboio (adaptação de Botswana), Dosu (Benin), Balabburo (Eritreia), Ftifti (adaptação da Eritreia), Bivoeebuma (adaptação de Camarões), dentre outras brincadeiras que envolvem brinquedos de origem africana, tais como: bambolê, cavalo com rodinhas, bola, dados, bonecos/as e carrinhos de madeira, barro, cerâmica ou metais, etc.

JOGOS E BRINCADEIRAS INDÍGENAS:

Jogo da onça (povo Bororo, no Mato Grosso), Brincadeira da onça e Brincadeira do tucunaré (Povos indígenas em Panará-PA), Touro bravo (povo Umutina em Barra do Bugres-MT), Brincadeira sucuri (povo Paresi em Tangará da Serra-MT), Jogo da bandeirinha (povo Tapirapé na aldeia Urubu-Branco-MT), Tobdaé e Marimbondó com ninho (povo Xavante), Arranca mandioca (Povo Guarani), Olha a laranja madura (povo Pataxó), Brincadeira da Ema (povo Terena em Avaí-SP), Corrida do maracá (povo Terena em Avaí-SP), dentre outras brincadeiras que envolvem brinquedos de origem indígena, tais como: peteca, boneca Ritxoko, peão, bolitas, arco e flecha, panelinhas de barro, bonecas de pano, de espiga e palha de milho, de barro, de sisal, de madeira e outros elementos da natureza, etc.





Tema Articulador **DANÇA E MUSICALIDADE**



Oportunizar o conhecimento de diferentes ritmos, gêneros e estilos de música e de dança como expressão das culturas de origem indígena e africana, explorar os diferentes estilos nas comunidades indígenas, negras e africanas e suas influências na sociedade. De modo geral, sugere-se a confecção de instrumentos e elementos da musicalidade e danças de origem indígena e africana, utilizando materiais recicláveis e reutilizáveis. Uma atividade coletiva pode

ser a pesquisa sobre as danças, a musicalidade e as festas de origem africana e indígena que já existiram e que ainda existem e se manifestam em Araraquara, como o Baile do Carmo, que é uma festa da comunidade negra de Araraquara. Conhecer, estudar e pesquisar a origem, a história, as personalidades e o contexto em que se insere na cidade, produzindo textos, músicas, poemas, paródias, literatura de cordel, desenhos ou outras produções sobre o tema.

6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

Quais músicas, gêneros, ritmos e danças de origem africana e indígena vocês conhecem, sabem cantar, tocar e/ou dançar? Sabe quais são os instrumentos utilizados nessas musicalidades e danças? Conhecem os gêneros, ritmos, cadências, arranjos, toques, balanços musicais dessas culturas? Sabem o nome e a função das danças em suas origens de criação e contexto étnico-cultural? A dança e a musicalidade estão associadas e possuem funções dentro das culturas indígenas e africanas, estão ligadas às tradições, às cosmo percepções e filosofias de vida, de visão e tratamento da realidade - elas, por vezes, transpõem sentidos e jeitos próprios de ser no mundo. Portanto, ao abordarem a dança e musicalidade nessa perspectiva, deverão situar e conhecer os contextos de suas origens, sejam de matriz indígena e/ou africana, suas funções e usos dentro de suas culturas.

É oportuno que os/as estudantes possam experimentar as músicas e as danças, não somente na apreciação, mas sobretudo dançando, criando musicalidade e sons com o próprio corpo, produzindo instrumentos com alguns materiais, como a sucata, etc.

Apresentar e pesquisar as origens e contextos dos gêneros musicais de África, tais como: African House, Afro house, Afrobeat, Apalá, Benga, Bikutsi, Coladeira, Cape Jazz, Fuji, Funaná, Highlife, Isicathamiya, Jit, Juju, Kwaito, Kuduro, Kizomba, Kwela, Makossa, Marrabenta, Mbalax, Mbaqanga, Mbube, Morna, Palm-wine, Raï, Museve, Sacara, Segá, Semba, Soukous

aka Congo, Lingala ou Rumba africana, Taarab, Yorubbeat, Bloodhound e outros.

Apresentar e pesquisar as origens e contextos dos gêneros musicais de origem africana recriados pelos africanos escravizados e sua descendência negra fora de África, tais como: blues, jazz, salsa, zouk, rumba, rock e rhythm and blues, rap, hip hop, conga, bomba, cumbia, samba, reggae, etc. Apresentar e pesquisar instrumentos de origem africana: os vários instrumentos de percussão, como xilofone, djembê, tambores de várias formas, instrumentos produtores de sons, como mbira, marimba, atabaque, berimbau, puíta/cuíca, macumba, caxixi, chocalho, kisangê ou kalimba, balafon, reco-reco, agogô e xequerê, tam-tam, pandeiro, tumba/conga, bastões, kosh kash e tantos outros conforme os países e as etnias africanas. O corpo também é um instrumento de som, percussão e canto. Quais desses ritmos e instrumentos estão presentes na musicalidade e na dança brasileira, em especial do povo afro-brasileiro?

Criar um gráfico, texto ou painel apontando “A África que você toca, ouve e dança”.

Construir uma aula para assistir aos vídeos desses ritmos, praticar passos de dança e tocar instrumentos, como o pandeiro, o berimbau e o tambor, por exemplo. Convidar pessoas que saibam tocar algum desses instrumentos de origem africana e/ou indígena, criando oficinas com rodas de conversa. Convidar uma pessoa capoeirista para ministrar uma oficina sobre capoeira para os/as estudantes experienciarem essa tradição, por exemplo.



7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

Quais músicas, gêneros, ritmos e danças de origem africana e indígena vocês conhecem, sabem cantar, tocar e/ou dançar? Sabe quais são os instrumentos utilizados nessas musicalidades e danças? Conhecem os gêneros, ritmos, cadências, arranjos, toques, balanços musicais dessas culturas? Sabem o nome e a função das danças em suas origens de criação e contexto étnico-cultural? A dança e a musicalidade estão associadas e possuem funções dentro das culturas indígenas e africanas, estão ligadas às tradições, às cosmo percepções e filosofias de vida, de visão e tratamento da realidade - elas, por vezes, transpõem sentidos e jeitos próprios de ser no mundo. Portanto, ao abordarem a dança e musicalidade nessa perspectiva, deverão situar e conhecer os contextos de suas origens, sejam de matriz indígena e/ou africana, suas funções e usos dentro de suas culturas.

É oportuno que os/as estudantes possam experimentar as músicas e as danças, não somente na apreciação, mas sobretudo dançando, criando musicalidade e sons com o próprio corpo, produzindo instrumentos com alguns materiais, como a sucata.

Apresentar e pesquisar as origens e contextos dos gêneros musicais de origem indígena, tais como: Akia e o Ngere, dos povos Suyá do Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso e dos povos Kayapó, Guarani, Ticuna, Caingangue, Bororo, Macuxi, Yanomami, Terena, Parakanã, Guajajara, Xavante, Potiguara, Pataxó,

Huni Kuin, Munduruku, Ariken e tantos outros que se somam aos mais de 266 povos indígenas, totalizando uma população de 1.693.535 pessoas vivendo por todo o território brasileiro, segundo o Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apresentar e pesquisar as origens e contextos dos instrumentos musicais de origem indígena (Cameu, 1979), tais como: mbaraka (violão), chocalho (ou maracá), chocalho globular, bapo (chocalho feito de cabaça), muruku (chocalho de lança), dopa (bastão de ritmo), bastão rítmico, mutomburé (chocalho em cacho), flauta, flauta de pão, flauta de bambu, cidupu (flauta dupla), reco-reco (feito com casca de tartaruga e outros materiais), trombetas de cuia, apito, zunidores, kem-ka-ka (conjunto de trombetas, chamadas de guerra), pau-de-chuva, ocarina, arco de boca, tambores, rabeca, pana (trombeta poliglobular), bastões de ritmo, buzina de taquara e cabaça, apieti-amu (trombeta), ipona (buzina de chifre), buzina de madeira, hó-hi (trombeta), membi (flauta-reta), pios ou chamarizes, ka-txo-tsê (espécie de cítara), awa-tuk.aniw ar (colar apito), chocalho de unha de anta, buzina de cauda de tatu canastra, cinto-chocalho e tantos outros instrumentos conforme o povo.

O corpo também é um instrumento de som e percussão utilizado nas músicas dançantes.

Pesquisar e confeccionar alguns instrumentos indígenas, trazendo a história e o uso desses instrumentos na cultura.



8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

Quais músicas, gêneros, ritmos e danças de origem africana e indígena vocês conhecem, sabem cantar, tocar e/ou dançar? Sabe quais são os instrumentos utilizados nessas musicalidades e danças? Conhecem os gêneros, ritmos, cadências, arranjos, toques, balanços musicais dessas culturas? Sabem o nome e a função das danças em suas origens de criação e contexto étnico-cultural? A dança e a musicalidade estão associadas e possuem funções dentro das culturas indígenas e africanas, estão ligadas às tradições, às cosmo percepções e filosofias de vida, de visão e tratamento da realidade - elas, por vezes, transpõem sentidos e jeitos próprios de ser no mundo. Portanto, ao abordarem a dança e musicalidade nessa perspectiva, deverão situar e conhecer os contextos de suas origens, sejam de matriz indígena e/ou africana, suas funções e usos dentro de suas culturas. É oportuno que os/as estudantes possam experimentar as músicas e as danças, não somente na apreciação, mas sobretudo dançando, criando musicalidade e sons com o próprio corpo, produzindo instrumentos com alguns materiais convencionais ou alternativos, como a sucata, por exemplo.

Apresentar e pesquisar os contextos de origem das danças africanas em África, tais como: Afrobeat e o Amapiano (difundidos em África), Ahouach e Gnawa (Marrocos), Kola San Jon, Funaná, Coladera, Morna, Contradança e Mazurca (Cabo Verde), Semba, Rebita, Kuduru, Kazukuta, Kabetula e Kizomba (Angola), Guedra (Marrocos e Mauritânia), Ússua, Dexa, Puita, (São-Tomé e Príncipe), Adowa, Kete e Agbaja (Gana), Gombey e Sabar (Senegal), Ukusina, Pantsula e Indlamu (South Africa/ África do sul), Kwassa kwassa e Ndombolo/Soukous (Congo), Moribayasa (Guiné), Tina (Guiné Bissau), Lamban (Guiné, Senegal

e Mali), Larakaraka, Naleyo e (Uganda), Makossa, Ambas-i-bay e Bikutsi (Cameroon/Camarões), Zaouli, Mapouka e Zougrou (Côte d'Ivoire/ Costa do Marfim), Mwaga, Tamenaibuga e Edonga (Uganda), Sunu (Guiné e Mali), Adumu (Quênia/ Kenya), Agahu (Gana e Togo), Ikpirikpi Ogu e Yabara (Nigéria), Mbira (Zimbábue), Makua (Tanzânia) e outras danças ligadas aos povos, suas culturas e seus territórios.

Pesquisar os contextos e histórias das danças de origem africana no Brasil, tais como: Congada, Jongo, Tambu, Capoeira, Catupé, Maracatu, Moçambique, Samba, Samba de roda, Samba lenço, Vilão, Reisado, Lambada, Lundu, Maxixe, Umbigada, Tambor de Crioula, Axé, Pagode, Maculelê, Ijexá, Afoxé, Cacumbi, Candombe, Marabaixo, Bumba meu boi, Banda de Congo, Coco, Batuques, Samba rock, Samba-reggae, Tango, Reis de Boi, Ticumbi e outras danças.

Pesquisar as histórias e contextos das danças de origem indígena no Brasil, tais como: Caboclinhos, Boi bumbá, Toré, Kuarup, Dança da Onça, Atiaru, Dança dos praiás, Jacundá, Cateretê, Catiara, Caiapós, Caruru, Kahê-Tuagê e outras danças dos povos, das etnias e suas culturas.

Pesquisar sobre as danças que possuem a fusão da raiz indígena e africana no Brasil, tais como: Carimbó, Cacuriá, Lundu Marajoara, Bumba meu boi, Boi de palha, etc.

É oportuno conhecer a história das danças, suas funções e usos segundo as culturas dos respectivos povos para compreender seus sentidos, conhecer letras, instrumentos, vestimentas, adereços, personagens, objetos e elementos utilizados. Propor uma aula/oficina para assistir a vídeos e praticar passos de dança. Também é interessante organizar ensaios para apresentações futuras de dança e música. Criar cortejos de desfile cultural mostrando as danças.



9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

Quais músicas, gêneros, ritmos e danças de origem africana e indígena vocês conhecem, sabem cantar, tocar e/ou dançar? Sabe quais são os instrumentos utilizados nessas musicalidades e danças? Conhecem os gêneros, ritmos, cadências, arranjos, toques, balanços musicais dessas culturas? Sabem o nome e a função das danças em suas origens de criação e contexto étnico-cultural? A dança e a musicalidade estão associadas e possuem funções dentro das culturas indígenas e africanas, estão ligadas às tradições, às cosmo percepções e filosofias de vida, de visão e tratamento da realidade - elas, por vezes, transpõem sentidos e jeitos próprios de ser no mundo. Portanto, ao abordarem a dança e musicalidade nessa perspectiva, deverão situar e conhecer os contextos de suas origens, sejam de matriz indígena e/ou africana, suas funções e usos dentro de suas culturas. É oportuno que os/as estudantes possam experimentar as músicas e as danças, não somente na apreciação, mas sobretudo dançando, criando musicalidade e sons com o próprio corpo, produzindo instrumentos com alguns materiais, como a sucata, etc.

Apresentar alguns gêneros musicais de origem africana e indígena. Ouvir as músicas, conhecer e interpretar suas letras, mergulhando nos contextos, personagens e elementos que se apresentam. Assim, dialogar e correlacioná-las com a realidade dos/as estudantes na sociedade. Aprofundar o tema destacando a origem, pesquisando sua história, contexto e instrumentos utilizados. Explorar personalidades, elementos e momentos históricos presentes nas letras das músicas, sistematizando o saber em cartazes, performances, paródias, literatura de cordel, poemas, desenhos e/ou outras produções com criatividade. Seguem as sugestões de músicas:

1. “Capítulo 4, Versículo 3 – Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano”, Samba-enredo da Vai-Vai, carnaval de 2024;
2. “O Som da Cor”, Samba-enredo da Vila Isabel de 2017;

3. “Heranças Bantos”, música do Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil, Curuzu – Salvador/BA;
4. Faixa 1 do CD “Rota dos Tambores”, do Ilê Aiyê de 2004;
5. “História pra ninar gente grande”, Samba-enredo da Mangueira de 2019;
6. “Um Defeito de Cor”, Samba-enredo da Portela de 2024;
7. “Arroboboi, Dangbé”, Samba-enredo da Viradouro de 2024;
8. “Candaces, mulheres guerreiras. Na luta, justiça e liberdade. Rainhas soberanas Florescendo pra eternidade”, Samba-enredo do Salgueiro de 2007;
9. “Somos filhos da natureza”, música do povo indígena Pataxó;
10. “Awêhy Tupã”, música cantada em português e Patxohã por Akurinã Pataxó, indígena do povo Pataxó na Aldeia Pará (Aldeia Barra Velha);
11. “Por Dentro da Terra”, música da cantora Kaê Guajajara, indígena do povo Guajajara;
12. Música “Bling Bling” de Katú Mirim, cantora do povo Boe Bororo;
13. “Hino Nacional Brasileiro”, cantado por Djuena Tikuna e a Tainara Kambeba em suas respectivas línguas indígenas: Tikuna e Kambeba/Omágua.
14. “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”, Samba-enredo da Paraíso do Tuiuti de 2018;
15. “A Coisa Tá Preta”, música cantada por Rincon Sapiência;
16. “África Minha”, música cantada por Plutonio feat. Bonga;
17. “Brasiléia Desvairada - A Busca de Mário de Andrade Por Um País”, Samba-enredo da Mocidade Alegre;
18. “Que Jongue”, música cantada pelo Jongo da Serrinha, Rio de Janeiro;
19. “Ajuricaba, um herói amazonense”, Samba-enredo de 1976 da Unidos de Padre Miguel;
20. “Negro drama”, música de Racionais MCs.





Tema Articulador RELIGIOSIDADE



Dar a conhecer as filosofias, mitologias, ancestralidades, crenças e cosmovisões oriundas das populações africana, afro-brasileira, quilombola e indígena que envolvem jeitos próprios de compreensão do sagrado em suas tradições

ou denominações. Compreende-se religiosidade como uma dimensão da cultura e da forma de lidar e se comportar diante da manifestação da fé e daquilo que é sagrado para os grupos sociais.

6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

Todo povo tem sua cultura, logo sua religião. A religião é parte da expressão cultural de um povo e é nessa perspectiva que devemos conhecer a diversidade religiosa presente na formação do povo, em especial do brasileiro, multiétnico, formado por muitos povos, diferentes culturas e inúmeras tradições. Isso confere nossa diversidade étnica-cultural como país. Neste território, há várias perspectivas de lidar com o sagrado, com a crença e a fé expressa nas tradições, festas, danças e manifestações populares. O papel da escola é dar a conhecer essa diversidade para que os/as estudantes possam reconhecer e valorizar as diversas formas que as culturas têm de lidar com o sagrado e a fé, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos, conforme salienta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Ter a liberdade de culto, de fé, de devoção e expressão religiosa é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988. Sendo assim, questione: quais religiosidades de origem africana e indígena vocês conhecem ou já ouviram falar? Como essas religiosidades influenciam a cultura do povo brasileiro?

Partindo dessas questões, realize roda de conversa e apresente as religiosidades de matriz africana e indígena, para contribuir com a desconstrução do racismo e da intolerância reli-

giosa presentes na sociedade.

Apresentar as religiosidades de matriz africana e indígena no Brasil, tais como: Candomblé (e suas várias nações e linhagens), Cabula, Umbanda, Batuque, Quimbanda, Culto aos Egungun, Catimbó, Jurema, Xambá, Omoloko, Terecô, Catimbó-Jurema, dentre outras.

Apresentar essas religiosidades com vídeos, imagens e conversas. Montar grupos que pesquisarão e apresentarão informações sobre uma religiosidade sorteada ou escolhida, destacando nome, origem, filosofia, organização e localidade/região em que elas se manifestam.

Ler e apresentar literaturas que abordem as religiosidades de matriz africana e indígena, como: Omo-Oba: Histórias de Princesas Africanas, da escritora Kiusam de Oliveira, etc.

Realizar entrevistas, rodas de conversa, podcasts ou vídeos com lideranças que professam essas religiosidades para que falem mais sobre suas culturas através da experiência que possuem, abordando os valores, as histórias e organização das religiosidades de matriz africana e/ou indígena de que elas participam.

Elaborar uma produção gráfica, literária, audiovisual, fotográfica ou artística que expresse os valores, contextos e práticas presentes nessas religiosidades.



7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

Todo povo tem sua cultura, logo sua religião. A religião é parte da expressão cultural de um povo e é nessa perspectiva que devemos conhecer a diversidade religiosa presente na formação do povo, em especial do brasileiro, multiétnico, formado por muitos povos, diferentes culturas e inúmeras tradições. Isso confere nossa diversidade étnica-cultural como país. Neste território, há várias perspectivas de lidar com o sagrado, com a crença e a fé expressa nas tradições, festas, danças e manifestações populares. O papel da escola é dar a conhecer essa diversidade para que os/as estudantes possam reconhecer e valorizar as diversas formas que as culturas têm de lidar com o sagrado e a fé, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos, conforme salienta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Ter a liberdade de culto, de fé, de devoção e expressão religiosa é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988. Sendo assim, questione: quais religiosidades de origem africana e indígena vocês conhecem ou já ouviram falar? O que ouviu falar sobre elas?

Na opinião de vocês, por que essas religiosidades são discriminadas?

A partir dessas questões, realize rodas de conversas para apresentar as religiosidades de matriz africana e indígena, no intuito de ir combatendo a intolerância religiosa e o racismo

religioso presentes na sociedade e, por vezes, manifestados no espaço escolar. Apresentar as religiosidades de matriz africana e indígena no Brasil, tais como: Candomblé (e suas várias nações e linhagens), Cabula, Umbanda, Batuque, Quimbanda, Culto aos Egungun, Catimbó, Jurema, Terecô, Xambá, Omolocô, Xangô de Pernambuco, Catimbó-Jurema, etc.

Apresentar essas religiosidades como culturas. Montar grupos que pesquisarão e apresentarão informações sobre uma religiosidade sorteada ou escolhida, destacando valores, saberes, sabores, uso das ervas, culinárias, tradição oral, cores, vestimentas, adereços, adornos, penteados, musicalidade, dança, instrumentos, objetos, histórias, contos e mitologias, dentre outros aspectos dessas culturas.

Construir cartazes com textos, desenhos ou imagens sobre essas religiosidades, com o título: “O que aprendemos sobre as religiosidades de matriz africana e indígena?”. Ler e apresentar literaturas que abordem as religiosidades de matriz africana e indígena, como: “Omo-Oba: Histórias de Princesas Africanas” e “O mar que banha a ilha de Goré” da escritora Kiusam de Oliveira, “Betina”, da escritora Nilma Lino Gomes, entre tantas outras.

Apresentar maquetes, paródias, danças, entrevistas, encenações, performances, literatura de cordel, vídeos, poemas ou outras produções sobre este tema, por exemplo.



8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

Todo povo tem sua cultura, logo sua religião. A religião é parte da expressão cultural de um povo e é nessa perspectiva que devemos conhecer a diversidade religiosa presente na formação do povo, em especial do brasileiro, multiétnico, formado por muitos povos, diferentes culturas e inúmeras tradições. Isso confere nossa diversidade étnica-cultural como país. Neste território, há várias perspectivas de lidar com o sagrado, com a crença e a fé expressa nas tradições, festas, danças e manifestações populares. O papel da escola é dar a conhecer essa diversidade para que os/as estudantes possam reconhecer e valorizar as diversas formas que as culturas têm de lidar com o sagrado e a fé, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos, conforme salienta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Ter a liberdade de culto, de fé, de devoção e expressão religiosa é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988.

Apresentar as religiosidades de matriz africana e indígena no Brasil, tais como: Candomblé (e suas várias nações e linhagens), Cabula, Umbanda, Batuque, Quimbanda, Culto aos Egun-gun, Catimbó, Jurema, Terecô, Xambá, Omolocô, Catimbó-Jurema, etc, trazendo também os casos de violência contra essas religiosidades. Sendo

assim, questione: quais religiosidades de origem africana e indígena vocês conhecem ou já ouviram falar? O que ouviu falar sobre elas? Cite pontos positivos e negativos. Na opinião de vocês, por que essas religiosidades são discriminadas? Partindo dessas questões, realize rodas de conversas para apresentar as religiosidades de matriz africana e indígena, no intuito de ir combatendo a intolerância religiosa e o racismo religioso presentes na sociedade.

Proponha conhecer a mitologia dos orixás trazendo comparações com a mitologia grega, sendo que a mitologia dos orixás antecede a mitologia grega. A mitologia corrobora com a preservação e a transmissão dos conhecimentos e valores dessas culturas, sendo assim, mergulhe nos Itans, relatos míticos da cultura Yorubá da Nigéria, para entender a história dos orixás. Faça correlações com a história e organização dos terreiros de candomblés no Brasil, tais como:

Terreiro da Casa Branca (Ilê Axé Iá Nassô Ocá), Terreiro Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê (Terreiro do Gantois), Ilê Axé Opô Afonjá, Ilê Axé Mariolajé (Alaketu) e Terreiro do Bate-folha em Salvador (BA), Casa das Minas Jejê, em São Luís (MA), etc. Criar produção, performance, encenação, dança, cartaz, música, paródia e/ou texto coletivo para a turma expressar o conhecimento adquirido.



9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

Todo povo tem sua cultura, logo sua religião. A religião é parte da expressão cultural de um povo e é nessa perspectiva que devemos conhecer a diversidade religiosa presente na formação do povo, em especial do brasileiro, multiétnico, formado por muitos povos, diferentes culturas e inúmeras tradições. Isso confere nossa diversidade étnica-cultural como país. Neste território, há várias perspectivas de lidar com o sagrado, com a crença e a fé expressa nas tradições, festas, danças e manifestações populares. O papel da escola é dar a conhecer essa diversidade para que os/as estudantes possam reconhecer e valorizar as diversas formas que as culturas têm de lidar com o sagrado e a fé, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos, conforme salienta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Ter a liberdade de culto, de fé, de devoção e expressão religiosa é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988.

Apresentar as religiosidades de matriz africana e indígena no Brasil, tais como: Candomblé (e suas várias nações e linhagens), Cabula, Umbanda, Batuque, Quimbanda, Culto aos Egun-gun, Catimbó, Jurema, Terecô, Xambá, Omolocô, Catimbó-Jurema, etc, trazendo também os casos de violência contra essas religiosidades.

Sendo assim, questione: quais religiosidades de origem africana e indígena vocês conhecem ou já ouviram falar? O que ouviu falar sobre elas?

Cite pontos positivos e negativos. Na opinião de vocês, por que essas religiosidades são discriminadas? Partindo dessas questões, realize rodas de conversas (até com lideranças convidadas)

para apresentar as religiosidades de matriz africana e indígena, no intuito de ir combatendo a intolerância religiosa e o racismo religioso presentes na sociedade.

Assistir aos vídeos ou desfiles, ouvir e escolher uma das músicas abaixo para interpretar suas letras, identificando as religiosidades de matriz africana e indígena, mas também o catolicismo negro e popular, os contextos, personagens e elementos da religiosidade que se apresentam, pesquisando sobre eles e suas histórias. Em suma, aprofundem-se nos elementos, cores, histórias e personalidades citadas nas letras das músicas, sistematizando o saber em cartazes, poemas, redações, paródias, literatura de cordel, performances e outras produções com criatividade. Seguem as sugestões de músicas:

1. “Ilú-oba Ọyó: a gira dos ancestrais”, Samba-enredo do Império Serrano de 2024;
2. “Congada ao Rei Negro São Benedito: uma história de fé, amor e devoção”, Samba dos Acadêmicos do Campo do Galvão de 2021/2022;
3. “Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?”, Samba-enredo da Paraíso do Tuiuti de 2018;
4. “Só Com a Ajuda do Santo”, Samba-Enredo da Estação Primeira de Mangueira de 2017;
5. “Mãe-África conta a sua história: Do Berço Sagrado da Humanidade à Terra Abençoada do Grande Zimbawe”, samba enredo da Acadêmicos do Tatuapé de 2017;
6. “Mãe Menininha do Gantois”, Samba-enredo da Vai-Vai de 2017;
7. “Preta Velha Jongueira, Que Saudade” e tantas outras músicas, cantadas pelo Jongo da Serrinha;
8. “300 Anos”, música do Grupo Bom Gosto.





Tema Articulador **REPRESENTATIVIDADE**



Trazer a imagem e visibilizar produções, pensamentos e ações de personalidades e pessoas indígenas, negras, quilombolas e africanas exercendo diferentes funções e papéis no mundo e/ou na sociedade brasileira, em diferentes âmbitos e campos de atuação. O intuito é dar a conhecer e disseminar a influência e participação dessas personalidades no desenvolvimento da sociedade, bem como trazer datas e marcos importantes na história, tais como: 13 de maio: Dia Nacional de Combate e Denúncia contra o Racismo; 21 de

março: Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial; 19 de abril: Dia dos Povos Indígenas; 25 de maio: Dia Mundial da África; 25 de julho: Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e Dia Nacional de Tereza de Benguela; 31 de julho: Dia da Mulher Africana; 09 de agosto: Dia Internacional dos Povos Indígenas; 24 de agosto: Marcha em homenagem a Luiz Gama - Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil; 20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra.

Entre as personalidades negras e indígenas importantes na história do Brasil, da África e do mundo, podemos destacar: Lupita Nyong'o, Emicida; Antonieta de Barros, Enedina Alves Marques, Kabengele Munanga, Iolanda de Oliveira, Dagoberto José Fonseca, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Henrique Cunha Jr., Oswaldo de Camargo, Hélio Santos, Oswaldo Faustino, Edna Roland, Jaqueline Goes de Jesus, Azoilda Loretto da Trindade, Jurema Werneck, Luiza Bairros, Nelson Mandela, Martin Luther King Jr., Sonia Guajajara, Azelene Kaingang, Joênia Wapichana, Gersem Luciano Baniwa, Marcos Terena, Paulinho Montejo, Julio Karai, Bruno Ferreira Kaingang, Raoni Metuktire, Dadá Baniwa, Turíre Kayapó, Thaline Karajá, Narubia Werreria, Edivan Fulni-ô, Daniel Munduruku, Kaká Werá, Eliana Potiguara, Lia Minápoty, Kiusam de Oliveira, Renato Noguera, Djamilá Ribeiro, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Joel Rufino dos Santos, Davi Kopenawa, Francisco Piyãko, Mário Juruna, Djúena Tikuna, We'e'ena Tikuna, Ailton Krenak, Álvaro Tucano, Ângelo Kretã, Marçal de Souza, Domingos Veríssimo Terena, Joenia Wapichana, Célia Xakriabá, Beto Marubo, Myrian Krexu, Kunumí MC, Dayana Molina, Cristian Wari'u, Eloy Terena, Samara Pataxó, Ivo Makuxi, Cristiane Soares Baré, Fêtxawewe Tapuya Guajajara, Noah Alef, Maial Paiakan Kaiapó, Alessandra Korap, Telma Taurepang, Fernanda Kaingang, Mapulu Kamayurá, Valdelice Verón, Maju Coutinho, Lázaro Ramos, Taís Araújo, Abdias do Nascimento, Milton Santos, Dandara dos Palmares, Zumbi dos Palmares, Tereza de Benguela, Esperança Garcia, Anastácia Luiza Mahín, Rosa Parks, Angela Davis, Nima Simone, Sueli Carneiro, Lélia González, Zora Neale Hurston, Péricles, Martinho da Vila, Erika Hilton, Fatou Ndiyaé, Beatriz Nascimento, Toussaint Louverture, Katherine Dunham, Archie Mafeje, Escravizado Felício, Mary Jane Seacole, Nego Bispo, Sandra Maria da Silva Andrade, Selma Dealdina, Givânia Maria da Silva, Célia Cristina da Silva Pinto, José Carlos Galiza, Iyalorixá Mãe Stella de

Oxóssi, Sandra Pereira Braga, Conceição Evaristo, Dona Ivone Lara, Samora Moisés Machel, Amílcar Cabral, Winnie Mandela, Virgínia Leone Bicudo, Cruz e Sousa, Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Lima Barreto, Elisa Lucinda, Ana Maria Gonçalves, Alessandra Laurindo, Maria Nazaré Salvador, Mestre Jorge, Enedina Ferreira de Andrade, Oswaldo da Silva Bogé, Thereza Santos, Clóvis Moura, Zulu Araújo, W. E. B. Du Bois, Lívia Natália, Frantz Fanon, Wangari Maathai, Anielle Franco, Hilda Flavia Nakabuye, Desmond Tutu, Marina Silva, Marcus Mosiah Garvey, Steve Biko, Kwame Nkrumah, Malcolm X, Shirley Chisholm, Frederick Douglass, Booker Taliaferro Washington, Thurgood Marshall, Shirley Campbell Barr, Huey Newton, Elaine Brown, Aretha Franklin, Stevie Wonder, Donna Summer, Jair Rodrigues, Gilberto Gil, Lionel Richie, James Brown, Nina Simone, Taitu Heron, Jean-Michel Basquiat, Esther Mahlangu, Cassi Namoda, Dbongz, Fannie Lou Hammer, Samba, Aïda Abdoulaye Konaté, Abdoulaye Diarrassouba, Soly Cissé, Boris Nzebo, Cyprien Tokoudagba, Ndoye Douts, Kudzanai-Violet Hwami, Heitor dos Prazeres, Muluneh, Amoako Boafo, Michael Armitage, Elizabeth Eckford, Carolina de Jesus, Jesse Owens, Alice Walker, Lewis Hamilton, Mahommah Baquaque, Spike Lee, Muhammad Ali, Ray Charles, Hattie McDaniell, Grande Otelo, Zezé Motta, Beth Beli, Anna Suav, Ron Stallworth, Chimamanda Ngozi Adichie, Chinua Achebe, Manoel Querino, Virginia Brindis de Salas, Heliana Hemetério José dos Santos, Hemetério dos Santos, Cartola, Nanny da Jamaica, Nathaniel Turner, Rainha Hatshepsut, Tuthmose III, Mansa Musa, Abu Bakari, Yanga, Toussaint L'Ouverture, Janjak Desalin, La Citadelale La Ferrière, Angélique Kidjo, Fatoumata Diawara, Aleijadinho, Pixinguinha, Lino Guedes, Clementina de Jesus, Tia Doca, Geraldo Filme, Tia Ciata, Arthur Timótheo da Costa, João Timótheo da Costa, Renata Felinto, Juliano Moreira, o arquiteto Tebas e muitas outras pessoas de origem africana e indígena.

Realizar um sarau ou uma leitura dramatizada com os/as estudantes caracterizados e vestidos dessas personalidades importantes. Para isso, deverão realizar pesquisas sobre as personagens escolhidas, escrever poesias, músicas ou textos trazendo a história e o contexto de vida e ação dessas personalidades, para apresentá-las se caracterizando nelas (PORVIR, 2024).

Criar uma galeria ou varal de fotos com a imagem na frente e, no verso, a descrição sobre as personalidades. As imagens podem ser presas a um cordão de barbante com prendedores de madeira ou fitas adesivas, entre outras possibilidades.

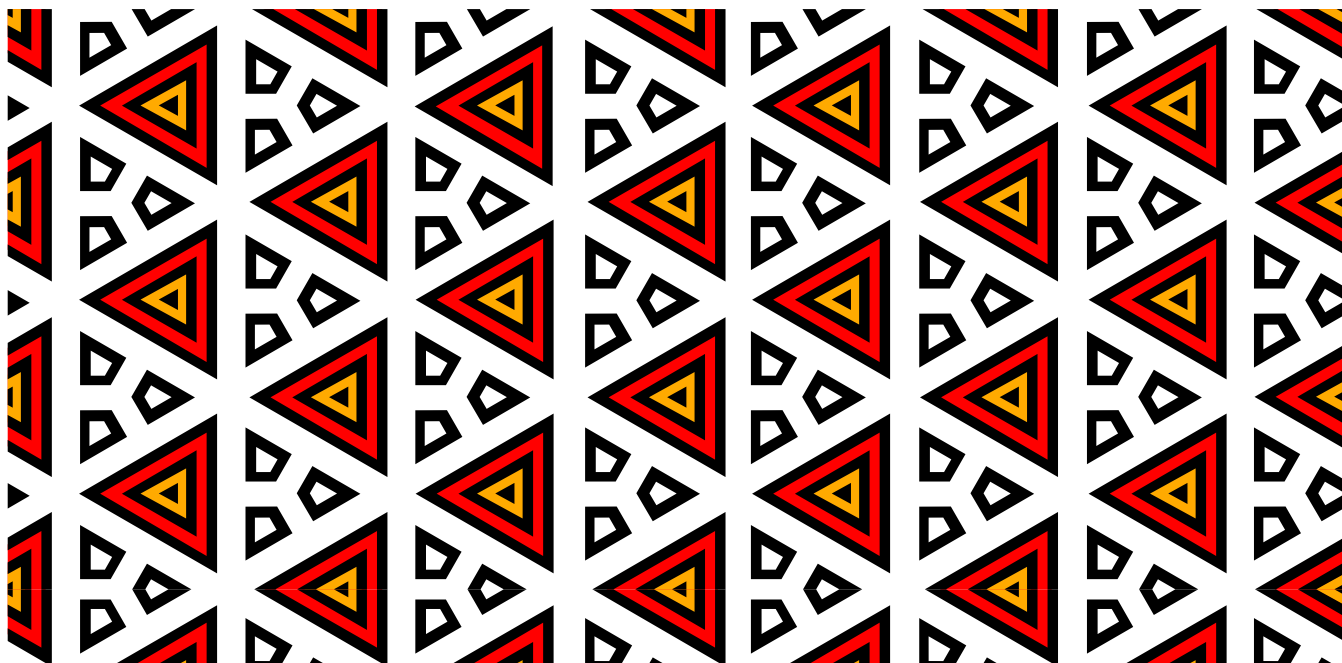
Criar uma palavra cruzada ou um caça-pala-

avras com nomes de algumas personalidades negras e indígenas, por exemplo.

Construir um portfólio ou calendário étnico-racial trazendo nomes, datas e locais de nascimento e morte, a história, as imagens e as realizações das personalidades pesquisadas e estudadas. Criar um portfólio de personalidades negras de Araraquara.

Elaborar uma produção gráfica, literária, audiovisual, fotográfica ou artística que expresse a história e as realizações das personalidades pesquisadas e estudadas.

“Até que os leões contem a sua história, os contos de caça sempre glorificarão o caçador”. Chinua Achebe (1930-2013).



6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

Devido às consequências do racismo e dos desdobramentos da escravização no Brasil, as populações negra e indígena não tiveram as mesmas condições sociais e oportunidades quando comparadas à população branca. Há um histórico social de opressão, discriminação e marginalização sofridas por essas populações. Esse histórico, além de expressivo é taxativo nos índices produzidos pelo IPEA e IBGE, que mostram a desigualdade social que acomete as populações negras e indígenas quando comparadas com a população branca. Essa exclusão social contra a população negra e indígena desenha os menores índices de desenvolvimento humano, de igualdade de oportunidades e condições, de representatividade e proporcionalidade nos espaços sociais, especialmente de destaque e poder. Ao longo da história do Brasil e do mundo, os povos e as pessoas negras de ascendência e descendência africana e os povos indígenas foram retratados de maneira negativa, pejorativa, estigmatizada e inferiorizada. Muitas das imagens, saberes e representações que circulam desde os livros didáticos até as instituições, mídias e dimensões da sociedade reforçam ideias preconceituosas motivadas pelo racismo, seja de maneira consciente ou involuntária. Embora haja avanços neste aspecto, ainda há muito o que conquistar e mudar, e a escola, o currículo escolar, as práticas, os comportamentos e as instituições podem auxiliar na transformação dessa realidade. Para que isso ocorra, é preciso pensar a diversidade em todas as camadas e dimensões da sociedade. Representatividade na

prática é conseguir se ver e identificar parte de si nos espaços, objetos, produções, instituições e lugares que frequenta.

Questione: Nos lugares que frequenta há pessoas negras e indígenas? Como elas são vistas e tratadas?

Criar cartazes ou painéis com o título: “Somos negros/as e indígenas e claro que podemos ser” (pesquisar, descrever e trazer imagens de médicos/as, comissários/as de voo, dentistas, cientistas, artistas, cantores/as, professores/as, coordenadores e diretores/as de escola, dançarinos/as, atores/atrizes, cineastas, pintores/as, pilotos/as, engenheiros/as, parlamentares, psicólogos/as, advogados/as, magistrados/as, empresários/as, astronautas, escritores/as, sociólogos/as, antropólogos/as, ativistas, lideranças, etc., (exercendo profissões, atuações, ações e/ou sonhos), ou “Nossos passos vêm de longe”, trazendo fotografias ou imagens de personalidades e pessoas de destaque entre a população negra e indígena local, estadual, nacional e/ou mundial. Importante destacar os nomes à descrição de atuação dessas personalidades junto à imagem; pesquisar e conhecer suas histórias e contribuições para a sociedade, suas comunidades de origem ou para o mundo.

Realizar entrevistas e/ou vídeos sobre ou com essas personagens importantes. Propor um bingo consciência: a cada sorteio de nome, leia-se a minibiografia, local e data de nascimento e/ou morte da personalidade sorteada e, ao final, sorteia-se o prêmio que pode ser um objeto e/ou livro relacionado à temática deste componente EHCAAQI.



7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

Devido às consequências do racismo e dos desdobramentos da escravização no Brasil, as populações negra e indígena não tiveram as mesmas condições sociais e oportunidades quando comparadas à população branca. Há um histórico social de opressão, discriminação e marginalização sofridas por essas populações. Esse histórico, além de expressivo é taxativo nos índices produzidos pelo IPEA e IBGE, que mostram a desigualdade social que acomete as populações negras e indígenas quando comparadas com a população branca. Essa exclusão social contra a população negra e indígena desenha os menores índices de desenvolvimento humano, de igualdade de oportunidades e condições, de representatividade e proporcionalidade nos espaços sociais, especialmente de destaque e poder. Ao longo da história do Brasil e do mundo, os povos e as pessoas negras de ascendência e descendência africana e os povos indígenas foram retratados de maneira negativa, pejorativa, estigmatizada e inferiorizada. Muitas das imagens, saberes e representações que circulam desde os livros didáticos até as instituições, mídias e dimensões da sociedade reforçam ideias preconceituosas motivadas pelo racismo, seja de maneira consciente ou involuntária. Embora haja avanços neste aspecto, ainda há muito o que conquistar e mudar, e a escola, o currículo escolar, as práticas, os comportamentos e as instituições podem auxiliar na transformação dessa realidade. Para que isso ocorra, é preciso pensar a diversidade em todas as camadas e dimensões da sociedade. Representatividade na prática é conseguir se ver e identificar parte de si nos espaços, objetos, produções, instituições e lugares que frequenta.

Questione: Nos lugares que frequenta, há pessoas negras e indígenas? Como elas são vistas e tratadas?

Criar cartazes, painéis, textos, músicas, vídeos, entrevistas ou outras produções que tragam a origem e a motivação para a criação e a celebração das seguintes datas:

07 de fevereiro: Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas;

13 de maio: Dia Nacional de Combate e Denúncia contra o Racismo;

21 de março: Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial;

19 de abril: Dia dos Povos Indígenas;

25 de maio: Dia Mundial da África;

25 de julho: Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha;

31 de julho: Dia da Mulher Africana;

09 de agosto: Dia Internacional dos Povos Indígenas;

24 de agosto: Marcha em homenagem a Luiz Gama - Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil;

20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra.

Ler textos, reportagens e assistir a vídeos sobre as datas ou temas correlatos, como o Documentário da ONU sobre o Dia da Consciência Negra (2015); o vídeo da CULTNE sobre a Reunião da Marcha Zumbi dos Palmares + 10 (2005); o vídeo da ONU Brasil sobre Mulheres Indígenas: Vozes por Direitos e Justiça (2018) ou Falas da Terra - Documentário sobre a cultura indígena no Brasil (2021). Trabalhar em grupo para ex-



plorar as percepções sobre o documentário ou vídeo assistidos.

8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

Devido às consequências do racismo e dos desdobramentos da escravização no Brasil, as populações negra e indígena não tiveram as mesmas condições sociais e oportunidades quando comparadas à população branca. Há um histórico social de opressão, discriminação e marginalização sofridas por essas populações. Esse histórico, além de expressivo é taxativo nos índices produzidos pelo IPEA e IBGE, que mostram a desigualdade social que acomete as populações negras e indígenas quando comparadas com a população branca. Essa exclusão social contra a população negra e indígena desenha os menores índices de desenvolvimento humano, de igualdade de oportunidades e condições, de representatividade e proporcionalidade nos espaços sociais, especialmente de destaque e poder. Ao longo da história do Brasil e do mundo, os povos e as pessoas negras de ascendência e descendência africana e os povos indígenas foram retratados de maneira negativa, pejorativa, estigmatizada e inferiorizada. Muitas das imagens, saberes e representações que circulam desde os livros didáticos até as instituições, mídias e dimensões da sociedade reforçam ideias preconceituosas motivadas pelo racismo, seja de maneira consciente ou involuntária. Embora haja avanços neste aspecto, ainda há muito o que conquistar e mudar, e a escola, o currículo escolar, as práticas, os comportamentos e as instituições podem auxiliar na transformação dessa realidade.

Para que isso ocorra, é preciso pensar a diver-

sidade em todas as camadas e dimensões da sociedade. Representatividade na prática é conseguir se ver e identificar parte de si nos espaços, objetos, produções, instituições e lugares que frequenta. Questione: Nos lugares que frequenta, há pessoas negras e indígenas? Como elas são vistas e tratadas? Para vocês, o que é representatividade? Há representatividade em todos os lugares da sociedade? Quais lugares e setores tem? Quais lugares e setores não tem?

Apresentar imagens de pessoas negras e indígenas em posição de destaque, pedir para os/as estudantes observarem e perguntar se conhecem essas pessoas e o que elas fazem.

Trazer a minibiografia dessas pessoas e o que elas representam. Dividir a sala em grupos e propor a leitura do texto “Representatividade: o que isso significa?”, escrito por Rani Andrade no site Politize (2020). Propor também a visualização do Documentário da ONU sobre o Dia da Consciência Negra (2015), do Vídeo Falas da Terra - Documentário sobre a cultura indígena no Brasil (2021), do filme “Get On The Bus” sobre a Marcha de Um Milhão de Homens, do cineasta negro Spike Lee. Propor um trabalho em grupo para explorar as percepções sobre o tema do vídeo por meio do diálogo, sintetizar o aprendido por meio da escolha de alguma produção (pode ser texto coletivo com ou sem desenho, por exemplo) e depois compartilhar as produções de síntese realizadas para apresentá-las para a turma.

Criar cartaz, vídeo ou texto a partir da pesquisa sobre séries, livros, filmes, novelas, comerciais de tv, premiações, festas, empresas, músicas, teatros, eventos, performances, ações e/ou espaços em que a diversidade está representada,



incluindo pessoas negras e indígenas nessas ações e lugares.

9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

Devido às consequências do racismo e dos desdobramentos da escravização no Brasil, as populações negra e indígena não tiveram as mesmas condições sociais e oportunidades quando comparadas à população branca. Há um histórico social de opressão, discriminação e marginalização sofridas por essas populações. Esse histórico, além de expressivo é taxativo nos índices produzidos pelo IPEA e IBGE, que mostram a desigualdade social que acomete as populações negras e indígenas quando comparadas com a população branca. Essa exclusão social contra a população negra e indígena desenha os menores índices de desenvolvimento humano, de igualdade de oportunidades e condições, de representatividade e proporcionalidade nos espaços sociais, especialmente de destaque e poder. Ao longo da história do Brasil e do mundo, os povos e as pessoas negras de ascendência e descendência africana e os povos indígenas foram retratados de maneira negativa, pejorativa, estigmatizada e inferiorizada. Muitas das imagens, saberes e representações que circulam desde os livros didáticos até as instituições, mídias e dimensões da sociedade reforçam ideias preconceituosas motivadas pelo racismo, seja de maneira consciente ou involuntária. Embora haja avanços neste aspecto, ainda há muito o que conquistar e mudar, e a escola, o currículo escolar, as práticas, os comportamentos e as instituições podem auxiliar na transformação dessa realidade.

Para que isso ocorra, é preciso pensar a diversidade em todas as camadas e dimensões da sociedade. Representatividade na prática é conseguir se ver e identificar parte de si nos espaços, objetos, produções, instituições e lugares que frequenta. Questione: Nos lugares que fre-

quenta há pessoas negras e indígenas? Como elas são vistas e tratadas? Para vocês, o que é representatividade? Há representatividade em todos os lugares da sociedade? Quais lugares e setores tem? Quais lugares e setores não tem?

Dividir a sala em grupos e propor a leitura do texto “Representatividade: o que isso significa?”, escrito por Rani Andrade no site Politize (2020). Produzir uma breve consideração sobre o que é representatividade na perspectiva do texto lido.

Apresentar essa consideração em roda de conversa, apresentar e pedir para que observem a imagem do Congresso Nacional Brasileiro Bitencourt (2022) e questionar: o que visualizam na imagem? Qual população e gênero estão mais representados ali na imagem? O que causa a falta de representação? Incentivar essa reflexão nos/as estudantes dialogando com o texto lido.

Propor: Vamos assistir a vídeos, filmes e escutar algumas falas sobre representatividade?

1. Muhammad Ali fala sobre representatividade negra (1971);
2. Documentário sobre o Dia da Consciência Negra ONU (2015);
3. Representatividade Indígena no cinema brasileiro (2021);
4. Quilombos do século XXI - Documentário (2019);
5. Falas da Terra - Documentário sobre a cultura indígena no Brasil (2021);
6. A representação indígena na literatura brasileira (2023);
7. Selma: Uma Luta Pela Igualdade - Filme (2014);
8. Estrelas Além do Tempo - Filme (2016).

Produzir performances, encenações, textos com desenhos, cartazes, poemas, paródias ou outras produções educativas para expressar os saberes adquiridos e a percepção dos vídeos e filmes assistidos pela turma.





Tema Articulador **TERRITORIALIDADE**



A territorialidade é o resultado da transformação de um espaço natural em território devido às relações sociais e as atividades da vida cotidiana estabelecidas a partir da organização e das identidades dos grupos sociais que constroem seus ambientes, suas comunidades, suas terras de referência. Tal concepção também abarca o território como lugar de memória, de território do sagrado, da manifestação da ancestrali-

dade, da memória ancestral e da cultura a ser preservada e salvaguardada como relíquia de um povo, de uma comunidade. Assim, é preciso abarcar cartografias, terras, locais, cidades, regiões, quilombos e comunidades rurais e urbanas referentes às populações africanas, negras, quilombolas e indígenas, bem como as concepções da ancestralidade em territórios sagrados, as arquiteturas, ciências, invenções, esculturas,

pinturas, os patrimônios materiais e imateriais e as manifestações de suas culturas nesses territórios.

De modo geral, sugere-se algumas atividades:

Promover visitas a espaços e lugares que abordem esses territórios ou que sejam os próprios territórios das culturas e comunidades de origem africana e indígena, como:

1. Centro de Referência Afro “Mestre Jorge” e a Casa SP Afro Brasil “Oswaldo da Silva Bogé”, ambos em Araraquara/SP;
2. Terra Indígena Araribá: composta por quatro aldeias Ekeruá, Kopenoti, Nimuendajú e Tereguá, em Avaí/São Paulo;
3. Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAPA) em Araraquara/SP;
4. Museu das Culturas Indígenas, no bairro Água Branca em SP;
5. Museu Afro Brasil, no Parque do Ibirapuera em São Paulo;
6. Museu Índia Vanuíre, na cidade de Tupã/SP;
7. Casa de Cultura Fazenda da Roseira/Comunidade de Jongo Dito Ribeiro, em Campinas/SP.

Criar uma produção criativa para apresentar esses territórios, como Leitura dramatizada (com os/as estudantes caracterizados e vestidos de personalidades importantes desses espaços), Maquetes (para trazer as características e organização dos territórios) ou Museu da memória (produzindo textos e trazendo as histórias, objetos, desenhos do percurso observado e imagens sobre os territórios escolhidos; pesquisar na internet e selecionar falas e vídeo de moradores desses territórios para partilhar).

Observar mapas para localizar o continente afri-

cano e seus países, selecionando países, regiões e/ou estados para conhecer mais sobre esses territórios.

Faça um desenho, colagem ou releitura das artes, símbolos, estampas de tecido, pinturas e arquiteturas de origem africana e indígena, tais como:

1. Grande Pirâmide de Gizé. Esse é o exemplar mais antigo das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, localizado no Egito na África;
2. Casas Ndebele do povo Ndebele da província de Mpumalanga na África do Sul;
3. Casas Musgum (Tolek) feitas com lama e arquitetura vernacular pelo povo Musgum, localizados ao norte de Camarões na África;
4. Estampas e grafismos dos tecidos Samakaka (Angola), Kente (Gana), Kene kuin do povo indígena Huni Kuin (Acre, Brasil) e outros;
5. Casas dos Kassena feitas de barro e pinturas pelos povos Kassena em Tiébélé na Burkina Faso na África;
6. Arquitetura africana contemporânea presente em cidades como Eko Atlantic Economic City, no estado de Lagos na Nigéria e nas obras do arquiteto Diébédo Francis Kéré de Burkina Faso na África;
7. Símbolo adinkra chamado de Adinkrahene, que é anterior ao quadro de obra abstrata intitulado “Estudo de cores – Quadrados com círculos concêntricos”, pintado por Wassily Kandinsky. Realizar uma releitura desse símbolo, desenhando-o em novos contextos e trazendo sua origem étnica e cultural africana. Para isso, veja o vídeo “Símbolos Adinkra | Mwana Afrika Oficina Cultural” para conhecer o significado e sentido do Adinkrahene.



Conhecer as ciências, as invenções e tecnologias de origem indígena e africana - antigas e contemporâneas -, tais como:

De origem africana: matemática, medicina, mineração, metalurgia, linguagem, escrita, arquitetura, engenharia, osso de lebombo (calculadora), pão assado em forno de barro, sandálias, cerveja, teste de gravidez, escova de dentes, talas, papiros, máscaras, instrumentos cirúrgicos, Mlouna (bolsa agrícola on-line) e outras (Cunha Jr, 2010; Geledés, 2019).

De origem indígena: borracha, caiaque, rede, óculos de neve, anestésicos, analgésicos, mamadeira, enxaguante bucal, ponte suspensa, seringas, contraceptivo, cachimbo, tipiti, canoa, agricultura indígena, agricultura em solo elevado (parecido com canteiros de horta), medicina indígena, arquitetura indígena, etc. (Malva, 2019).

Conhecer a comunidade dos Tabom em Gana,

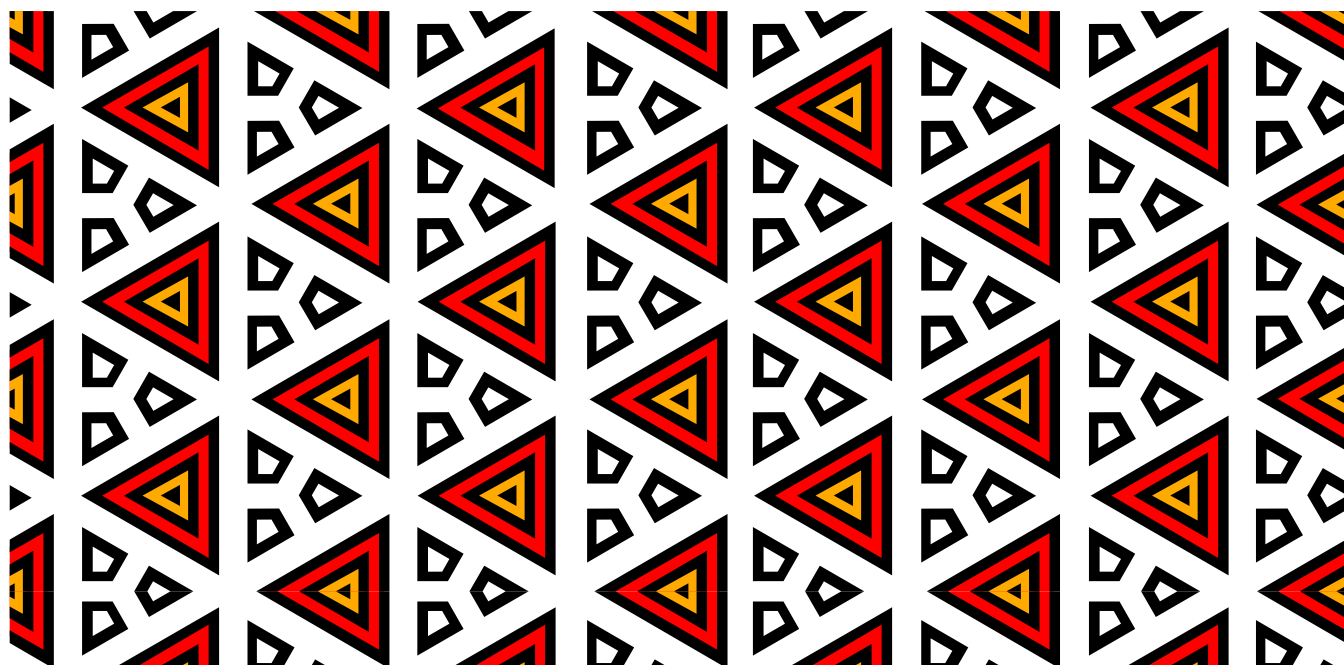
formada por escravizados africanos que estiveram no Brasil e que cultivam algumas tradições brasileiras.

Conhecer e pesquisar os alimentos de origem indígena e africana e a influência dos povos africanos e indígenas na culinária brasileira.

Conhecer e pesquisar palavras de origem indígena e africana e a influência dos povos africanos e indígenas na língua portuguesa.

Confeccionar álbum, pôster, livro, cordel ou vídeo para trazer as histórias dos territórios pesquisados ou aspectos das culturas presentes nos territórios estudados.

Criar uma produção criativa, releitura de obras de arte ou cartaz com desenhos ou imagens dos vários tipos de arte, artesanato, ciências, invenções, esculturas e pinturas dos povos de origem africana e indígena descrevendo os territórios de povos de origem.



6º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano da Educação Integral

Vocês conhecem os territórios em África e os territórios de origem africana e indígena no Brasil? O que se produz nesses espaços? O que se manifesta nesses territórios? Como as comunidades africanas, afro-brasileiras, quilombolas e indígenas se organizam em seus territórios urbanos ou rurais? Que culturas, arquiteturas, ciências, artes, invenções, valores, pinturas, esculturas, festas, músicas, danças, culinárias, ofícios, profissões, tecnologias e religiosidades manifestam e produzem? Selecione uma ou mais das sugestões de território para pesquisar e mergulhar no conhecimento desses espaços das comunidades, suas terras, memórias, identidades e valores:

Em África: Conhecer e pesquisar a Etiópia, as culturas, as línguas, culinárias, filosofias e tradições dos povos presentes na região dos Grandes Lagos, em volta do vale do Omo, na parte oriental do continente africano, onde a humanidade surgiu. Em 1980, a Unesco reconheceu o Vale Inferior do Omo na Etiópia como Patrimônio Mundial, após a descoberta de restos mortais humanos de quase 2,5 milhões de anos.

No Brasil: Conhecer e pesquisar sobre a história do fóssil de Luzia, o mais antigo fóssil encontrado nas Américas e considerada a primeira mulher que viveu há 13 mil anos na Lagoa Santa, região de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Mostre a reconstrução do rosto de Luzia, feita pelo antropólogo Richard Neave, da Universidade de Manchester e diga que Luzia foi nomeada pelo cientista brasileiro Walter Neves. Questione: o que vocês veem? Qual é o fenótipo? (explicar o

que é fenótipo). Quais características Luzia possui? Luzia é uma mulher negra e a partir dela e de outros fósseis encontrados nos vários lugares das Américas, os cientistas concluíram que o continente americano foi ocupado por fluxos migratórios de grupos do Homo sapiens que foram se adaptando nas regiões. A “premissa é que a saída do Homo sapiens moderno da África, de onde ele se originou, teria acontecido por volta de 40 mil anos atrás, com uma das correntes migratórias difundindo-se pelo sul da Ásia, na direção leste, até atingir o sudeste asiático. A partir daí, um grupo desses sapiens teria se dirigido para a região australo-melanésica (os ancestrais dos aborígenes australianos) e outro migrado na direção norte, passando pelo território da atual China, finalmente atravessando o Estreito de Behring e chegando às Américas” (Gaspar Neto; Santos, 2009). Ou seja, apesar das divergências, isso justifica as características da Luzia e confirma que a ancestralidade da humanidade é africana. Logo, devemos conhecer mais sobre nosso território de origem, seus desdobramentos e sua contribuição para o mundo, sobretudo para o Brasil.

Conhecer os povos indígenas que vivem na Capital e na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, como: os Pataxó e os Pataxó Ha-hã-hã, da Aldeia Naô Xohã em São Joaquim de Bicas; os Xukuru Kariri, da Aldeia Arapoã Kakyá de Brumadinho; e os Kamakã Mongoió, da Aldeia Kamakã Mongoió de Brumadinho (Minas Gerais, 2023), explorando suas culturas, costumes, tradições, culinárias, línguas, danças, personalidades e líderes locais.

Criar uma produção criativa para apresentar esses territórios.



7º ano do Ensino Fundamental e 3º, 4º e 5º ano da Educação Integral

Vocês conhecem os territórios em África e os territórios de origem africana e indígena no Brasil? O que se produz nesses espaços? O que se manifesta nesses territórios? Como as comunidades africanas, quilombolas e indígenas se organizam em seus territórios urbanos ou rurais? Que culturas, arquiteturas, ciências, artes, invenções, valores, pinturas, esculturas, festas, músicas, danças, culinárias, ofícios, profissões, tecnologias e religiosidades manifestam e produzem? Selecione uma ou mais das sugestões de território para pesquisar e mergulhar no conhecimento desses espaços das comunidades, suas terras, memórias, identidades e valores.

Em África: Conhecer e pesquisar sobre a arquitetura africana e seus princípios, como o uso de fractais, por exemplo.

Assistir aos vídeos:

1. Cientistas africanos comprovaram que Egito é negro (2024);
2. Arquitetura contemporânea africana (2020);
3. Arquitetura do Egito Antigo (2022).

Questionar onde fica o Egito e trazer a localização deste território em África. Após visualizar esses vídeos, pesquisar sobre a cultura do Egito antigo, conhecendo o território, e trazer as características da pintura, arquitetura e escultura do Egito Antigo. Criar cartazes trazendo imagens de comparações das obras e arquiteturas do Egito e sua influência no Brasil, como aquelas que aparecem no vídeo Arquitetura do Egito Antigo (2022), por exemplo. Trazer exemplos de arquiteturas africanas contemporâneas e antigas do continente africano, descrevê-las e

reproduzi-las em desenhos ou maquetes, compreendendo também a origem dessa arquitetura situada em seus territórios, culturas e povos.

No Brasil: Conhecer e pesquisar a manifestação da arquitetura africana no Brasil, tais como:

1. Na Ponte de Pedra, situada no Largo dos Açorianos, ponto turístico de Porto Alegre (RS);
2. Nos símbolos da Igreja de Santa Efigênia em Ouro Preto, construída por escravizados e por Chico rei, Rei do Congo, responsável por disseminar a cultura do Congado pelo Brasil, especialmente por Minas Gerais. Dentro da igreja, no teto e portões, há símbolos de origem africana, como chifres de cabra e carneiro, búzios e outros, além das imagens antigas de Nossa Senhora do Rosário, e de santos negros, como Santa Efigênia e São Benedito. Explore este território e a cultura do Congado;
3. No uso do Sankofa em muitos portões e portas brasileiras. O sankofa é um símbolo dos povos Akan/Asante de Gana, Togo e Costa do Marfim (Assistir ao vídeo “O que é Sankofa? Série Adinkras”. Pesquisar sobre os símbolos Adinkra, percorrer as ruas de Araraquara procurando Sankofa nas grades e portões das casas. Peça autorização e fotografe esses portões e portas, mostre as fotos num varal de fotos, painel ou em produção criativa, coletiva ou individual). Conhecer os demais símbolos Adinkra, trazendo a cultura, a língua, as imagens e vídeos, os provérbios, a cartografia dos países onde se localizam os povos Akan, etnia Asante em África, produzindo materiais e jogos, como jogo da memória, etc. Assistir aos vídeos: (1) Sankofa e as influências africanas na nossa arquitetura (2021); (2) Símbolos Adinkra | Mwana Afrika (2022) para conhecer mais. Criar um texto, releitura, jogo ou produção para apresentar esses territórios, suas simbologias, histórias e culturas.



8º ano do Ensino Fundamental e 6º e 7º ano da Educação Integral

Vocês conhecem os territórios em África e os territórios de origem africana e indígena no Brasil? O que se produz nesses espaços? O que se manifesta nesses territórios? Como as comunidades africanas, quilombolas e indígenas se organizam em seus territórios urbanos ou rurais? Que culturas, arquiteturas, ciências, artes, invenções, valores, pinturas, esculturas, festas, música, dança, culinárias, ofícios, profissões, tecnologias e religiosidades manifestam e produzem? Como essas pessoas vivem? Selecione uma ou mais das sugestões de território para pesquisar e mergulhar no conhecimento desses espaços das comunidades, suas terras, memórias, identidades e valores:

Pesquisar sobre as diversas técnicas de construção de origem africana, como: cantaria (construção com pedras), pau a pique, adobe e taipa de pilão, o uso de cozinhas separadas do restante da casa;

Pesquisar sobre a arte, pintura e o artesanato de origem africana e indígena.

Assistir aos vídeos:

1. O artesanato africano: veja como africanos usam a arte para gerar renda e cultivar tradições;
2. Arte Africana (Fome de Saber Arte);
3. Arte Corporal e Facial em África;
4. Moda afro-brasileira e a autoestima ancestral do povo negro;
5. A Moda como Ativismo Indígena com Day Molina.

Apresentar os diversos materiais utilizados na arte, pintura e artesanato segundo as etnias africanas e indígenas escolhidas.

Pesquisar sobre as diversas técnicas de construção de origem indígena como: a conexão das casas e construções por meio de sistemas de encaixe, o uso das folhas, fibras, cipós e troncos de árvores conectados com cipó, que formam as palhas para o fechamento das paredes e dos telhados. Pesquisar também as práticas como caçar, costurar, rastrear, agricultura, navegação e o uso do grafismo, da pintura e da cestaria como identidade dos territórios indígenas segundo seus povos, como os Guarani, Xavante, Kamayurá, Bororo, Manchineri, entre outros.

Assistir aos vídeos:

1. Arquitetura indígena: o que você sabe sobre ela? (2021);
2. A Arquitetura Indígena Enawenê Nawê (2020). Pesquisar as arquiteturas nos territórios indígenas trazendo desenhos, fotos e imagens locais.

Criar um cartaz com desenhos ou imagens dos vários tipos de casas e habitações dos povos de origem africana e indígena no Brasil, em África e no mundo, descrevendo os territórios e povos de origem.

Pesquisar as arquiteturas de quilombos no Brasil trazendo imagens, histórias e descrições desses lugares.

Assistir aos vídeos:

1. Uma imersão no Quilombo dos Palmares (2022);



2. 5 fatos sobre Quilombo dos Palmares que todos deveriam saber (2021).

Criar e reproduzir (em maquetes, desenhos ou imagens) a organização do território do Quilombo dos Palmares com suas habitações, plantações e lideranças do quilombo. Retratar a união dos mocambos para formar o Quilombo dos Palmares, ressaltando a presença e parceria com povos indígenas.

Questionar: o que é quilombo? O que significa

mocambo?

Pesquisar sobre os quilombos e suas variações de nomes nas Américas, tais como: Cumbes na Venezuela; Palenques na Colômbia; Maroons na Jamaica e Estados Unidos; Cimarronaje em Cuba e Porto Rico; Maronage (Marronage) no Haiti, por exemplo.

Criar cartazes, textos, maquetes e produções para expressar o saber adquirido.

9º ano do Ensino Fundamental e 8º e 9º ano da Educação Integral

Vocês conhecem os territórios em África e os territórios de origem africana e indígena no Brasil? O que se produz nesses espaços? O que se manifesta nesses territórios? Como as comunidades africanas, afro-brasileiras, quilombolas e indígenas se organizam em seus territórios urbanos ou rurais? Que culturas, arquiteturas, ciências, artes, invenções, valores, pinturas, esculturas, festas, música, dança, culinárias, ofícios, profissões, tecnologias e religiosidades manifestam e produzem? Quais os desafios e as dificuldades nesse território? Como essas pessoas vivem?

Selecione uma ou mais sugestões de território para pesquisar e mergulhar no conhecimento desses espaços, das cidades, das comunidades, de suas terras, memórias, identidades e valores. Em suma, conhecer e pesquisar territórios de presença e origem africana e indígena, tais como:

1. Timbuktu, cidade no Mali na África, fundado

sob o reinado do Rei Mansa Musa do Império do Mali, a pessoa mais rica que já existiu no mundo;

2. Kemet (Egito antigo), palavra escrita em Medu Neter, a linguagem escrita mais antiga do mundo. Kemet refere-se ao Egito antigo antes das invasões gregas, quando era composto por pessoas africanas de diversas partes de África. O Egito é negro;

3. Machu Picchu, cidade do Império Inca no Peru;

4. Aldeia Maracanã, no Rio de Janeiro;

5. Aldeia Kapô Hoe, no Amapá;

6. Aldeias do Xingu, no Mato Grosso;

7. Aldeias Sateré Mawé, no Amazonas;

8. Reserva Pataxó da Jaqueira em Porto Seguro, na Bahia;

9. Aldeia Marçal de Souza, Campo Grande, Mato Grosso do Sul;

10. Quilombo da Fazenda, em Ubatuba, São Paulo;

11. Quilombo Mumbuca em Mateiros, Tocantins (Jalapão);

12. Quilombo Kalunga em Cavalcante, Goiás (Chapada dos Veadeiros);

13. Quilombo Sacopã, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas (quilombo urbano);

14. Rota dos Quilombos no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais;

15. Quilombo Pedra do Sal (quilombo urbano);

16. Quilombo do Camorim, no bairro Jacarepaguá, Rio de Janeiro (abordar a luta dos quilombos urbanos contra a especulação imobiliária das cidades que foram se expandindo para áreas anteriormente isoladas e periféricas);

17. Comunidades Quilombolas do Recôncavo Baiano em Cachoeira, Bahia (a região possui 14 comunidades quilombolas). Identifique, selecione, pesquise e descreva um quilombo da região do Recôncavo Baiano na Bahia; aprofunde-se na história do quilombo escolhido dessa região, traga vídeos, personagens e imagens do quilombo escolhido;

18. Pesquisar as universidades mais antigas do mundo que são africanas (antecessoras das universidades no mundo ocidental), como: a Universidade de Al-Qarawiyyin (ou Al-Karaouine), fundada em 859, na cidade de Fez, Marrocos, África; a Universidade de Alazar (ou Al-Azhar), fundada em 970, no Cairo, Egito, África; e a Universidade de Sankoré (ou Sankoré), fundada 988 pelo Rei

Mansa Musa em Tombuctu, no Mali, África Ocidental. Criar um cartaz de ranking com imagens e descrição das universidades mais antigas do mundo, mostrando as africanas e outras do mundo por data de criação e localização (explore a cultura local do território dessas universidades, o estilo arquitetônico e os saberes que produziam, entre outros);

19. Pesquisar civilizações africanas e indígenas da antiguidade: reinos, impérios, etc;

20. Pesquisar as histórias e trajetórias de rainhas africanas, mulheres guerreiras e lideranças, tais como: Makeda, Nzinga, Amina, Yaa Asantewaa, Amanishakheto, Hatshepsut, Tiye, Nefertiti, Nefertari, Dihya (Kahina), Ranavalona I, Nehanda, Mino, Candaces e Nandi ka Bhebhe, entre outras;

21. Pesquisar as demarcações de terras, reservas e parques indígenas, como a Reserva Raposo do Sol, o Parque Nacional do Xingu, entre outros territórios indígenas em contexto urbano ou rural;

22. Construir um mapa que aponte as localizações das terras, das aldeias e dos povos indígenas no Brasil, de uma região ou estado, por exemplo;

23. Construir um mapa entre Brasil e África que aponte os fluxos e as regiões de origem dos/as africanos/as que aportaram no Brasil, considerando as seguintes regiões africanas, conforme consta na apresentação da Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX - Volume II (Silvério, 2013, p. 13):

1) África Ocidental: povos sudaneses e/ou iorubas (nagôs, ketus, egbás); gegês



(ewês, fons); fanti-ashanti (genericamente conhecidos como mina); povos islamizados (mandingas, haussas, peuls);

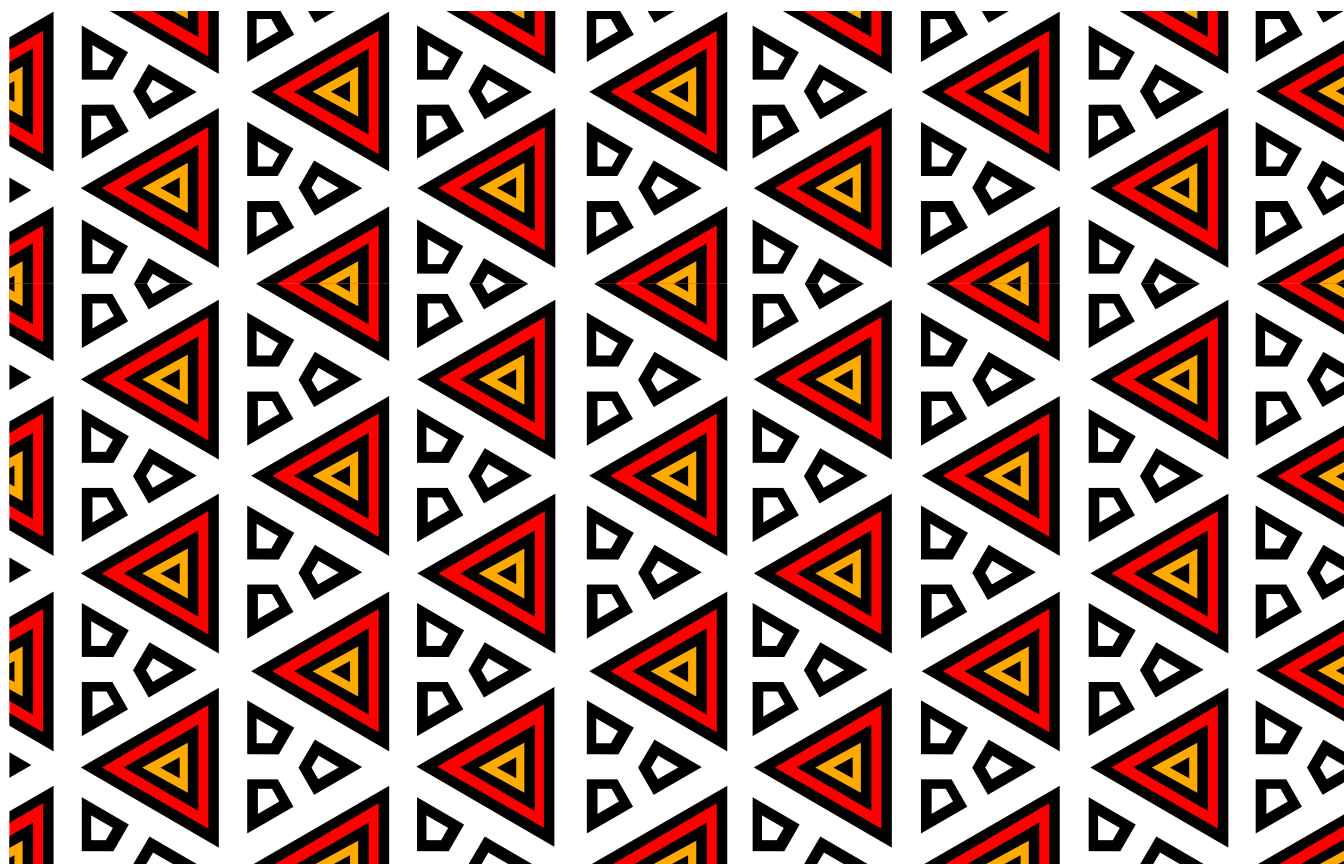
2) África Central: povos bantos: bakongos, mbundo, ovimbundos, bawoyo, wili (isto é, congos, angolas, benguelas, cabindas e lo-angos);

3) África Oriental: os conhecidos como moçambiques.

Criar textos, cartazes, maquetes ou outras produções que expressem o saber adquirido. Pesquisar e conhecer povos e pessoas africanas, indígenas e quilombolas que residem e atuam

em todos os contextos, urbanos e rurais, produzindo arte, arquitetura e edificações e outras ciências e conhecimentos que transmitem suas culturas, modos de vida, de resistência e existência nos territórios que residem e atuam.

Ao pesquisar esses territórios, é interessante trazer, por exemplo, a discussão socioambiental de preservação e conservação da natureza a partir das comunidades quilombolas e indígenas. Povos indígenas e quilombolas são detentores de conhecimentos, ciências e técnicas que preservam a biodiversidade da natureza devido às conexões profundas com a fauna e a flora, que possuem por meio de suas culturas e tradições (Brasil, 2023).



BIBLIOGRAFIA DA CONCEPÇÃO DAS ATIVIDADES E DOS TEMAS ARTICULADORES DO EHCAAQI

ANDRADE, Rani. Representatividade: o que isso significa? Portal Politize, maio de 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/representatividade/>.

BANIWA, Gersem Luciano. Educação para manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Contra Capa; Laced, 2013.

_____. *Saberes Indígenas*. UFRGS. Quais os caminhos para escola sonhada? Youtube, 13 de março de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-YBst5erF_U.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. Acesso em: 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/07/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>.

BRASIL. Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/orientacoes_acoes_miolo.pdf.

_____. Parecer n.º: CNE/CP 003/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação: Brasília, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cne-cp_003.pdf.

_____. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. A importância dos povos indígenas para a preservação da natureza. Publicado em 19/04/2023. Acessado em 10. Mai. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2023/abril/a-importancia-dos-povos-indigenas-para-a-preservacao-da-natureza>.

CAMEU, Helza. Instrumentos musicais dos indígenas brasileiros, catálogo da exposição. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, FUNARTE, 1979. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Acameu-1979-instrumentos/Cameu_1979_InstrumentosMusicaisIndigenas.pdf.

CUNHA, Débora Alfaia da. Brincadeiras africanas para educação cultural. Castanhal - PA. Edição do autor. 2016. Disponível em: página 42 do livro https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Tecnologia africana na formação brasileira. Rio de Janeiro: CeaP, 2010. Disponível em: https://cpvceasm.files.wordpress.com/2019/05/cadernotecnologias-africanas_ceap_vf.pdf.

_____. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. Revista Espaço Acadêmico, 9(102), páginas 97-103, 2009.

DAVIS, Angela. Palestra “A liberdade é uma luta constante”, ocorrida no Auditório Ibirapuera em São Paulo, em 21 de outubro de 2019.

DIOP, Cheikh Anta. Civilization or barbarism: an



authentic anthropologic. Nova York, Westport, Laurence Hill & Company, 1981.

FERREIRA, D. da S. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência Geográfica. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 9, n. 17 Abr., p. 111–135, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/19883>.

FONSECA, Dagoberto José. O fazer científico e o conhecimento africano: pistas e esboços – um breve diálogo, mas necessário. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 13(36), 7–31, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1251>.

_____. et al. “O continente africano, seu legado e suas histórias”. In: SOUZA JR., V. C. de. *Nossas Raízes Africanas*. São Paulo, Atabaque, Centro Atabaque: Cultura negra e teologia, 2004b.

_____. África – Desconstruindo mitos. Secretaria de Educação Municipal de São Paulo, CEE – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade: São Paulo, 2009.

_____. De migração em migração se constroem impérios, reinos e cidades: o africano no contexto da globalização. In: MALOMALO, Bas'ilele; FONSECA, José Dagoberto; BADI, Mbuyi Kabunda (Org.). *Diáspora africana e migração na era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho*. Curitiba: CRV, 2015, p. 17-34.

_____ (Org.). *As Mentiras do Ocidente*. Selo Negro: São Paulo, 2022.

GASPAR NETO, V. V.; SANTOS, R. V. A cor dos ossos: narrativas científicas e apropriações culturais sobre “Luzia”, um crânio pré-histórico do Brasil. *Mana*, v. 15, n. 2, p. 449–480, out. 2009.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/yXHphFx8mLSY3TkxzDCqL6d/?format=pdf&lang=pt>.

GRANDO, Beleni Saléte (Org). Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922047/mod_resource/content/1/jogosCulturasIndigenas_Beleni.pdf.

GELEDÉS. 10 inovações tecnológicas desenvolvidas na África (2014). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/10-inovacoes-tecnologicas-desenvolvidas-na-africa/>.

GYEKE, Kwame. African cultural values: an introduction. Accra-Ghana, Sankofa Publishing Company, 2002.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2003.

LUZ, Marco Aurélio. Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2000.

MALVA, Pamela. 11 invenções de nativos americanos que são usadas hoje. *Aventuras na escola*, 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/11-invencoes-de-nativos-americanos-que-ainda-sao-usadas.phtml>.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Povos indígenas vêm à ALMG cobrar efetivação de seus direitos. Disponível em: www.almg.gov.br

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo. Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf.

PAIXÃO, Amaralina Câmara da. Brinquedos e brincadeiras: uma influência de África em nosso cotidiano. EADTec/UFRPE: Camaçari, 2021.

PINTO, Helen Santos Pinto; SILVA, Luciana Soares da; NUNES, Míghian Danae Ferreira (Orgs). Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras. São Paulo: Aziza Editora, 2022. Disponível em: <https://anansi.ceert.org.br/biblioteca-pdf/catalogo-jogos.pdf>.

PORVIR. Inovações em educação. Disponível em: <https://porvir.org/>. Acesso em: 01 mar. de 2024.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: _____; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos. 1ª ed. São Paulo. Expressão Popular, 2009. p. 73-94.

SCHNEIDER, Fernanda Chagas (org). Escola para Todos: promovendo uma educação antirracista. Planos de aula comentados/autoras: Fernanda Chagas Schneider, Carolina Chagas Schneider. Organizador: Fundação Telefônica Vivo – São Paulo, 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: Superando o racismo na escola. Ministério da Educação: Brasília, 2008.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX. Volume II. Coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha e Muryatan Santana Barbosa. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227008>
SOUZA, Tatiane Pereira de. Áfricas: processos educativos presentes no Terno de Congada Chapéus de Fitas. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Orientadora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Universidade Federal de São Carlos, 2012.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In.: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 11-15. Acesso em: 19.fev. 2024. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/07/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>.

VIANNA, Márcia Serra Ribeiro. Considerações sobre música e instrumentos musicais indígenas. Revista do Arquivo Municipal. São Paulo, 1986. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Avianna-1986-consideracoes/Vianna_1986_ConsideracoesSobreMusicaElInstrMusIndig.pdf.

Sugestão de vídeo - Caminhos para uma educação antirracista. Disponível em: <https://youtu.be/ihQxsZvbNH8>



SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS PARA OS TEMAS ARTICULADORES DO EHCAAQI E AS ATIVIDADES

IDENTIDADE

Textos

1. Artigo - Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. Autor: Renato Nogueira. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5120/512058179006/html/> (direcionado ao 9º ano).

2. Artigo - Teko Porã: a filosofia do bem viver na sabedoria guarani. Disponível em: <https://www.fiquebem.org.br/julho2022/teko-por%C3%A3-a-filosofia-do-bem-viver-na-sabedoria-guarani>.

3. Artigo - Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Autora: Nilma Lino Gomes. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sG-zxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>.

4. Artigo - Identidade Quilombola e Território (ler sobretudo o tópico Território étnico e a construção da identidade quilombola). Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografia-cultural/120.pdf>.

5. Artigo - Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de alagoas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/HQ9q3vV8g3GmkDxDmVjpM6k/?format=pdf&lang=pt>.

6. Artigo - Povos indígenas na rede das temáticas escolares: o que isso nos ensina sobre iden-

tidades, diferenças e diversidade? Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteras/2010/vol10/no1/6.pdf>.

7. Artigo - Os outros, quem somos? Formação de professores indígenas e identidades interculturais. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/3MS-fssT6vbfTYNrKb8mScZb/?format=pdf&lang=pt>.

8. Artigo - O processo educativo: cultura e identidade indígenas - Claudio Luiz Orço e Reinaldo Matias Fleuri. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2044/1274>.

Vídeos:

Sobre pessoas africanas, afro-brasileiras, negras:

1. Você quer saber o que é uma etnia africana? Disponível em: <https://youtu.be/mei5yKlgUQ8>.

2. Traços de identidade africana (P1). Disponível em: https://youtu.be/j4n_82bTGYE.

3. Para uma consciência da identidade negra na escola. Disponível em: <https://youtu.be/lcAk9NPuRiw>.

4. Construção da identidade negra. Disponível em: <https://youtu.be/rwbhJq3oKMU>.

5. Entenda a importância de falar sobre identidade afro-brasileira. Disponível em: <https://youtu.be/yoi2ccE1f40>.

6. A Invisibilidade da Identidade Negra na educação. Disponível em: <https://youtu.be/19hbdMTbk8c>.

Sobre povos indígenas:

1. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/SBCgBqSahZ0>.
2. Quem são os povos indígenas brasileiros? Coluna: Daniel Munduruku. Disponível em: <https://youtu.be/KwAxLtqnkmg>.
3. Quantas línguas indígenas o Brasil tem e como é escutá-las? Disponível em: <https://youtu.be/-dKBt5btcq0>.
4. Povos indígenas do Brasil com Cristian Wari'u Tseremey'wa. Disponível em: https://youtu.be/unkNJF_mlnQ.
5. Tradição e valores morais - Culturas indígenas. Disponível em: <https://youtu.be/UaCEY4gnyY0>.
6. Como realmente era a América antes da chegada de Colombo?. Disponível em: <https://youtu.be/SSV1YvTarck>.
7. Quem define QUEM É INDÍGENA? Disponível em: <https://youtu.be/mOHRf3HBFQY>.

Sobre comunidades quilombolas:

1. Educação Escolar Quilombola. Palestra Profa. Dra. Nilma (parte 1). Disponível em: <https://youtu.be/MDhbq-NMpAl>.
2. Educação Escolar Quilombola. Palestra Profa. Dra. Nilma (parte 2). Disponível em: <https://youtu.be/0cSWji72wTc>.
3. Identidade quilombola. Disponível em: https://youtu.be/_yrYZwnjeol.
4. Quilombo é resistência e organização. Disponível em: <https://youtu.be/zNCCeOqjpVI>.
5. Nego Bispo – Trajetórias. Disponível em: <https://youtu.be/Tqt9BnrolFg>.

[tps://youtu.be/Tqt9BnrolFg](https://youtu.be/Tqt9BnrolFg).

6. Nego Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola. Disponível em: <https://youtu.be/gLo9ZNdGJxw>.
7. Sou Quilombola, Kalunga, Brasileira, mas sou da África. Conheça a história do povo Kalunga! Disponível em: <https://youtu.be/3kQBF0ee29c>.

TEMAS QUE TRANSVERSALIZAM COM A IDENTIDADE:

1. Ancestralidade e sua presença na cultura diaspórica com a Profa. Dra. Katiúscia Ribeiro. Disponível em: <https://youtu.be/h03cAD1EKNw>.
2. Ancestralidade Africana. Disponível em: <https://youtu.be/KXbtRmoEKQE>.
3. Ancestralidades. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nO7JDLwc_M8&list=PLaV4cVMp_odyCJFGSIk6tbvE2rZ5PDxM-d&pp=iAQB.
4. Memória: resgate, registro e resistência. Disponível em: https://youtu.be/3NZBwsEhyrg?list=PLaV4cVMp_odxz2tGGyNavsQFK92oNRZ_i.

CORPOREIDADE E ESTÉTICA

Textos

1. Artigo - A estética negra e as possibilidades de emancipação na leitura de imagens. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cp-menu/7177/Artigo_1__Est_tica_Negra_e_Leitura_de_Imagens_15591506314227_7177.pdf.
2. Artigo – “Enfeita-Me, Enfeita-Me”: Corpo, Luta e Cosmologia na Arte Indígena Guaranikaiowá. Disponível em: <https://revistaft.com.br/enfeita-me-enfeita-me-corpo-luta-e-cosmologia-na-arte-indigena-guaranikaiowa/>.



3. Artigo - Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG-5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>.

4. Artigo - Estética e filosofia da arte africana: uma breve abordagem sobre os padrões estéticos que conectam África e sua diáspora. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/problemata/article/view/53634/30947>.

5. Artigo - Livro - Estéticas indígenas [ebook] Colóquio de Estética da FAFIL/UFG (2019). Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Esteticas_Indigenas_-_ebook.pdf.

6. Texto - Diferentes modos de ser belo. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=15&id=141>.

7. Texto - O Corpo na Arte Africana. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/o-corpo-na-arte-africana>.

8. Texto - Pinturas corporais indígenas são marcas de identidade cultural. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/9573-pinturas-corporais-indigenas-sao=-marcas-de-identidade-cultural#:~:text=Os%20ind%C3%ADgenas%20carregam%20no%20corpo,de%2015%20a%2020%20dias>.

Vídeos

1. Arte Corporal e Facial em África. Disponível em: <https://youtu.be/EL2LtUsHUdw>

2. Moda afro-brasileira e a autoestima ancestral do povo negro. Disponível em: <https://youtu.be/h10fCzslf-g>.

3. A Moda como Ativismo Indígena com Day Molina. Disponível em: <https://youtu.be/Omi-1-ypaWNw>.

1-ypaWNw.

4. Descolonização da moda indígena. Disponível em: <https://youtu.be/rZ78AVYfAgM>.

5. Turbante, coroa da Mulher Africana. Disponível em: <https://youtu.be/70Y0KID9DYU>.

6. Tranças e penteados no cabelo da Mulher Africana. Disponível em: https://youtu.be/LP-q0i_ibuJc.

7. Conheça a história do turbante. Disponível em: <https://youtu.be/hHuAsAKDR6w>.

8. Pinturas indígenas e seus significados. Disponível em: https://youtu.be/vWmZKwS_tWM.

9. Grafismo e culturas indígenas: arte, manifestação cultural e tradição. Disponível em: <https://youtu.be/VsOlR2c6XLo>.

10. Grafismo Indígena - We'e'ena Tikuna. Disponível em: <https://youtu.be/sFKxSJZJhEQ>.

ANTIRRACISMO

Textos

1. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84806306.pdf>.

2. A construção de uma pedagogia antirracista como estratégia revolucionária. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/90877145/978-65-86678-02-4-0-f-libre.pdf?1662846245=&response=-content-disposition-inline%3B+filename%3DA_construcao_de_uma_pedagogia_antirracis.pdf&Expires=1710428747&Signature=WCKj5W49OU-8QTKt0MfZQSMb1mJ~eSXzrHHh3RZL7K0TyET81Y-CbMwZwAh4S4oB9AMneZ3KpMY3Fxlzfz-

7qHlpsilambapqKyV7Flib0fabouC-E1faA~zoVv1L9Pki62WDpJERhcxW7ngwj55xHT-tFLnS618ZrA4rUvvL-p57imzH5BtENZmR7y-dUEtNfkmRfFXp6Y3C2sP8H4hyxgT1ibNm-NfHUJlTF4D9YvNifBeFXPtwoVPBlFPyWhB-3nO5z6Bhs2tyKnQQgwTzL58yX~ELJuyYa-jPnSIKbE0uciQTlI8T5AMGLldmMjnd5jd-Gy2nOgeopOXlPd0fQCl7ZRB4A__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA.

3. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28253>.

Vídeos:

1. Mestre Carlos Moore e a consciência histórica do racismo. Disponível em: https://youtu.be/RhLL_kC3nTY

2. A Última Abolição. Disponível em: <https://youtu.be/a8ShDrgA3Qc>.

3. 3. Racismo existe? Disponível em: <https://youtu.be/g37oqhTvroA>

4. Entenda o que é racismo estrutural! Disponível em: <https://youtu.be/lryL8ZAMq-E>.

5. Qual o lugar do branco na luta antirracista? | Lia Vainer Schucman. Disponível em: <https://youtu.be/q6tSIHzpFTc>

6. Desafios de ser indígena | Tukumã Pataxó. Disponível em: <https://youtu.be/CGeLxP5BPfs>.

7. Racismo contra Indígena. Disponível em: <https://youtu.be/AqGlanOaVWI>.

8. ‘Esse lugar também é meu’: Indígenas denunciam preconceito nas cidades brasileiras. Disponível em: <https://youtu.be/GFBUG-jdSWI>.

9. Intelectuais indígenas combatem falta de conhecimento sobre seus povos. Disponível em: <https://youtu.be/4H066sr6e5g>.

10. 8 relatos sobre como é ser negro no Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/fl6tvDlTJbg>.

11. O racismo é perigoso na educação das crianças. Disponível em: <https://youtu.be/KZG-Nu4NcWLs>.

12. Entenda o que é consciência racial. Disponível em: https://youtu.be/8j_1NGDlj2I.

DANÇA E MUSICALIDADE

Sambas-enredo, danças e músicas:

1. “Capítulo 4, Versículo 3 – Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano” - Samba-enredo da Vai-Vai, carnaval de 2024. Disponível em: <https://youtu.be/Lv5EZHxx8ww>.

2. “O Som da Cor”, Samba-enredo da Vila Isabel, carnaval de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVnHselZ04A>.

3. “Heranças Bantos” música do Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil, Curuzu - Salvador/BA. Disponível em: <https://youtu.be/HGkSj0N6JRU>.

4. Faixa 1 do CD “Rota dos Tambores” de 2004 do Ilê Aiyê. Disponível em: https://youtu.be/pn-dwx_tEgRY.

5. “História pra ninar gente grande”, Samba-enredo da Mangueira, carnaval de 2019. Disponível em: <https://youtu.be/JMSBisBYhOE>.

6. “Um Defeito de Cor”, Samba-enredo da Portela de 2024. Disponível em: <https://youtu.be/WVEZT6EuEqU>.

7. “Arroboboi, Dangbé”, Samba-enredo da Vira-



douro, carnaval de 2024. Disponível em: <https://youtu.be/jnU7n5xY0Uw>.

8. “Candaces, mulheres guerreiras. Na luta, justiça e liberdade. Rainhas soberanas Florescendo pra eternidade”, Samba-enredo dos Acadêmicos do Salgueiro, carnaval de 2007. Disponível em: https://youtu.be/Y_GDjnGHScg.

9. “Somos filhos da natureza”, música do povo indígena Pataxó. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RFjYTXLBkf8>.

10. Awêhy Tupã, música cantada por Akurinã Pataxó, indígena do povo Pataxó. Disponível em: <https://youtu.be/l33ZGL0dVcl>.

11. “Por Dentro da Terra”, música da cantora Kaê Guajajara, indígena do povo indígena Guajajara. Disponível em: <https://youtu.be/gcZvckHKfPk>.

12. Música “Bling Bling” da cantora Katú Mirim, indígena povo Boe Bororo. Disponível em: <https://youtu.be/vtBDAM4cSRA>.

13. “Hino Nacional Brasileiro” cantado por Djue-na Tikuna e a Tainara Kambeba em suas respectivas línguas indígenas. Disponível em: <https://youtu.be/PD5jBRazAo>.

14. “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”, Samba-enredo G.R.E.S. Paraíso do Tuiutí, carnaval de 2018. Disponível em: <https://youtu.be/aykxVYBHxEk>.

15- “A Coisa Tá Preta”, música cantada por Rincon Sapiência. Disponível em: <https://youtu.be/FsTTvHoLxEA>.

16. “África Minha”, música cantada por Plutônio feat. Bonga. Disponível em: https://youtu.be/ZtB4cHI9_Uw.

17. “Brasiléia Desvairada - A Busca de Mário de Andrade Por Um País”, Samba-enredo da Mocidade Alegre, carnaval de 2024. Disponível em: https://youtu.be/-KZloL_FSUw.

18. “Que Jongue”, cantada pelo Jongo da Serriinha. Disponível em: <https://youtu.be/JFrF0hXq-3Zw>.

19. “Ajuricaba, um herói amazonense”, Samba-enredo de 1976 da Unidos de Padre Miguel. Disponível em: <https://youtu.be/leO7i-w6KJc>.

20. “Negro drama”, música cantada pelo Racionais MCs. Disponível em: <https://youtu.be/APv-nqdcg8Z4>.

21. “Razões Africanas”, canção de Lúcio Sanfilippo. Disponível em: <https://youtu.be/RqcAfpq-SOMk?list=RDMMJFrF0hXq3Zw>.

22. Akia e o Ngere, dos povos Suyá no Parque Nacional do Xingú, no Mato Grosso. Disponível em: <https://www.sonsdasvertentes.ufsj.edu.br/tacape/m%C3%BA-sica-ind%C3%ADgena---a--arte-vocal-dos-suy%C3%A1>.

23. Aldeia Sagrada, Akurinã Pataxó. Disponível em: <https://youtu.be/mwkF9QKohyw>.

24. Nação indígena Jiripanko. Disponível em: <https://youtu.be/gQ8JqcgFXjg>.

25. Coral Guarani Tenonderã. Disponível em: <https://youtu.be/DH0Sv-gPwnw>.

26. Araruna. Disponível em: <https://youtu.be/t4hol8n-hPo>.

27. Cantoria Tradicional Huni Kuin Kayatibu. Disponível em: <https://youtu.be/DBIVIXxbwJE>.

28. Kworro Kango. Disponível em: <https://youtu.be/>

be/TQNMkijnjq-w.

29. Alok Performs from the Amazon in Brazil. Disponível em: https://youtu.be/omUN_Y0Q_sg

30. Música Yanomami. Disponível em: <https://youtu.be/JqvEw33Q0Ww>.

31. “Canta Canta Passarinho”, música cantada pelo Pajé Txana Mashã Huni Kuin, do povo indígena Huni Kuin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mCTWsvCHOns>.

32. Axé de Iangá (Pai Maior), música cantada por Dona Ivone Lara e Jongo da Serrinha. Disponível em: <https://youtu.be/8nkdHm2UANI>.

33. Jongo da Serrinha, Festa De Jongueiro. Disponível em: <https://youtu.be/4mzuPOLqUbY?list=RDJFrF0hXq3Zw>.

34. Jongo da Serrinha, Prece A Vovó Maria Joana. Disponível em: <https://youtu.be/63a8ErWePHM>.

35. Álbum “O Canto dos Escravos”, contendo cantos ancestrais dos negros benguelas de São João da Chapada e Quartel do Indaiá, povoados de Diamantina, Minas Gerais, cantados por Clementina de Jesus, Tia Doca, Geraldo Filme. Disponível em: <https://youtu.be/s9Jr82TyOTw>.

36. “Fulkaxó, ser e viver Kariri-Xocó”, apresentação do toré. Disponível em: <https://youtu.be/fEn-LLYMNpg>.

37. Terno de Congo Chapéus de Fitas de Olímpia-SP. Capitão José Francisco Ferreira e Capitã Edna Ferreira (in memorian). Disponível em: <https://youtu.be/m49ojVA0Lw8>.

Textos

1. Tambores: das raízes africanas à musicalida-

de no Brasil. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/5720/1/joseanecar-memxavierlazarry.pdf>.

2. Arte, Contexto e Culturas Indígenas. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2018v-20n1p163/37474>.

3. Música indígena brasileira – filtragens e apropriações históricas. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2422/1512>.

Vídeos:

1. África é Música. Disponível em: <https://youtu.be/U7iOuqwxWQc>.

2. A Dança Tradicional Africana. Disponível em: <https://youtu.be/V6Qr9IsdTw4>.

3. Batuques e Tambores em África. Disponível em: https://youtu.be/JrAuz8O_N7k.

4. Danças Africanas e suas diásporas no Brasil, Luciane Ramos. Disponível em: <https://youtu.be/tP206mrqm98>.

LITERATURA

Textos

1. A influência da Literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25625/18649>.

2. A literatura africana de expressão portuguesa e a construção da identidade afro-brasileira. Disponível em: https://www.revistadoisat.com.br/numero11/1%20Carolina_Literatura_Africana.pdf.



3. Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças? Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8774/5830>.

4. A literatura infanto-juvenil indígena brasileira e a promoção do letramento multicultural. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/107454/118794>.

5. Narrativas sobre Povos Indígenas na Literatura Infantil e Infanto-Juvenil. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem04pdf/sm04ss03_02.pdf.

6. Literatura infanto-juvenil indígena como resistência e potência na educação para as relações étnico-raciais. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/index.php/semlic/article/view/598/453>.

Vídeos

1. A literatura indígena: conhecendo outros Brasis. Disponível em: <https://youtu.be/gKVO-XmuEbwU>.

2. Literatura Indígena com Daniel Munduruku. Disponível em: https://youtu.be/ixkX2e_aDQQ.

3. A literatura como direito humano | Bel Santos. Disponível em: <https://youtu.be/h3vDVjzfzQ0g>.

4. Uma visão decolonial dos conhecimentos científicos. Disponível em: <https://youtu.be/26Q0CZgPSgk>.

5. Literatura infantojuvenil afrocentrada, representação negra e representatividade. Disponível em: https://youtu.be/vUBRq6Pv_AE.

6. O negro na literatura infantil: por uma educação literária antirracista. Disponível em: <https://youtu.be/XPTD0dHKdeE>.

7. Fafá Conta Histórias - Literatura Antirracista. Disponível em: <https://youtu.be/3cWSiHUanVo>.

8. Literatura afro-brasileira - Conexão Futura - Canal Futura. Disponível em: https://youtu.be/oc-GF_n9Vvk.

9. Literatura indígena - Conexão Futura - Canal Futura. Disponível em: <https://youtu.be/WZjf-VX1pH5g>.

10. Sugestões de leitura de livros e contação de histórias no Canal Afroinfância. Disponível em: <https://www.youtube.com/@afroinfancia6452>.

LUDICIDADE

Brincadeiras e Jogos

1. Balabburo na página 42 do livro. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf.

2. Brincadeira da ema na página 3 do catálogo. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922050/mod_resource/content/1/Guia%20de%20jogos%20e%20brincadeiras.pdf#:~:text=O%20aluno\(a\)%20que%20representa,imitando%20o%20caminhar%20da%20ema.&text=representa%20ema%20vai%20tentar%20escapar](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922050/mod_resource/content/1/Guia%20de%20jogos%20e%20brincadeiras.pdf#:~:text=O%20aluno(a)%20que%20representa,imitando%20o%20caminhar%20da%20ema.&text=representa%20ema%20vai%20tentar%20escapar).

3. Brincadeira da onça. Disponível em: <https://territoriobrincar.com.br/brincadeiras/brincadeira-da-onca-2/>.

4. Brincadeira do Tucunaré. Disponível em: <https://territoriobrincar.com.br/brincadeiras/brincadeira-do-tucunare-2/>.

5. Brincadeira sucuri na página 102 do livro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922047/mod_resource/content/1/jogosCulturasIndigenas_Beleni.pdf.
6. Brincadeiras africanas: “Fogo na montanha” | Quintal da Cultura. Disponível em: https://youtu.be/8GRRNxQjf_A.
7. Brincadeiras e jogos - brincadeira africana. Disponível em: <https://youtu.be/f278yyxGWdA>.
8. Comboio na página 36 do livro. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf.
9. Corrida do maracá na página 7 do catálogo. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922050/mod_resource/content/1/Guia%20de%20jogos%20e%20brincadeiras.pdf#:~:text=O%20aluno\(a\)%20que%20representa,imitando%20o%20caminhar%20da%20ema.&text=representa%20ema%20vai%20tentar%20escapar](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922050/mod_resource/content/1/Guia%20de%20jogos%20e%20brincadeiras.pdf#:~:text=O%20aluno(a)%20que%20representa,imitando%20o%20caminhar%20da%20ema.&text=representa%20ema%20vai%20tentar%20escapar).
10. Dosu na página 40 do livro. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf.
11. Ftifti na página 49 do livro. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf.
12. Matacuzana. Disponível em: <https://nova-escola.org.br/conteudo/18551/5-brincadeiras-africanas-para-voce-ensinar-aos-seus-alunos>.
13. Igba-ita na página 43 do livro Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf.
- cacao.pdf.
14. Jogo da bandeirinha na página 109 do livro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922047/mod_resource/content/1/jogosCulturasIndigenas_Beleni.pdf.
15. Jogo da Onça. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/o-jogo-da-onca/.
16. Jogo Mancala. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos-pde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_edfis_pdp_reginaldo_da_silva.pdf.
17. Marimbondo com ninho na página 116 do livro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922047/mod_resource/content/1/jogosCulturasIndigenas_Beleni.pdf.
18. Neéz degúiaan na página 28 do livro. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf.
19. Nyaga Nyaga Nya (com MakeTume) na página 47 do livro. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/196/1/Livro_BrincadeirasAfricanasEducacao.pdf.
20. Olha a laranja madura na página 118 do livro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922047/mod_resource/content/1/jogosCulturasIndigenas_Beleni.pdf.
21. Peixinho do Mar - Barbatuques. Disponível em: <https://youtu.be/qwG8CQVqZ5U>.
22. Pião de tucumã ou de cabaça (Comunidade Indígena Panará - PA). Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras/piao-de-tucuma-ou-de-cabaca/>.



23. PINTO, Helen Santos Pinto; SILVA, Lucia-na Soares da; NUNES, Míghian Danae Ferreira (Orgs). Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras. São Paulo: Aziza Editora, 2022. Disponível em: <https://anansi.ceert.org.br/biblioteca-pdf/catalogo-jogos.pdf>.

24. Samba Lelê - Barbatuques | Tum Pá. Disponível em: https://youtu.be/_Tz7KROhuAw.

25. Site Dia a Dia Educação. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_edfis_pdp_reginaldo_da_silva.pdf.

26. Site Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf>.

27. Site Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18551/5-brincadeiras-africanas-para-voce-ensinar-aos-seus-alunos>.

28. Touro bravo na página 101 do livro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7922047/mod_resource/content/1/jogos-CulturasIndigenas_Beleni.pdf.

29. Brincar indígena. Disponível em: <https://youtu.be/Ot8lpxY8BL0>.

Brinquedos

1. Senha Verde - Bonecas do Quilombo. Disponível em: <https://youtu.be/cPzyQ6MffjE>.

2. Abayomi: Boneca Preta Brasileira - Lena Martins. Disponível em: <https://youtu.be/34Ek-5GV11wQ>.

3. Boneca Abayomi. Disponível em: <https://youtu.be/zuRzkqzeKas>.

4. Peteca, um jogo indígena. Disponível em: <https://youtu.be/EyfCTPdKGKQ>.

5. Fabricando o brinquedo Holá. Disponível em: <https://youtu.be/NZtd8rn9usk>.

6. Boneca Ritxoko. Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em: <https://youtu.be/-8X2No-bAAN8>.

7. Como jogar mancala? Disponível em: https://youtu.be/9SKDFar7_14.

8. Jogo da Memória Adinkra. Disponível em: <https://youtu.be/b9R94YTwMHU>.

RELIGIOSIDADE

Textos

1. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7738>.

2. Cultura e religiosidade: o compromisso da escola com a afirmação da identidade afro-brasileira. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/3615/2887>.

3. Formação docente para a educação das relações étnico-raciais: o indígena e o negro no Brasil. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/repecult/article/view/548/548>.

4. O ensino das religiões de matrizes africanas na escola fundamental. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/xmlui/bitstream/>

handle/123456789/207/Wilame%20da%20Silva%20Lima.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

5. Religiosidade de matriz africana: desconstruindo preconceitos (com sugestões de atividades). Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/07/MODOS-BRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf#page=58>

6. Apontamentos sobre a dinâmica da religiosidade do Povo Indígena Xakriabá a partir da Relação Afroindígena. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/33139/21952>.

7. Aspectos da religiosidade do povo indígena Xakriabá. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/4222/3782>.

8. Jurema: pontos cantados e memória imaterial. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/Revistadoceres/article/view/15083/9957>.

Vídeos

1. Espiritualidade Indígena - Conversa com Kaká Werá. Disponível em: <https://youtu.be/XgAmlv3Jqzs>.

2. Povos indígenas do Brasil e a espiritualidade indígena, mas não como você imagina. Disponível em: <https://youtu.be/YPz3uyEvZDM>.

3. Candomblé, Religião de Matriz Africana. Disponível em: <https://youtu.be/7uY6ZxYzdqg>.

4. Mitologia Africana. Disponível em: <https://youtu.be/mJt1fVTjWDY>.

5. Valores da Cultura Africana. Disponível em: <https://youtu.be/NidlgDL8Wyg>.

REPRESENTATIVIDADE

Textos

1. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf.

2. Letramento racial crítico: falta representatividade negra em materiais didáticos e na mídia. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/14825>.

3. A representatividade indígena nas escolas: despertando um novo olhar. Disponível em: <https://revistamaster.emnuvens.com.br/RM/article/view/156>.

4. A falta de representatividade indígena nos parlamentos brasileiros: a democracia representativa vigente deve ser (re)inventada? Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rdp/article/view/12619>.

Vídeos

1. Representatividade importa, pertencimento humaniza. Disponível em: <https://youtu.be/Jm-NpiP5n1mo>.

2. Identidade e pertencimento: o poder transformador de se reconhecer. Disponível em: <https://youtu.be/NAPV7XSSyJE>.

3. (RE)ancestralizar as vozes através das filosofias africanas. Disponível em: <https://youtu.be/7rsIUDAMJL4>.

4. Documentário - Quilombos do século XXI (2019). Disponível em: <https://youtu.be/CNh->



qvWJjGII.

5. Documentário da ONU sobre o Dia da Consciência Negra (2015). Disponível em: <https://youtu.be/m6NJQyRPW7o>.

6. Filme “Get On The Bus”, sobre a Marcha de Um Milhão de Homens, do cineasta negro Spike Lee (ativar legendas). Disponível em: <https://youtu.be/Um4Zx34UnSA>.

7. A representação indígena na literatura brasileira - Brasil Escola. Disponível em: <https://youtu.be/sRQ9lhapA7o>.

8. Imagem de sessão no Congresso Nacional Brasileiro Bittencourt (2022). Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/construcao-de-identidade-a-importancia-da-representatividade/>.

TERRITORIALIDADE

Textos

1. A influência africana na arquitetura brasileira. Disponível em: <https://portaliguacu.com.br/influencia-africana/>.

2. Arquitetura popular afro-brasileira. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4656/465664654013/html/>.

3. Imagem de Luzia - Museu Nacional abrigava fóssil Luzia, esqueleto mais antigo das Américas. Disponível em: https://www.jornal-docomercio.com/_conteudo/cultura/2018/09/646825-museu-nacional-abrigava-fossil-luzia-esqueleto-mais-antigo-das-americas.html.

4. Materiais e técnicas de construção dos povos indígenas brasileiros como futuro para a arquitetura. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/987464/materiais-e-tecnicas-de-construcao-dos-povos-indigenas-brasileiros-como-futuro-para-a-arquitetura>.

5. Contemporâneo de Lucy é descoberto na Etiópia e pode mudar linha evolutiva. Disponível em: <https://ovga.centrosciencia.azores.gov.pt/noticia/contempor%C3%A2neo-de-lucy-%C3%A9-descoberto-na-eti%C3%B3pia-e-pode-mudar-linha-evolutiva>.

6. Luzia: 5 curiosidades sobre o fóssil da mulher mais antiga das Américas. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/04/luzia-5-curiosidades-sobre-o-fossil-perdido-no-incendio-do-museu-nacional>.

7. Um dos lugares mais primitivos e interessantes do planeta visto de perto: o Vale do Omo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/um-dos-lugares-mais-primitivos-e-interessantes-do-planeta-visto-de-perto-o-vale-do-omo-0peda0cwauwkl31xcdylpbu4r/>.

8. Tecelagem Huni Kuin: os Kenes e sabedoria que vem dos Japiins. Disponível em: <https://site.tucumbrasil.com/tecelagem-huni-kuin/>.

9. Cosmovisão têxtil dos Huni Kuin. Disponível em: <https://www.urdu.me.com.br/post/cosmovis%C3%A3o-t%C3%AAtil>.

10. As casas pintadas de Tiébélé: um modelo de colaboração comunitária. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1007672/as-casas-pintadas-de-tiebele-um-modelo-de-colaboracao-comunitaria>.

11. As tecnologias derivadas da matriz africana no Brasil: um estudo exploratório. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhas-criticas/article/view/28089/32122>.

12. Tecnologia africana na formação brasileira. Disponível em: https://cpvceasm.files.wordpress.com/2019/05/cadernotecnologias-africanas_ceap_vf.pdf.

Vídeos

1. África é o berço da Ciência e Tecnologia. Disponível em: https://youtu.be/2aHRHRC_9NM

2. A vanguarda da diáspora negra. Disponível em: <https://youtu.be/ZXzxa8bQqSY>.

3. África no currículo escolar. Disponível em: https://youtu.be/A_nxP0bY6Wc.

4. Alkebulan? Sim, o nome original de África. Disponível em: <https://youtu.be/DIIUtNu2A2s>.

5. A influência africana na Arquitetura brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sRPEx7jmqN4>.

6. A questão indígena em 4 minutos. Disponível em: https://youtu.be/y_tKDCBimTQ.

7. Arquitetura contemporânea africana. Disponível em: <https://youtu.be/ktszrTYWHXk>.

8. Arquitetura do Egito Antigo. Disponível em: <https://youtu.be/4wj4y-RL4lg>.

9. Arte Africana. Disponível em: https://youtu.be/_Yp1p-vi-Xs.

10. Cientistas africanos comprovaram que Egito é negro. Disponível em: <https://youtu.be/rE-DX2nWPJK4>.

11. O artesanato africano - Veja como africanos usam a arte para gerar renda e cultivar tradições. Disponível em: <https://youtu.be/wVm7wREbEus>.

12. Sankofa e as influências africanas na nossa ar-

quitetura - Contos e histórias negras. Disponível em: <https://youtu.be/t0nxMf8NAnU>.

13. O QUE É SANKOFA? Disponível em: <https://youtu.be/3wOAVLLKhZU>.

14. Adinkra - símbolos africanos no design brasileiro. Disponível em: <https://youtu.be/adLopW8t-No>.

15. Símbolos Adinkra | Mwana Afrika. Oficina Cultural. Disponível em: <https://youtu.be/4wQ-1vuvjiac>.

16. Quilombos urbanos lutam contra especulação imobiliária das grandes cidades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Zb4ScmVa4Q>.

17. Uma imersão no Quilombo dos Palmares. Disponível em: <https://youtu.be/stQ5QOYaipM>.

18. Arte Corporal e Facial em África. Disponível em: <https://youtu.be/EL2LtUsHUdw>.

19. Arquitecturas Afrolatinas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iQ3EKW-deVlg>.

20. Tabom: a comunidade de ex-escravos retornados a Gana. Disponível em: <https://youtu.be/CCGO5jlgCKI>.

21. Os ex-escravizados que voltaram para a África e fundaram comunidade que segue tradições brasileiras - <https://youtu.be/o79eYZ-nO-zk>.

22. O Brasil foi descoberto pelos indígenas. Disponível em: <https://youtu.be/GvF1cfkbclY>.

23. Território como pertencimento, resgate, corpo e ancestralidade por Katú Mirim. Dispo-



nível em: <https://youtu.be/zqBjlezw9SU>.

24. Dadá Baniwa | Corpo é território! Disponível em: <https://youtu.be/T0OtB8HsjU4>.

25. Tuíre Kayapó | Corpo é território! Disponível em: <https://youtu.be/Wf1FVFjrndA>.

26. Serra do Queimadão, uma comunidade quilombola. Disponível em: <https://youtu.be/QvM-neeLHPCU>.

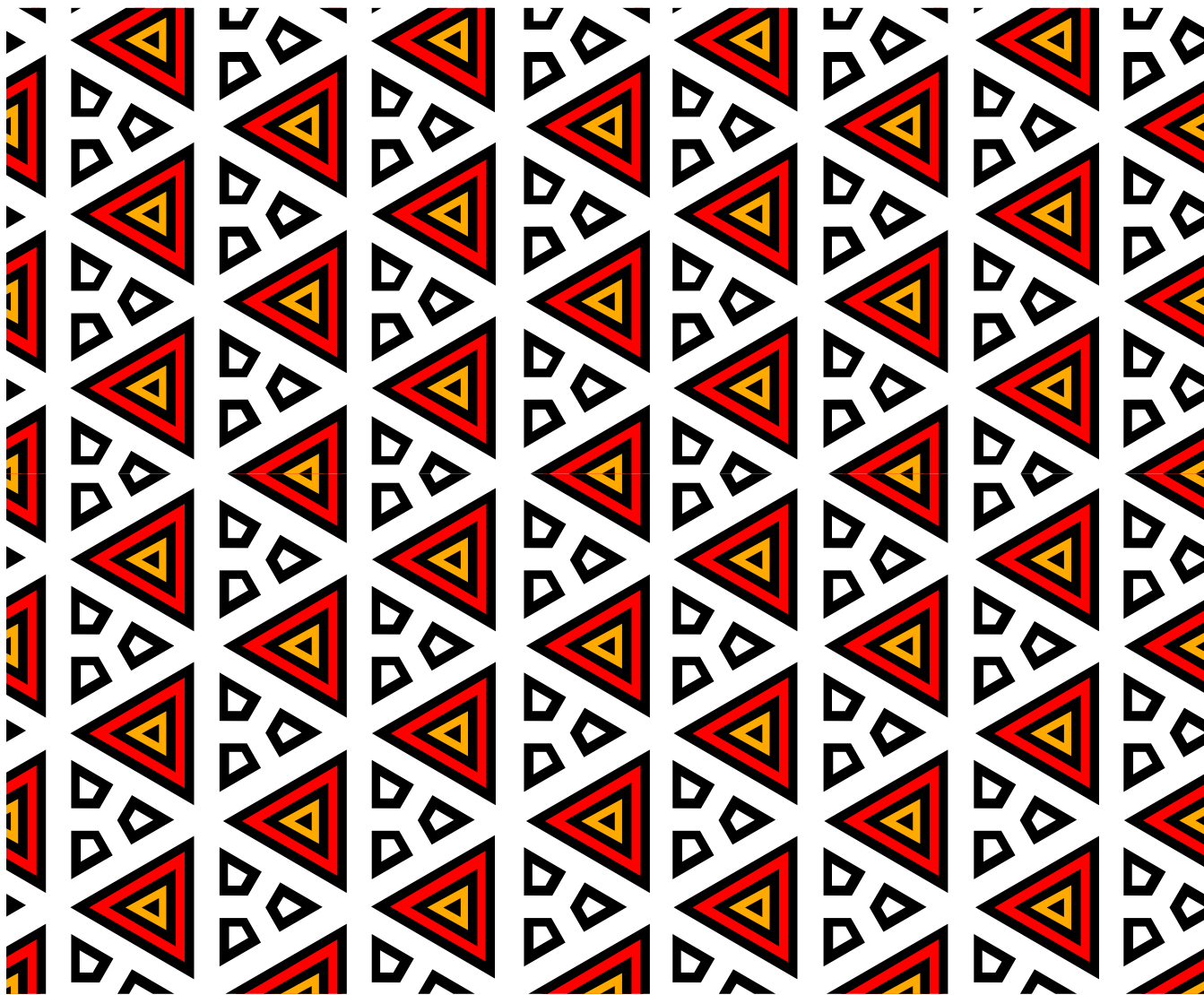
27. Invenções africanas que mudaram o mundo 1. Disponível em: <https://youtu.be/uyn3iNrh61A>.

28. Invenções africanas que mudaram o mundo 2. Disponível em: <https://youtu.be/JvBPm5tVxwl>.

29. Documentário Brasil Tupinambá. Disponível em: <https://youtu.be/lbQctosjaC4>.

30. História do Mali - A Terra de Poderosos Impérios Africanos. Disponível em: <https://youtu.be/YymXmEF6vQM>.

31. ARARIBÁ - Etnicidade e Território. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MrA6qNqiRYg>.



ORIENTAÇÕES PARA AVALIAÇÃO DO COMPONENTE CURRICULAR ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA, QUILOMBOLA E INDÍGENA (EHCAAQI)

Enquanto componente da organização do trabalho pedagógico, a avaliação pode potencializar a construção de uma cultura escolar antirracista e com equidade para combater as diversas formas de preconceitos e discriminações engendradas pelo racismo na sociedade e, conseqüentemente, reproduzidas e vivenciadas na escola. Por isso, recomenda-se que, neste componente curricular Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI), a avaliação seja realizada de maneira contínua, sistemática, dinâmica e inclusiva durante todo o processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de aprimorar o aprendizado e ampliar o repertório de conhecimentos dos/as estudantes.

Como bem ensina Luckesi (1995), a avaliação precisa ser uma ação afetuosa, um ato amoroso de acolhimento e inclusão, com a finalidade de observar, acompanhar e assessorar o/a estudante no seu processo de construção de aprendizagens e ampliação de conhecimentos. É oportuno compreender que “todos os[as] aprendizes estão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do[a] professor[a] precisará abranger a diversidade de traçados, provocando-os[as] a progredir sempre” (Hoffmann, 2001, p. 47). O olhar compreensivo do/a professor/a, além de diagnosticar, propiciará a compreensão da situação e da condição de aprendizagem do/da estudante, balizando a intencionalidade do ensino do/a professor/a por meio de uma perspectiva mais qualitativa.

Sendo assim, a primeira avaliação pode ser a diagnóstica para conhecer o repertório e o imaginário social dos/as estudantes sobre a África e as populações negra, quilombola e indígena. O in-

tuito é verificar as lacunas e/ou conhecimentos já estabelecidos, diagnosticando os pontos fortes e frágeis da turma. Esse levantamento auxiliará o/a professor/a na tomada de decisão que impactará a aprendizagem e o desempenho do/a estudante (Luckesi, 2005). A avaliação diagnóstica será orientada pelas seguintes questões: O que você sabe, viu ou ouviu falar sobre a África, as pessoas negras, quilombolas e indígenas? O que você ouviu falar ou sabe sobre a história e cultura africana, afro-brasileira, quilombola e indígena?

Essa avaliação poderá ser realizada por meio de roda de conversa com tom nota dos/as professores/as, textos escritos pelos/as estudantes, outras produções que registrem as respostas das questões acima citadas ou, ainda, numa descrição diagnóstica elaborada a partir da observação do/a professor/a acerca da percepção inicial da turma sobre o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana, Quilombola e Indígena (EHCAAQI).

Durante o processo, as avaliações devem ser formativas e oriundas das atividades realizadas no componente curricular, com o intuito de ir trabalhando a partir da aprendizagem dos/as estudantes, considerando, sempre, que “os erros e dúvidas dos alunos devem ser encarados como episódios significativos e impulsionadores do processo avaliativo [...]” (SILVA, 2017, s/p). Entre outras produções que possibilitam a avaliação desse processo, podemos destacar: as atividades sugeridas neste documento orientador introdutório EHCAAQI; redação; trabalho em grupo, dupla e/ou individual; construção de fanzine, jornal, reportagem, entrevista, vídeo, roteiro, maquete, jogos, brincadeiras e/ou brinquedos; produção e/



ou performance artística, literária, teatral ou cênica; sarau, slam, paródia e/ou literatura de cordel; portfólio; resolução de situação problema; promoção de debate; seminário e pesquisa; pesquisa de campo, estudo de caso, gamificação, encenação de um evento histórico, personalidade, música, poema ou situação problema; ou, ainda, autoavaliação para as atividades realizadas em grupo [autoavaliando segundo os critérios de desenvolvimento do trabalho, tais como: pesquisa, participação, compromisso e responsabilidade, apresentação e estética, cumprimentos das regras, orientações e/ou prazos, desempenho (com relação ao domínio do conteúdo e expressão do conhecimento) e conceito/nota geral. Esses critérios também são úteis na avaliação de seminários com apresentação em PowerPoint, por exemplo (Benedetti, s/d).

Do ponto de vista metodológico, orientamos que as aulas sejam desenvolvidas em rodas de conversas com cadeiras dispostas em círculo para facilitar a interação, o diálogo e o olhar entre todos/as. É recomendado que os/as professores estabeleçam critérios para a avaliação processual dessas atividades, baseando-se nos princípios da Equidade, Representatividade e Circularidade, construídos a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), sendo eles:

- **Equidade:**

Construir ações respeitosas que estimulem de maneira equânime o respeito às diferenças, às pessoas negras, africanas, quilombolas e indígenas e suas diversas culturas e histórias, oportunizando igualdade no acesso às informações e seus direitos e equidade no processo de ensino e aprendizagem do conhecimento. É necessário observar, intervir e corrigir as próprias posturas, imaginações, palavras e atitudes que podem

discriminar, excluir, sendo desrespeitosas e preconceituosas com a diversidade que compõe o Brasil. Este princípio preconiza uma construção de consciência e prática educativa para desconstruir conceitos, pensamentos e comportamentos que contribuem com o mito da democracia racial e com a ideologia do branqueamento motivados pelo racismo que estrutura e acirra as desigualdades sociais, reverberadas na escola, sobretudo, pelos índices de reprovação e evasão escolar ou no tratamento indiferente, injusto e desqualificado dispensado aos/as estudantes negros/as e indígenas, por exemplo.

- **Representatividade:**

Compreender que a existência humana é diversa, pluriétnica e deve estar representada nos espaços da sociedade, nos currículos e nas ações da escola. Este é um pressuposto para entender que, historicamente, as populações, as culturas e histórias de origem africana e indígena foram retratadas, abordadas e representadas de maneira pejorativa e negativa nas várias estruturas e dimensões da sociedade, bem como nos currículos, materiais didáticos e livros escolares. Portanto, se faz necessário, com relação à prática convencional, oportunizar a proporcionalidade e a representação positiva e digna das imagens de pessoas negras, africanas, quilombolas e indígenas, rompendo com imagens e representações negativas que fazem do conhecimento, da história e da cultura africana, afro-brasileira, quilombola e indígena. É essencial conhecer e valorizar o protagonismo e a participação da África e de sua descendência negra e dos povos indígenas na cultura e no desenvolvimento do Brasil, sobretudo, na produção do conhecimento. Essa ação potencializa a construção de consciências críticas, o fortalecimento de identidades e assegura os direitos constituídos por essas populações em suas lutas e demandas sociais.

• Circularidade:

Dispor de metodologias diferenciadas e atitudes que estimulem o diálogo, a compreensão e a construção de conhecimento entre todos/as por meio de práticas inclusivas e compreensivas que oportunizem o experimentar a partir de múltiplas linguagens presentes nas atividades orais e/ou escritas, como nos textos, músicas, sons, dramatizações, jogos, brincadeiras, danças, movimentos, desenhos, artes, dentre outros aspectos, que promovem a imaginação, a criatividade e a expressão dos/as estudantes. Nessa direção, experimentar é estimular o aprender de corpo inteiro a partir das contribuições das culturas de raiz africana e indígena, que não estimulam a construção do conhecimento somente a partir do aspecto racional, convencional, da escrita e da leitura, mas correlacionando e somando, a elas, os sentidos da percepção, da emoção, do afeto, do sensível e do contato com a natureza numa abertura da observação dos sentidos, como a visão, audição, tato, paladar e olfato, dentre outras possibilidades da existência que escreve o corpo.

A partir desses princípios, podemos sugerir alguns exemplos de critérios que podem ser utilizados na avaliação de processo/formativa (que também podem ser úteis tanto para pensar a abordagem do currículo e a seleção dos recursos e materiais utilizados nas aulas, quanto para pensar a avaliação dos trabalhos realizados pelos/as estudantes). São eles:

• Abordagem do fenômeno de estudo:

É necessário planejar um roteiro para abordar o tema de estudo em questão, selecionando as fontes de pesquisa e as informações, observando o objetivo da atividade, o que precisa ser ressaltado, evidenciado e/ou observado, o domínio do/a estudante com relação ao tema apresentado. Algumas questões podem orientar a avaliação des-

se aspecto: qual é o objetivo da atividade? Qual conteúdo está sendo abordado? Como o conteúdo foi abordado? A maneira como o conteúdo foi abordado atende aos objetivos estabelecidos? Quais referências e fontes de pesquisa são ou foram utilizadas?

• Estética e tratamento:

Recomendamos que as pessoas, as histórias ou conteúdos abordados sejam apresentados de maneira digna e humanizada, sem legitimar estigmas, estereótipos ou folclorizações. As imagens devem trazer aspectos positivos sobre o fenômeno ou imagens de pessoas em situações positivadas, sem reforçar aspectos de inferioridade ou superioridade motivados pelo racismo e seus desdobramentos. Verificar se há simetria e harmonia entre a proporcionalidade de texto e a forma da imagem, se a imagem dialoga com o texto ou se a própria imagem se constitui como texto, comunicando o saber e possibilitando a leitura; nesse contexto, a imagem poder ser lida e interpretada.

• Comprometimento:

Observar a participação do/a estudante na atividade, como ele/a se expressa, como se envolve, desenvolve e produz o conhecimento, como interpreta o que foi ensinado e pesquisado. Isso é essencial para compreender o impacto do que é ensinado e a maneira como o/a estudante compreende o conhecimento. Nesse sentido, é importante observar como é o desempenho do/a estudante em relação ao tema apresentado, como se aproveita o tempo dispensado para a atividade, observando também a atitude e o comportamento na condução da atividade. Algumas questões podem orientar a avaliação desse aspecto: a apresentação do tema ou da atividade fluiu? O/a estudante sabe explicar o assunto? Soube realizar a atividade? Como foi o comprometimento



com a construção do trabalho e a participação na atividade? Os/as estudantes respeitaram os prazos e as orientações estabelecidas? Os/as demais estudantes interagiram ou sugeriram algo?

Isto posto, recomendamos que esses critérios sejam abordados com os/as estudantes para que possam orientar os caminhos da participação e da construção das atividades, sendo também corresponsáveis conscientes no processo de aprendizagem e construção do conhecimento. Essa ação pode fortalecer o protagonismo e a autonomia do/a estudante. A partir disso, durante a realização e finalização das atividades, as/os professoras/es poderão identificar as dificuldades, as conquistas e os pontos que podem melhorar, para dar um feedback construtivo aos/as estudantes, no intuito de potencializar suas aprendizagens sem atenuar preconceitos ou discriminações e sem perpetuar as desigualdades e injustiças sociais.

Dizendo de outro modo, dar a devolutiva ao/a estudante é construir caminhos de fortalecimento de sua autoestima, identidade e compromisso com a educação, pois incentiva o aprimoramento das atividades, ao mesmo tempo que identifica as dificuldades e reconhece os avanços, potenciais e talentos dos/as estudantes. Isso exige sensibilidade, momentos de escuta e reflexão, objetivos concisos e registros das produções dos/as estudantes que permitam a observação do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, é preciso que o ato de avaliar seja democrático, amoroso e responsivo, pois não se avalia nessa perspectiva para excluir, mas para emancipar práticas e pen-

samentos, para construir olhares atentos que valorizam e respeitam todas as pessoas, sobretudo as histórias e as culturas de raízes africanas e indígenas no Brasil e no mundo. O ensejo é o respeito à diversidade e às diferenças entre as formas de ser e existir no mundo.

Por fim, a avaliação deve ter um caráter inclusivo, de respeito aos processos individuais e coletivos de aprendizagem e centrada numa perspectiva compreensiva do que as/os estudantes aprenderam sobre África, a população negra, quilombola e indígena. A intenção é verificar se os objetivos educacionais planejados foram alcançados, bem como a eficácia do ensino. Portanto, essa avaliação será orientada pelas seguintes questões:

O que você aprendeu e sabe sobre a África, as pessoas negras, quilombolas e indígenas? O que você aprendeu e sabe sobre a história e cultura africana, afro-brasileira, quilombola e indígena? Cite exemplos dos conhecimentos e atividades que você mais gostou.

Essa avaliação poderá ser feita em vários formatos, por meio de roda de conversa com tome nota dos/as professores/as e/ou textos escritos pelos/as estudantes. Inclusive, uma parte das avaliações poderá ser demonstrada nas mostras escolares, apresentando as atividades, materiais, percepções e aprendizagens produzidas pela turma e/ou por cada estudante. O intuito é refletir como o EHCAAQI impactou a aprendizagem e a formação do/a estudante, considerando também em que medida tal conhecimento impactou o/a professor/a.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO DO EHCAAQI

BENEDETTI, Thais. 7 formas de aplicar e dinamizar a avaliação formativa. (s/d). Disponível em: <https://tutormundi.com/blog/avaliacao-formativa/#:~:text=A%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20formativa%20pode%20ser,como%20%E2%80%9Cavalia%C3%A7%C3%A3o%20formativa%20alternativa%E2%80%9D>.

BRASIL. Parecer n.º: CNE/CP 003/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação: Brasília, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf.

CAVALCANTI NETO, A. L. G.; AQUINO, J. de L. F. A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica?. Educação em Revista, v. 25, n. 2, p. 223–240, ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/G8jSCxDmCMRDnZcY67m5x4m/#>.

DIAZ, Patrícia; PEREZ, Tereza. Coordenação pedagógica: identidade, saberes e práticas. São Paulo: Moderna, 2023.

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover. Porto Alegre: Mediação, 2001.

_____. Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2000.

_____. Avaliação mediadora. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática. 2ª ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

_____. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, Rebeca Faria. A avaliação da aprendizagem escolar de acordo com a visão da Psicopedagogia. Revista Educação Pública, 2017. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/12/a-avaliacao-da-aprendizagem-escolar-de-acordo-com-a-visao-da-psicopedagogia> Acesso em: 10. Abr. 2024.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves & SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). De preto a afrodescendente: trajetórias de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil. Brasília, UNESCO/São Carlos, EdUFSCar, 2003, p. 181-197.

SOUZA, Tatiane Pereira de. Áfricas: processos educativos presentes no Terno de Congada Chapéus de Fitas. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Orientadora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Universidade Federal de São Carlos, 2012.

_____. Permanências africanas no Congado Brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Orientador: Dagoberto José Fonseca. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP - Araraquara, 2018.



SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO E PESQUISA DOCENTE

SUGESTÕES DE PLANOS DE AULA

SCHNEIDER, Fernanda Chagas; SCHNEIDER, Carolina Chagas (Orgs). Escola para Todos: promovendo uma educação antirracista: planos de aula comentados. Fundação Telefônica Vivo – São Paulo, SP, 2021. Acesso em: 19. Fev. 2024. Disponível em: https://fundacaotelefonicavivo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/FL_0032_21%20ESCOLAS_CONECTADAS%20Interativo%20Alta.pdf.

Os planos de aula que se aproximam dos temas articuladores localizam-se a partir da página 32.

Planos de aula para a educação das relações étnico-raciais do Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao/planos-de-aula-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais/>.

Leitura essencial para formação e pesquisa docente

BAYÓ, Elly; MIRANDA, Fernanda; SOUSA, Fernanda. Por uma escola afirmativa: construindo comunidades antirracistas. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/PROJETO_PorUmaEducacaoAntirracista.pdf.

BRASIL. Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/orientacoes_acoes_miolo.pdf.

zes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação: Brasília, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Ministério da Educação, 2005. p. 39-62. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>.

MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. Ministério da Educação: Brasília, 2008. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/379123.PDF>.

SCHNEIDER, Fernanda Chagas; SCHNEIDER, Carolina Chagas (Orgs). Escola para Todos: promovendo uma educação antirracista: planos de aula comentados. Fundação Telefônica Vivo – São Paulo, SP, 2021. Acesso em: 19. Fev. 2024. Disponível em: https://fundacaotelefonicavivo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/FL_0032_21%20ESCOLAS_CONECTADAS%20Interativo%20Alta.pdf.

_____. Parecer n.º: CNE/CP 003/2004. Diretri-

Coleção História Geral da África (UNESCO),

com oito volumes que abordam civilizações da pré-história do continente africano até sua história recente. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/gratuito-historia-geral-da-africa-em-8-volumes-7357-paginas-em-pdf/>.

Síntese da coleção história geral da África, I: pré-história ao século XVI. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227007>.

Síntese da coleção história geral da África, II: século XVI ao século XX. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227008>.

Leitura complementar para formação e pesquisa docente

BARRETO, João Paulo Lima. O mundo em mim - Uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro. Editora Mil Folhas do IEB, 2022.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6ª ed., 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

FONSECA, Dagoberto José. O fazer científico e o conhecimento africano: pistas e esboços – um breve diálogo, mas necessário. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), 13(36), 7–31, 2021. Acesso em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1251>.

_____. África – Desconstruindo mitos. Secretaria de Educação Municipal de São Paulo. São Paulo: CEERT, 2009.

_____. (Org.). As Mentiras do Ocidente. Selo Negro: São Paulo, 2022.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo. Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Sugestões audiovisuais para formação e pesquisa docente

Curso de Educação Étnicorracial (Secretaria Municipal da Educação de Araraquara). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k4TH6AywpzM&list=PLqGAG9jV7SU-pdsxv3is2QG1SRMazkzrTL>.

Coleção Antirracista (Instituto Unibanco). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19cfwxlqRZI&list=PLggyRMb5e-NeKXHKhQT4xUQ5O3JlkkX7RS>.

Aula sobre Teoria Social e Relações Raciais com o Prof. Dr. Kabengele Munanga. Disponível em: <https://youtu.be/H0jZoi-0JfM>.

Mesa-redonda “Dez anos da Lei 10.639/03: balanços e perspectivas”, com Nilma Lino Gomes (UFMG) e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSCar), realizada no dia 19 de abril de 2013 pelo NAP Brasil África. Disponível em: <https://youtu.be/8WbLZOPcXUs>.



Relações étnico-raciais e educação - Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva - TEDxUFF. Disponível em: <https://youtu.be/OYzkJaBH04c>.

Canal Mwana Afrika. Disponível em: <https://www.youtube.com/@MwanaAfrika>.

Canal Afroinfância. Disponível em: <https://www.youtube.com/@afroinfancia6452>.

Canal Pensar Africanamente. Disponível em: <https://www.youtube.com/@pensarafricanamente>.

Canal Wari'u. Disponível em: <https://www.youtube.com/@wariu/featured>.

Canal Djuna Tikuna. Disponível em: <https://www.youtube.com/@DjunaTikuna-canal/featured>.

Canal Benicio Pitaguary. Disponível em: <https://www.youtube.com/@BenicioPitaguary-Youtuber/featured>.

Canal Daniel Munduruku. Disponível em: <https://www.youtube.com/@dmunduruku/featured>.

Canal Preto. Disponível em: <https://www.youtube.com/@CanalPreto/featured>.

OBRAS QUE COMPÕEM O ACERVO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS

Formação Docente e Pesquisa

a) Atlas Geocultural da África: contribuições para uma prática pedagógica antirracista. Odair Marques da Silva.

b) História Comprovada – Fatos reais e as do-

res da escravização araraquarense. Organizadores: Alessandra Laurindo, Claudio Claudino, Edmundo Oliveira, Felipe Oliveira, Fernando Passos.

c) A queda do céu. Davi Kopenawa.

d) A vida não é útil. Ailton Krenak.

e) Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Eliane Cavallero.

f) Enciclopédia negra - Biografias Afro-brasileiras. Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano, Lilia Moritz Schwarcz.

g) História da África e do Brasil Afrodescendente. Ynaê Lopes dos Santos.

h) Ideias para adiar o fim do mundo. Ailton Krenak.

i) Pequeno Manual Antirracista. Djamila Ribeiro.

j) O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Nilma Lino Gomes.

k) Racismo linguístico. Gabriel Nascimento

l) História e cultura africana e afro-brasileira. Nei Lopes.

Literatura Infantil

a) Que cabelo é esse bela? Simone Mota.

b) A África recontada para crianças. Avani Souza Silva.

c) Amor de cabelo. Matthew A. Cherry.

d) Bucala – a princesa do Quilombo do Cabula. Davi Nunes.

e) Cartola – coleção crianças famosas. Angelo Bonito.

f) Chiquinha Gonzaga - coleção crianças famosas. Diniz Edinha.

g) Coisas de índio – versão infantil. Daniel Munduruku.

h) Histórias da preta. Heloisa Pires Lima.

i) Kabá Darebu. Daniel Munduruku.

j) Luana – as sementes de Zumbi. Aroldo Macedo.

k) Meninas negras. Madu Costa.

l) O pequeno príncipe preto. Rodrigo França.

m) Obax. André Neves.

n) Viagem com Debret - descobrindo o Brasil. Valeria Lima.

o) Vovó Nanã vai à escola. Dagoberto José Fonseca.

p) Amoras. Emicida.

q) Contos de Sacisas. José Roberto Torero.

r) Sou indígena e sou criança. Cesar Obeid.

s) Sulwe. Lupita Nyong'o.

t) Divinas desventuras. Heloisa Pietro.

u) E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigos. Emicida.

v) Histórias de índio. Daniel Munduruku.

w) Uma amizade impossível. Lilia Moritz Schwarcz.

Literatura Infanto Juvenil

a) Xingu, os contos de Tamoin. Orlando Villas Bôas, Cláudio Villas Bôas.

b) Batuque, samba e macumba. Cecília Meireles.

c) Histórias africanas. Ana Maria Machado.

d) Mandela – o africano de todas as cores. Alain Serres – Zäu.

e) Minha dança tem história. bell hooks.

f) Palmares – a luta pela liberdade. Eduardo Vetillo.

g) Três anjos mulatos no Brasil. Rui Oliveira.

h) Debret em viagem histórica e quadrinhesca. Spacca.

i) Heroínas negras brasileiras. Jarid Arraes.

j) Malala, a menina que queria ir para a escola. Adriana Carranca.

k) Malala e seu lápis mágico. Malala Yousafzai.

l) Nasrudin. Regina Machado.

m) Nós, uma antologia de literatura indígena. Vários autores.

n) O violino cigano. Regina Machado.

o) Viagem pelo Brasil em 52 histórias. Silvana



Salerno

Poesia (indicado para 8º e 9º ano)

- a) Colecionador de pedras. Sergio Vaz.
- b) Coletânea. Sergio Vaz.
- c) Flores de alvenaria. Sergio Vaz.
- d) Literatura, pão e poesia: história de um povo lindo e inteligente. Sergio Vaz.

Literatura (indicado para 8º e 9º ano)

- a) Contos completos. Lima Barreto.
- b) Sobrevivendo no inferno. Racionais MCs.

c) Torto Arado. Itamar Vieira Junior.

d) Triste fim de Policarpo Quaresma. Lima Barreto.

e) Quarto de despejo. Carolina de Jesus.

f) A autobiografia da minha mãe. Jamaica Kincaid.

g) AMERICANAH. Chimamanda Ngozi Adichie.

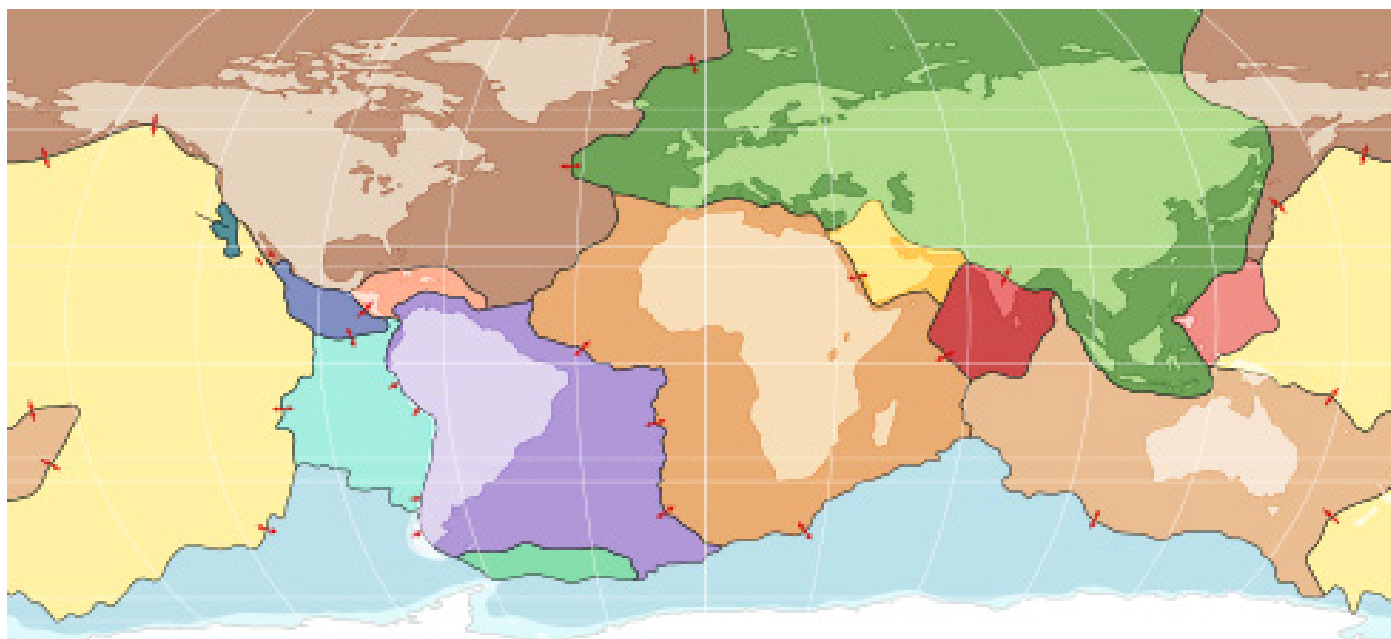
Endereço para consulta de livros que compõem o acervo das escolas: <https://sistema.araraquara.sp.gov.br/biblioteca/Consulta.aspx>.



CRONOGRAMA DE TEMÁTICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA, QUILOMBOLA E INDÍGENA (EHCAAQI) NA EDUCAÇÃO INTEGRAL E NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO 2º SEMESTRE DE 2024

PERÍODO 2024		CONTEÚDO CURRICULAR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, QUILOMBOLA E INDÍGENA (EHCAAQI) NO 2º SEMESTRE DE 2024 NA REDE MUNICIPAL DE ARARAQUARA-SP		
TEMÁTICAS PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO INTEGRAL				
2º Semestre	6º ANO - E. F 1º e 2º ANO - E. I	7º ANO - E. F 3, 4º e 5º ANO - E. I	8º ANO - E. F 6º e 7º ANO - E. I	9º ANO - E. F 8º e 9º ANO - E. I
3º bimestre Agosto & Setembro	A Origem Africana da Humanidade. África: berço das primeiras civilizações do mundo (5.000 a.C - 200 d.C aprox.): Império Egípcio (Kemet/Egito), Reino de Kerma, Império de Kush, Império de Axum, Cidade-estado de Cartago, expansão do povo bantu da África Ocidental até a África Austral, Cultura Nok Igbo Ukwu, entre outros povos originários africanos.	Período Ressurgente (1500 – 1870): Surgimento, apogeu e declínio dos Estados agro-burocráticos ressurgentes: Reino do Kôngo, Reino da Matamba, Reino do Ndongo, Império de Oyo, Império Kaabu, Império Ashanti, Império Macina, Império Bamana (Segu), Império de Wadai, Império Wolof, Império Zulu, Reino do Daomé, Reino Bunyoro, Reino de Burundi, Império Etíope, Império Luba, Império Lunda, Reino Kuba, Reino de Mapungubwe, Reino de Imerina, Império Rozwi e outros de África.	Resistências indígenas e africanas contra a escravização nas Américas e no Caribe A resistência dos quilombos nas Américas, Caribe e Brasil.	A sociodiversidade dos povos indígenas no Brasil. Influência e participação dos povos indígenas e africanos na formação do Brasil. Cartografia da África e dos países africanos na contemporaneidade.
Jogos, brinquedos e brincadeiras, artes, histórias e literatura infantojuvenil de raiz africana, afro-brasileira, quilombola e indígena configuram-se como temática transversal e recurso didático-metodológico para conectar conhecimentos do conteúdo e perpassar por todo o currículo.				
4º bimestre Outubro & Novembro	Ancestralidade dos povos indígenas de Abya Yala (Pindorama e Américas). Antiguidade africana (200 d.C -1.500 d.C): Surgimento, apogeu e declínio dos Estados agro-burocráticos: Império de Gana, Império do Mali, Estado do Songhai, Estado do Kanem-Bornu, Reino de Buganda, Grande Zimbabwe, Império Monomotapa (Mwene Mutapa), Império do Benin, Reino de Bamum, Reino Shilluk, Reino de Ruanda, Reinos Haussá, Civilização Swahili, entre outros de África.	Resistência africana contra a dominação colonialista e o imperialismo europeu e a partilha da África entre as nações da Europa A sociodiversidade dos povos indígenas no Brasil. (A diversidade étnica, social e cultural dos povos indígenas no Brasil abrange a antiguidade e a contemporaneidade das histórias e das culturas das mais de 305 etnias indígenas)	A sociodiversidade dos povos indígenas no Brasil. Religiões, religiosidades e espiritualidades de matrizes africanas e indígenas. A descolonização da África e as lutas pela independência dos países africanos; A sociodiversidade dos povos indígenas no Brasil. (A diversidade étnica, social e cultural dos povos indígenas no Brasil abrange a antiguidade e a contemporaneidade das histórias e das culturas das mais de 305 etnias indígenas)	Os movimentos sociais, as resistências e as lutas por liberdade e direito da população africana, negra, quilombola e indígena Histórias e culturas das populações negras e indígenas em Araraquara. Conceitos antirracistas e valores civilizatórios de raízes africanas e indígenas.

DESCRIÇÃO DAS TEMÁTICAS COM SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA, QUILOMBOLA E INDÍGENA (EHCAAQI) NO 2º SEMESTRE DE 2024



“ATÉ QUE OS LEÕES CONTEM A SUA HISTÓRIA, OS CONTOS DE CAÇA SEMPRE GLORIFICARÃO O CAÇADOR”

PROVÉRBIO AFRICANO DA NIGÉRIA

A ORIGEM AFRICANA DA HUMANIDADE

A origem e a ancestralidade da humanidade são africanas, pois o gênero *Homo*, a espécie humana, surgiu na África. Desse modo, é essencial apresentar a África como o berço da humanidade, local dos primeiros humanos do mundo, lugar onde os mais antigos hominídeos e hominínios surgiram. Sendo assim, para compreender a evolução da espécie humana, é necessário voltar à África para conhecer os hominídeos, como *Ardipithecus ramidus*, *Australopithecus anamensis*, *Orrorin tugenensis*, *Sahelanthropus tchadensis* e *Australopithecus afarensis*. E a partir dessa etapa evolutiva, conhecer o processo de hominização que se iniciou na África e se estendeu para o mundo, apresentando de modo geral os hominínios, como o *Homo habilis*, *Homo rudolfensis*, *Homo erectus*, *Homo floresiensis*, *Homo naledi*, *Homo luzonensis*, *Homo ergaster*, *Homo heidelbergensis*, *Homo denisovensis*, *Homo neanderthalensis* e o *Homo sapiens* com o direcionamento da entrevista com o Prof. Dr. Cheikh Anta Diop sobre a origem da espécie humana, disponível em: <https://youtu.be/XpqzEytY4Bc> e do conjunto de aulas gravadas pelo Prof. Dr. Walter Alves Neves (2017) intitulado “A Saga da Humanidade”, disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLAudUnJeNg4sUpVQaygeymsa-8fVsZjkCb>

Mostrar as reconstruções faciais do *Homo erectus* (um dos primeiros humanos que se tem notícia que sobreviveram fora de África e que migrou para a Ásia e para a Europa) e do *Homo heidelbergensis* (espécie humana que surgiu na África, a partir do *Homo erectus*, e que se separou em duas linhagens: uma migrou e deu origem aos Neandertais na Europa e aos Denisova na Ásia e a outra permaneceu na África e deu origem ao *Homo sapiens*, nosso ancestral), ambas as linhagens foram extintas, como apontam Con-

terno (2024), Missaggia (2024) e Neves (2017). Para visualizar as imagens do *Homo erectus* e do *Homo heidelbergensis* citadas no texto de Conterno (2024), acesse o link em <<https://jornal.usp.br/ciencias/quando-os-humanos-da-africa-dominaram-o-mundo>> ou <<https://gurche.com/homo-heidelbergensis>>. Visualize também outras imagens de reconstrução facial de hominídeos, acessando o site John Gurche em <https://gurche.com/> ou <https://gurche.com/australopithecus-afarensis>

Para aprofundar o conhecimento sobre o surgimento do *Homo sapiens*, é necessário apresentar a Eva Mitocondrial Africana, para compreender a ancestralidade africana da espécie humana atual. Além disso, é importante estudar as migrações fora da África e a ancestralidade africana presente nos/as antepassados/as dos povos antigos do mundo para conhecer os deslocamentos da humanidade da África para Ásia, Oceania, Europa e América, bem como as evoluções e adaptações do corpo ao clima, à alimentação e à geografia das regiões do mundo onde os grupos humanos foram se estabelecendo (Diop, 1981; Diop, 1985; Wedderburn, 2005; Liu et al., 2006; IBGE, 2007; Munanga, 2009; Harari, 2015; Carvalho, 2017; Neves, 2015, 2017; Waldman, 1998; Machado, 2014; Scardia, 2019; Pivetta, 2019; ENAP, 2021; Museu da UFRGS, 2021; Silva, 2021; Blasco, 2022; National Geographic, 2022; Conterno, 2024; Unesp, s/d).

Nesse processo de evolução da humanidade, apenas o *Homo sapiens* sobreviveu, as demais espécies foram extintas, mas não há uma espécie superior à outra, o sentido de evolução não é esse de assimetria e sim da capacidade de permanência no meio.

Segundo a reflexão de Maria Helena Senger presente no texto de Conterno (2024), não existe uma espécie humana mais evoluída que a outra, o que se observa na evolução humana é a sobrevivência do *Homo sapiens* em decorrência da adaptação do corpo ao ambiente:

Não é porque nós sobrevivemos [*Homo sapiens*] que somos mais evoluídos que outras espécies. Não existe um pico de evolução, em direção ao ótimo. Nós apenas temos sorte de sermos selecionados. É uma seleção quase aleatória”. Para a biologia, a evolução é apenas uma adaptação ao ambiente. “Os neandertais não eram necessariamente uma espécie mais primitiva (idem, s/p, grifo nosso).

Nesse processo, é possível compreender que a humanidade tem uma mesma origem, que é africana. O gênero *Homo* advém de África. A ancestralidade humana é africana, logo, “nossas semelhanças são muito mais profundas do que nossas diferenças” (Lima, 2020, p.11). Isso quer dizer que, nos primórdios da evolução humana, as diferenças produzidas na corporeidade dos vários povos do mundo se dão devido à adaptação do *Homo sapiens* aos mais diversos e variados ambientes em que foi estabelecendo suas moradias, seus modos de viver e sobreviver. Por conseguinte, suas culturas, formas de se relacionar, se vestir, comer e compreender a realidade foram adaptadas aos lugares e climas em que se estabeleceu, criando tecnologias, estratégias e conhecimentos úteis para a sobrevivência local, comunicados e transmitidos entre gerações, grupos e famílias (Brito, 2018). Outro aspecto relevante para abordar nesse processo de evolução a partir da genética, área da biologia, é a transformação das características corporais que foram se adaptando aos ambientes em que o ser humano - *Homo sapiens* - foi se instalando ao longo do tempo. Conforme Cerqueira, “a diversidade da pigmentação humana tem sido associada a pressões seletivas

diversas vivenciadas pelos humanos modernos após sua saída da África” (2013, p. 47). Em ambientes geográficos com pouca incidência solar, como em localidades de clima frio, o corpo inicialmente negro do *Homo sapiens* foi clareando e em lugares com climas desérticos ou quentes, o tom da pele, dos cabelos, a cor dos olhos permaneceram escuros para oferecer uma proteção natural à exposição solar. A pigmentação da pele também se correlaciona com a incidência solar, uma vez que a cor da pele está relacionada à latitude em que o corpo se adapta às condições locais. Ou seja, em regiões tropicais e equatoriais há uma maior “intensidade da luz UVR (radiação ultravioleta), que é grande na linha do equador e diminui progressivamente com o aumento da latitude” (Cerqueira, 2013, p.18). Sendo assim, “a cor da pele tende a ser mais escura nas áreas tropicais e equatoriais, do que em áreas localizadas mais distantes da linha do equador”, isso acontece porque a intensidade da luz UVR nessas áreas é maior e mais forte. Essa condição também se reflete na coloração mais escura dos olhos e cabelos como uma proteção natural da evolução humana contra a exposição do corpo à luz ultravioleta, a queimadura solar e outros danos que excesso solar pode causar (idem). Inclusive, a forma e textura do cabelo crespo são resultado de uma adaptação do organismo ao clima quente e oferecem proteção ao couro cabeludo contra a luz solar. À vista disso, os genes e o ambiente influenciam o fenótipo do corpo (Shiburah, 2024; Conterno, 2023; Neves, 2017; Cerqueira, 2013). Em síntese, nos primórdios da humanidade, o corpo inicialmente negro foi se transformando de acordo com a exposição ao ambiente e adaptação ao clima, somados aos genes, modos de vida e hábitos alimentares. Esse processo foi criando “traços fenotípicos relacionados com pigmentação de pele, olhos e cabelos” (Cerqueira, 2013, p. 48), além de outros tons e cores de pele, cabelos e olhos, entre outras características físicas visíveis no corpo.

Com o advento da ciência, sobretudo, no campo da genética, algumas concepções preconceituosas e racistas sobre a diversidade humana vão sendo desconstruídas, sabe-se atualmente que não pureza racial, pelo contrário, há muito mais semelhança do que diferença entre a humanidade, pois os seres humanos compartilham 99,9% do DNA entre si e apenas 0,1% de DNA torna as pessoas diferentes umas das outras; constata-se que os povos africanos possuem a maior variação genética entre si, o que confere diferentes tipos, cores, curvaturas e texturas de cabelos, cores de pele, cores e formatos de olhos, formas e traços de nariz, boca, entre outras características físicas que são determinadas pela expressão da combinação de vários genes, ou seja, da conexão entre a relação genótipo-fenótipo (Shiburah, 2024; Fantástico, 2022; BBC News, 2020; Cerqueira, 2013). Essa diversidade genética que influencia nos diferentes fenótipos entre os povos africanos é observável quando visualizamos, por exemplo, os povos Berberes, Tuaregues, Fulani, Peuhl, Asante, Yorùbá, Zulu, Bakongo, Somali, Khoisan, Hamar e todos os outros não citados aqui. Isso demonstra não somente uma diversidade de características fenotípicas, mas também, a sociodiversidade entre os diferentes povos da África em seus territórios, com suas culturas, hábitos e costumes, línguas, tradições e formas variadas de organização social, econômica, espiritual e política desde os primórdios da humanidade.

Além dos genes que o corpo carrega, as diferenças fenotípicas também são determinadas pela quantidade de melanina na pele (Shiburah, 2024). É oportuno mostrar que a melanina é uma proteína que atua como um bloqueador solar e como um pigmento natural que dá cor à pele e exerce influência na cor dos cabelos, dos pelos e dos olhos, ela está presente no corpo humano, mas também nos animais e em outros seres vivos e organismos. A melanina é produzida pelos melanócitos, células que ficam distribuídas em algu-

mas partes do corpo, em especial na epiderme a camada externa da pele visível a olho nu, há dois subtipos de melanina (Benedetti, 2023; Lima, 2020; Cerqueira, 2013; Sociedade Brasileira de Dermatologia, s.d):

- a eumelanina que apresenta um pigmento de tonalidade amarronzada, quanto mais eumelanina uma pele tiver, mais escura ela será, pois, peles mais escuras ou negras possuem uma concentração maior de eumelanina, consequentemente, são mais protegidas à radiação ultravioleta, logo menos propensas ao câncer de pele;
- e a feomelanina que apresenta um pigmento de tonalidade amarelo avermelhado presente nas peles mais claras, quanto mais clara e branca a pele for mais sensível e vulnerável ela é aos danos e as doenças em decorrência da pouca proteção natural à radiação ultravioleta, logo mais propensas ao câncer de pele. Atualmente, ambas as pessoas com pele dos tons mais escuros aos mais claros, precisam utilizar protetor solar para proteger a pele dos danos provocadas pela radiação solar.

Assim como na pele, a melanina também está presente na cor dos cabelos como parte do processo de evolução humana em África, os cabelos crespos escurecidos possuem uma maior concentração de eumelanina e a curvatura dos cabelos crespos em espirais bem fechados oferece a melhor proteção da pele e da cabeça contra a radiação do Sol, pois “a baixa densidade dos cabelos, combinada com a sua forma de hélice elástica, produz um efeito arejado” (Machado, 2014, p. 11-1) que favorece a circulação do ar frio no couro cabeludo, tornando o cabelo mais resistente a umidade e ao suor para economizar a perda da água e com isso regular a temperatura do corpo, oferecendo mais conforto e frescor em ambientes áridos com intenso calor, sobretudo, aqueles

dos primórdios do mundo, nas imediações atuais do Quênia e da Etiópia, onde a humanidade surgiu e evoluiu (idem; Galileu, 2023).

Dizendo de outro modo, o cabelo crespo fornece a proteção mais eficaz contra o calor e a radiação solar, reduzindo a necessidade de suar para manter o corpo mais fresco, sem risco de desidratação por perda de água pela transpiração, entretanto, a função do cabelo do couro cabeludo humano e a variação na sua morfologia seguem sendo temáticas ainda pouco estudadas e muito importantes para compreender a adaptação do corpo diante do processo evolutivo da humanidade e de suas linhagens no planeta desde a ancestralidade em África (Lasisi, 2023; Galileu, 2023).

Concisamente, como se vê, a espécie humana inicialmente negra e com cabelo crespo foi se adaptando aos ambientes do planeta mudando suas características, contudo, somos biologicamente parecidos, temos mais semelhanças do que diferenças e um dos elementos que nos diferenciam é a quantidade e a proporção da concentração do tipo de melanina (eumelanina e feomelanina) presente em nossos corpos. Quando comparada a pele negra, a pele branca tem maior concentração de feomelanina e esse tipo de melanina tem menor proteção contra a exposição à luz solar. A vantagem da pele negra ou mais escura é ter uma maior concentração de melanina do tipo eumelanina que atua como um bloqueador natural contra a radiação solar oferecendo maior proteção.

É essencial dialogar sobre isso para construir mediações sobre o respeito às diferenças e a diversidade humana, considerando que a diferença entre a humanidade, do ponto de vista da biologia, é bem pouca. Para potencializar a linguagem desta temática com os/as estudantes, sugerimos que diga que a origem humana é única, é africana, pois foi em África que a humanidade surgiu, foi nesse continente que nasceu o Homo Sapiens

advindo de uma mulher negra ancestral do ser humano moderno que povoou o mundo. Enfatizando de outro modo, a humanidade atual, Homo sapiens, advém de uma mulher africana negra nomeada como Lucy e conhecida como Dinknesh: a Eva Mitochondrial ou a Eva Africana, a mãe ancestral da humanidade atual (Cann; Stoneking; Wilson, 1987).

É preciso dizer que após a saída da humanidade da África o corpo negro foi se modificando segundo ao clima e geografia dos lugares em que foi chegando e estabelecendo morada, desse modo, todos os seres humanos são geneticamente mais parecidos do que diferentes do ponto de vista da biologia. Toda a humanidade tem uma mesma origem de criação: a África, porém, entre nossas semelhanças genéticas, um dos elementos que diferenciam nossas características fenotípicas é a melanina, um pigmento natural presente em toda a natureza, tanto na humanidade quanto no próprio meio ambiente. É a melanina que dá cor aos vários tons de pele, cabelo e olhos, seguindo esse raciocínio por meio do diálogo, utilize o conjunto de lápis com vários tons de pele (disponível na rede) para os/as estudantes irem localizando seus tons de pele, é oportuno também disponibilizar várias imagens com pessoas de diferentes partes do mundo com características físicas e fenotípicas que vão do tom mais escuro ao tom mais claro de pele, cabelos e olhos, abarcando pessoas de diferentes origens étnicas presentes nos continentes América, África, Ásia, Europa e Oceania, mostrando pessoas negras, brancas, indígenas e amarelas residentes nesses territórios, busque dialogar sobre a potência que é a diversidade humana cuja origem advém de um único lugar que é a África.

Diante do que foi exposto, convide a turma para observar e assistir no vídeo do paleoartista John Gurche, a evolução humana segundo as adaptações do corpo ao meio e ao ambiente que sua ancestralidade foi exposta, visualize o vídeo no link https://youtu.be/ru8ifph_q9o. Também observe a linha cronológica dos milhões de anos de origem, dispersão e evolução humana da África para o mundo, apresentada em vídeo pelo Museu Americano de História Natural de Nova Iorque, visualize no link <https://youtu.be/DZv8VyIQ7YU> e observável no quadro sobre a Origem e dispersão do gênero Homo, disponível no link <https://www.ufrgs.br/museu/a-dispersao-dos-seres-humanos-homo-sapiens/>

Elabore um mapa cronológico ou uma árvore genealógica da humanidade que mostre a o surgimento, a dispersão e a ocupação dos hominídeos e do homo Sapiens nas regiões do planeta, principalmente após a descoberta e domínio da tecnologia do fogo, mostrando a humanidade que surgiu na África e foi caminhando e povoando a Ásia, a Oceania, a Europa e depois as Américas. Com os dados da antropologia, arqueologia e outras ciências, pesquise os artefatos, fósseis, arte rupestre, objetos e hábitos alimentares, tecnologias e culturas dessas localidades, conhecendo a ancestralidade africana da humanidade presente nas reconstruções faciais que demonstram o fenótipo negro, entre outros/as, como a Lucy em África, o Homen Sungir na Rússia, o Homem de Pequim (ou de Beijing) na China (Homo erectus pekinensis), o Homem de Cheddar na Inglaterra, o Homem Kostenki na Rússia, o Homem Grimaldi na Itália, a Luzia e o Luzio no Brasil. Mostre a diversidade sócio biológica e cultural que se formou após a dispersão e adaptação da humanidade africana que foi povoando o mundo, criando culturas, desenvolvendo nações e civilizações, mostre essa humanidade e a transformação das características do corpo negro que foi se adaptando biológica e culturalmente aos territórios e

aos climas e a alimentação, isso significa trazer as diferentes tonalidades de pele, texturas de cabelos, cores dos olhos, entre outras características fenotípicas que foram sofrendo mutações para se adaptarem nos territórios que a imigração da nossa ancestralidade humana africana foi ocupando pelo mundo. Mostre os primeiros habitantes que se configuram como os ancestrais (trazer a ancestralidade africana no mundo).

Aborde essa temática em seminários com pesquisa em grupo, com construção de cartazes, textos, vídeos, jogos, entre outras possibilidades. Elabore uma cronologia dos fatos importantes da origem da ancestralidade da humanidade desde África até as Américas, abordando as transformações da corporeidade e dos territórios que foram habitando, é possível reunir informações de como eram os artefatos, hábitos, comportamentos e costumes de vida dos primeiros habitantes da terra. É oportuno compreender a cartografia da diáspora da humanidade que saiu de África e povoou o mundo, como se vê no mapa sobre a Diáspora Humana, disponível no link <https://neointel.com.br/blog/index.php/2015/03/03/a-diaspora-humana/> ou no mapa sobre as Rotas de Migração Humana, disponível no link https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d3/Human_migration_routes_following_Out-of-Africa.png

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

A partir do Capítulo 17 do livro História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf>

A partir do Capítulo 1 do livro Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227007>

Ensinando genética evolutiva e evolução humana sob a ótica da teoria da Eva mitocondrial. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/2911>

Quando os humanos da África dominaram o mundo. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/quando-os-humanos-da-africa-dominaram-o-mundo/>

A linhagem evolutiva do homem. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2.htm>

Os Primeiros Hominídeos? Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2a.htm>

Etapas evolutivas - O Gênero Homo. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2b.htm>

Evolução Humana e Aspectos Sócio-Culturais. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev3.htm>

Evolução Humana e Aspectos Sócio-Culturais: Considerações Finais. Disponível em: <https://>

www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev3b.htm

Evolução do Homem: a história fóssil (é importante ressaltar que a discussão presente neste texto requer intervenção e mediação e apresenta visões diferentes, a indicação dele é para o/a professor visualizar o contexto das discussões na sociedade). Disponível em: <https://dererummundi.blogspot.com/2007/04/evolucao-do-homem-historia-fossil.html>

HISTÓRIA GERAL. Hipóteses Evolucionistas. Hipótese da Eva Mitocondrial. Disponível em: http://www.marcopolo.pro.br/historia/geral_evol.htm

Nossa origem africana: a história antes da história. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/5756/1/thiagodepaulacarvalho.pdf>

Alan Templeton. Biólogo evolucionista afirma que o homem deixou a África três vezes, a primeira delas há quase 2 milhões de anos. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/alan-templeton/#:~:text=Templeton%20questionou%20algumas%20conclus%C3%B5es%20normalmente,vis%C3%A3o%20dominante%20sobre%20o%20tema.>

Homo erectus. Disponível em: <https://www.atlasvirtual.com.br/homoerectus.htm>

Grimaldi (ativar o google tradutor). Disponível em: https://realhistoryww.com/world_history/ancient/Misc/Prehistoric_Art/Grimaldi.htm

Diáspora há 2,5 milhões de anos. Por Marcos Pivetta, da Revista Pesquisa FAPESP. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/diaspora-ha-25-milhoes-de-anos/>

Etapas evolutivas - O Gênero Homo. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2b.htm>

Dinkinesh (3.200.000 anos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/dinkinesh-3-200-000-anos/>

O fazer científico e o conhecimento africano: pistas e esboços - um breve diálogo, mas necessário por Dagoberto José Fonseca. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1251>

Vídeos

A Linha do Tempo dos Povos Africanos. Disponível em: <https://youtu.be/guWiRZgOvZw>

Aula-exposição com base na Linha do Tempo dos Povos Africanos. Disponível em: <https://youtu.be/KcboC0i4D1o>

África Berço da Humanidade. Disponível em: <https://youtu.be/0Mal2nGLink>

A descoberta que mudou tudo. Disponível em: <https://youtu.be/M1hzC3DcOSY>

A Origem do Homem. Disponível em: <https://youtu.be/rui5cMxcqGg>

Eva mitocondrial: as evidências sobre ancestral comum de toda a humanidade. Disponível em: https://youtu.be/sBlGSRBlK_g

Todos temos o mesmo DNA ancestral. Disponível em: <https://youtu.be/RGSWMFYBPMw?list=PLAr322Yg8UkAfoWRh7UaeaRm8cRY7BAfH>

Entrevista com Cheikh Anta Diop: Origem da espécie humana e Civilização egípcia. Disponível em: <https://youtu.be/XpqzEytY4Bc>

A Saga da Humanidade, pelo Prof. Dr. Walter Neves | Aulas USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLAudUnJeNg4sUp-VQaygeymsa8fVsZjkCb>

Como chegamos a ser Homo sapiens? Disponível em: <https://youtu.be/EFv-nl6lkPA>

Como os Homo sapiens se espalharam pelo mundo. Disponível em: <https://youtu.be/oBLYb-636tFA>

ÁFRICA: BERÇO DAS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES DO MUNDO (5.000 A.C - 200 D.C APROX.)

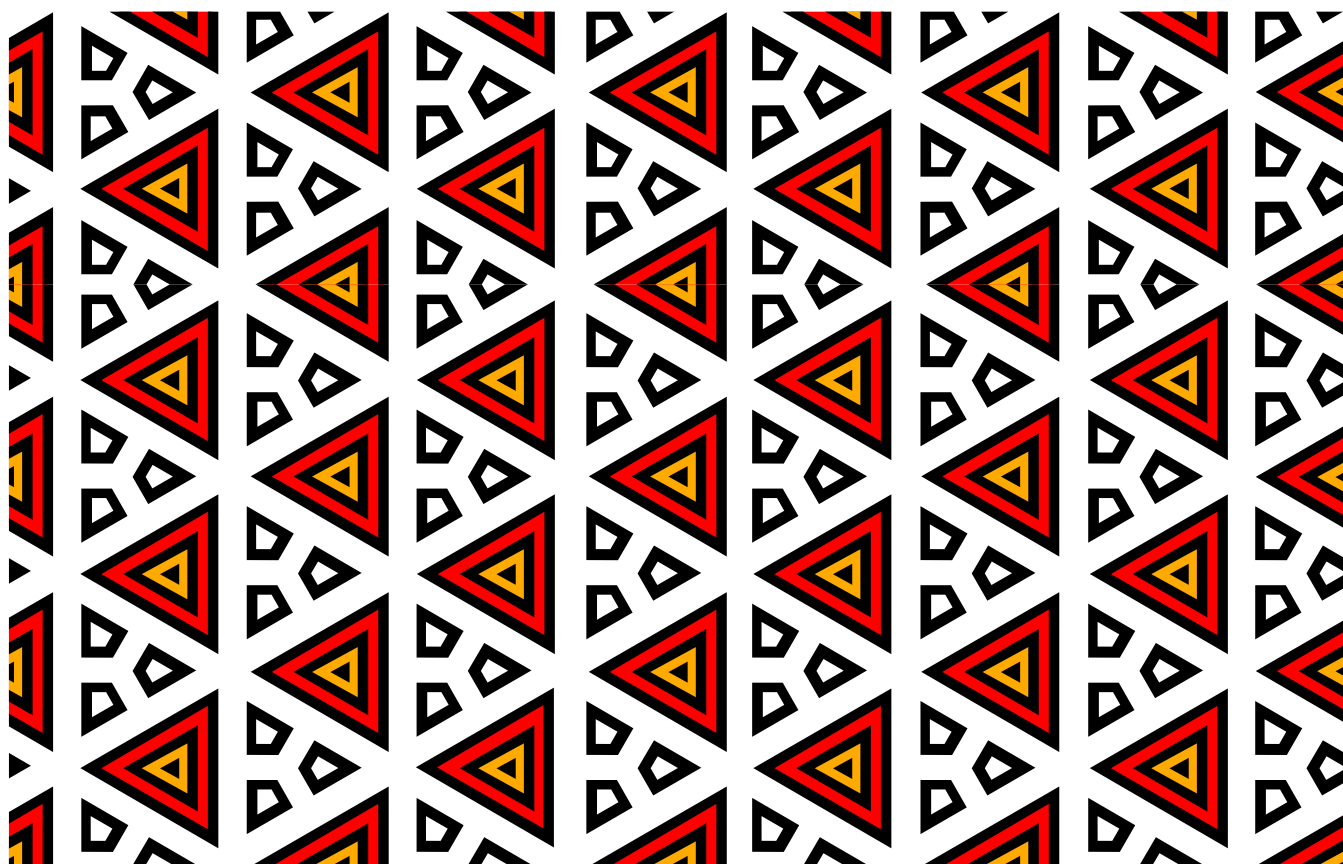


Abordar a extensão territorial e organização sociocultural do Império Egípcio (Kemet/Egito), do Reino de Kerma, do Império de Kush, do Império de Axum, da Cidade-estado de Cartago, da expansão do povo bantu da África Ocidental até a África Austral, da Cultura Nok, do Igbo Ukwu e de outros povos e territórios africanos do mesmo período, conhecendo os povos, suas civilizações, culturas e línguas; as cartografias, mapas, estradas, extensões e localizações de terras e territórios; a geografia, rios, lagos e clima dos territórios; suas rotas de comércio e a economia local; seus meios de viagem e formas de transporte; suas culinárias e hábitos alimentares; suas danças e musicalidades; suas cerimônias, ritualísticas, festas, celebrações e comemorações; seus ritos e formas de lidar com a morte, incluindo os locais de enterro, sepultura e cemitério; suas arquiteturas e artes; suas vestimentas, acessórios, tecidos e moda; suas espiritualidades e religiosidades; as

imagens, pinturas e fotografias do povo, do território, da cultura; as relações sociais, a linhagem e a organização familiar e cultural no território; seus conhecimentos: a matemática, tecnologias, invenções, inovações e ciência produzidas, sobretudo, a agricultura e outras formas de lidar com a terra, de intervir nela e transformar os elementos da natureza em tecnologias; suas práticas de cuidado, higiene, medicina e saúde; suas formas de comunicação, escrita, literatura, oralidade, mitologias, músicas, lendas, contos e cantos; seus jogos, brinquedos e brincadeiras; seus provérbios e histórias; seus conceitos, filosofia e concepção de mundo, entre outros elementos e aspectos das culturas e dos povos nesses territórios de África. Inicialmente monte e mostre um panorama geral das primeiras civilizações do mundo descritas neste tópico, pesquisando e sistematizando os seguintes temas descritores: nome do povo/etnia, cultura, língua, localização do território, culinária,

arte, arquitetura e ciência, inovações, invenções e tecnologias, indumentárias, penteados e acessórios, meios de locomoção a serem mostrados em imagens, vídeos e descrições. Com essas informações é possível montar um catálogo, um vídeo ou uma linha do tempo para mostrar o surgimento, o declínio e/ou a permanência deste território da sua antiguidade aos dias atuais, inspirando-se na linha de raciocínio do Tempo dos Povos Africanos produzida pelo Ipeafro, disponível no link <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf> ou ainda, construir seminário ou trabalho em grupo, em que cada grupo ficará responsável por pesquisar e apresentar um território segundo os temas descritores citados acima; para a apresentação desse trabalho, recomenda-se a elaboração de slides no PowerPoint apontando as referências e/ou os links dos textos, das imagens e dos conteúdos produzidos e utilizados na pesquisa. É possível reunir as temáticas de território e sortear-las em grupos que pesquisaram o território sorteado seguindo as orientações dos temas descritores acima. Assim é possível construir a pesquisa em grupo e apresentá-la para a turma.

A partir dessa breve pesquisa é possível responder as seguintes questões orientadoras: Que povos e civilizações africanas são essas? Quais são suas culturas, línguas e territórios? Onde estiveram ou estão? Quais conhecimentos, tecnologias, inovações, ciência e legado essas civilizações e povos deixaram para o mundo? Vocês já conheciam sobre a história e cultura desses territórios e povos? Posteriormente, escolha um território entre Império Egípcio (Kemet/Egito), Reino de Kerma, Império de Kush, Império de Axum, Cidade-estado de Cartago, Expansão do povo bantu da África Ocidental até a África Austral, Cultura Nok, Igbo Ukwu e outros do mesmo período para aprofundar nas pesquisas, nos estudos de casos, seminários, nas rodas de conversas, entre outras atividades conforme a concepção e a orientação descritas neste tópico. Se a atividade for coletiva ou individual para aprofundar numa determinada localidade, é recomendável que se estude um território de cada vez ou distribua os territórios em grupos, podendo aliar, adaptar e desenvolver as atividades a partir das sugestões de atividades descritas anteriormente neste documento.



SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

A partir do Capítulo 1 do Livro História geral da África, II: África antiga. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000319.pdf>

A partir do Capítulo 1 do Livro Síntese da coleção história geral da África, I: pré-história ao século XVI. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227007>

Arte africana. Imagens da Cultura Nok da Nigéria. Disponível em: <https://brasilafrika.fflch.usp.br/sites/brasilafrika.fflch.usp.br/files/2019-09/aula%20arte%20africana.pdf>

Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7d-MVGz/?format=pdf#:~:text=Como%20a%20hist%C3%B3ria%20de%20todos,humanidade%2C%20como%20a%20civiliza%C3%A7%C3%A3o%20eg%C3%ADpcia.>

O Ensino da História Africana - Prof. Henrique Cunha Júnior. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-ensino-da-historia-africana/>

Vídeos

A Linha do Tempo dos Povos Africanos. Disponível em: <https://youtu.be/guWiRZgOvZw>

África, o Berço das Civilizações | Mwana Afrika Oficina Cultural. Disponível em: <https://youtu.be/48usOdDdNvk>

John Henrik Clarke. Disponível em: <https://youtu.be/9cjU7TFnDME>

Canal Mwana Afrika. Disponível em: <https://www.youtube.com/@MwanaAfrika>

Canal Caçador de Histórias. Disponível em: <https://www.youtube.com/@HistoriadaAfrica/playlists>

SP Pesquisa - A origem do Homem Americano - 1º bloco. Disponível em: https://youtu.be/u-m-bnL_6b5k

SP Pesquisa - A origem do Homem Americano - 2º bloco. Disponível em: <https://youtu.be/MM-PyOAAdFxs>



ANCESTRALIDADE DOS POVOS INDÍGENAS DE ABYA YALA (PINDORAMA E AMÉRICAS)

Há um grande debate sobre as origens do povoamento humano nas Américas. Nessa rota, é importante conhecer a ancestralidade dos povos indígenas das Américas, sob as perspectivas teóricas da expansão e ocupação humana dos territórios, segundo a genética, biologia, história, arqueologia, antropologia, paleoantropologia, bioantropologia, arqueogenética, morfologia paleoíndigena, antropologia evolucionista, entre outras áreas da ciência que estudam a evolução humana, entre elas destacam-se algumas.

A primeira perspectiva, aponta que a origem dos povos indígenas do continente americano é proveniente de povos da Ásia que atravessaram a Beríngia, ponte terrestre de gelo formada pela última era glacial, que ligava a Sibéria ao Alasca, localizada no Estreito de Bering, no extremo nordeste da Ásia (atual leste da Rússia), que permitiu a passagem humana para as regiões do continente americano. Logo “para entender o povoamento do continente americano é necessário inicialmente contextualizar a dispersão dos primeiros humanos modernos no nordeste asiático” (Silva, 2021, p. 6), uma vez que “o povoamento das Américas através da Beríngia necessariamente ocorreu após a chegada e ocupação da Sibéria”, conforme aponta Marcos Araújo Castro e Silva em sua tese de doutorado: “Perspectiva genômica sobre a origem, história e diversidade dos povos indígenas da América do Sul: do povoamento inicial à colonização europeia” (idem), orientada pela Profa. Dra. Tábita Hünemeier, do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências (IB) da Universidade de São Paulo (USP).

A segunda perspectiva aponta para a ancestra-

lidade ameríndia a partir das semelhanças entre o fenótipo negro dos povos aborígenes da Austrália, da Melanésia e da África, de acordo com as pesquisas de Walter Alves Neves, bioantropólogo, professor aposentado do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências (IB) da Universidade de São Paulo (USP), responsável pelo estudo do fóssil humano (*Homo sapiens*) mais antigo das Américas, batizado por ele de Luzia em homenagem à Lucy, a Eva africana (fóssil de *Homo sapiens*), mulher negra, ancestral e matriarca da humanidade encontrada na África (Neves e Piló, 2008). O crânio de Luzia foi encontrado em 1975 por Annete Laming-Emperaire, arqueóloga francesa que iniciou suas pesquisas, a partir do legado científico de Peter Wilhelm Lund, que desde 1834 iniciou suas pesquisas em Lagoa Santa, região de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais onde Lucy foi localizada (Neves e Piló, 2008). Segundo Pivetta (2006), Neves e Piló (2008), Turatti (2008) e Wenceslau (2008), há outros fósseis dos parentes de Luzia encontrados no México, na Flórida, na Colômbia, no Chile e nos estados brasileiros do Piauí, Bahia, Rio Grande do Sul e São Paulo que apresentam similaridades morfológicas australo-melanésia, ou seja, fenótipo negro, semelhantes às de Luzia, anteriores à cultura Clóvis, teoria arqueológica estadunidense que afirma ser o primeiro assentamento de ocupação na América (Santos, 2020). Na época, os/as pesquisadores/as buscavam entender o que aconteceu com esses povos indígenas de características negras e quais povos indígenas carregam seus genes. As pesquisas ainda se concentravam em encontrar outros fósseis, saber até quando e como esses grupos viveram nas Américas e quais eram seus modos de vida por aqui (Turatti, 2008).

Os resultados do projeto “Origens e microevolução do homem na América: uma abordagem paleoantropológica” revelaram, dentre outros aspectos, que a população da época era caçadora-coletora da fauna e da flora existentes na região de Lagoa Santa. Todos os 81 crânios encontrados, datados entre 9 e 7,5 mil anos mostraram semelhanças entre a morfologia de Luzia e dos povos australo-melanésios, oriundos de um fluxo migratório anterior à cultura Clóvis (Santos, 2020), o que demonstra que a primeira população vinda da Sibéria que ocupou essa região não tinha traços asiáticos, mas sim africanos.

Essa teoria aponta que o povo de Luzia seria descendente do fluxo migratório vindo da Ásia ainda com fenotipia negra (semelhante aos povos indígenas da Austrália e da Melanésia, como os aborígenes) há quase 14 mil anos, diferente da leva migratória dos povos vindos da Ásia (com fenótipo mongoloide/asiática modificado pelo frio siberiano) há 12 mil anos pelo caminho da Beríngia, que teria substituído os habitantes com características australo-melanésias de Luzia. Assim sendo, os povos daqui teriam dois componentes biológicos oriundos dessas duas levadas migratórias: a leva com fenotipia asiática e a leva com características australo-melanésia com fenotipia africana (Salles, 2018). No curso das pesquisas, alguns questionamentos surgiram: Qual foi o destino desses povos indígenas de características negras? De onde vieram? Há povos indígenas que carregam seus genes hoje? Quais são esses povos e como são suas culturas? Essas e outras questões são parte de um processo contínuo de discussões e pesquisas que buscam reunir dados e informações sobre as culturas, hábitos e modos de vida dos primeiros habitantes do Brasil, logo das Américas (Neves e Piló, 2008; Turatti, 2008; Wenceslau, 2008).

A terceira perspectiva apresentada no artigo “Reconstructing the Deep Population History of

Central and South America”, publicado na revista *Cell* por Posth et al. (2018), aprofundou nas análises do DNA dos fósseis de 49 pessoas encontrados na região de Lagoa Santa (MG), em sambaquis do litoral brasileiro entre outros lugares, trazendo como parte dos resultados a afinidade genética do povo da Luzia com o esqueleto batizado de “garoto de Anzick” de 12.600 anos atrás que se associa à cultura Clóvis presente na América do Norte. Segundo as interpretações dos/as pesquisadores/as Coismo Posth, André Strauss e Tábita Hünemeier no texto de Salles (2018), essa pesquisa mostra uma relação genética direta entre os povos indígenas do Norte que migraram para o Sul das Américas, se espalhando pelo continente até chegar à Lagoa Santa. Isso indica um processo de evolução, adaptação e substituição dessas populações quando se compara as amostras de DNA antigas com as amostras atuais da população indígena, recolhidas de algumas pessoas dos povos Suruí e Karitiana (Salles, 2018).

A participação na pesquisa de apenas dois povos, demonstra uma amostra pequena diante dos mais de 305 povos indígenas presentes no Brasil, que podem ser descendentes de outras levadas migratórias ou de microevoluções entre os grupos que transportaram genes diferentes para seus descendentes. No entanto, considerando a diversidade (sócio)biológica existente, essa perspectiva reforça que os atuais povos indígenas das Américas têm origem e ancestralidade beringiana. O que suscita saber mais sobre a população de Lagoa Santa que pode ter sido substituída por fluxos migratórios. Essa lacuna segue aberta para futuras investigações científicas, uma vez que a pesquisa mostra a enorme diversidade biológica dos primeiros habitantes que povoaram a América antiga (Salles, 2018). Contudo, em outro artigo publicado na revista *Science*, intitulado “Early human dispersals within the Americas” de Moreno-Mayar; Strauss et. al (2018), os/as cientistas constatarem, a partir da análise do genoma

feita com os fósseis encontrados por Peter Lund em Lagoa Santa (MG), entre outras sequências de 15 genomas de ossos encontrados do Alasca até a Patagônia, que os primeiros habitantes das Américas se espalharam e se diversificaram rapidamente por aqui. Além disso, também foi encontrado um sinal genético de origem australasiana em um fóssil de Lagoa Santa, o que não descarta totalmente a segunda perspectiva apresentada. Ainda assim, diante da reconstrução facial do fóssil de um homem encontrado no sítio arqueológico Lapa do Santo em Lagoa Santa (MG), é possível visualizar o tom negro da sua pele, embora o nariz e outros traços sejam diferentes de Luzia, a cor negra dos dois corpos é parecida (Salles, 2018). Para ver as imagens citadas no texto de Salles (2018), acesse o link em <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/dna-antigo-conta-nova-historia-sobre-o-povo-de-luzia/>

Essas imagens expressam a diversidade dos povos indígenas antigos de um lado e de outro reforçam a ideia de que os primeiros habitantes do Brasil eram negros, como mostram os estudos, artigos e pesquisas sobre a expansão da humanidade africana pelo mundo, suas contribuições, ciências e tecnologias a partir de Cheikh Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo, Ivan Van Sertima, Runoko Rashidi, Elisa Larkim do Nascimento, Henrique Cunha Junior, Dagoberto José Fonseca, Bárbara Carine Soares Pinheiro, Manuel Querino, Carlos Eduardo Dias Machado, Philippe Fluzin, Anjali Bukkfeed, Katemari Diogo da Rosa, entre outros/as intelectuais (Nascimento, 1996; Pinheiro, Nunes & Ndiaye, 2021).

A quarta perspectiva evidencia o conhecimento sobre o Luzio, um antepassado dos atuais indígenas que tem um fenótipo negro e viveu no Vale do Ribeira de Iguape por cerca de 10.400 mil anos. Essa afirmação é possível a partir da observação da reconstrução facial do seu crânio HW-04 realizada pelos cientistas britânicos Richard Neave

e Denise Smith. O que determina a reconstrução da face do crânio não é a criatividade do cientista, mas sim a morfologia craniana, que é composta por um conjunto de características do crânio consolidadas pela ciência e que expressam seu fenótipo. Outras características também são determinadas por sua origem, tendo em vista o processo de evolução e adaptação do corpo em relação aos locais aonde chegou nos primórdios da expansão da humanidade. Inicialmente, em regiões com climas mais quentes e tropicais, a pele, os cabelos e os olhos são predominantemente mais escuros, devido à adaptação de proteção à exposição solar e às elevadas temperaturas (Conterno, 2023; Neves, 2017).

Contrariando algumas correntes hegemônicas que dizem ser Luzia e Luzio, uma exceção no processo de povoamento das Américas, o artigo “Genomic history of coastal societies from eastern South America” publicado em 2023 na revista *Nature Ecology & Evolution*, escrito por Tiago Ferraz da Silva (Silva, et. al, 2023), pesquisador do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP, coordenado por André Menezes Strauss, reforça a ideia de que Luzio e seu povo são ancestrais dos povos indígenas atuais. O estudo evidenciou uma forte afinidade genética entre os grupos antigos e atuais da América do Sul, uma diversidade biológica entre os grupos e diferentes rotas demográficas de ocupação para a costa litorânea e para o interior, indicando uma troca de genes e uma miscigenação entre as culturas e não uma completa substituição da população antiga pela atual. Apesar de terem crânios diferentes dos de Luzia e Luzio, devido aos processos de evolução, a população indígena atual descende de povos antigos com morfologia negra que chegaram às Américas e ao Brasil entre de 16 mil anos e 40 mil anos atrás (Fapesp, 2002; Silva, et. al, 2023; Conterno, 2023, Fundo Brasil, s/d). Visualize a imagem do Luzio citada no texto de Angelo (2004) no seguinte link: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2711200401.htm>

A quinta perspectiva, que corrobora com a quarta, evidencia as possibilidades de migração marítima que oportunizou a navegação de povos africanos da África para as Américas antes da migração via Bering (Funari; Justamand & Oliveira, 2018). O etnólogo francês Paul Rivet (1960) sustenta a ideia de que houve migração marítima pelo oceano pacífico, em que grupos humanos, por meio da navegação de cabotagem, saíram da África e foram passando de ilha em ilha da Austrália e da Melanésia até chegar às Américas. Rivet (1960) diz que essa navegação de expansão do *Homo sapiens* também pode ter ocorrido pelo atlântico. Niède Guidon (2005), arqueóloga, pesquisadora e professora da Universidade de São Paulo (USP), fundamentada pelas pesquisas de Paul Rivet, sustenta a tese de que a migração atlântica ocorreu a partir da saída do *Homo sapiens* da África através da navegação no oceano Atlântico até chegar ao Piauí há 100 mil anos (Melo, 2000; Pivetta, 2008). Com isso, os fósseis de Zuzu encontrados no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, e de Luzia na região de Lagoa Santa, Minas Gerais, que apresentam características africanas, seriam fortes argumentos para sustentar essa hipótese em relação à ancestralidade dos povos indígenas, especialmente no Brasil (Funari; Justamand & Oliveira, 2018, s/p). Sucintamente, para Guidon há “um novo panorama: os primeiros homens vieram da África e chegaram até a costa do Nordeste e Caribe. Adaptaram-se ao meio ambiente, cresceram, prosperaram e os grupos, lentamente, foram se espalhado pelo novo continente” (Guidon, 2005, p. 6). Para saber mais sobre essa perspectiva defendida por Niède Guidon, acesse o link <https://revistapesquisa.fapesp.br/niede-guidon/> e também o artigo Las evidências da presença africana no continente americano no período do Brasil pré-colonial, disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/712/71256133003/html/>

Logo, essas perspectivas oriundas de pesquisas e visões teóricas continuam produzindo estudos e conhecimentos que apontam a ancestralidade ameríndia a partir dos vários fluxos migratórios de ocupação, evolução, mutação e dispersão humana na terra em diferentes períodos da primeira história. No entanto, em termos gerais, a espécie humana saiu de África, povoou a Ásia, Oceania e Europa e mais tarde chegou à América, último continente a ser ocupado pela humanidade (*Homo sapiens*).

Trata-se de um cenário muito semelhante a outro observável em um nível mundial: a África é hoje considerada o continente com maior grau de diversidade genética dentre todos do Planeta, e assim parece ter sido em todas as etapas da História Humana. Tal fato levou à proposição da (hoje) dominante teoria de que o Gênero Humano surgiu naquele Continente e de lá se espalhou por todo o Globo (LIU et al., 2006). [...] A Beríngia parece ter sido então uma região geográfica aglutinadora de diversas outras ancestralidades originadas na África e em outras partes da Eurásia (Santos, 2020, p.106).

Nesse processo, ao longo da história da diáspora humana, o corpo negro foi clareando, se modificando segundo seus genes, adaptando-se ao clima, à geografia, à diversidade ambiental, à alimentação, aos modos e às condições de vida construídos nesses territórios pelos grupos que criaram culturas e foram se estabelecendo e formando suas sociedades, tradições e tecnologias. Para resumir, a humanidade é descendente de África por meio das migrações e ocupações dos Hominídeos, dos Hominínios, especialmente, do *Homo sapiens* pelo planeta (Diop, 1981; Liu et al., 2006; IBGE, 2007; Neves, 2017; ENAP, 2021; Museu da UFRGS, 2021; Silva, 2021; Blasco, 2022; National Geographic, 2022; Conterno, 2024).

As perspectivas apresentadas aqui trazem visões da ciência para o povoamento das Américas, junto a elas é essencial conhecer e pesquisar a ancestralidade dos habitantes de Abya Yala a partir das narrativas sagradas contadas por cada povo indígena dentro de suas culturas e tradições que trazem a história sobre a origem de seu povo, como por exemplo: a história de Txopay Itôhã, o primeiro indígena Pataxó a surgir na Terra (Pataxó, 1997) que é possível escutar no Canal Fafá Conta Histórias no link <https://youtu.be/jK-jCZB7Yat4>, a partir dessa história é possível criar textos e desenhos da narrativa a partir da ilustração de sua sequência, como se vê no vídeo Txopai e Itohã, uma produção artística discente, disponível em: <https://youtu.be/EklvopusAZ0>

Nesse sentido, é oportuno abordar a ancestralidade, antiguidade e contemporaneidade dos povos indígenas nas Américas, ou melhor, dos povos originários de Abya Yala, tais como os povos do Império Inca (Quéchua, Aymará, Yunka, entre outros), Maias e Mexicas (Astecas), Olmecas, Norte Chico, Apaches, Mohawk, Onondaga, Oneida, Cayuga, Seneca, Shawnees, Chavín, Cherokees, Comanches, Navajos, Iroqueses, Algonquinos, Comanches, Esquimós, Chipwyangs, Crees, Cheienes, Sioux, Apaches, Teotihuacan, Zapotecas, Toltecas, Navajos, Chichimecas, Karitiana, Náuatles, Totonaclos, Mixtecas, Chotuna, Tupí, Guarani, Tupinambá, Tabajara, Tupiniquim, Tamoiós, Xavante, Kokama, Suruí, Guarani-Kaiowá, Inuítes, Tiahuanaco e Huari. É preciso conhecer, ver e estudar os valores, impérios, línguas e religiosidades, os territórios e suas cartografias, as organizações sociais, culturas, inovações e tecnologias, as trocas, viagens, movimentos migratórios, contatos e relações entre as comunidades indígenas e outras informações que abordam as

histórias desses povos que já estavam nas Américas antes dos europeus.

Trazer a história de Luzia e Luzio, para conhecer suas origens, fenótipo e hábitos, mostrando a reconstrução facial de Luzia e de Luzio produzida pelo britânico Richard Neave, os crânios reconstruídos revelam os rostos dos ancestrais mais antigos ancestrais encontrados nas Américas, visualizar as imagens nos textos de Salles (2018) e Angelo (2004). Abordar de modo geral as pinturas rupestres, os lugares ancestrais e os sítios arqueológicos das Américas, sobretudo do Brasil, as cidades e comunidades antepassadas, tais como: A Lapa do Santo na região de Lagoa Santa-MG, o Parque Nacional Serra da Capivara no Piauí, o sítio Serrote do Letreiro na Paraíba e outros. Pesquisar as ciências, inovações e tecnologias, a medicina, as artes, os saberes e sabores tradicionais, as narrativas e memórias que resgatam e preservam as histórias dos ancestrais dos povos indígenas no Brasil e nas Américas, contando com as contribuições de pessoas indígenas e com estudos e pesquisas da arqueologia, paleontologia, antropologia, genética, história e outras áreas do saber.

Compreender o conceito de Abya Yala na perspectiva dos povos originários Kuna, Tawantinsuyu utilizado pelo Império Inca, Anahuac pelos povos Mexicas ou Pindoramana na língua Tupi-Guarani no Brasil, nomes que os povos indígenas utilizavam para reconhecer o continente antes da nomeação América atribuída pelos europeus (Porto-Gonçalves, 2021; Silva, 2021, p. 2).

Construir uma aula panorâmica em formato de roda de conversa utilizando imagens e vídeos para abordar a ancestralidade, antiguidade e contemporaneidade dos povos originários de Abya Yala (Pindorama) com a discussão que se apresenta até aqui, trazendo sobretudo, as narrativas e os mitos de criação e origem dos povos originários de Abya Yala a partir das concepções tradicionais de cada povo. É apropriado construir um seminário a partir dos temas acima explicitados, compor pesquisas, redações, músicas, paródias, ilustra-

ções com descrição e texto, mapas que mostrem o deslocamento da ancestralidade indígena, maquetes, histórias em quadrinhos, cartografias, vídeos, entre outros recursos que mostrem essas culturas, suas histórias, línguas, modos de vida, as mitologias de origem, os processos de migração, o estabelecimento de territórios, impérios, economias e organizações sociais desses povos anteriores à presença europeia no continente americano.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Abya Yala por Carlos Walter Porto-Gonçalves. Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/abya-yala/>

As civilizações Pré-Colombianas no Continente Americano. Disponível em: <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/434>

Como realmente era a América antes da chegada de Colombo? Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-36af0f00-a-464-4e05-8abc-0af6f62c5e3f>

História da América. Disponível em: [https://www.losangouba.com.br/imagens/newsletter/files/AMERICA%20ESPANHOLA%20\[Modo%20de%20Compatibilidade\].pdf](https://www.losangouba.com.br/imagens/newsletter/files/AMERICA%20ESPANHOLA%20[Modo%20de%20Compatibilidade].pdf)

Como desapareceu a sofisticada civilização de Tiwanaku, que dominou por séculos uma vasta extensão da América do Sul. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nk7y1kevlo>

Pesquisadores da USP criam mapa interativo de sítios arqueológicos indígenas de São Paulo. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/pesquisadores-da-usp-criam-mapa-interativo-de-sitios-arqueologicos-indigenas-de-sao-paulo/>

Sites

Instituto Socioambiental (ISA). Povos indígenas no Brasil. Disponível https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal

Lugares

Lapa do Santo na região de Lagoa Santa-MG. Disponível em: <https://sites.usp.br/laaa/pesquisa/morte=-e-vida-na-lapa-do-santo/#:~:text=A%20Lapa%20do%20Santo%20%C3%A9,-de%20trinta%20metros%20de%20altura.>

Parque Nacional Serra da Capivara - PI. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/42>



Fototeca Sítios Arqueológicos. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/17/fototeca-sitios-arqueologicos>

Sítio Serrote do Letreiro na Paraíba. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/povos-originais-produziram-gravuras-rupestres-ao-lado-de-pegadas-de-dinossauros-na-paraiba/>

Patrimônio Arqueológico. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/315>

Cidades indígenas na Amazônia antiga. Disponível em: <https://youtu.be/j9XGpGceylc>

Arte rupestre pode ajudar a entender como linguagem humana evoluiu. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/arte-rupestre-pode-ajudar-a-entender-como-linguagem-humana-evoluiu/>

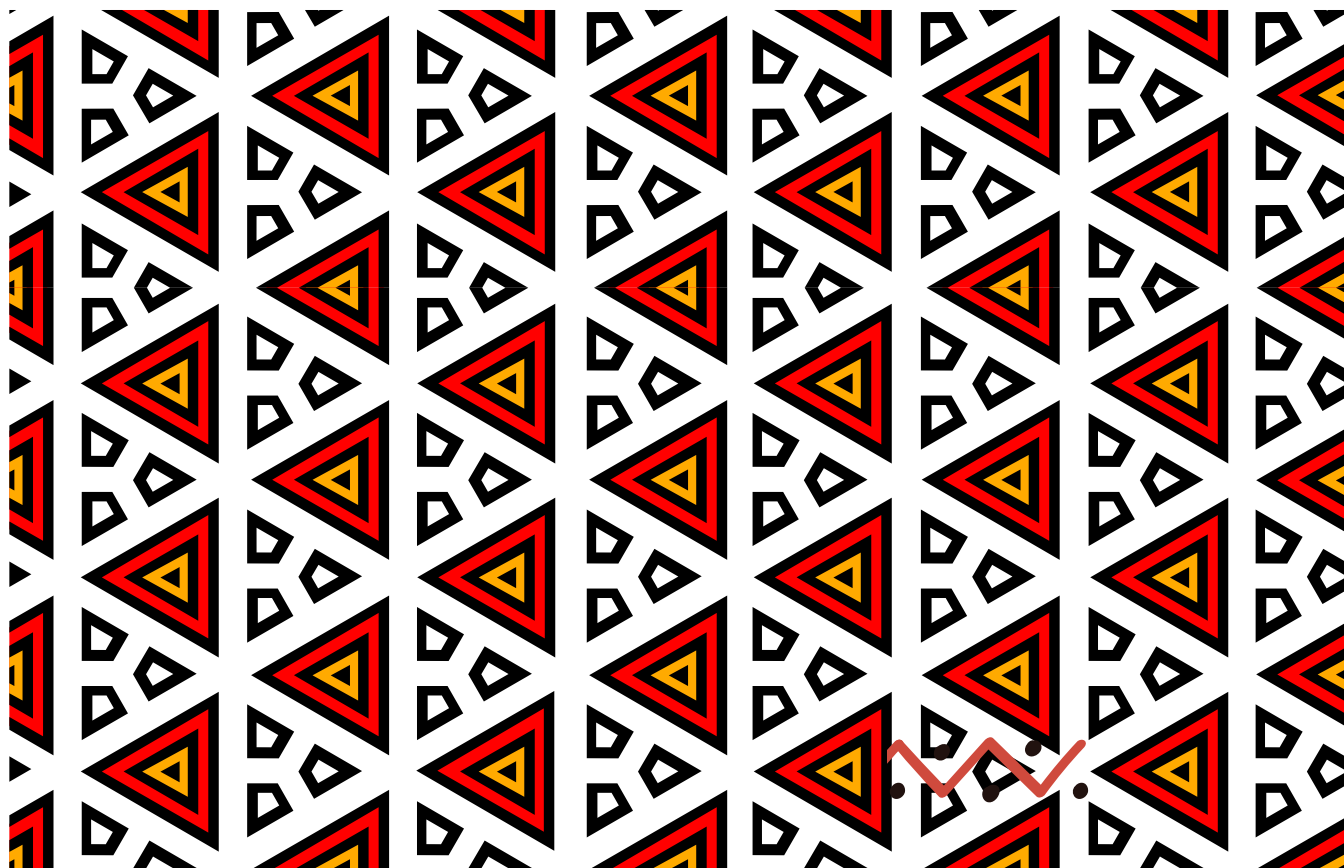
Vídeos

Povos antigos do Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/xnSd2sZ4e-E>

Como realmente era a América antes da chegada de Colombo? Disponível em: <https://youtu.be/SSV1YvTarck>

Paulo Freire e as culturas de Abya Yala. Disponível em: <https://youtu.be/6Stb8tqilUU>

Cidades Ancestrais: Arqueologia Urbana e Memória dos Povos Negros e Indígenas. Disponível em: https://youtu.be/e2Bczu9THr0?list=PLr2tOfQSm0OwmFYpvnn55hIY0ooN_8cnL



ANTIGUIDADE AFRICANA (200 D.C - 1.500 D.C APROX.):



Abordar a extensão territorial e organização sociocultural do Império de Gana, Império do Mali, Estado do Songhai, Estado do Kanem-Bornu, Reino de Buganda, Grande Zimbábue, Império Monomotapa (Mwene Mutapa), Império do Benin, Reino de Bamum, Reino Shilluk, Reino de Ruanda, Reinos Haussá, Civilização Swahili e de outros povos e territórios africanos do mesmo período, conhecendo os povos, suas civilizações, culturas e línguas; as cartografias, mapas, estradas, extensões e localizações de terras e territórios; a geografia, rios, lagos e clima dos territórios; suas rotas de comércio e a economia local; seus meios de viagem e formas de transporte; suas culinárias e hábitos alimentares; suas danças e musicalidades; suas cerimônias, ritualísticas, festas, celebrações e comemorações; seus ritos e formas de lidar com a morte, incluindo os locais de enterro, sepultura e cemitério; suas arquiteturas e artes; suas vestimentas, acessórios, tecidos e moda; suas espiritualidades e religiosidades; as imagens, pinturas e fotografias do povo, do território, da cultura; as relações sociais, a linhagem e a organização familiar e cultural no território; seus conhecimentos: a matemática, tecnologias, invenções, inovações e ciência produzidas, sobretudo, a agricultura e outras formas de lidar com a terra, de intervir nela e transformar os elementos da natureza em tecnologias; suas práticas de cuidado, higiene, medicina e saúde; suas formas de comunicação, escrita, literatura, oralidade, mito-

logias, músicas, lendas, contos e cantos; seus jogos, brinquedos e brincadeiras; seus provérbios e histórias; seus conceitos, filosofia e concepção de mundo, entre outros elementos e aspectos das culturas e dos povos nesses territórios de África.

Inicialmente monte e mostre um panorama geral das primeiras civilizações do mundo descritas neste tópico, pesquisando e sistematizando os seguintes temas descritores: nome do povo/etnia, cultura, língua, localização do território, culinária, arte, arquitetura e ciência, inovações, invenções e tecnologias, indumentárias, penteados e acessórios, meios de locomoção a serem mostrados em imagens, vídeos e descrições. Com essas informações é possível montar um catálogo, um vídeo ou uma linha do tempo para mostrar o surgimento, o declínio e/ou a permanência deste território da sua antiguidade aos dias atuais, inspirando-se na linha de raciocínio do Tempo dos Povos Africanos produzida pelo Ipeafro, disponível no link <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf> ou ainda, construir seminário ou trabalho em grupo, em que cada grupo ficará responsável por pesquisar e apresentar um território segundo os temas descritores citados acima; para a apresentação desse trabalho, recomenda-se a elaboração de slides no PowerPoint apontando as referências e/ou os links dos textos, das imagens e dos conteúdos produzidos e utilizados na pesquisa.

É possível reunir as temáticas de território e sortear-las em grupos que pesquisaram o território sorteado seguindo as orientações dos temas descritores acima. Assim, é possível construir a pesquisa em grupo e apresentá-la para a turma. A partir dessa breve pesquisa é possível responder as seguintes questões orientadoras: Que povos e civilizações africanas são essas? Quais são suas culturas, línguas e territórios? Onde estiveram ou estão? Quais conhecimentos, tecnologias, inovações, ciência e legado essas civilizações e povos deixaram para o mundo? Vocês já conheciam sobre a história e cultura desses territórios e povos? Posteriormente, escolha um território do Império de Gana, Império do Mali, Estado do Songhai, Estado do Kanem-Bornu, Reino de Bu-

ganda, Grande Zimbabwe, Império Monomotapa (Mwene Mutapa), Império do Benin, Reino de Bamum, Reino Shilluk, Reino de Ruanda, Reinos Haussá, Civilização Swahili e outros do mesmo período para aprofundar nas pesquisas, nos estudos de casos, seminários, nas rodas de conversas, entre outras atividades conforme a concepção e a orientação descritas neste tópico. Se a atividade for em grupo ou individual para aprofundar um determinado território, é recomendável que se estude um território por vez ou distribua os territórios entre os grupos, podendo adaptar e desenvolver as atividades a partir das sugestões de atividades descritas nos temas articuladores para EHCAAQI deste documento orientador.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

A partir do Capítulo 1 do Livro História geral da África, IV: África do século XII ao XVI. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000321.pdf>

A partir do Capítulo 1 do Livro Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227007>

A partir do Capítulo 1 do Livro História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000322.pdf>

Vídeos

A Linha do Tempo dos Povos Africanos. Disponível em: <https://youtu.be/guWiRZgOvZw>

Canal Mwana Afrika. Disponível em: <https://www.youtube.com/@MwanaAfrika>

Canal Caçador de Histórias. Disponível em: <https://www.youtube.com/@HistoriadaAfrica/playlists>

PERÍODO RESSURGENTE (1500 – 1870 APROX.)



Abordar a extensão territorial e organização sociocultural do Reino do Kôngo, Reino da Matamba, Reino do Ndongo, Império de Oyo, Império Kaabu (Gabu), Império Macina, Império Bamana (Segu), Império de Wadai, Império Wolof, Império Zulu, Reino do Daomé, Império Asante, Reino Bunyoro, Reino de Burundi, Império Etíope, Império Luba, Império Lunda, Reino Kuba, Reino de Mapungubwe, Reino de Imerina, Império Rozwi e de outros povos e territórios africanos do mesmo período, conhecendo os povos, suas civilizações, culturas e línguas; as cartografias, mapas, estradas, extensões e localizações de terras e territórios; a geografia, rios, lagos e clima dos territórios; suas rotas de comércio e a economia local; seus meios de viagem e formas de transporte; suas culinárias e hábitos alimentares; suas danças e musicalidades; suas cerimônias, ritualísticas, festas, celebrações e comemorações; seus ritos e formas de lidar com a morte, incluindo os locais de enterro, sepultura e cemitério; suas arquiteturas e artes; suas vestimentas, acessórios, tecidos e moda; suas espiritualidades e religiosidades; as imagens, pinturas e fotografias do povo, do território, da cultura; as relações sociais, a linhagem e a organização familiar e cultural no território; seus conhecimentos: a matemática, tecnologias, invenções, inovações e ciência produzidas, sobretudo, a agricultura e outras formas de lidar com a terra, de intervir nela e transformar os elementos da natureza em tecnologias; suas práticas de cuidado, higiene, medicina e saúde; suas formas de comunicação, escrita, literatura, oralidade, mitologias, músicas, lendas, contos e cantos; seus jogos, brinquedos

e brincadeiras; seus provérbios e histórias; seus conceitos, filosofia e concepção de mundo, entre outros elementos e aspectos das culturas e dos povos nesses territórios de África.

Inicialmente monte e mostre um panorama geral das primeiras civilizações do mundo descritas neste tópico, pesquisando e sistematizando os seguintes temas descritores: nome do povo/etnia, cultura, língua, localização do território, culinária, arte, arquitetura e ciência, inovações, invenções e tecnologias, indumentárias, penteados e acessórios, meios de locomoção a serem mostrados em imagens, vídeos e descrições. Com essas informações é possível montar um catálogo, um vídeo ou uma linha do tempo para mostrar o surgimento, o declínio e/ou a permanência deste território da sua antiguidade aos dias atuais, inspirando-se na linha de raciocínio do Tempo dos Povos Africanos produzida pelo Ipeafro, disponível no link <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf> ou ainda, construir seminário ou trabalho em grupo, em que cada grupo ficará responsável por pesquisar e apresentar um território segundo os temas descritores citados acima; para a apresentação desse trabalho, recomenda-se a elaboração de slides no PowerPoint apontando as referências e/ou os links dos textos, das imagens e dos conteúdos produzidos e utilizados na pesquisa. É possível reunir as temáticas de território e sortear-las em grupos que pesquisaram o território sorteado seguindo as orientações dos temas descritores acima. Assim é possível construir a pesquisa em grupo e apresentá-la para a turma.

A partir dessa breve pesquisa é possível responder as seguintes questões orientadoras: Que povos e civilizações africanas são essas? Quais são suas culturas, línguas e territórios? Onde estiveram ou estão? Quais conhecimentos, tecnologias, inovações, ciência e legado essas civilizações e povos deixaram para o mundo? Vocês já conheciam sobre a história e cultura desses territórios e povos? Posteriormente, escolha um território do Reino do Kôngo, Reino da Matamba, Reino do Ndongo, Império de Oyo, Império Kaabu (Gabu), Império Macina, Império Bamana (Segu), Império de Wadai, Império Wolof, Império Zulu, Reino do Daomé, Reino Bunyoro, Reino de Burundi, Impé-

rio Etíope, Império Luba, Império Lunda, Reino Kuba, Reino de Mapungubwe, Reino de Imerina, Império Rozwi e outros do mesmo período para aprofundar nas pesquisas, nos estudos de casos, seminários, nas rodas de conversas, entre outras atividades conforme a concepção e a orientação descritas neste tópico. Se a atividade for coletiva ou individual para aprofundar numa determinada localidade, recomenda-se que estude um território de cada vez ou divida os territórios entre os grupos, podendo aliar, adaptar e desenvolver as atividades a partir das sugestões de atividades descritas neste documento nos temas articuladores para EHCAAQI.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

A partir do Capítulo 1 do Livro História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000323.pdf>

A partir do Capítulo 1 do Livro Síntese da coleção história geral da África, II: século XVI ao século XX. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227008>

A partir do Capítulo 1 do Livro História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000322.pdf>

Kaabu, história de um império do início ao fim. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1059145>

Vídeos

A Linha do Tempo dos Povos Africanos. Disponível em: <https://youtu.be/guWiRZgOvZw>

TV PUC-Rio: Historiador angolano resgata história do Reino do Congo. Disponível em: <https://youtu.be/Vml2WpXtAss>

Canal Mwana Afrika. Disponível em: <https://www.youtube.com/@MwanaAfrika>

Canal Caçador de Histórias. Disponível em: <https://www.youtube.com/@HistoriadaAfrica/playlists>

CIÊNCIA, TECNOLOGIAS E AS UNIVERSIDADES AFRICANAS



O continente africano é o berço da humanidade, mas também a base da ciência, tecnologia, invenções, artes, escrita, papiro/papel, metalurgia, economia, comércio, feira, sistema de troca de bens/mercadorias e rotas de caravanas comerciais que percorriam a África alcançando Europa e Ásia, o uso de objetos metálicos e outros materiais como moeda/dinheiro, navegação e viagens dentro e fora da África (chegando na Europa e na Ásia e até nas Américas e no Brasil antes mesmo dos europeus), agricultura, plantação de uva, fabricação de vinho, cerveja e queijo, fabricação e uso do forno, feitura do pão assado através da fermentação, pecuária, medicina, anatomia e fisiologia, filosofia, engenharia, matemática, geometria, astronomia, química, arquitetura, mineração, hidráulica, artes, marcenaria, números, literatura, danças, performances, músicas, instrumentos musicais, espetáculos e festividades, moda, tintura e produção têxtil, uso de roupas e sapatos, camas, tronos, arcas, baús, pilões, cadeiras, bancos, mesas e outros mobiliários, produção e uso de máscaras, cosméticos, bebidas e diversas outras invenções e conhecimentos que propiciaram o processo civilizatório nos mais variados aspectos e sentidos em África (James, 1954; Diop, 1985, 1981; Obenga, 1990, 2004; Leite, 1997; Wedderburn, 2005; Nascimento, 2008; Munanga, 2009; Cunha Júnior., 2001, 2010; Lopes, 2011; Harari, 2015; Machado, 2016, 2015, 2014; Fonseca, 2021).

Entre as tecnologias africanas ancestrais, destaca-se a fundamentação da primeira indústria lítica Oldowan criada pelo Homo habilis, da criação das ferramentas de pedra lascada Acheulean criadas pelo Homo ergaster, da criação do fogo pelo Homo erectus, e das vestimentas com peles

de animais, das técnicas de caça, coleta e pesca criados pelos primeiros humanos e aprimoradas pelo Homo sapiens há milhares de anos. Foi em África que a humanidade caminhou, criou o fogo como tecnologia e se expandiu a partir dele, cozinhou alimentos, aqueceu elementos como a argila, iluminou cavernas, utilizou fogueiras e tochas de fogo como aquecimento, iluminação e proteção contra animais (Cunha Júnior., 2001, 2013, 2010; Diop, 1981, 1985; Harari, 2015; Machado, 2023, 2015, 2014).

O domínio do fogo propiciou a sobrevivência a saída e a permanência da humanidade da África para outros lugares do mundo, isso permitiu, sobretudo ao Homo sapiens, a passagem de caçadores e coletores para agricultores e pecuaristas, ao criar ferramentas de ossos e lâminas e aprimorar as tecnologias anteriores, ao estabelecer moradias em lugares fixos, criando pensamentos sobre a existência, manifestações sobre a espiritualidade e a arte no campo simbólico, abstrato e material, a criação de novos tempos e hábitos, a criação da linguagem e da comunicação, a domesticação de plantas e animais, a escrita (desenhos e signos) impressa nas rochas e cavernas, a invenção de fornos e outras tecnologias e técnicas para feitura de ferramentas, objetos, utensílios, joias e adereços, a capacidade de viver em bandos e depois em aldeias e comunidades estabelecidas em lugares fixos ou em agrupamentos nômades, aprimorando a agricultura e pecuária, a caça e a pesca, o uso das ervas para fins medicinais e espirituais, entre outros saberes uteis para a sobrevivência (Cunha Junior, 2001, 2010; Diop, 1981, 1985; Harari, 2015; Machado, 2023, 2014). Entre os artefatos dessa época estão o Osso de Lebombo datado de 35.000 a. C e o Bastão de Ishango datado cerca de 20.000 a. C que

apresentam compreensão da matemática e de cálculos matemáticos, entre outras funções (Machado, 2023, 2014; Todão, 2023), sobre esses artefatos recomenda-se a leitura do capítulo “A história da Matemática e a Lei nº 10.639/03” escrito por Jefferson dos Santos Todão (2023) da página 171 a 190 no link <https://www.al.ba.gov.br/fserver/imagensAlbanet:upload:antirracismo.pdf>

Entre as invenções e tecnologias africanas da antiguidade, podemos destacar o aprimoramento da agricultura e pecuária, da caça e da pesca, do uso das ervas e da medicina, o calendário de 365 dias e 12 meses desenvolvido por Kemet, os tipos de calendários lunar, solar e estelar, o calendário etíope, os calendários dos povos Akan, Berbere, Igbo, Iorubá, Shona, Suaíli, Xhosa, Borana e Luba (Machado, 2014, p.14; 2023), as tecnologias diversas que incluem “ornamentação corporal, tecelagem, trançados, cerâmica, armadilhas, construções” e outros objetos (Machado, 2014, p. 22), a descoberta da cerveja, os conhecimentos avançados de medicina e suas especialidades, arquitetura, engenharia, matemática, religião, filosofia e entre outros constituídos, estudados, escritos e ensinados no Kemet que são anteriores a Grécia, hoje sabe-se que a origem do conhecimento científico, religioso e filosófico da Grécia tem origem no Kemet (Egito Antigo) que atingiu seu ápice devido a contribuição de diferentes etnias africanas que fizeram parte de sua história.

Ainda se destaca, a perspectiva da engenharia, geometria e matemática encontrada na construção e alinhamento das pirâmides presentes no Kemet (Egito Antigo) e na Núbia (Sudão), o quadrante astrolábico inventado pelo Kemet (Egito Antigo) e utilizado nas navegações, a filosofia presente nas obras literárias “Ensinamentos de Amenemope” escritas por Amenemope no Kemet (Egito Antigo), a astronomia presente nos conhecimentos sobre o universo e sistema so-

lar dos povos Dogons do Mali, especialmente “da estrela anã branca Sirius A” que é invisível a olho nu (Machado, 2014, p. 18), os conhecimentos sobre medicina e cirurgia traumática escritos no Papiro de Edwin Smith o mais antigo desse tema que data de 1700 a.C. É importante desconstruir a ideia de que os construtores das famosas pirâmides no Egito Antigo (Kemet) foram escravizados, segundo o arqueólogo e egiptólogo Zahi Hawass (2012), essa ideia é uma invenção popular e os trabalhadores recebiam pagamento em mercadorias, como a cerveja, por exemplo. Nesse contexto, o regime de trabalho e a servidão não se equiparam aos moldes da exploração ocidental que ocorreu no processo de escravização e conquista europeia. Ademais, o Egito Antigo (Kemet) é a síntese de vários povos africanos, de suas tecnologias, ciências, contribuições e influências que participaram da constituição do mundo, como se pode observar na discussão do vídeo - Cosmologia kemética para uma história africana das negritudes, disponível em: <https://youtu.be/Q2f7ZbdJX4g>

Nesse meandro salienta-se também, os conhecimentos sobre a ancestralidade de territórios africanos encontrados no sítio arqueastronômico Namoratunga datado de 300 a.C. no Quênia e na pedra Rosetta que traz inscrição com hieróglifos do Kemet e de outras línguas a serem decifradas e inúmeras invenções como a vacina, mumificação, autópsia, tração do membro, reconstrução de ossos fraturados (rachados ou quebrados), cirurgias e procedimentos cirúrgicos de modo geral, como a cesariana, cirurgia cerebral, prótese, remoção de tumores, circuncisão, enxerto de pele, extração de dente e instalação de implante dentário, tratamento dentário, cauterização dos tecidos, enchimento de cavidades dentárias, o uso de anestesia e de cortes cirúrgicos feitos com pedras afiadíssimas semelhantes aos bisturis e costurados com tiros de linha semelhantes

ao uso atual da sutura (Paula, 1962; Thorwald, 1962; Machado, 2014, 2022, 2023; Santos, 2019), entre outras tecnologias situadas nos territórios das culturas e etnias africanas, considerando também as pesquisas, tecnologias e invenções contemporâneas, criadas por cientistas e intelectuais como: Cheikh Anta Diop que provou em seu laboratório de radiocarbono a origem negro-africana do Egito Antigo; Brian Turyabagye que criou a jaqueta que identifica pneumonia em crianças; Moctar Dembélé e Gérardi Niyondiko que criaram o sabão Faso eficaz contra a malária; Aklilu Lemma que inventou uma solução utilizada no controle da esquistossomose (Kanitz e Ortiz, 2020); Isaac R. Johnson, criou e patenteou a primeira bicicleta dobrável e desmontável; Charles Orren Bailiff inventou o encosto de cabeça para lavar os cabelos com xampu acoplado nas cadeiras dos salões de beleza; Alexander Miles inventou as portas de elevador que abrem e fecham automaticamente; Gladys Mae West, a inventora do GPS; Garrett Augustus Morgan que inventou o Semáforo de três luzes e a máscara de gás; Mary Beatrice Davidson Kenner inventora do absorvente; Sarah Boone da tábua de passar roupa; Shirley Ann Jackson inventou o identificador de chamadas e chamada em espera utilizados nos telefones, suas criações permitiram o desenvolvimento dos cabos de fibra ótica e células solares; Elbert R. Robinson criou a roda de bonde elétrico; Philip Emeagwali inventou o computador mais rápido do mundo em 1989 e desenvolveu sistemas para prever o clima e os efeitos do aquecimento global; Mark Dean criou o computador pessoal, o chip gigahertz e o sistema Industry Standard Architecture (ISA) que possibilitou a conexão entre computadores e periféricos, como modems e impressoras; Valerie Thomas inventora da tecnologia 3D utilizada pela NASA; Madam C.J. Walker, inventou o pente quente, o condicionador e criou uma linha de cosméticos para o cabelo afro e crespo; Alice H. Parker criou a calefa-

ção central utilizada no aquecimento das casas; Lyda Newman, aprimorou e patenteou a escova de cabelo; Theora Stephens patenteou o babylliss; Lisa Gelobter inventou os GIFs (Graphics Interchange Format), utilizado na animação em GIF; Frederick McKinley Jones revolucionou a ciência da refrigeração, criando unidades portáteis de ar-refrigeração; John Stanard promoveu inovações nas geladeiras e fogões; John Love inventou o apontador de lápis; William Purvis criou a caneta tinteiro; Lee Burridge inventou a máquina de escrever; Richard Spikes inventou a troca de marchas, a caixa de câmbios e o sistema de segurança de freio automáticos para automóvel; James West em parceria com Gehard Sessler inventou o microfone electret, utilizado em telefones celulares; George T. Samon criou a secadora de roupas; Lloyd Quarteman inventou o primeiro reator nuclear; Loyde P. Ray criou a pá de lixo; Thomas W. Stewart; criou o esfregão moderno de limpeza do chão; John Burr inventou o cortador de grama; Imotep, médico negro do Egito Antigo, é o pai da medicina, antes do médico grego Hipócrates, que nasceu aproximadamente dois mil e quinhentos anos depois; Patricia Bath inventou a sonda laserphaco utilizada na remoção a laser da catarata, proporcionando um tratamento mais eficaz, rápido e menos doloroso; Otis Boykin patenteou o resistor elétrico e aprimorou o marca-passo; George Washington Carver inovou na agronomia com o cultivo de amendoim, batata-doce e soja; Gerald Lawson inventou o primeiro console de videogame com o botão de pause; Marian Croak desenvolveu a tecnologia VoIP (Voice over Internet Protocol) que possibilitou a comunicação por áudio e vídeo pela internet, utilizada para fazer reuniões on-line, como no Meet, por exemplo, entre muitos/as outros/as (Pascarelli Filho, 2008; Machado, 2016; Saioneti, 2017; Guimarães & Noguera, 2018; Lopes, 2020; Nardelli, 2020; Zoubaref, 2024; Primeiros negros, s/d).

É oportuno conhecer a prática da medicina do Egito Antigo e suas especialidades por meio da história dos templos de “Atum-Râ em Heliópolis, de Neith em Sais, Anubis em Letópolis” e o de Per-Bastet (Paula, 1962, p. 22) integrados a Per-Ankh (Casa da Vida), um espaço de estudo, escrita, prática, ensino e aprendizagem da medicina que continha Biblioteca, Hospital e/ou Escola de Medicina que funcionavam como centros médicos, parte de um sistema de saúde em parceria com o governo do Egito Antigo, que oferecia acesso não somente cuidado e tratamento para pacientes e visitas médicas domiciliares, mas também formação, supervisão e treinamento de médicas e médicos por meio de um currículo específico e conhecimentos de especialidades e procedimentos, encontrados em manuais médicos como o Papiro de Berlim, Papiro ginecológico de Kahun, Papiro Carlsberg, Papiro Chester Beatty, Papiro de Londres, Papiro Ebers, Papiro Hearst e o Papiro de Edwin Smith, entre outros (BBC News, 2017; Mark, 2017; Pertile, 2020).

Outro aspecto interessante para estudar são as escolas filosóficas no Egito e sua influência no pensamento filosófico grego, segundo George G. M. James (1954) e Théophile Obenga (1990) muitos filósofos gregos, como Sócrates, Platão e Aristóteles, foram influenciados por ideias desenvolvidas em tradições africanas, especialmente no Egito antigo, portanto, a filosofia não é um milagre grego. Pelo contrário, o pensamento filosófico grego não surge isoladamente, ele é fruto da longa evolução e interconexão de culturas que inclui contribuições significativas da África e de suas tradições filosóficas (Bernal, 1987; Noguera, 2011). Abrindo um parêntese, “a própria Europa é, na verdade, uma síntese de diversas culturas, ocidentais e não-ocidentais” (SHOHAT, 2006, p. 38), no entanto, a Europa negou as raízes africanas e asiáticas, islâmicas e judaicas de sua civilização e utilizou o eurocen-

trismo para se apropriar das conquistas e das produções materiais e culturais de outros povos negando-as, mas utilizando-as como se fossem legados da Europa, quando, na verdade, são de povos não europeus (SHOHAT & STAM, 2006).

Para compreender essas informações e a contribuição africana na filosofia é importante estudar, principalmente o livro “Legado Roubado: os Gregos não foram os autores da Filosofia Grega, mas o povo da África do Norte comumente chamados Egípcios”, escrito por George G. M. James (1954), disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/o-legado-roubado-george-g-m-james.pdf> e o capítulo intitulado “Egito: história antiga da filosofia africana” escrito por Théophile Obenga (2004), disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egito_hist%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf Um resumo dessa discussão pode ser lida no texto: Os gregos roubaram a filosofia dos africanos escrito por Yeye Akilimali, disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-gregos-roubaram-filosofia-dos-africanos-por-yeye-akilimali/>

Outro ponto relevante para estudar é compreender o conhecimento da navegação e das outras ciências que permitiram a chegada e a presença africana nas Américas antes dos europeus, como se constata, por exemplo, na presença Núbia no território Olmeca e nas pirâmides encontradas no atual México (Sertima, 2003) e na história de Mansa Abubakari II do Império do Mali que chegou no Brasil antes de Colombo em 1312, onde fica hoje a cidade de Recife (Diawara, 2010). Em suma, os povos africanos cruzaram e atravessaram os oceanos e mares para estabelecer diálogos diplomáticos, negociações e trocas com povos da Ásia e das Américas (SOUZA, 2018; Sertima & Rashidi, 1985) como se vê a partir das

leituras de Ivan Van Sertima (2003), Runoko Rashid (2007) e Mali Gaoussou Diawara (2010). Para acessar um resumo dessa história leia o texto: O Que a História Não Conta: Mansa Abubakari II, disponível em: <https://www.greenme.com.br/viver/arte-e-cultura/109296-mansa-abubakari-ii-imperador-chegou-na-america-antes-de-colombo/> e acesso para leitura o texto da página 30 a 39 do suplemento didático: O tempo dos povos africanos, disponível em: <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf> ou ainda no link <https://kilombocultural.blogspot.com/2013/03/a-saga-do-rei-abubakari-ii-africanos-na.html#:~:text=Diawara%20realiza%20em%20seu%20livro,vasto%20imp%C3%A9rio%20no%20Oeste%20Africano.>

Desse modo, quais são as ciências e tecnologias africanas usadas até hoje? Quais são as práticas da medicina do Egito Antigo que são utilizadas ainda hoje? Diante dessas questões, sugere-se a criação de uma feira das ciências e invenções africanas ou de um catálogo ou maquete trazendo objetos e/ou imagens das tecnologias e invenções africanas ou ainda a imagem das práticas de medicina ou das/os cientistas negras/os da antiguidade aos dias atuais, destacando a importância de África para a ciência e a história mundial.

É importante ressaltar que o mundo ocidental colocou a Europa no centro da temporalidade e da narrativa da ciência, do comportamento e do desenvolvimento humano como exemplo de civilização e modelo universal de humanidade a ser seguido, tal visão e prática, invisibilizou o restante do mundo, inventando histórias e ideias de que África não tinha história antes da invasão europeia, que havia uma inferioridade intelectual dos/as africanos/as e que era preciso civilizar a África e os/as africanos/as (Arroyo, 2008; Mendes Faustino, 2013; Souza, 2018; Fonseca,

2021). Na concepção de Hegel:

A principal característica dos negros é que sua consciência não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com sua própria vontade, e onde ele teria uma idéia geral de sua essência. (...) O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos de sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a idéia de caráter humano. (...) Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato, inexistente. (...) Com isso, deixamos a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar (HEGEL, 1995, p. 84-88).

Nas palavras de Kant “os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha mostrado talentos [...]” (1993, p. 75). Como vimos, essas expressões de Hegel e Kant não expressam o verdadeiro valor, contribuição à humanidade e história da África e de sua descendência negra, pelo contrário, dizem mais sobre o processo de apagamento histórico e universalização do eurocentrismo.

Esse pensamento é a expressão do racismo e do ímpeto colonialista de dominação, de retirar da humanidade o acesso ao conhecimento e a origem dela própria. Esse modo de pensar expressa as representações negativas que Europeus inventaram sobre a África utilizando suas instituições e teorias como tecnologias de poder para subjugar o não-europeu (Said 2004; Arendt, 2010), tornando suas impressões sobre os/as africanos/as em algo hegemônico e naturalizado

ao longo dos tempos, sobretudo, pelas práticas de escravização e conquista das terras em África e a continuidade desse pensamento no Brasil por meio das instituições, legislações e relações sociais desde o período da colonização (Faustino, 2013; Arroyo, 2008; Souza, 2018). Embranquecer a história do Egito antigo descolando-o do restante do continente foi uma alternativa para invisibilizar a história da África e de sua descendência negra. Com isso, para justificar esse intento do colonialismo e do imperialismo europeu, criou-se inúmeros argumentos fundamentados no eurocentrismo e no racismo a fim de disseminar visões negativas sobre a África. Segundo Martin Bernal, autor do livro de *Black Athena: the afroasiatic roots of classical civilization* (1987).

Se existissem 'provas' científicas de que os negros são biologicamente inferiores, como poderíamos explicar o Egito antigo inconvenientemente localizado no continente africano? Havia duas, ou melhor, três soluções. A primeira era negar que os antigos egípcios eram negros; a segunda era negar que os antigos egípcios haviam criado uma civilização; a terceira era negar ambas as hipóteses. Foi essa a alternativa favorita da maioria dos historiadores dos séculos XIX e XX (BERNAL 1987 apud SHOHAT, 2006, p. 92).

Ademais, o que se queria era criar explicações para justificar as atrocidades e violências que seriam cometidas ao longo da história, como a escravização e a colonização e a exploração dos recursos naturais que se viu e ainda se vê em África por parte da Europa (Souza, 2018; Dias, 2022). Teóricos europeus como Voltaire, Carl Linnaeus, Schopenhauer, Auguste Comte, Hume, Levy Bruhl, David Hume, Charles Darwin, Hegel, Gobineau, entre outros (Foé, 2011; Souza, 2018; Dias, 2022) expressavam em suas ações e obras ideias de representações negati-

vas e racistas sobre a África e sua descendência negra colocando a Europa como modelo civilizacional. Com isso, “desde o Iluminismo até a época de Hegel e de Gobineau, o ser negro foi excluído do gênero humano comum e mesmo da História” (Foé, 201. p.68), isso fica perceptível nas falas de Kant quando este corrobora com as ideias racistas de Hume sobre a aptidão do negro à servidão. Kant disse:

Dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores (KANT, 1993, p. 76).

É nessas e em outras falas, sobretudo desde a época do Iluminismo, que repousam as reverberações das representações negativas sobre África e sua descendência negra que ainda são reproduzidas pela sociedade, ora como expressão da ignorância, ora como expressão do racismo como modo de vida, ideologia e cultura de alguns grupos. Diante de tantas falácias, textos e expressões a serviço da visão colonialista e racista sobre a África, foi necessário um movimento de reparação dessa história negada pelo ocidente trazendo perspectivas africanas da história e de outras áreas do conhecimento, como se vê nas obras de Joseph Ki-Zerbo, Bou-bou Hama, Abdias do Nascimento, Oyèrónké Oyěwùmí, Bethwell Allan Ogot, Valentin-Yves Mudimbe, Nana Oforiatta Ayim, Jan Vansina, Amadou Hampâté Bâ, Djibril Tamsir Niane, Eli-kia M'Bokolo, Amadou Mahtar M'Bow e na

Coleção História Geral da África (UFSCar, 2010), por exemplo.

Entre os/as intelectuais que tiveram um papel importante na desconstrução dessa visão etnocentrista e racista sobre a História da África, Cheikh Anta Diop (1985) se destaca mundialmente como pesquisador, professor, historiador, antropólogo, arqueólogo, etnólogo, paleontólogo, egiptólogo e estudioso das áreas de química, física nuclear, filosofia e linguística, mas também como pessoa africana, pertencente ao povo Wolof, nascido em 1923, no Senegal. Assim, juntamente com Théophile Obenga, Cheikh Anta Diop assumiu a missão de recontar a história do Kemet (Egito Antigo) a partir da África e de sua descendência negra (Dias, 2022), desconstruindo as falácias teóricas que o mundo ocidental contou sobre o continente africano e sua população negra. Por isso, foi preciso descolonizar as ciências humanas e reescrever a historiografia de África para contrapor, no campo científico, os ideais, as ideologias e a visão etnocêntrica, eurocêntrica, hegemônica e preconceituosa difundidas por autores europeus. Nesse campo, o historiador Joseph Ki-Zerbo também se destaca por criar obras que ajudam a descolonizar o saber, especialmente sobre história da África e dos/as africanos/as. Como sugestão de atividade, principalmente para os 8º e 9º anos, recomendamos o estudo e a pesquisa sobre a história de Cheikh Anta Diop, Théophile Obenga e Joseph Ki-Zerbo e suas contribuições para a ciência, sobretudo, sobre a origem da humanidade, dos antigos egípcios e da história, florescimento e desenvolvimento das civilizações em África.

Nesse contexto, é oportuno conhecer a história das primeiras universidades do mundo que fizeram parte dos territórios de grandes impérios de África, como Per Ankh (Casa da Vida), o primeiro centro de altos estudos, ligados a tem-

plos religiosos, fundado em 3100 a.C, presente em muitas cidades do Antigo Kemet (Egito Antigo), como “Amarna, Edfu, Mênfis, Bubástis e Abidos” (Machado, 2014, p. 13), a Universidade de Al-Qarawiyyin (ou Al-Karaouine), fundada em 859, na cidade de Fez em Marrocos; a Universidade de Alazar (ou Al-Azhar), fundada em 970, no Cairo, Egito, África; e a Universidade de Sankoré (ou Sankoré), fundada 988 em Tombuctu, no Mali, essas universidades são anteriores à Universidade de Bolonha, criada em 1088 na Itália, que o ocidente postula como a pioneira, mas não é (Cunha Júnior, 2023). Nessa rota, crie uma apresentação geral com imagens e vídeos, passeios virtuais ou trabalhos para conhecer a história dessas universidades e de seus/suas criadores/as e o tipo de conhecimento que elas abordavam e ensinavam. Pesquise a história de instituições de ensino, bibliotecas, templos e outros espaços em África que foram utilizados para fins educativos como o Templo de Waset no Egito Antigo, a biblioteca de Alexandrina no Egito Antigo já sob domínio da Macedônia, a Igreja Imperial Axumita, as escolas filosóficas SidiYahya e JingerayBer no Mali e as escolas de iniciação na tradição em África segundo as etnias e clãs africanos. Pesquise também as várias formas de educação tradicional no continente africano que utilizam não somente a escrita, mas a oralidade e a corporeidade como forma de memória e transmissão do saber, do ser e do fazer entre e para as gerações (Mungala, 1982; Hampâté Bâ, 1982, 1997; Tedla, 1995; Adeyemi & Adeyinka, 2003; Somé, 2003; Souza, 2012; 2018; Paré-Kaboré, 2013; Afonso, 2016; Diagne, 2022; Cunha Júnior, 2023). Saiba mais sobre a educação tradicional em África, lendo o texto com reflexões de Mungala (1982) no link: <https://wizi-kongo.com/as-caracteristicas-da-educacao-tradicional-em-africa/> e o texto de Bamby Diagne (2022), disponível em: <https://www.meer.com/fr/70619-leducation-traditionnelle-en-afrique> (utilize o google tradutor).

É oportuno conhecer e pesquisar a educação tradicional dos/as Djélis, conhecidos Griôs, Griots ou Griotes, contadores das histórias e guardiões das tradições de seu povo, que recebem denominações variadas de acordo com a língua e organização social de cada povo, essas pessoas são consideradas como bibliotecas vivas, presentes especialmente como casta social na região da África ocidental e oriental, entre os povos dos atuais territórios do “Mali, Senegal, Gâmbia, Libéria, Serra Leoa, Mauritânia, Benim e Burkina Faso” (Lopes, 2019, p. 2), mas presente como tradição (de contar história e transmitir a cultura) em toda África e em sua sexta região que abarca os lugares onde ocorreu escravização de africanos como no Brasil. Griot é uma palavra afrancesada para designar as atividades da África ocidental e do restante do continente (Guimarães & Noguera, 2018). Logo, cada povo africano nomina o Griot conforme sua própria língua, podemos destacar: “Dyéli ou Diali, entre os Bambaras e Mandingas, Guésséré entre os Saracolês, Wambabé, entre os Peúles, Aoulombé, entre os Tucolores; e Gguéwel (do árabe Gawwal) entre os Uolofes” (Ribeiro, 2017, p. 20 apud Nei Lopes, 2011), Djidius, principalmente entre os mandingas na Guiné-Bissau (Mané, 2019), Dioma, Dieli, Fua, Rafuma, Baba, Mabadi entre outros povos de África (Lopes, 2019; Guimarães & Noguera, 2018, p. 66; Souza, 2012; Talga, 2012; Waldman, 1998; Hampâtê Bâ, 1982). Abrindo um parêntese, é importante salientar que os povos indígenas,

Os primeiros povos do Brasil também reconhecem no termo Griô a definição de um lugar social e político na comunidade para transmissão oral dos seus saberes e fazeres, a exemplo dos Kaingang do Sul, dos Tupinambá das Aldeias Tukun e Serra Negra (BA) e os Pankararu de Pernambuco, os Macuxi em Roraima, e tantos outros que participam da Rede Ação Griô Nacional contam sobre os Morubixabas, Kanhgág

Kanhró... e o Griô contempla todos (A Lei Griô Nacional, s.d.).

É interessante realizar um contraponto para perceber a importância da oralidade, da arte e da corporeidade na transmissão do conhecimento presente nas culturas e nas histórias africanas, afro-brasileiras, quilombolas e indígenas que educam pessoas em seus territórios segundo suas perspectivas de mundo e modos de ser conforme suas tradições. Para ampliar as percepções sobre a territorialidade desses povos, recomenda-se conhecer as arquiteturas e tecnologias empregadas na construção das cidades da antiguidade da África, como a tecnologia de pedra maciça utilizada na construção de grandes cidades no Zimbábue e em Moçambique, os grandes castelos, palácios, mesquitas e universidades do Império do Mali, além das cidades mais antigas de Axum, Napata, Meroé, Luxor, Fayoum, Djenné, Cartago, Tombuctu, Grande Zimbabwe, Ilé-Ifè, Louango, Kilwa, Gao, Kumbi-Saleh, Fez, Sousse, Marrakech, Segou Koro, M'Banza Congo e outras cidades mais atuais, como Adis Abeba na Etiópia, Gaborone em Botswana, Abidjã na Costa do Marfim, Harare no Zimbábue, Dar es Salaam na Tanzânia, Túnis na Tunísia, Nairobi no Quênia, Dakar no Senegal, Rabat no Marrocos, Cidade do Cabo na África do Sul, Luanda em Angola, Lagos na Nigéria (sede da Nollywood, indústria cinematográfica nigeriana), Kinshasa na República Democrática do Congo e outras que trazem a história, a densidade demográfica e a tecnologia nos países africanos. Também é possível propor a mesma metodologia para conhecer os diversos estilos, tipos e ritmos de música e dança, joias, vestimentas e adereços e estilos de penteados e tranças, tecidos e formas de produção e tecnologia que expressam as culturas locais dos diversos territórios africanos.

Estudar a história de povos africanos formados por Berberes, Tuaregues, Soninkés, Mandingas, Árabes, entre outros, conhecidos pelos europeus pejorativamente como povos mouros que a partir do norte da África nos idos de 711 d. C se expandiram e ocuparam parte da Europa, somando quase 8 séculos de ocupação e hegemonia cultural e política na Península Ibérica onde deixaram um legado para a Europa, “o desenvolvimento diferenciado de Portugal e Espanha, com relação ao restante da Europa, no século 14 e 15, se deve em parte pela influência africana nesta região. Tenho de lembrar que Portugal e Espanha foram colônias dos Mouros por 700 anos” (Cunha Júnior, 2013, p. 6).

Faça uma apresentação de imagens de pessoas africanas do Norte da África (mouras) que ocuparam a Península Ibérica, trazendo suas contribuições para o desenvolvimento e civilidade da Europa, como o hábito do saneamento básico e público, dos banheiros públicos espalhados pelas cidades, do uso de talheres, do banho e da limpeza do corpo, das ruas, dos ambientes domésticos, do uso de tecido, da arquitetura dos prédios públicos e domésticos, da pavimentação das ruas, do uso de varandas e jardins com fontes e pomares, o uso da leitura e escrita em papéis, o uso e desenvolvimento do comércio,

das artes, das humanidades, do ensino e da alfabetização, de livrarias e bibliotecas, o uso dos conhecimentos avançados de navegação, construção naval, engenharia, agricultura, entre outros conhecimentos e aspectos.

Além das sugestões descritas anteriormente que é possível adaptar, recomenda-se criar um mapa ou uma linha do tempo que mostre a ciências, as invenções, tecnologias, as áreas de conhecimentos, os saberes e fazeres nos territórios africanos, mostrando as datas e/ou períodos dos povos que criaram tais conhecimentos, saberes e fazeres, somado a isso, é oportuno sistematizar e sortear os temas para criar um seminário com trabalho de pesquisa em grupo que aborde a ciências, os conhecimentos, saberes e fazeres, as tecnologias e invenções dos povos africanos, situando os conhecimentos que produziam e produzem em suas culturas nos seus respectivos territórios. É possível criar uma linha do tempo abordando aspectos dessa produção científica, cultural, intelectual e social da antiguidade até os dias atuais, conforme se observa-se na linha de raciocínio do Tempo dos Povos Africanos produzida pelo Ipeafro, disponível no link <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf>

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Livro – O tempo dos povos africanos. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf>

Livro - A origem africana da civilização: mito ou realidade, por Cheikh Anta Diop. Disponível em: <https://www2.unifap.br/neab/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civiliza%C3%A7%C3%A3o-ptbr-completo.pdf>

Livro - Tecnologias africanas e Educação, por Henrique Cunha Junior. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/prpgi/editora/livros/ciencias-humanas/Tecnologiasafricanaseeducaocad7.pdf>

Livro - Tecnologia Africana na Formação Brasileira, por Prof. Dr. Henrique Cunha Junior Disponível em: https://cpvceasm.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/05/cadernotecnologias-africanas_ceap_vf.pdf

No Capítulo 21 - Tendências da filosofia e da ciência na África do Livro História geral da África, VIII: África desde 1935. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000095952_por

África: lugar das primeiras descobertas, invenções e instituições humanas texto do Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/africa-lugar-das-primeiras-descobertas-invencoes-e-instituicoes-humanas/>

Conhecimento científico e tecnológico dos povos africanos: estratégia de resistência à tradição seletiva no ensino de ciências. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/381/378>

Os gregos roubaram a filosofia dos africanos. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-gregos-roubaram-filosofia-dos-africanos-por-yeye-akilimali/>

Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente. Disponível em: <https://www.portalafro.com.br/ciencia-tecnologia-e-inovacao-africana-e-afrodescendente/>

História e tecnologia africana: diálogos possíveis no ensino médio integrado. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31497/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado_M%C3%A1rciaFarias.pdf

Construtores das pirâmides do Egito não eram escravos. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/construtores-das-piramides-do-egito-nao-eram-escravos-1.377728>

Quem construiu as pirâmides? Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/nem-ets-nem-escravos>

A práxis da cosmovisão africana no ensino de matemática, por Gustavo Forde. Disponível em: <https://www.seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/713>

Aprendizes de griô: pesquisa e divulgação da produção científica e tecnológica africana. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/11908/8334>

Um olhar decolonial para museus de ciências: Proposta de intervenção online. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/11912/8341>

Produção científica africana e afrocentricidade: beleza, saúde, cura e a natureza holística da ciência africana. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34894/3/Disserta%C3%A7%C3%A3o_vers%C3%A3o%20final.pdf

Ciência negra para a descolonização do saber. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/mais/ciencia-negra>

Carlos Eduardo Dias Machado e as omissões históricas da genialidade negra. Disponível em: https://primeirosnegros.com/carlos-eduardo-dias-machado/#google_vignette

Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente Disponível em: <https://www.portalafro.com.br/ciencia-tecnologia-e-inovacao-africana-e-afrodescendente/>

O fazer científico e o conhecimento africano: pistas e esboços - um breve diálogo, mas necessário por Dagoberto José Fonseca. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1251>

África em Artes. Disponível em: http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/africa_em_artes.pdf

Caderno de Educação do Ilê Aiyê - África ventre fértil do mundo. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/wp-content/uploads/2018/09/Caderno-de-Educac%C3%A7%C3%A3o-2001-%E2%80%93-Africa-ventre-fe%C3%A7%C3%A3o-do-mundo.pdf>

Vídeo

Invenções africanas que mudaram o mundo 1. Disponível em: <https://youtu.be/uyn3iNrh61A>

Invenções africanas que mudaram o mundo 2. Disponível em: <https://youtu.be/JvBPm5tVxwI>

Tecnologias africanas na história da humanidade – Parte 1 com o Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior. Disponível em: <https://youtu.be/cyix3zdZ-JSE>

Tecnologias africanas (parte 2) – as escritas com o Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior. Disponível em: <https://youtu.be/wgxBfDlZE4s>

A Linha do Tempo dos Povos Africanos. Disponível em: <https://youtu.be/guWiRZgOvZw>

Aula-exposição com base na Linha do Tempo dos Povos Africanos. Disponível em: <https://youtu.be/KcboC0i4D1o>

Ciência, tecnologia e inovação africana com o Prof. Carlos Machado. Disponível em: <https://youtu.be/FLWKq9WqNug>

História e historiografia africana: entrevista com Elikia M'Bokolo. Disponível em: https://youtu.be/QB_se36xleQ

África - Berço da Humanidade. Disponível em: <https://youtu.be/0Mal2nGLink> (Observar os conhecimentos, tecnologias e inovações africanas como o fogo e as expedições do Egito Antigo (Kemet) que utilizaram justiça, verdade e generosidade como poder na liderança e expansão do império, como valores ensinados ao mundo).

Os governantes pretos da Europa. Disponível em: <https://youtu.be/HWL3D3VosAk>

Moreno: a Origem do Conceito. Disponível em: <https://youtu.be/nS83nnF4hj8>

Universidades Africanas: as mais Antigas do Mundo | Mwana Afrika Oficina Cultural. Disponível em: https://youtu.be/2Bq_r7pculM

A influência da África na ciência moderna. Disponível em: <https://youtu.be/zgO3TxxljV4>



RESISTÊNCIA AFRICANA CONTRA A DOMINAÇÃO COLONIALISTA E O IMPERIALISMO EUROPEU E A PARTILHA DA ÁFRICA ENTRE AS NAÇÕES DA EUROPA



Havia desenvolvimento, ciência, política, diversas culturas, inúmeras civilizações e muita riqueza em África antes da invasão europeia (Luz, 2000; Capossa, 2005; Ki-Zerbo, 2009; Nascimento, 2009; Fonseca, 2009; Cunha Júnior, 2010; Rodney, 2022). Com a dominação colonialista e o imperialismo europeu por poder, controle e acúmulo de bens, o continente africano foi conquistado e perdeu sua autonomia e desenvolvimento econômico. Além disso, sua liberdade e independência política e social também foram cerceadas, devido à interferência das nações europeias em seu território, sobretudo, após alguns tratados de 1885 a 1902 e a divisão das terras africanas entre os Estados Europeus, ocorrida na Conferência de Berlim entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885. Uma das justificativas dos europeus para a ocupação da África e a exploração capitalista das terras que não lhes pertenciam foi a pseudo-missão de levar a civilização, desconsiderando e desconfigurando o legado de África, sua história, o papel de sua população e das diversas civilizações africanas na história mundial, inclusive na influência dos saberes adquiridos pela Europa, especialmente aqueles sobre navegação apreendidos por Portugal e Espanha durante a ocupação moura (do norte da África) na Europa (Asante, 2016; Cunha Júnior, 2013; Boahen, 2010; Capossa, 2005).

Contudo, esse argumento de levar a civilização à África sustentado, pelas pseudoteorias raciais europeias, como o Darwinismo social, a Eugenia e o racismo científico, se configurou como uma falácia inventada para ocultar a verdadeira intenção de explorar toda a riqueza, ciência e recursos produzidos pela África e por sua população negra, empreendendo seus próprios conhecimentos e corpos e sua própria mão de obra em África e fora dela, para sustentar a Europa, seu desenvolvimento, industrialismo e devaneios, que, por conseguinte, se estabeleceriam em diferentes momentos da história, passando pelo tráfico de escravizados, pela produção de comércio e mercadorias, pela exploração dos recursos naturais, esta última ainda em vigor (Silvério, 2013; Dussel, 2005; Wedderburn, 2007, 2012; Fonseca, 2022).

Entretanto, nessa seara, a conquista europeia não foi fácil, muito menos amena, como pensa grande parte da população brasileira, se por um lado havia resistência da África, por outro, havia muita violência por parte dos europeus para conter o anseio e a luta pela liberdade política, econômica, social, religiosa e cultural dos povos africanos, donos iniciais das terras invadidas, ocupadas e exploradas pelos conquistadores europeus, que, por sua vez, almejavam a expansão de suas economias e o acúmulo de capital.

Ao chegar no continente, os colonizadores encontraram povos de culturas diversas aos quais deram o nome genérico e pejorativo de “negros”. Mas esses negros (expressão hoje consagrada) eram antes da colonização grupos étnicos diversos com escalas de valores e visões de mundo diferentes. Suas identidades num contexto contrastivo como auto-imagem funcionavam normalmente. Havia relações de amizade e de hostilidade entre os povos. No último caso, as identidades interferiam como fator de unidade, de solidariedade e de coesão entre os membros do grupo (Munanga, 1993, p. 108).

A partilha da África fragmentou a realidade construída por esses povos. Ademais, essa divisão das terras do continente africano, traçada a partir dos mapas na Conferência de Berlim, foi imposta e controlada sem respeitar as fronteiras e diferenças étnicas e linguísticas dos povos locais, colocando povos diferentes no mesmo território, destruindo patrimônios, indústrias e comércios, dividindo e fragmentando terras, etnias e famílias estabelecidas no território, o que foi a razão para muitos dos conflitos civis em África (Uzoigwe, 2010; Munanga, 1993). Com esse intento e o aumento do poderio militar e bélico, a exploração da Europa subdesenvolveu e empobreceu economicamente a África (Rodney, 2022; Doumbia, 2011; Ki-Zerbo, 2009; Santos, 2001). Nesse período, através da estrutura criada pelo colonialismo e pelos processos de exploração e escravização, a Europa após milhares de anos de guerra, conseguiu tirar a África dos africanos pela colonização e os africanos de África pela escravidão, como aponta Nobles (2009).

Isso só foi possível porque a Europa desenvolveu a capacidade militar e a cultura da guerra para lidar com vários conflitos e insurreições promovidas pelos africanos no continente. O avanço das armas europeias está relacionado à resistência africana. Além disso, outro aspecto relevante é

que, após enfrentar epidemias e desafios de saúde significativos, a Europa conseguiu aprimorar sua atuação na área da saúde (Fonseca, 2024; 2021). Isso a tornou, do ponto de vista estratégico, uma potência política e militar, ao aplicar o conhecimento científico da área da saúde na guerra, aumentando assim sua capacidade de garantir a longevidade de sua população em combate. Além das armas, outras ciências foram importantes para a dominação europeia, como a medicina e as ciências humanas. Segundo o antropólogo Dagoberto José Fonseca (2024), a descoberta da penicilina como um antibiótico eficaz permitiu que as potências europeias avançassem e dominassem o interior do continente africano entre os séculos XIX e XX, tanto que antes e pouco depois da Conferência de Berlim, a Europa não tinha explorado o coração da África, ficando restrita às regiões costeiras (Fonseca, 2024; 2021). Fonseca (2024) salienta que o tráfico de escravizados forjados pela Europa também teve influência da área científica, sobretudo das disciplinas das áreas da saúde, engenharias e humanas.

Todavia, a resistência e oposição dos africanos à dominação, violência e atrocidades cometidas pelos conquistadores europeus permaneceu constante em toda a África, dificultando, por séculos, o domínio europeu completo no continente. Nessa direção, é pertinente, por meio de seminários e trabalhos em grupos, pesquisar e conhecer, estudar e aprender sobre as lutas, insurgências e resistências dos povos africanos por liberdade e autonomia em seus territórios, como se pode ver: (1) no Império Asante (atual Gana) liderado pela Rainha Yaa Nana Asantewaa (Rainha-Mãe) que se opôs ao avanço do domínio britânico na Guerra do Trono de Ouro, foram onze Guerras dos Asante e outras Guerras Fanti, nessas incursões em meio as organizações de resistência, o povo Fanti escreveu entre 1865 e 1871 a Constituição Fanti com ensejo de petição para a liberdade de Gana (Nascimento, 2008; nos Reinos do Ndongo

e Matamba (atual Angola) que resistiram contra os portugueses sob a liderança da Rainha Nzinga; (2) no Império Zulu que resistiu contra os ingleses, liderado inicialmente pelo Rei Shaka Zulu e a influência de sua Rainha-mãe Nandi ka Bhebhe, passando pelos comandos de vários Reis ao longo dos tempos (Nascimento, 2008), um marco de resistência desse império foi a vitória do exército Zulu com 20.000 homens liderado pelo rei Cetshwayo que derrotou os britânicos na Batalha de Isandhlwana em 22 de janeiro de 1879 na atual África do Sul; (3) nas muitas lutas contra a escravização do Norte ao Sul da África; (4) na resistência da Rainha Ndaté Yalla Mbodj do Reino de Waalo (atual noroeste do Senegal e sul da Mauritânia) que liderou a luta contra a colonização francesa; (5) na batalha de Adwa, em 1896 quando os etíopes derrotaram os italianos, a Etiópia permaneceu independente sob o governo de Menelik II; (6) na liderança de Samory Touré do Império Mandinga de Uassulu que resistiu ao colonialismo francês de 1882 a 1898 no Golfo da Guiné na África ocidental; (7) em Lat Dior Ngoné Latyr Diop, um Rei de Cayor, do Império Wolof (atual Senegal) que se opôs contra os franceses; (8) na liderança de Madame Tinubu contra invasão europeia no Daomé em 1864; (9) na liderança Mohamad Ahmed Abdallah no Sudão contra as forças britânicas em 1898; (10) na liderança de Béhanzin Hossu Bowelle do Reino do Daomé (Benin) contra os franceses (Correa, 2020; Nascimento, 2008); (11) na resistência Kel Tamacheque contra a opressão colonial da França (Adnane, 2019); (12) na resistência de Beatriz Kimpa Vita contra a imposição do catolicismo no antigo Reino do Kôngo (atual Angola); (13) na liderança da Rainha Ranavalona do Reino de Imerina em Madagascar, contra a dominação da Inglaterra e da França; (14) Dihya (Kahina), líder militar e religiosa Imazighen; (15) no Reino de Daomé que lutou contra a dominação francesa, onde se destacam as Ahosi (Agojie ou Mino), mulheres guerreiras que foram uma força militar de elite

do Reino do Daomé (atual Benim) até o final do século XIX. Inspirado nessa história real, o filme *A Mulher-Rei* (The Woman King), através de uma interpretação artística, apresenta os fatos dessa história, as habilidades de combate, a disciplina, o treinamento e a braveza dessas mulheres para proteger o reino de seus inimigos. As Ahosi também serviram de inspiração para as Dora Milaje, as mulheres da guarda real de Wakanda no filme *Pantera Negra*; além de outros exemplos de resistência africana contidos no Livro *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*, do capítulo 3 ao 10 (Boahen, 2010).

Para finalizar, é importante organizar, além de outras atividades, textos, pôster, charge, desenho, teatro, apresentação, performance, seminário e instalação artística que mostrem imagens, vídeos, nomes, etnias, lugares e histórias das lideranças citadas, para que os/as estudantes conheçam os fatos e personalidades históricas que lutaram por suas culturas e pela liberdade de si e de seus povos contra a dominação, intrusão e exploração da Europa na África, devido à escravização, colonialismo, imperialismo, guerra e racismo empreendidos pela expansão dos estados nacionais europeus (Moura, 1983).

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Do capítulo 1 ao 11 do Livro História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190255>

Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000064435_por

Algumas consequências da Conferência de Berlim (1884-1885) para a atual África. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ldentidade/article/view/2286

Imperialismo e a partilha da África: entenda! Disponível em: <https://www.politize.com.br/imperialismo-e-a-africa/>

África - Trinta anos de processo de independência pelo Prof. Dr. Kabengele Munanga. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26002>

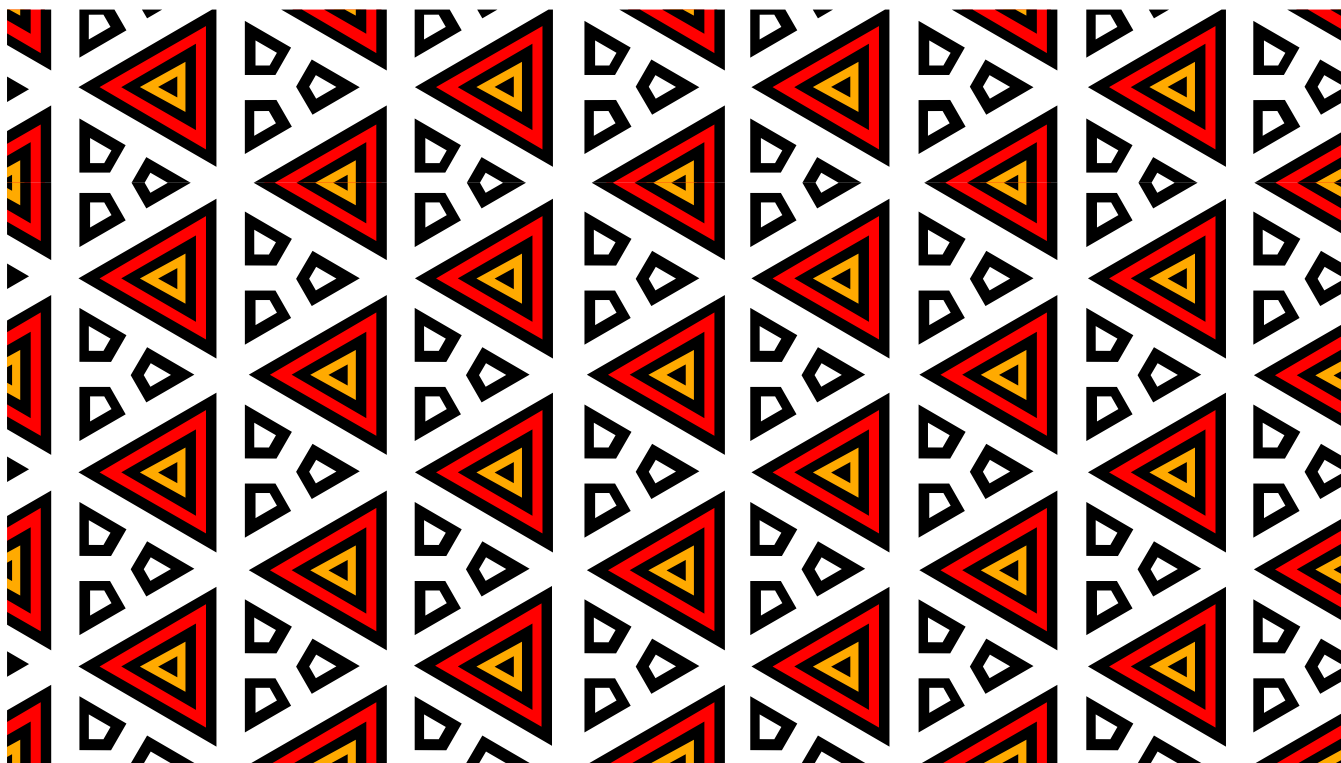
Vídeos

Como a Europa subdesenvolveu a África? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oysugNCBIBo>

Como a Europa racializou a África. Disponível em: <https://youtu.be/EehE08103gw>

Como a Europa roubou e dividiu a África. Disponível em: <https://youtu.be/A1Cr6p-FJS4>

Entenda o imperialismo e as principais forças de resistência africanas. Disponível em: <https://youtu.be/CwrlDWtyqFQ>



A SOCIODIVERSIDADE DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL



Quais são os povos indígenas no Brasil? Quais são suas culturas? Onde estão? Neste tema, dentre outros aspectos, é preciso conhecer, apresentar e reconhecer a diversidade étnica, cultural e linguística dos povos indígenas considerando: suas línguas; seus valores e saberes ancestrais; suas culturas e histórias, memórias e tradições; pertencimentos e identidades étnicas; suas organizações sociais, relações interpessoais e de parentesco; suas cerimônias, ritualísticas e espiritualidades; suas festas, celebrações e comemorações; suas ciências, matemáticas e tecnologias; suas práticas e conhecimentos da botânica e da medicina tradicional (abrangendo desde a nomeação de elementos da natureza até os usos culinários, espirituais e medicinais das ervas, da fauna e da flora); seus territórios, suas extensões e localizações; históricos, cartografias e geografias de suas terras; suas lutas pelas demarcações de suas terras, pela conservação e proteção de seus territórios, pela preservação da natureza; suas danças e músicas; seus jogos, brinquedos e brincadeiras; suas culinárias e cosmetologias; práticas de cuidado, higiene e saúde; suas arquiteturas, agriculturas e habitações; suas estéticas e moda (abarcando vestimentas, acessórios, adornos, pinturas corporais, tecelagem, tecidos, etc); suas literaturas orais, ancestrais e escritas (abarcando lendas, contos, provérbios, mitologias, histórias, etc); seus ritos e formas de lidar com a morte, incluindo os locais de enterro,

sepultura e cemitério; suas artes, sentidos, significados e usos dos grafismos; suas cosmologias e visões de mundo que abarcam seus jeitos e modos próprios de viver, fazer, sentir, pensar, ensinar-aprender, educar, ser e representar o mundo situados em suas perspectivas étnico-culturais; compreendendo, sobretudo, suas existências e organizações sociais e culturais próprias, anteriores e posteriores ao período colonial até os dias atuais, entre outros aspectos (Dos Santos, 2023; Brasil, 2015; Menezes, 2014; Munduruku, 2014; Terena, 2014; Brasil, 2012; Luciano, 2006).

Outro aspecto relevante destacado por Menezes (2014, p.8) é conhecer a existência de povos indígenas em situação de isolamento que evitam ou que não estabelecem contato com outros povos e o papel do Estado na garantia desse direito, compreendendo também, o processo de reconhecimento e o histórico de povos indígenas emergentes ou ressurgentes que estão reafirmando suas identidades e ancestralidades na sociedade brasileira. Nessa direção, Gersem dos Santos Luciano (2006, p. 43) ressalta que cada povo indígena tem sua forma de organizar “suas relações sociais, políticas e econômicas” e culturais, seja internamente, dentro do seu povo ou com outros povos com quem mantém contato. Portanto, cada cultura segue seu próprio caminho conforme “os diferentes eventos históricos que enfrentou” ao longo dos tempos (LARAIA, 1986, p. 34).

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 305 etnias indígenas, 174 línguas indígenas, 1393 terras indígenas identificadas como terras indígenas tradicionalmente ocupadas, reservas indígenas ou terras dominiais (APIB, 2023, p. 16; Nhandewa, 2024) e 1,7 milhão de pessoas indígenas residentes nos territórios indígenas e nas cidades do Brasil. Atualmente, em Araraquara, há 150 pessoas indígenas autodeclaradas. É interessante saber quem são essas pessoas, quais são suas etnias, culturas, condições de vida, trabalho, educação, entre outras informações (IBGE, 2023; Nhandewa, 2024). O livro Línguas indígenas brasileiras de Aryon Dall'Igna Rodrigues de 2013 (disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasiliras_

RODRIGUES, Aryon_Dall%C2%B4Igna.pdf), apresenta 199 línguas indígenas ordenadas pelo nome da língua e do povo, uma quantidade menor do Censo 2010 do IBGE que contabilizou 274 línguas indígenas. Além disso, no Brasil, houve mais de mil línguas indígenas diferentes. O que esses números revelam? O que a realidade social informa?

Em suma, a sociodiversidade étnica e cultural da população indígena no Brasil abrange a antiguidade e a contemporaneidade, a complexidade e a multiplicidade das histórias e das culturas dos mais de 340 povos que a escola e a sociedade brasileira precisam conhecer e estudar, como se vê a seguir:

QUADRO EM ORDEM ALFABÉTICA COM AS NOMENCLATURAS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

A	Apinayé, Apolima – Arara, Apurinã, Aranã, Arapáso, Arapiun, Arara, Arara de Rondônia, Arara do Acre, Arara do Aripuanã, Arara do Pará, Arawá (Família linguística), Araweté, Arikapú, Arikén, Arikosé, Aruá, Aruak (Família linguística), Ashaninka (Ashenïka), Asurini do Tocantins, Asurini do Xingu, Atikum, Ava-Canoeiro, Avá-Guarani, Aweti, Ayoreo.
B	Baenã, Bakairí, Banawa, Baniwa, Bará, Barasána, Baré, Bóra (Família linguística), Borari, Boróro, Botocudo.
C	Catokin, Chamakóko (Chamacoco), Charrua, Chiquitáno, Chiquito (Família linguística), Cinta Larga.
D	Dâw (Dow), Dení, Desána, Diahóí, Djeoromitxí – Jabutí, Djeoromitxí.

E	Enawenê-Nawê
F	Fulni-ô
G	Galibi do Oiapoque, Galibí Marwórno, Gavião de Rondônia, Gavião Krikatejê, Gavião Parkatejê, Gavião Pukobiê, Guaikurú (Família linguística), Guajá (Awa Guajá), Guaraní, Guarani Kaiowá, Guarani Mbya, Guarani Nhandeva, Guató, Gueren.
H	Hahaintesu, Halotesu, Himarimã, Hixkaryána, Hupda.
I	Ikpeng, Ingarikó, Irántxe , Issé.
J	Jabutí (Família linguística), Jamamadí, Jaminawa, Jaminawa Arara, Jarawára, Jaricuna, Javaé, Jenipapo Kanindé, Jeripancó, Juma, Jurúna, Jururey.
K	Ka'apor, Kadiwéu, Kaeté, Kahyana, Kaiabi, Kaimbé, Kaingang, Kaixana, Kalabaça, Kalankó, Kalapalo, Kamakã, Kamayrurá, Kamba, Kambéba, Kambiwá, Kambiwá-Pipipã, Kampé, Kanamanti, Kanamarí, Kanela, Kanela Apaniekra, Kanela Rankocamekra, Kanindé, Kanoé, Kantaruré, Kapinawá, Kapon Patamóna, Karafawyana, Karajá, Karapanã, Karapotó, Karib (Família linguística), Karijó, Karipuna, Karipúna do Amapá, Kariri, Kariri – Xocó, Karitiana, Kassupá, Katawixí, Katuena, Katukina (Família linguística), Katukina do Acre, Kawahíb, Kawaiwete (Kaiabi), Kaxarari, Kaxinawá (Huni Kuin), Kaxixó, Kaxuyana, Kayapó, Kayuisiana, Kinikinau, Kiriri, Kisêdjê, Kithaulu, Koiupanká, Kokama, Kokui-regatejê, Koripako, Korúbo, Kotiria, Krahô, Krahô-Kanela, Kreje, Krenák, Krenyê, Krikati, Kubeo, Kuikuro, Kujubim, Kulina Madijá, Kulina Páno, Kuntanawa, Kuripako, Kuruáya, Kwazá.
L	Laiana, Lakondê, Latundê.

M	Macro-jê (Tronco e família linguística), Makú, Makú [Nadahup] - (Família linguística), Makúna, Makuráp, Makuxí, Mamaindê, Manairisu, Manao, Manchineri, Manduka, Maragua, Marimã, Marúbo, Matipú, Matís, Matsés, Mawayána, Mawé, Maxakali, Maya, Maytapu, Mehináku, Migueléno, Miránha, Mirititapuia (Murity-tapuya), Mondé, Mucurim, Mundurukú, Múra (Família linguística), Mynky.
N	Nadëb, Nadöb, Nahukuá, Nambikwára (Família linguística), Naravute, Nawa, Negarotê, Ninám, Nukiní.
O	Ofayé, Oro Win.
P	Paiaku, Pakaa Nova, Palikur, Panará, Pankará, Pankararé, Pankararú, Pankararú - Kalankó, Pankararú - Karuazu, Pankaru, Pano (Família linguística), Papavó, Parakanã, Paresí, Parintintim, Pataxó, Pataxó Hã-Hã-Hãe, Paumarí, Paumelenho, Pipipã, Pirahã, Piratapuya, Piri-Piri, Piripkura, Pitaguari, Potiguara, Poyanáwa, Puri, Puroborá.
R	Ramarama, Ramaráma, Rikbaktsa.
S	Sabanê, Sakurabiat, Salamã, Samúko (Família linguística), Sanumá, Saporá, Sarare, Sateré-Mawé, Sawentesu, Shanenáwa, Sikiyana, Siriano, Suruí de Rondônia, Suruí do Pará.
T	Tabajara, Tamoio, Tapajós, Tapayuna, Tapeba, Tapirapé, Tapiuns, Tapuia, Tariana, Taulipáng, Tawandê, Tembê, Tenetehara (Guajajara), Tenharim, Terena, Tikúna, Timbira, Tingui-Botó, Tiriyó, Torá, Tremembê, Truká, Trumái, Tsohom Djapa, Tukano (Família linguística), Tumbalalá, Tunayana, Tupaiu, Tuparí, Tupi (Tronco e família linguística), Tupi-Guarani, Tupinambá, Tupinambaraná, Tupiniquim, Turiwára, Tuxá, Tuyúca, Txapakúra (Família linguística).

U	Umutina, Urucú, Uru-Eu-Wau-Wau.
W	Wai Wai, Waiãpy, Waikisu, Waimiri Atroari, Wakalitesu, Wanana, Wapixana, Warekena, Wassú, Wasusu, Wauja, Wayana, Witóto (Família linguística).
X	Xakriabá, Xambioá (Karajá do Norte), Xavante, Xerente, Xereu, Xetá, Xipáya, Xocó, Xokleng, Xukuru, Xukuru – Kariri.
Y	Yaipiyana, Yamináwa, Yanomámi (Família linguística), Yatê, Yawalapití, Yawanawá, Ye'kuana, Yudjá, Yuhupdeh, Yurutí, Yvyraparakwara.
Z	Zo'é, Zoró, Zuruahã.

Já as nomenclaturas dos 340 povos indígenas citados no quadro acima foram organizadas segundo a correlação dos dados encontrados nos seguintes sites:

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias>

Ministério da Justiça. Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), disponível em: http://sii.funai.gov.br/funai_sii/informacoes_indigenas/visao/visao_povos_indigenas.wsp#

Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cadastro_unico/etnias.pdf

Instituto Socioambiental (ISA) - Povos Indígenas

no Brasil, disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos

Senado Federal, disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/indio#:~:text=Use%20no%20plural%3A%20os%20ianom%C3%A2mis,%2C%20os%20uaimiris%2C%20os%20xavantes>

É importante salientar que os nomes dos 340 povos listados no quadro acima evidenciam as continuidades, rupturas, existências e resistências da população indígena no Brasil. Sendo assim, para quem tem interesse acadêmico nessa temática, é interessante criar estudos para pesquisar, investigar e aprofundar na verificação, cruzamento e interpretação desses dados para gerar outros desdobramentos dessa realidade, tais como divergências, complementariedades e/ou similitudes entre as informações apresentadas aqui.

Todavia, entre essas nomenclaturas que representam a pluralidade e a diversidade étnica e cultural indígena, há povos mais conhecidos, isolados, em isolamento voluntário, de recente contato ou parcialmente isolados, alguns infelizmente exterminados, dizimados ou reduzidos pelo genocídio e/ou pelo etnocídio desde o Brasil colônia, outros sobreviventes e resistentes, também chamados de povos indígenas emergentes ou ressurgidos, que passam a externalizar suas culturas e ancestralidades, reforçando suas origens, ações e tradições, retomando territórios e reafirmando suas identidades anteriormente ocultadas e estrategicamente escondidas devido ao racismo, à discriminação, à violência, à guerra, à perseguição e à opressão colonialista, além de muitos outros povos indígenas que precisam ser mais conhecidos, protegidos, estudados e valorizados pela sociedade brasileira (Nhandewa, 2024; Kayapó & Brito, 2015; Munduruku, 2010). Ademais, é importante evidenciar que os povos indígenas existem no Brasil há mais de 12 mil anos e resistem no país há mais de 500 anos, lutando de diversas formas pela preservação da natureza, garantia de justiça e reconhecimento de direitos, em defesa de seus territórios, contra a expansão do desmatamento, queimadas, incêndios, mineração ilegal, contaminação dos rios e invasão de suas terras, enfrentando todo tipo de violências, perseguições, abusos e assassinatos. A luta indígena pelo direito à vida continua e nós, além de aprender com suas culturas e tradições, devemos aprender e saber mais sobre suas condições de vida e realidade social para também contribuirmos para um Brasil mais justo, igualitário, justo e respeitoso para todas as pessoas e suas diversas culturas e expressões de existência.

Os sites citados acima, junto ao mapa das Terras Indígenas no Brasil (<https://terrasindigenas.org.br/>), são fontes de referência para o estudo e pesquisa sobre os povos indígenas, suas culturas, territórios e línguas, utilize-os na construção das aulas e das pesquisas com os/as estudantes.

Recomenda-se que se mostre um panorama dos povos indígenas considerando a diversidade e a partir dela é possível escolher um povo de cada vez para aprofundar nas pesquisas, nos estudos de casos, seminários, nas rodas de conversas, entre outras atividades conforme a concepção e a orientação descritas neste tópico e as demais sugestões de atividades presentes nesse documento orientador. De todo modo, é interessante também trazer as confluências, continuidades e trocas culturais e comerciais entre os povos originários das Américas, como se vê por meio do Caminho de Peabiru, uma estrada antiga construída por essa rota indígena que conectou os territórios indígenas do Atlântico ao Pacífico. Logo, recomenda-se a leitura dos artigos (1) “Repensando a questão indígena na escola”, disponível em: <https://fundacaoarapora.org.br/revista/revista-moitara-v-q-no-1-2014/> (MENEZES, 2014) e (2) “Histórias e Culturas Indígenas”, disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32772/17715> (ANGATU, 2015) para elaborarem as questões de pesquisa que podem orientar os estudos de caso, os seminários e outras atividades na compreensão sobre as histórias e culturas dos povos indígenas. Os artigos citados estão presentes nas referências deste documento e trazem reflexões essenciais para orientar planejamentos, perspectivas e práticas pedagógicas. Em síntese, é oportuno elaborar performances e seminários que abordem os povos indígenas, considerando e pesquisando a cultura, a organização social, a língua, o território, a arte, a espiritualidade/religião e os saberes ancestrais do povo escolhido para a pesquisa, como foi demonstrado na primeira aula do Curso: Introdução à História e Culturas dos Povos Indígenas das Américas e do Brasil, ministrado pelo Prof. Ms. Tiago Nandewa no canal da Secretaria Municipal da Educação de Araraquara no YouTube.

O curso completo está disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLqGAG9jV-7SUqGFUVJaPQmPlvn6arOHEnc>

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Usando a palavra certa pra doutor não reclamar. Disponível em: <https://danielmunduruku.blogspot.com/p/cronicas-e-opinioes.html>

Formação de professores na temática “culturas e história dos povos indígenas”. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17263913032013livro_Indigena_aula_2.pdf

A partir do capítulo 1 do livro O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje do MEC/SECAD. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf

Revista Moitará a partir das edições de 2014. Disponível em: <https://fundacaoarapora.org.br/revista-arapora/>

Línguas indígenas. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/saudeindigena/quemsaoeles/linguasindigenas.html>

Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal>

O Brasil Indígena. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/download>

Vídeos

Povos indígenas do Brasil. Disponível em: https://youtu.be/unkNJF_mINQ

Herança cultural - Culturas indígenas (2018). Disponível em: <https://youtu.be/BE7kLD66t8A>

Quantas línguas indígenas o Brasil tem e como é escutá-las? Disponível em: <https://youtu.be/-dKBt5btcq0>

Arquitetura Indígena: O que você sabe sobre ela? Disponível em: <https://youtu.be/bOXsEiqH-4fk>

Culturas indígenas (Playlist do Itaú Cultural com 74 vídeos). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mqrte5vv3to&list=PLaV-4cVMp_odz6HQTxtbmEG5ZmcrljHSsx&pp=iA-QB

Diálogos: Desafios para a decolonialidade. Disponível em: https://youtu.be/qFZki_sr6ws

RESISTÊNCIAS INDÍGENAS E AFRICANAS CONTRA A ESCRAVIZAÇÃO NAS AMÉRICAS E NO CARIBE



Antes de resistir, os povos africanos e indígenas existiam em suas culturas, terras, filosofias, tradições, sociedades e territórios. Com o advento da intrusão e da conquista europeia, essas populações tiveram na resistência uma estratégia de sobrevivência. Nesse sentido, a resistência indígena e africana foi um conjunto de estratégias, ações e formas de luta contra a opressão, exploração, colonização, escravidão e violência impostas pela Europa nas Américas. Essa resistência só foi possível devido à existência desses povos em suas culturas. Por isso, é necessário, abarcar as insurgências, fugas, revoltas, negociações e lutas de resistência de pessoas, comunidades, aldeias e povos de origem africana e indígena nas Américas e no Caribe, abrangendo as rebeliões contra a escravidão e o controle colonialista. A dominação europeia consolidou na sociedade, no imaginário social e nas práticas coletivas a cultura do racismo, criando as desigualdades sociais e as discriminações ainda existentes. Além disso, a resistência negra e indígena não ocorreu somente nos enfrentamentos diretos à ordem estabelecida, mas também no campo simbólico, nas estratégias e nas ações para manter suas culturas, artes, ciências, línguas, religiosidades, irmandades e identidades presentes nas dimensões das sociedades e das culturas nas Américas e no Caribe, sobretudo, no Brasil (Souza, 2018; Macedo, 2008; Andrews, 2007; Luciano, 2006; Luz, 2000; Moura, 1992).

Nessa direção, recomenda-se criar seminários, textos, performances e/ou vídeos para pesquisar e apresentar as resistências e as lutas das populações negras e indígenas contra a opressão colonialista e escravagista, como se vê:

1. **No Caribe** com a Revolução Haitiana conhecida como Revolta de São Domingos, liderada por Toussaint Louverture e Jean Jacques Dessalines a partir de 1791, que derrotou o exército de Napoleão Bonaparte, libertou escravizados e culminou na independência do Haiti em 1804, o que inspirou muitas lutas pela libertação negra do jugo da escravidão; na Guerra dos Batistas, rebelião liderada por Samuel Sharpe, pastor Batista, que defendeu a liberdade dos escravizados na Jamaica de 1831 a 1832; na Revolta de Tacky em 26 de maio de 1760 na Jamaica liderada por escravizados da etnia Akan de Gana; na liderança da Rainha Nanny na Revolta dos Maroons na Jamaica que culminou em anos de resistência e na assinatura de Tratados de Paz, celebrados em 1739, entre os Marrons e o Império Britânico. Também conhecida como Nanny Town, nascida na Costa do Ouro, atual Gana, a rainha pertencia a etnia Ashanti, do povo Akan. Em 1976, a Rainha Nanny se tornou uma Heroína Nacional da Jamaica. Sua imagem é representada nas notas de 500 dólares jamaicanos e no monumento construído na cidade de Moore Town; na fuga de Mahommah Gar-do Baquaqua para Nova York em 1847 que conquistou sua liberdade; na resiliência de Cudjoe McPherson que liderou o Movimento das Aldeias em 1763, na liderança de Quamina na Revolta de Demerara em 1823 e na Revolução de Berbice liderada por Cuffy (Koffi) contra a colônia holandesa em 1763, ambos na atual Guiana; na resistência de Rosalie (conhecida como Solitude) contra a escravidão, que culminou na batalha de Matouba em Guadalupe em 28 de maio de 1802, entre outros/as (Castro & Junqueira, 2023; Nascimento, 2019; Aikins, 2009; Gabriel, 2009; Nascimento, 2008; Reis, 1998).

2. No Brasil com Ganga Zumba, Akotirene, Aqualtune, Dandara e Zumbi no Quilombo dos Palmares em Alagoas (de origem bantú, da atual Angola); com João Cândido líder da Revolta da Chibata no Rio de Janeiro em 1910; na liderança do Rei Ambrósio no Quilombo do Ambrósio, de 1726 a 1746, em Cristais, de Minas Gerais; na resistência de Tereza de Benguela como líder do Quilombo do Piolho (ou do Quariterê) no Mato Grosso no século XVIII; na Revolta dos Malês na Bahia em 1835 com a liderança de Pacífico Licutan e Luiza Mahin; na resistência indígena à colonização europeia como o ataque dos indígenas Caetés à vila de Igarassu em Pernambuco; sob a liderança de Manoel Congo (ferreiro de profissão) e Marianna Crioula (costureira de profissão) na maior de rebelião de escravizados no Vale do Paraíba, em 1838, em Paty do Alferes, na região de Vassouras, no Rio de Janeiro; na Confederação dos Tamboios contra a escravização indígena, no Rio de Janeiro de 1562 a 1567, sob liderança de Cunhabebe e Aimberê se destacaram, mas a varíola, que atacou o litoral em 1564, teve um papel crucial, resultando na morte de muitos indígenas, incluindo Cunhabebe; na Confederação dos Kariri ou Guerra do Açu em que diversas nações indígenas, como os Kariri, Tarairiú, Xukuru e Paiacu, se uniram contra a opressão portuguesa, a escravização e defesa de seus territórios, no Recôncavo Baiano, Rio Grande do Norte, Paraíba, Maranhão, Pernambuco, Piauí e Ceará, de 1683 a 1713; na Guerra dos Manaús, em que o povo Manau, sob a liderança de Ajuricaba, resistiram à invasão portuguesa no Amazonas, entre 1723 e 1728; na Guerra dos Aimorés no litoral norte de São Paulo; na Guerra Guaranítica entre 1753 e 1756 no sul do Brasil, sob a liderança de Sepé Tiaraju; na Guerra dos Botocudos e na resistência indígena contra guerras oficiais em 1808, declarada por Dom João VI, contra

os povos Kaingang, Xokleng e Botocudo, resultando em massacres e campanhas brutais contra os povos indígenas; a Revolta de Carancas ou Levante de Bella Cruz promovida por escravizados no 13 de maio de 1833 em Minas Gerais; na Conjuração Baiana (chamada também de Conjuração dos Alfaiates, Revolta dos Alfaiates ou Revolta dos Búzios) ocorrida em 1798 na Bahia, cuja pauta era o fim da escravização e a independência do Brasil sob a liderança dos soldados Luiz Gonzaga das Virgens e Veiga e Lucas Dantas do Amorim Torres e dos alfaiates João de Deus do Nascimento e Manoel Fautisno dos Santos Lira; na Balaiada ocorrida no Maranhão entre 1838 a 1841 sob a liderança de Manuel Balaio e Preto Cosme; na revolta liderada por Emílio Mandacaru em 1824 no Recife; na Guerra de Piratininga liderada por indígenas contra a aliança entre Tibiriçá e os jesuítas em São Paulo em 1562; na resistência de Anastácia que é venerada como santa no dia 12 de maio pelo catolicismo negro e pela umbanda (acredita-se que corpo foi sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito no Rio de Janeiro); sob a liderança de Maria Felipa de Oliveira, que organizou grupos de pessoas voluntárias escravizadas, indígenas e fugitivas para participarem como soldados/as na batalha contra os portugueses que culminou na independência da Bahia em 02 de julho de 1823 (as lutas travadas na Bahia foram essenciais para que o Brasil se tornasse independente de Portugal); na liderança de Zeferina, com africanos/as e indígenas Tupinambás que criaram uma comunidade e promoveram a Revolta do Quilombo do Urubu em 1826, em Pirajá, próximo a Salvador, na Bahia; na Revolta da Cabanagem ocorrida entre 1835-1840 liderada por indígenas e negros no Pará; entre os anos de 1833 e 1841 na Cabanada ou Guerra dos Cabanos ocorrida em Pernambuco e Alagoas;

na liderança e martírio de Isidoro no garimpo e no quilombo na região Serro e Diamantina em Minas Gerais em 1809; na revolta de Santos (no contexto das guerras de independência) liderada por Chaguinhas (Francisco das Chagas Lima e Silva) em meados de 1821; no Motim dos Negros da Barca Laura II, liderado por Constantino em 1839 e no movimento dos jangadeiros sob a liderança de Chico da Matilde (Francisco do Nascimento), o lendário Dragão do Mar, que em meados de 1881 paralisou a escravização no porto de Fortaleza, no Ceará; no plano de rebelião escravizada liderada por Nazário da Aldeia dos Anjos na Aldeia dos Anjos no Rio Grande do Sul em 1863; na liderança de Chico Rei (Galanga) em Ouro Preto, Rei do Kôngo imortalizado na tradição do Congado que criou e disseminou por Minas Gerais (Souza, 2018; Nascimento, 2019). Chico Rei comprou a alforria de muitos escravizados, adquiriu a Mina de Ouro da Encardideira e construiu a Igreja de Santa Efigênia de 1733 a 1785 pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Ouro Preto (MG). Aproveite e observe a decoração e arquitetura dessa igreja, que faz referências a simbologias e fatos da história, como a representação de um papa negro pintado no teto do altar-mor e obras entalhada em madeira e pedra sabão feitas por Aleijadinho, como se vê em: <https://sanctuarium.art/2015/01/29/igreja-de-santa-efigenia-do-alto-da-cruz-ouro-preto/> A história de Chico Rei pode ser visualizada no documentário Chico Rei Entre Nós, da diretora Joyce Prado, tanto a Igreja de Santa Efigênia quanto a Mina de Chico Rei estão abertas para visitação; na história dos Lanceiros Negros que lutaram na Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul e foram traídos na Batalha dos Porongo em 1844, entre outros/as a participação da população negra como Voluntários da Pátria, na formação de Batalhões composto exclusivamente por ne-

gros, o Corpo dos Zuavos da Bahia, na Guerra do Paraguai e no Movimento Abolicionista, com destaque para as lideranças de Joaquim Nabuco, André Rebouças, Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Adelina Charuteira e José do Patrocínio (Padial, 2019; Mariano, 2016; Pedroso, 2013; Oriá, 2011; Vieira, 2010; Nascimento, 2008; Luciano, 2006; Munanga & Gomes, 2006; Prezina & Hoornaert, 2000; Reis, 1986; Moura, 1983).

3. **Em outras localidades das Américas** como na Rebelião de Nat Turner ocorrida em 1831 nos Estados Unidos sob a liderança de Nat Turner; na revolta a bordo do navio negreiro La Amistad em 1839, liderada por Joseph Cinqué (esse fato ficou conhecido como o Caso Amistad e, em 1841, a Suprema Corte dos Estados Unidos determinou que os africanos fossem devolvidos às suas casas. Em 1842, Cinqué e outros africanos retornam para a África, para Serra Leoa, com a ajuda de abolicionistas. Esse evento histórico é interpretado no filme Amistad de 1997. Apesar das falsas acusações, Cinqué não teve participação no comércio de escravizados); na revolta contra os holandeses liderada por Tula, Bazjan Karpata e Salika e outros/as escravizados em agosto de 1795 em Curaçao; a revolta liderada por Gaspar Yanga no México em 1609; as insurgências lideradas Benkos Biohó que fundou o Palenque de San Basilio na Colômbia; a Rebelião Túpac Amaru no Peru em 1780 contra a escravização e controle espanhol; na liderança de Bartolina Sisa e Túpac Katari, indígenas Aymará contra o domínio espanhol na Bolívia; na bravura Juan Bautista Cabral herói da Batalha de São Lorenzo e de María Remedios del Valle mãe da pátria na Argentina; na insurreição de escravizados contra as forças espanholas liderada por Miguel de Buría na Venezuela; na resistência de Paul Cuffe, John Brown Russwurm e Alexander Crummel na

fundação do país africano da Libéria em 1847; no ativismo de Harriet Tubman, que nasceu escravizada em meados da década de 1820 e conquistou sua liberdade em 1849, dedicando sua vida contra a escravização, ao abolicionismo, à liberdade e fuga de escravizados e aos direitos das mulheres. Tubman participou da Guerra Civil Americana e sua luta inspirou lideranças como Martin Luther King e Malcolm X; no ativismo de Sojourner Truth contra a escravidão e os direitos das mulheres até meados de 1883, quando faleceu; no ativismo de Anna Murray Douglass, primeira esposa de Frederick Douglass que o ajudou a libertar-se da escravização, após sua liberdade, Frederick Douglass tornou-se abolicionista, entre outros/as exemplos de resistência e liderança negra e indígena (Quilombos, 2021, Padial, 2019; Agrupación Xangô & CTERA, 2014 Florentino & Amantino, 2012; Nascimento, 2008).

É crucial que, diante desses eventos e personalidades históricas, a imagem, etnia, povo, ofício e profissão, localização de origem e cultura dessas pessoas sejam estudados, vistos e conhecidos para aumentar o repertório de saberes sobre a resistência diante da existência dentro de suas diversidades étnicas e culturais. Além das pessoas e exemplos de luta pela libertação negra e indígena mencionados até aqui, podemos destacar o capoeirista baiano Manoel Henrique Pereira, conhecido como Besouro Mangangá, que lutou contra a criminalização da capoeira e a exploração da população negra. Essa história pode ser assistida no filme *Besouro*, de 2009, dirigido por João Daniel Tikormihoff.

Portanto, essas e outras inúmeras pessoas cujos nomes a história oficial omitiu, não conheceu ou descartou existiram e lutaram com as armas que tinham para que a liberdade e autonomia fossem alcançadas. Essas pessoas pavimentaram os caminhos para que muitas outras conquistas fos-

sem obtidas. E mesmo que não se saiba os nomes de tantas outras pessoas que fizeram essas mudanças acontecerem, é preciso deixar nítido que elas lutaram para conquistar a liberdade de si e do seu povo. Os passos em direção à liberdade e aos direitos no Brasil, nas Américas, na África e no mundo vêm de longe e têm uma longa história que precisamos localizar, conhecer e estudar com o protagonismo africano, negro, quilombola e indígena. Esse é um compromisso e um desafio que uma educação na perspectiva antirracista precisa assumir para descolonizar a história. Ademais, a resistência negra e indígena se deu também por meio das expressões culturais recriadas no período da escravização, tais como: o Samba, Congado/Congada, Capoeira, Jongo (Caxambu, Tambor ou Tambú), Batuque, Caboclinhos, Boi Bumbá, Reisado, Lundu Marajoara, Coco, Umbigada, Tambor de Crioula, Maculelê, Afoxé, Banda de Congo, Cacumbi, Marabaixo, Ijexá, Ticumbi, Bumba Meu Boi, Maracatu e outras no Brasil; o Rumba, o Son, o Mambo, a Salsa e a Conga em Cuba; o Candombe presente no Brasil, na Argentina e no Uruguai; a Biguine na Martinica; o Joropo na Venezuela; a Milonga e o Tango na Argentina e no Uruguai; o Merengue no Haiti e na República Dominicana; a Cumbia na Colômbia, no Panamá e na Venezuela; a Bomba e a Plena de Porto Rico; o Tamborito e o Congo no Panamá; o Bunde e o Bullerengue na Colômbia e no Panamá; a Marimba Equatoriana no Equador, entre outras (Andrews, 2007; Souza, 2012). Que possamos valorizar quem trilhou esse caminho e legou essa história. Que a força desse legado continue nos humanizando e fortalecendo nossa existência.

Diante disso, ao final da temática, após estudar a resistência indígena e africana introduzida pelas lideranças e fatos históricos descritos acima (abordados e problematizados nos seminários, trabalhos e diálogos com os/as estudantes), é conveniente criar uma roda de conversa para apresentar as datas afirmativas do 19 de abril (Dia dos Povos Indígenas), do 12 de outubro (Dia da Resistência Indígena na América Latina) e do 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra), correlacionando a importância dessas datas com as reflexões contidas nas canções “Guerra” e “Canção de Redenção” de Bob Marley, “Zumbi” de Jorge Ben Jor, “Koangagua” do gru-

po Brô Mcs e “Chegança” de Antônio Nóbrega, entre outras que destacam esse contexto trabalhado, essa sugestão também poder ser trabalhada como introdução ao tema. Resumidamente, é imprescindível que sejam desenvolvidas, entre outras atividades, performances, teatros, textos, desenhos, seminários e instalações artísticas que tragam imagens, nomes, origens, localizações e histórias das lideranças mencionadas, para que os/as estudantes possam conhecer os fatos e personalidades históricas de origem africana e indígena que lutaram por suas culturas e pela liberdade de si mesmos e de seus povos diante da dominação e exploração europeia.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Os negros não se deixaram escravizar, por Henrique Cunha Júnior. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/?p=10969/>

Rebeliões da Senzala, por Clóvis Moura. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584886/mod_resource/content/2/14%20-%20Rebeli%C3%B5es-da-Senzala-Clovis-Moura_Completo.pdf

O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje, por Gersem Baniwa (Gersem dos Santos Luciano). Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf

Brasil, que país é esse? O contexto em que se inseriu o Congado. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7816>

Vídeos

Resistência Indígena no Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/sxQiXAv3JA>

História da resistência indígena. Disponível em: <https://youtu.be/4jHCE9tkLI8>

Histórias da Escravidão. Disponível em: <https://youtu.be/SumByKp1iL0>



A RESISTÊNCIA DOS QUILOMBOS NAS AMÉRICAS, CARIBE E BRASIL



Os quilombos representam um importante mecanismo de resistência contra a opressão colonial e escravagista, essas comunidades inicialmente, foram formadas por pessoas de origem africana que fugiam da escravização nas fazendas, casas e outros lugares para encontrar liberdade e autonomia no período colonial ou que, posteriormente, adquiriram a terra por compra, doação e ocupação de áreas abandonadas. No Brasil colônia, a vida nos quilombos foi marcada pela auto-organização, pela busca por subsistência e pela constante luta contra a perseguição dos escravizadores, ademais, além dos negros africanos, em muitas comunidades quilombolas havia uma presença ainda que diminuta, de pessoas indígenas, brancas e pobres oprimidas pelo sistema da época. Muitos quilombos tiveram a contribuição indígena, seja no conhecimento do lugar, seja na aprendizagem e troca de práticas, sabores e saberes tradicionais e ancestrais. Essa relação está presente em muitas expressões culturais e religiosas de matriz africana e indígena no Brasil (Moura, 1992; Anjos, 2006; Ratts, 2006; Nascimento, 2019), alguns quilombos foram extintos, outros seguem existindo, alguns ainda lutando pela demarcação e reconhecimento de suas terras e territórios.

Atualmente, as comunidades quilombolas se constituem pelos/as descendentes daqueles/as que viram na fuga um anseio de liberdade, muitos quilombos se localizam em espaços rurais, mas vários se tornaram urbanos e alguns deles se tornaram cidades como é o caso de Palenque de São Basílio, município da Colômbia e do Quilombo do Careca que deu origem a cidade de Caconde no estado de São Paulo o Brasil (Faria, 2018). Para mais, há no Brasil, algumas cidades e localizações que se chamam Quilombos, é interessante pesquisar sobre elas. Com origem

africana, a palavra quilombo é oriunda do termo kilombo da língua Quimbundo e ochilombo da língua Umbundo faladas por povos bantus da atual Angola, por aqui a palavra empreendeu os sentidos da resistência africana contra a opressão colonial (Fonseca, 2014; Munanga, 1996). Para compreender a origem do termo quilombo e a configuração dos quilombos no Brasil, sugerimos a leitura do artigo “Origem e histórico do quilombo na África escrito” pelo Prof. Dr. Kabengele Munanga (1996), disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28364> e o artigo “Protagonismo quilombola: seus sujeitos e seus saberes influenciando a educação” escrito pelo Prof. Dr. Dagoberto José da Fonseca, disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2238-121-2014000100107X&script=sci_abstract

Nessa orientação, é essencial abordar a formação e a resistência dos quilombos à escravização nas Américas, no Caribe e no Brasil e sua contemporaneidade que retratam a memória de seus antepassados, a fuga pela liberdade, a luta pela direito à terra, os legados culturais herdados e a reterritorialização de suas culturas, a resistência diante da imposição da cultura europeia, as demandas, expressões, linguagens, práticas culturais, religiosidades, culinárias, movimentos sociais e articulações em torno de seus territórios e o combate ao racismo (Macedo, 2008; Moura, 1992). Para apresentar os quilombos, seus históricos de formação e suas variações de nomes nas Américas e no Caribe, tais como: Cumbes na Venezuela; Palenques na Colômbia, Peru e Cuba; Maroons na Jamaica, Estados Unidos, Suriname e Guiana Francesa; Cimarronaje em Cuba e Porto Rico; Maronage (Marronage) no Haiti, Cimarrones no México, Quilombos ou Mocambos no Brasil e outros, é preciso pesquisar e criar seminários,

textos, performances, maquetes, produções e/ou vídeos trazendo imagens, histórias, lideranças e descrições desses espaços, comunidades e territórios de resistência contra a escravidão, como se vê:

No Brasil com o Quilombo dos Palmares em Alagoas, a Comunidade Quilombola Muquém (herdeiros do Quilombo de Palmares), o Quilombo do Piolho (ou do Quariterê) no Mato Grosso, o Quilombo do Catucá, também conhecido como Quilombo de Malunguinho em Pernambuco; o Quilombo Cafundó em Salto de Pirapora, o Quilombo de Ivaporunduva no Município de Eldorado e o Quilombo Caçandoca no município de Ubatuba, todos no estado de São Paulo, com destaque para o Quilombo de Santa Eudóxia no atual Distrito de Santa Eudóxia do município de São Carlos, cidade bem próxima de Araraquara; o Quilombo Saracura e o Quilombo do Jabaquara na capital de São Paulo; a Comunidade Quilombola do Caxambu, o Quilombo do Campo Grande, o Quilombo Carrapatos da Tabatinga e a Comunidade Quilombola dos Arturos, todos em Minas Gerais; o Quilombo do Frechal e as comunidades quilombolas de Queimadas, Três Irmãos e Monta Barro (as três últimas em Codó) no Maranhão; o Quilombo do Bracuí em Angra do Reis, o Quilombo de São José da Serra em Valença e o Quilombo Maria Conga na cidade de Magé, todos no Rio de Janeiro; a Comunidade Quilombola Sertão de Valongo, o Quilombo Morro do Boi e a Comunidade de São Roque em Santa Catarina; o Quilombo Sacopã, um quilombo urbano no Rio de Janeiro (pesquisar também espaços de memória como o Cais do Valongo e a Pequena África no Rio de Janeiro); o Quilombo do Cumbe no Ceará; o Quilombo Linha Fão no município de Arroio do Tigre e o Quilombo Família Fidélis em Porto Alegre, ambos no Rio Grande do Sul; as comunidades quilombolas Batuva e Rio Verde no Paraná; a Terra Quilombola São Tomé do Tauçuo no Pará; o Quilombo Curiaú na cidade de Macapá no Amapá; a Comunidade Quilombola do Galeão, o Qui-

lombo de Rio das Rãs, a Comunidade Quilombola Acupe, o Quilombo Rio dos Macacos, Quilombo Angolá e a Comunidade Quilombola de Remanso todas no estado da Bahia; o Quilombo Retiro, em Santa Leopoldina no Espírito Santo; o Quilombo Mesquista no Distrito Federal, o Quilombo dos Kalungas em Goiás e tantos outros quilombos que existiram e ainda existem no Brasil (Anjos, 2006; Nascimento, 2019).

No Caribe e nas Américas com o Palenque de San Basílio na Colômbia (o primeiro território negro livre das Américas); os Saramacanos ou Saramaka, um dos seis povos quilombolas (anteriormente conhecidos como Negros Bush ou Maroons) no Suriname e na Guiana Francesa; as aldeias quilombolas de Harris em Moore Town, de Charles Town, de Accompong e a de Scott's Hall, todos Maroons na Jamaica; o Palenque Huachipa no Peru; a comunidade quilombola fundada por Juan San Maló (Jean St. Malo) em Nova Orleans nos Estados Unidos e tantos outros quilombos que existiram e ainda existem no Caribe e nas Américas, sobretudo, no Brasil (Florentino & Amantino, 2012; Diouf, 2014; Quilombos, 2021). Ao final da temática é possível correlacionar os fatos acima descritos com as discussões presentes no filme *Besouro* de 2009 sob direção de João Daniel Tikormihoff (95 minutos), no documentário *Quilombo Rio dos Macacos* de 2017 sob direção de Josias Pires (120 minutos) ou com as poesias de José Carlos Limeira, disponíveis em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/293-jose-carlos-limeira>

No entanto, a noção de quilombo tem sido ampliada para compreender as formas de resistência e existência da população negra, abarcando a expressão de suas identidades e territorialidades negras e desdobramento do conceito, como no Quilombo Rosa de Araraquara e nos quilombos culturais como o Quilombo Sambaqui em São Paulo.

Assim, entende-se que foi no espaço dos quilombos que a cultura de raiz africana teve berço e frutificou de diversas formas, multiplicando-se em diversas tradições, como: na tradição das irmandades e da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, São Benedito e outros santos padroeiros das comunidades negras, no Congado, no Jongo, no Samba, no Tambor de crioula e outras expressões culturais negras. Nesse sentido, recomenda-se a série Quilombos do Brasil da

Folha de São Paulo, disponível em: https://youtu.be/FReah1EWF90?list=PLEU7Upkdqe7FWSID- vd_QaVklJ7u9wGyzm

Por fim, desejamos que esse conhecimento possibilite a valorização de quem trilhou esses caminhos, deixando a herança dessa história. Que a força desse legado ancestral continue nos humanizando, fortalecendo e orientando nossa existência e a vida.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Origem e histórico do quilombo na África. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28364>

O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4934276/mod_resource/content/1/Untitled_29082019_194415.pdf

Protagonismo quilombola: seus sujeitos e seus saberes influenciando a educação por Prof. Dr. Dagoberto José da Fonseca. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2238-121X2014000100107&script=sci_abstract

Livros

Rebeliões da Senzala. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584886/mod_resource/content/2/14%20-%20Rebeli%C3%B5es-da-Senzala-Clovis-Moura_Completo.pdf

Mocambos e Quilombos. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7923599/mod_resource/content/1/Gomes_-Fla%CC%81vio-dos-Santos-Mocambos-e-quilombos-Claro-Enigma-_2015_.pdf

Vídeos

Iluminuras - Cultura, história e resistência dos quilombos. Disponível em: <https://youtu.be/OA-CHsmqRz6E>

As dificuldades dos quilombolas. Disponível em: <https://youtu.be/gDXPK49-FAM>

Quilombos do século XXI. Disponível em: <https://youtu.be/CNhqvWJjGII>

Povos e Comunidades Tradicionais: metodologias de autoidentificação e reconhecimento. Disponível em: <https://youtu.be/5xiEhpVtzFE>

RELIGIÕES, RELIGIOSIDADES E ESPIRITUALIDADES DE MATRIZES AFRICANAS E INDÍGENAS



A perspectiva deste tema abarca a visão das culturas e das filosofias do sagrado e da manifestação da fé a partir da diversidade étnica e cultural dos povos e das pessoas de origem africana e indígena. O intuito é apresentar e conhecer as filosofias, os valores, as origens e influências africanas do Judaísmo, do Islamismo e do Cristianismo, passando pelo Waaqeffanna na Etiópia, pela religião Yorubá na Nigéria, pelas Mitologias Bantus e tantas outras religiões, religiosidades e espiritualidades em África conforme a diversidade étnica e cultural dos povos. Por isso, recomenda-se a pesquisa sobre a espiritualidades, religiosidade e religiões na África, considerando a complexidade do tema, sem utilizar termos racistas como fetichismo, animismo, tribalismo, entre outros que desumanizam.

Nessa direção é oportuno conhecer as filosofias do sagrado passando também pelo Rastafarianismo e pelo Vodun (Vodu) nas Américas, Caribe e África, pela Santeria e pelo Palo Monte em Cuba, pela Kumina típica da Jamaica com origem bantu do Congo, pelo Quimbois na Martinica, pela Obeah originária na Jamaica e presente no Caribe, como em Trinidad e Tobago, pelo Winti no Suriname, pelo Catolicismo Negro e as Irmandades Negras no Brasil, pelo Candomblé (e suas variações conforme nações e linhagens), pela Cabula, Umbanda, Batuque, Quimbanda, Culto aos Egungun, Catimbó, Jurema, Xambá, Toré, Omoloko, Xamanismo, Tambor de Mina, Terecô, Xangô Permambucano, Babaçuê, Catimbó-Jurema, Pajelança Cabocla, Jarê, Pajelança, Nação Cabinda e outras expressões de raiz africana e indígenas para conhecer suas tradições e rituais segundo as concepções étnico-culturais próprias de cada etnia/povo/comunidade, abarcando também, a expressão da fé e dos dons de Benzedeadas/as, Rezadoras/as, Parteiras, Curan-

deiros, Pajés, Xamãs e outros que através de seus saberes e fazeres tradicionais enraizados em suas culturas atuam para a cura, a saúde e o bem-estar da comunidade de modo integral e integrado (Cordeiro, 2023; Luz, 2000).

É recomendável apresentar a temática de modo geral, ressaltando o respeito às diferenças, o direito à liberdade religiosa e a expressão da fé das pessoas que professam sua fé e crenças conforme suas culturas. Com isso, liste cada uma das religiosidades e religiões e divida-as em temas a serem sorteados para a pesquisa em grupo a ser apresentada posteriormente por meio de seminários, trabalhos em grupo, textos e redações, na construção de maquetes, paródias, entrevistas, performances, vídeos e produções sobre a temática. É possível introduzir a temática por meio de músicas que abordam e trazem elementos do sagrado dessas religiosidades, como as músicas sugestionadas anteriormente no Tópico “Tema Articulador – Religiosidade” neste documento. Ainda, a partir da observação das obras artísticas como a instalação Entidades de Jaider Esbell, artista indígena Macuxi, disponível em <http://34.bienal.org.br/artistas/7339>, a instalação Kūmxop koxuk yōg [Os espíritos das minhas filhas] de Sueli Maxakali, liderança dos povos indígenas Tikmũ’ün (Maxakali), disponível em <http://34.bienal.org.br/artistas/8889>, a pintura As águas nos chamaram e o pajé Maruwai conversou com as mães das nascentes de Gustavo Caboco, disponível em <https://artequeacontece.com.br/evento/manhabau-onde-toca-o-invisivel-de-gustavo-caboco-na-millan/> e as telas Ritual afro-brasileiro de 1968, Umbanda de 1968 em <https://masp.org.br/acervo/obra/umbanda>, Candomblé de 1970, Candomblé de 1973 e outras obras de Maria Auxiliadora da Silva que expressam figuras e ritualísticas do candomblé,

disponíveis no Acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) <https://masp.org.br/exposicoes/maria-auxiliadora-da-silva-vida-cotidiana-pintura-e-resistencia>, é viável, propor atividades que promovam releituras, recriações, ilustrações e novas interpretações tanto das obras citadas quanto das Religiões, Religiosidades e Espiritualidades de Matrizes Africanas e Indígenas, descritas nesta temática.

A construção de livretos, fanzines, revistas, cartazes e cartilhas com imagens, receitas e preparos de ervas medicinais e comidas oriundas de saberes espirituais é algo muito relevante tanto para consolidar a aprendizagem sobre a temáti-

ca como para construir memórias e materiais de consulta sobre os saberes, fazeres e sabores presentes nas tradições religiosas de matrizes indígenas e africanas. Outra sugestão a partir dessa, é construir uma produção de registro em imagem, entrevista, texto e/ou vídeo apresentando os valores e ensinamentos, os símbolos e os templos, os livros sagrados e a tradição oral, o respeito e a harmonia com a natureza, o uso das palavras e as maneiras de se vestir e se relacionar entre as pessoas e sua comunidade de fé, de modo que os/as estudantes possam compreender a diversidade religiosa presente na construção da identidade e da cultura brasileira. Cada povo expressa sua fé conforme sua cultura e tradição, cabe-nos respeitar.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

O ensino das religiões de matrizes africanas na escola fundamenta. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/207/Wilame%20da%20Silva%20Lima.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Religiosidade de matriz africana: desconstruindo preconceitos (com sugestões de atividades). Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/07/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf#page=58>

Candomblés: como abordar esta cultura na escola. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7738>

Ligação mística com a natureza: a religiosidade dos indígenas brasileiros. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckv75xd340o>

Sobre ritualística indígena. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Rituais>

Vídeos

Diversidade Religiosa – Indígena. Disponível em: <https://youtu.be/3XL8zKg40Mw>

Nação | TVE - Caminhos da Religiosidade - Programa 1. Disponível em: <https://youtu.be/KRlokenAQCXg>

Nação | TVE - Caminhos da Religiosidade - Programa 2. Disponível em: <https://youtu.be/yXk9Kphq5BE?list=PLQTupzLFFbZvG9Zatk6uzDbNjpsoTRHYZ>

Rezadores | resistência indígena em forma da fé!. Disponível em: <https://youtu.be/BDco8fDXaRk>

Conheça o trabalho das benzedeiras. Disponível em: <https://youtu.be/-JI9wayjqp0>

Religiões de matriz africana e sua representação na TV. Disponível em: https://youtu.be/m_i9cezNGbs

A DESCOLONIZAÇÃO DA ÁFRICA E AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES AFRICANOS



Apresentar o processo de independência dos países africanos em relação à ocupação das nações europeias, conhecendo por meio de seminários e trabalhos em grupo, as Lideranças e a História dos Movimentos Nacionalistas e de Independência dos Países Africanos, bem como as características das lutas pela liberdade e autonomia dos países da África nos idos do século XX, como se pode ver nas lideranças de Kwame Nkrumah no processo de independência de Gana; de Jomo Kenyatta na independência do Quênia; de Nnamdi Azikiwe na Nigéria; de Léopold Sédar Senghor no Senegal; de Ahmed Sékou Touré na Guiné; de Julius Kambarage Nyerere na Tanzânia; de Amílcar Cabral, líder da descolonização de Cabo Verde e Guiné Bissau com a parceira de Ana Maria Cabral, de Patrice Lumumba liderança do movimento de libertação colonial do Congo, que se tornou República Democrática do Congo (RDC); de Agostinho Neto líder do Movimento Popular de Libertação de Angola; de Eduardo Mondlane, Josina Machel e Samora Machel lideranças da Frente de Libertação de Moçambique. Além de outros exemplos e processos de luta pela independência da África e do seu povo que podem ser estudados no Livro História geral da África, VIII: África desde 1935 (Mazrui & Wondji, 2010), há outras lutas pela libertação dos povos africanos como as de Winnie Mandela e Nelson Mandela que lutaram contra o apartheid na África do Sul.

É importante salientar que os movimentos pela descolonização da África, autodeterminação dos povos e independência dos países africanos foram gestados por muitas pessoas e alimentados por algumas perspectivas, sendo a principal delas o Pan-africanismo, movimento político, econômico, cultural e intelectual em prol da unidade e libertação africana que surgiu no final do século XVIII

e se consolidou no início do século XIX (Alvarado, 2018; Langa, 2020; Cissé & Alves, 2021; Adi, 2022), alimentando teorias, estratégias e ações em prol da identidade, liberdade, solidariedade e interconexão entre o povo africano no continente e na diáspora. Como perspectiva originada na diáspora africana do Caribe e Estados Unidos, o Panafricanismo se difundiu pelo mundo, sobretudo entre a intelectualidade africana, exercendo grande influência no pensamento político em África e no cenário internacional (Barbosa, 2016; Cissé & Alves, 2021; Asante & Chanaiwa, 2010), especialmente após o Quinto Congresso Pan-Africano em 1945 e a independência de Gana em 1957, que explicitaram e reverberaram ainda mais os ideais pan-africanistas que alimentaram os movimentos pela independência dos países africanos, articulando teorias e influenciando o Nacionalismo Africano e Socialismo Africano pela busca da unidade, integração, emancipação, autodeterminação e desenvolvimento da África, conforme a especificidade, diversidade e condições dos próprios contextos e territórios (Alvarado, 2018; Faustini, 2022). Nessa conjuntura, a União Africana (UA), fundada em 2002, é a sucessora da Organização da Unidade Africana (OUA) criada em 1963, que por sua vez, foi precedida pela organização Estados Unidos da África, nascida das inspirações do pan-africanismo, em especial, da influência do ativismo de Kwame Nkrumah com as lideranças políticas africanas. A UA, como uma organização continental e intergovernamental, representa, salvo às divergências, a convergência dos ideais pan-africanistas, seus desdobramentos, resultados e projetos dessa política de integração e crescimento social, político e econômico para a África, através da sua intelectualidade, institucionalização, temporalidade, história e cooperação entre seus países (Assis; Ribeiro & Garcia, 2022).

Em suma, tanto o Pan-africanismo quanto a Organização da Unidade Africana (OUA) tiveram influência nos processos de independência dos estados africanos contra a dominação europeia em todo o continente africano e o apartheid na África do Sul (Santos, 2021). Exceto a Libéria, que se tornou o primeiro Estado africano independente em 1847 e a Etiópia, independente desde 1896, Gana foi o primeiro país a se libertar da colonização britânica em 1957 e a Eritreia, o último, em 1993. Desse modo, recomenda-se que se construa uma linha do tempo ou mapa conceitual para sistematizar a independência dos países africanos, localizando cronologicamente os anos em que se tornaram independentes, identificando as colônias que controlavam os países, trazendo imagens, nomes e descrição das lideranças que estiveram à frente da libertação dos países africanos, por meio de cartazes, apresentações em power point, impressões, etc. O artigo “O deba-

te pan-africanista na revista *Présence Africaine* (1956 –1963)” escrito por Muryatan Santana Barbosa (2019) pode ser uma inspiração para essa construção cronológica.

Para saber mais sobre o pan-africanismo em África e a sua influência nos processos de independência dos países africanos leia a partir da Sessão VI do Livro História geral da África, VIII: África desde 1935 (Mazrui & Wondji, 2010). É oportuno aliar a essa discussão a influência na escolha e no uso das cores vermelho, verde e amarelo presentes na maioria das bandeiras dos países africanos, a representatividade do Monumento da Renascença Africana em Dacar (Senegal) e as reflexões advindas das poesias de Leopold Sédar Senghor, de Aimé Césaire, de Agostinho Neto e de Solano Trindade em *Nem tudo está perdido* e outras que retratam o ensejo de liberdade.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

História geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>

Movimentos nacionalistas e de independência dos países africanos. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09435514022012Historia_da_Africa_-_Aula_9.pdf

O legado dos pan-africanismos na União Africana: breves reflexões sobre desafios e perspectivas para os estados africanos. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/44816>

Para aprofundar sobre o nacionalismo africano

leia partir do capítulo 22 do livro História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190255>

África: antecedentes históricos da OUA. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/2826>

Vídeos

Heróis da independência africana. Disponível em: <https://youtu.be/4b7ha1kLLW4>

O pan-africanismo e as independências africanas por Henrique Cunha Júnior. Disponível em: <https://youtu.be/0G7OkjiMDDk>

INFLUÊNCIA E PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS E AFRICANOS NA FORMAÇÃO DO BRASIL.



O Brasil é um país com uma diversidade étnica-cultural imensa, devido à presença dos muitos povos que constituem essa nação. Os primeiros habitantes do Brasil foram os povos indígenas, que somavam cerca de 5 milhões de pessoas antes da chegada europeia. Naquela época eram faladas entre 600 e mil línguas indígenas e hoje restam 174 línguas (Santana, 2020). De acordo com Grondin e Viezzer (2021, p. 130), estima-se “que aproximadamente 70% da população nativa brasileira tenha sido eliminada por fome, guerras, escravidão e doenças trazidas pelos europeus”. Atualmente, o Brasil tem 1,7 milhão de pessoas indígenas autodeclaradas, pertencentes a mais de 305 etnias (Almeida, 2024), conforme o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Contudo, apesar da intrusão europeia e da violência gerada pela conquista, os povos indígenas resistiram e suas tradições, línguas e culturas foram cruciais na formação da cultura e da sociedade brasileira. E, nesse período colonial, chegaram os povos africanos, cuja descendência negra perfaz 54% da população brasileira. Segundo o Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca, “somos a maior nação da 6ª Região da África” (Fonseca, 2018, p. 30), definida como região do continente africano pela União Africana (UA). Assim, a 6ª Região da África é nominada também como diáspora africana, em referência à imigração africana forjada pelo tráfico escravista europeu (Marques, 2019), mas “nem toda diáspora, incidentalmente, se formou durante o tráfico escravista mercantil” europeu (NASCIMENTO, 1981, p.73). Antes deste evento histórico, houve outras diásporas africanas, como a migração e o povoamento da humanidade que surgiu na África e se espalhou pelo mundo, como mostra a temática “A Origem Africana da Humanidade” a partir do Homo erectus e sapiens, presente neste documento. Ademais, desde o século XX até hoje,

ocorre a diáspora da imigração de pessoas dos países da África para a Europa, sobretudo para os países que foram colônias, em busca de refúgio, oportunidades ou melhores condições de vida e trabalho (Malomalo, Fonseca & Badi, 2015; Florvil, 2012; Souza, 2018).

Segundo a UA, a 6ª Região é composta por pessoas de origem africana que vivem fora da África, pessoas com ascendência e a descendência africana, dispostas a contribuir com o continente e a construção da União Africana (UA). Ademais, é importante lembrar que estamos na Década Internacional de Afrodescendentes, de 2015 a 2024, criada pelas Nações Unidas (2018) e na Década das Raízes e da Diáspora Africanas, de 2021 a 2031, decretada na 34ª Cimeira de Chefes de Estado e de Governo da União Africana (UA), realizada em Addis Ababa, na Etiópia (União africana, 2023). O documentário - Rostos familiares, lugares inesperados: uma diáspora africana global - da cineasta e antropóloga Dra. Sheila S. Walker, disponível em: <https://youtu.be/g1Bcee-LjIRo> mostra as comunidades da diáspora africana pelo mundo e o vídeo do Prof. Dr. Kabengele Munanga fala sobre História da Diáspora Africana em: <https://youtu.be/BDKzWSouaqo>

Nesse contexto, o comércio escravista europeu trouxe mais de 12 milhões de africanos/as às Américas entre os séculos XVI e XIX, mais de 2 milhões de pessoas morreram nessa travessia, boa parte dessa população composta por crianças, mulheres e homens pertenciam aos povos habitantes das atuais imediações dos países de Angola, Benin, Camarões, Costa do Marfim, Gâmbia, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, Mali, Moçambique, Nigéria, República Democrática do Congo, República do Congo, Senegal, Togo e outros (Silva et al., 2023);

BBC News, 2020; Souza, 2018; Nações Unidas, 2018). Mais de 5 milhões de pessoas africanas foram trazidas da África para o Brasil, provenientes desses diversos lugares e de diversos povos como Ovimbundo, Ambundo, Bakongo, Yorubá, Nupé (Tapa), Ashanti, Ewé, Fanti, Haussá, Fon, Fula, Bornu, Gurunsi, Mandinga, entre outras etnias. Naquela época, esses e outros povos se organizavam em reinos, impérios, estados e outras formas de organização política, cultural, econômica e social, como o Reino do Kôngo, o Reino da Matamba e o Reino do Ndongo situados nas imediações do atual país de Angola; o Reino de Ifé, o Reino de Benin e o Império de Oyo, formados pelo povo Yorubá presente nas imediações dos atuais países da Nigéria, Benin, Togo e Gana; o Império Ashanti localizado nas regiões atuais do Gana, Togo e Costa do Marfim; o Reino do Daomé no atual Benin; a Senegâmbia, que incluía os atuais Senegal e Gambia, além de outros reinos da África (IBGE, 2000; Nações Unidas, 2018; Fonseca, 2024). Mais da metade dessas milhares de pessoas - quase 70% - veio das regiões dos atuais países de Angola, República Democrática do Congo, República do Congo e Gabão, oriundas de diversos grupos étnicos conhecidos como bantu (Silva et al., 2023; Souza, 2018). Isso faz do Brasil a nação com mais descendentes de africanos/as fora da África e o país com a “segunda maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria, na África” (Nações Unidas, 2018, p. 2). Celebrar o dia 25 de maio, Dia da África, é útil não somente para compreender que o Brasil é o maior território negro da 6ª região da África, mas também para conhecer e estudar a importância da África para a formação e desenvolvimento do mundo e das Américas, sobretudo do Brasil.

Nesse sentido, é necessário abordar a participação, contribuição e influência das culturas e dos povos indígenas e africanos na formação e no desenvolvimento da história, da identidade, da economia, da tecnologia e da cultura brasileira. As matrizes africanas e indígenas e suas marcas

civilizatórias estão impressas e expressas na língua portuguesa, nas comidas e bebidas, profissões, tecnologias e ofícios, artes e artesanatos, danças, musicalidades, instrumentos musicais, festas, festividades e tradições, arquiteturas, vestimentas, acessórios, tecidos, religiões e religiosidades, tecnologias, invenções e ciência, práticas de cuidado, higiene e saúde, literaturas e oralidades, mitologias, lendas, contos e cantos populares, provérbios e histórias que compõem o Brasil do passado aos dias atuais. Muito do que somos, falamos, comemos, dançamos e pensamos tem influência indígena e/ou africana, mas pouco se conhece, sabe e estuda sobre isso. Todavia, as africanidades e as indigeneidades são parte constituinte da sociedade brasileira. Por isso, nesta temática, a intencionalidade é conhecer as raízes africanas e indígenas que sustentam os modos de ser, pensar, sentir, educar, fazer e falar da população brasileira (Fonseca, 2021, 2018; Souza, 2018, 2012; Oliveira, 2009; Silva, 2008, 2005; Luciano, 2006; Siqueira, 2006; Luz, 2000; Cunha Júnior, 2001, 2010; Munanga, 1984; Querino, 1955, 1957, 1980).

Assim, por meio das línguas indígenas, principalmente do Tupi-antigo, Guarani, Nheengatu, Macro-Jê, é possível identificar e conhecer palavras e topônimos, nome de rios, lugares, objetos, elementos da natureza, alimentos e cidades nomeadas em línguas indígenas ou sob a influência delas, tais como: Rio Tietê, Rio Moji-Guaçu, Rio Piracicaba, Rio Araguaia, etc; Cidades como Araraquara, Bauru, Botucatu, Ibatê, Ibirá, Icem, Ibitinga, Ibiúna, Curitiba, Guarulhos, Araçatuba, Araras, Atibaia, Birigui, Apiaí, Ingá, Ariranha, Igarapava, Borá, Igaraçu do Tietê, Guapiaçu, Caçapava, Guaíra, Catanduva, Guaraci, Buritama, Avaí, Cabreúva, Caiabu, Cajobi, Cajuru, Taquaritinga, Potirendaba, Mococa, Motuca, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Mombuca, Mongaguá, Tatuí, Votorantim, Uru, etc; Lugares como Anhangabaú, Biboca, Capão, Butantã, Maracanã, Pacaembu, Caatinga, Cipó, Congonhas, Igarapé, etc;

Frutas como Abacaxi, Jabuticaba, etc; Animais como Arara, Tatu, Tamanduá, Jabuti, Jacaré, Cupim, Gambá, Jiboia, Tucano, Siri, Jiboia, Guará, Aruna, Ariranha, Baiacu, Capivara, etc; Estados do Brasil, como Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Pará, Paraná, Paraíba, Pernambuco, Roraima e Tocantins, entre outras palavras diversas como arapuca, caipira, capoeira, caipora, carioca, catapora, mirim, paçoca, capim, cuia, pijama, guri, pereba, mutirão, tiririca, cumbuca, periquito, aracê, curumim, etc (Navarro, 2021; Domingues, 2021; Chiaradia, 2008).

Por meio dos idiomas da África, principalmente, o Kimbundu, o Kikongo, o Cômbe e o Umbundo de Angola, o Yorubá da Nigéria, o Fulani ou Fula falado na Nigéria, Guiné-Bissau, Guiné, Senegal, Gana, Burkina Faso, Togo, Camarões, Gâmbia, Serra Leoa, Mali, Níger, Chade e Mauritânia e o Fon falado no Benin e em partes do Togo e da Nigéria é possível identificar a influência africana no português brasileiro, sobretudo, por meio das várias palavras de origem africana presentes no vocabulário cotidiano do Brasil, algumas delas incluem: samba, caçamba, dengo, muvuca, banguela, banana, fubá, quitute, quindim, moleque, quilombo, quitanda, caxixi, candomblé, candombe, ranzinza, bomba, caçula, cachaça, dendê, fuxico, macumba, farofa, canjica, jabá, moqueca, zambi, zumbi, berimbau, cangaço, ginga, senzala, xodó, corcunda, gandaia, camundongo, zoeira, conga, batucada, bumbo, miçanga, congo, congada, zabumba, calombo, canga, bagunça, cafuné, bunda, capanga, jongo, banzo, muamba, marimondo, quizumba, zonzó, búzio, fuzuê, quiabo, cuca, sunga, bafafá, axé, abadá, cachimbo, mingau, tutu, nenê, tagarela, babá, bamba, bambambã, bambolê, mochila, gangorra, curinga, mandinga, kota, kuba, mambo, banzé, borocoxô, bruaca, fofoca, geringonça, gororoba, fuleiro, bugiganga, biritá, conga, lambada, lambança, maracutaia, molenga, lero-lero, patota, perrengue, tango, tanga, xará, xepá, lenga-lenga, trambique, moringa, calundu,

guandu, malungo, urucungo, jagunço, marimba, cafunga, mocambo, catimbau, maracatu, catunda, cumbe, cubata, malunga, cumba, e os verbos batucar, banzar, bancar, cochilar, xingar, capengar, cochichar, fungar, embalar, fuxicar, encabular, zangar, zombar e sungar, entre outras palavras e expressões (Geyser, 2010; Silva apud Mendonça, 2012; Guimarães & Nogueira, 2018; Souza, 2018; Silva, 2015; Domingues, s/d; Lopes, 2003; 2011; Castro, 2001).

A influência dos idiomas africanos no português brasileiro não se limita à escrita das palavras e está presente na maneira como se fala. Lélia Gonzalez utiliza o termo Pretuguês para descrever a força e a influência africana na língua portuguesa e na forma como a população negra fala no Brasil. O pretuguês não é erro ou deficiência na fala, é uma expressão linguística, uma forma de falar que deve ser respeitada e cada vez mais estudada. Muitas dessas palavras refletem a influência das culturas africanas e indígenas, especialmente na língua, mas também na culinária, como se pode observar nas comidas e nos alimentos: **(1) de origem africana no Brasil**, que incluem: vatapá, acarajé, jiló, angu, café, abará, cocada, azeite de dendê, canjica, cuscuz, feijoada, pé de moleque, bolo de fubá, quindim, farofa, melancia, frango com quiabo, tamarindo, mungunzá, quiabo, pimentas, acaçá, xinxim, quibebe, feijão-fradinho, caruru, sarapatel, mocotó, efó, ecurú, bobó de camarão, bobó de inhame, feijão-de-azeite, maxixe, bebidas como o canjinha, cachaça, dengue, afurá e aluá, doces como o tijolo baiano, furrundú, sabongo, corrumbá, furrumbá, bazulaque ou groló feitos com melaço da cana, rapadura, açúcar mascavo ou garapa, cravo, gengibre, canela e outras especiarias e frutas raladas como cidra, babaçu, melancia, mamão verde, pau do mameiro, caju, goiaba e/ou coco (Soares, s/d), doces e licores de frutas e legumes como banana,

goiaba, abóbora, cidra, jaboticaba, mamão verde, laranja e etc., arroz doce, arroz de haussá, sorgo, ervilha-de-angola, noz-de-cola, milho-miúdo, sésamo, rabada com agrião e canjiquinha, banana-da-terra, vatapá de inhame, angu, canja, preparados, caldos e receitas com coco, leite de coco, dendê, galinha d'angola, camarão seco, peixe seco, carne seca, amendoim, mandioca e outros ingredientes. Muito embora os alimentos como coco, banana, manga, gengibre, hibisco e inhame sejam originários da Ásia, eles são cultivados há milênios na África. O arroz por exemplo, foi introduzido e cultivado nas Américas por meio da experiência de pessoas africanas da África ocidental que foram escravizadas para trabalharem nas plantations. O arroz africano, *Oryza glaberrima*, originado na África Ocidental, domesticado por volta de 1.500 a.C., foi cultivado e consumido há milênios na região da costa da Guiné, Gana, do Senegal à Libéria, depois foi transportado para as Américas e substituído pelo cultivo e consumo do arroz asiático (Carney & Watkins, 2021). Entretanto, o arroz africano continua presente em muitas comunidades quilombolas, como a produção de quiabo, inhame, banana e noz bambara no Suriname, por exemplo; outro fato é a introdução da criação de gado nas Américas que é parte da experiência africana há milhares de anos na África (Carney & Watkins, 2021); **(2) de origem indígena que incluem:** açaí, caju, chimarrão, moqueca, tacacá, abacaxi, guaraná, pinha, gabirola, mandioca, milho, pipoca, beiju, maracujá, pitanga, goiaba, cará, batata, banana/pacoba, feijão preto, jaboticaba, amendoim, buriti, camu-camu, batata-doce, txu'ü, pinhão, umbu, abacate, abóbora, cacau, pupunha, pequi, diversos tipos de pimentas, mix, preparos e temperos, pimenta de cheiro, pimenta assissê, tucupi, guariroba, mamão, feijão-de-corda, jatobá, acerola, seriguela, cajá-manga, taioba, jiquitaia, damorida, carne de caça moqueada, buré, cupuaçu, chicória, farinha de peixe, cajá, caju, sopa de mandioca, bebidas como

o cauim, tereré e o mocooró, vários tipos de fari-nhas e outros alimentos. Abrindo um parêntese, o chocolate, as tortilhas de milho, os tamales e a guacamole, por exemplo, são comidas típicas do povo maia que o mundo consome com frequência, assim como o tomate, a baunilha e as diferentes variedades de milho, feijão e batata que os maias, incas, astecas e outros povos indígenas cultivavam para o consumo antes da Europa; **(3) de influência e contribuição das duas raízes, a indígena e a africana que incluem:** tapioca, bolo de tapioca, maniçoba, cajuzinho, vários tipos de caldos e sopas, recriações da caldeirada, mingau de tapioca, mingau de milho, mingau de farinha de mandioca e outros tipos, pirão, moqueca, paçoca de carne, paçoca de amendoim, paçoca de gergelim, churrasco, vários tipos de pamonha doce e salgada, curau de milho, bolo de mandioca, bolo de milho, derivados do milho e da mandioca, receitas com carne, camarão e peixe secos, o uso de pimentas, como a pimenta-malagueta de origem africana e a pimenta-de-cheiro de origem indígena e outros alimentos (Carney & Watkins, 2021; Domingues, 2021; Ribeiro, 2013; Carney & Marin, 2013; Lody, 2012; Chiaradia, 2008; Querino, 1957; Sousa, s/d). Ademais, entre as técnicas e tecnologias de origem africana e indígena utilizadas na culinária brasileira, estão o pilão e a técnica de pilar alimentos, o uso das folhas de bananeiras para assar peixes, bolos e alimentos, o uso das peneiras, das colheres de pau, dos utensílios de cozinha feitos com madeira, bambu e coco, das panelas de barro e outras.

Para mais, as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) também estão presentes nas culinárias afro-brasileira e indígenas no Brasil, como o ora-pro-nóbis, taioba, vinagreira, vitória-régia, peixinho, bertalha, dente-de-leão, azedinha, entre outras utilizadas nos preparos e nas receitas. Além disso, é relevante destacar a importância das mulheres de origem indígena e africana na elaboração da culinária brasileira, especialmente aquelas de África que, ao serem

escravizadas, articularam os conhecimentos de origem africana e indígena na cultura brasileira, aprendendo sobre a fauna e a flora do Brasil com os povos indígenas e unindo os saberes sobre ingredientes e plantas às suas funcionalidades alimentares, medicinais e espirituais, por meio de banhos, chás, infusões, garrafadas, modos de preparo, receitas e comidas que nutrem e fortalecem o corpo de modo integral e complexo.

Os conhecimentos e as plantas africanas permitiram aos africanos escravizados a recriação de seus hábitos e “tradições alimentares com base em heranças culturais” de seus povos e etnias (Carney & Watkins, 202, p. 10), isso permitiu que encontrassem “novas formas de combinar os seus ingredientes com os alimentos dos ameríndios e dos europeus” (idem). Com isso, os escravizados africanos quebraram “a monotonia dos regimes alimentares impostos pelos” escravizadores e moldaram “profundamente os alimentos das sociedades de plantation” na Américas (Carney & Watkins, 202, p. 10). Dessa forma, “através dos pratos que as cozinheiras escravizadas preparavam [...] os alimentos africanos” chegaram às mesas e ao consumo diário das Américas e do Brasil (Carney & Watkins, 202, p. 10). As africanidades e indigineidades moldaram a culinária por aqui.

Todo esse conhecimento possibilitou também a modificação e recriação de muitas receitas de origem europeia e africana adaptadas aos alimentos nativos e cultivados no Brasil. Em suma, dizendo de outro modo, a influência africana na culinária brasileira se deve, sobretudo, às mulheres negras que trabalharam nas casas e nas cozinhas dos engenhos, das casas grandes, dos estabelecimentos e residências durante e após a escravização. Ademais, elas também incorporaram ingredientes nativos do Brasil às receitas e aos modos de preparo típicos da África, da Europa e dos povos indígenas, diversificando a comida brasileira e estabelecendo identidades regionais da culinária do

Brasil, por isso, é importante conhecer as raízes indígenas e africanas presentes nos pratos típicos de cada região e estado brasileiros, pois essas receitas expressam histórias do povo.

Portanto, a culinária carrega consigo muita história, identidade, arte, afeto, cultura e conhecimento que são parte de um legado transmitido entre as gerações da humanidade. Cada povo, conforme sua história e diversidade étnica e cultural, tem sua própria forma e técnica para cultivar, colher, escolher, selecionar, manipular e preparar os ingredientes, bem como cozinhar, servir, decorar, consumir e apresentar sua comida. Desta feita, a relação com a natureza e a concepção de mundo com a ancestralidade possibilitou inúmeros diálogos, compreensões e colaborações entre os povos indígenas e africanos no Brasil, em especial os povos de origem bantu (Lopes, 1998, p. 2178), oriundos da África Central nas imediações atuais de Angola, Congo e Moçambique (Silva et al., 2023; Souza, 2018).

Para abordar essa influência indígena e africana presente no vocabulário cotidiano da língua portuguesa e da culinária no Brasil, sugerimos a leitura dos livros *O tupi que você fala* e *A África que você fala*, escritos por Cláudio Fragata. Acesse as contações de história dos livros disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=4tfQn-Ne0Vs0> e <https://www.youtube.com/watch?v=-QNzu3aQ3ubw&t=46s> e destine uma aula para cada livro e por meio da roda de conversa explore as palavras com o uso de imagens, converse sobre os significados das palavras e sobre as palavras conhecidas e utilizadas pelos/as estudantes. Seleccionem algumas palavras e peça para os/as estudantes desenharem as representações delas (Pereira Júnior, 2023) ou para pintarem as ilustrações das palavras de origem indígena e africana, explorando a criatividade e associando-as com os livros, desenhando e/ou escrevendo textos, redações, músicas ou provérbios populares.

Como desdobramento da leitura dos livros indicados, explore as palavras referentes aos alimentos e comidas de origem indígena e africana, faça uma lista com alimentos de origem africana e indígena e converse com os/as estudantes sobre os alimentos dessas culturas que mais gostam de comer ou que comem com frequência em casa ou na escola. Construa dois gráficos, um com as frutas, verduras, alimentos e comidas de origem indígena e outro com alimentos de origem africana, monte os gráficos com colunas e letras e utilize fotografias dos/as estudantes e imagens dos alimentos selecionados. Para realizar a interpretação dos dados do gráfico, converse com os/as estudantes sobre suas comidas e alimentos favoritos e a quantidade de votos que tiveram. Inspirem-se no quadro disponível no link: <https://educ.rec.br/escoladofuturoemcasa/2020/10/21/a-fruta-preferida/>

É interessante pesquisar os nomes de origem africana e indígena presentes no português do Brasil, construindo listas e cartazes com nomes de estudantes, pessoas ou personalidades influentes no Brasil que possuem nomes de origem africana e indígena, como Dandara, Zumbi, Maura, Iracema, Iara, Inaiá, Jurema, Artemisa, Iraci, Irani, Jacy, Jacira, Janaína, Kauã, Jurandir, Jandira, Juçara, Tainá, Tainara, Maiara, Moema, Maíra, Peri, Rudá, Potira, Ubiraci, Ubirajara, Ubiratã, Kauê, entre outros, por exemplo. E, sobrenomes, como Jatobá, Juruna, Maranhão, Pitanga, Pitangui, Tupinambá, Saraíba (Sarahyba), Suaçuna (Suassuna), entre outros que também nomeiam pessoas não indígenas. Outra sugestão é construir listas, quadros, gráficos e cartazes com nomes de cidades, lugares, objetos, plantas e animais nomeados com palavras indígenas, consulte o link <https://www.normaculta.com.br/palavras-de-origem-indigena/> e outros sites disponíveis na internet. Outra possibilidade é a construção de um infográfico com imagens e significados das palavras de origem indígena e africana como se vê nos links [<https://ensinarhistoria.com.br/s21/wp-content/uploads/2021/09/82-tupi.png> e <https://ensinarhistoria.com.br/s21/wp-content/uploads/2021/09/70-africanas-2.png>](https://ensinarhis-</p>
</div>
<div data-bbox=)

Para aprofundar nas danças, musicalidades e instrumentos musicais, nas festas, festejos, festividades e tradições culturais sugiro que consultem o conteúdo descrito anteriormente para o 1º semestre de 2024 no tema articulador Dança e Musicalidade. Como sugestão, é interessante montar atividades, produções e performances que explorem a história das manifestações culturais e expressem os movimentos e a sonoridade das musicalidades, danças e instrumentos de origem africana e indígena presentes na cultura brasileira, sendo útil conhecer de modo geral as origens africanas e indígenas presentes nas danças, musicalidades e instrumentos musicais, dividindo essas expressões em temas e aprofundando a pesquisa sobre eles. Por exemplo, para quem for o Samba, é essencial, pesquisar sua origem, as principais personalidades, as músicas, letras e compositoras/es, o modo como se dança, os instrumentos que se utiliza. Essas orientações também se aplicam para quem for investigar as influências africanas e indígenas nos gêneros musicais do Brasil, entre outros, como o Lundu, Maxixe, Choro, Samba, Bossa Nova, Funk, Rap, Cateretê, Catira, Cururu, Modas de Viola, ou ainda, nas manifestações culturais, como o Bumba meu boi, Boi Bumbá, Dança dos Praiás, Capoeira, Maculelê, Jongo, Toré, Coco, Congada, Moçambique, Vilão, Catupé, Marinheiro, Caboclinos, Chegança, Fandango, Candombe, Marujada, Ticumbi, Catumbi, Maracatu, Cacumbi, Marabaixo, Saraquê, Reisado, Sairê, Carimbó, Afoxé, os blocos afro, como Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê e Bankoma de Salvador, Bahia, entre outras descritas anteriormente. Assim, é essencial pesquisar sobre a origem, histórico e história dessas manifestações, de seus grupos, personagens/lideranças, cantos e passos de dança, lugares e épocas

que acontecem, as festas que expressam essas culturas e o que elas representam para suas comunidades. No Museu Afro Brasil há uma série de objetos e fotografias dessas manifestações culturais, uma delas é a do Maracatu, que pode ser visualizada com suas características e personagens no link <https://artsandculture.google.com/story/BwWBFGxbua7nIQ?hl=pt-BR>

No Brasil colonial as profissões eram de domínio das pessoas africanas escravizadas, sequestradas de África, comercializadas e forçadas ao trabalho compulsório promovido pelo escravismo criminoso forjado pelo tráfico escravista da Europa. Portanto, por mais de 300 anos de imigrações forçadas, o Brasil recebeu mão de obra especializada da África que contribuiu com o desenvolvimento científico, técnico e tecnológico aplicado através do trabalho de escravizados/as africanos/as em várias regiões e épocas dos “ciclos de produção no Brasil” (Cunha Júnior, 2010, p. 17). Essa “imensa diversidade de conhecimentos contidos na mão de obra africana de diferentes condições geográficas” (Cunha Júnior, 2010, p. 17), possibilitou a construção do Brasil, uma vez que “todos os ciclos de produção do Brasil eram de domínio de conhecimento de diversas regiões africanas” (idem). A mão de obra africana e negra sustentou a economia brasileira e ocupou a amplitude do trabalho no Brasil, sendo parte do “conjunto de trabalhadores com formação profissional esmerada e com especializações importantes para a economia da época em diversas áreas de ofícios” até após a abolição (Cunha Júnior, 2010, p. 20).

Por isso, é importante abordar a influência e consolidação da população negra nos ofícios de engenharia e mecânica, entre outras áreas, sobretudo, no trabalho de alfaiates, pintores, costureiros, ourives, pedreiros, sapateiros, ferreiros, serralheiros, cabeleireiros, barbeiros, carpinteiros, marceneiros, mecânicos, entalhadores, tintureiros, caldeireiros, ferradores, vendedores,

cavoqueiros, funileiros, latoeiros, lapidadores, tecelões, artistas, fiandeiros, espadeiros, padeiros, carteiros, atendentes, calafates, canoeiros, fundidores de cobre e metais, construtores navais, marujos, pescadores, oleiros, enfermeiros, boticários, tanoeiros, fiandeiros, canteiros, estivadores, açougueiros, cravadores, relojoeiros, amas, pajens e babás, armeiros, mineradores, professores, doceiros, cozinheiros, quitandeiros, agricultores, cocheiros, tipógrafos, construtores, cirurgiões-barbeiros “especializados em práticas de sangria, incisão, aplicação de ventosas e extração de dentes” (Museu Afro Brasil, 2012, s/p) e outras profissões e trabalhos especializados, desempenhados por pessoas de origem africana submetidas à condição de escravizadas no período colonial do Brasil (Cunha, 2005; Araújo, 2010; Cunha Júnior, 2010; Museu Afro Brasil, 2012, s/p).

É importante enfatizar que no período da escravização, o trabalho manual era considerado algo menor, inferior, por isso destinado aos escravizados (indígenas e africanos), demonstrando a condição social a que estavam submetidos, as pessoas livres se afastavam do trabalho artesanal e manufaturado “que exigiam esforço físico ou a utilização das mãos (Cunha, 2005, p. 16), foi por conta dessa condição, que escravizados africanos e negros tornaram-se aprendizes, oficiais e “mestres de corporações de ofício” aperfeiçoando o rol de profissões, tecnologias e ofícios no Brasil (Museu Afro Brasil, 2012, s/p). Para conhecer os objetos utilizados nos ofícios e profissões realizadas por escravizados, visite o tour virtual do Museu Afro Brasil para ver a exposição permanente, intitulada Arte Adorno, Design e Tecnologia no Tempo da Escravidão, acessível no link <https://artsandculture.google.com/streetview/museu-afro-brasil-subsolo/1AHbgzYTekovhw?hl=pt-BR>

Sendo assim, pesquise o trabalho realizado pelos africanos, que na condição de escravizados, desenvolveram esses ofícios no Brasil, entendendo conhecimentos técnicos, tecnológicos e científicos utilizados no cotidiano brasileiro; como esses conhecimentos deixados pelos africanos como legado se reinventam hoje? (Araújo, s/d). Aproveite para correlacionar esses conhecimentos com os reinos, impérios e sociedade africanas que criaram e dominavam a agricultura, o pastoreio, a metalurgia, a fundição e o manuseio dos metais, entre outros há milhares de anos, desde o aprimoramento da primeira tecnologia africana: o domínio do fogo. Para tanto, esses conhecimentos e práticas foram empreendidos pelos/as africanos/as na produção de joias e peças de arte entalhadas e feitas com diferentes tipos de materiais, na fabricação de mobiliários, na construção de casas, edifícios, monumentos, estradas, trilhos, fazendas e igrejas, sobretudo, na criação e produção de ferramentas, instrumentos e tecnologias que foram utilizadas em todos os ciclos de desenvolvimento do Brasil e que estão presentes na historiografia do trabalho brasileira, como a prensa para fazer manteiga, o forno de barro, forma de metal para produção de pão de açúcar, as técnicas de mineração, os instrumentos e ferramentas para plantação como a enxada e etc., os instrumentos astrológicos para identificar as mudanças climáticas, entre muitos outros (Araújo, s/d).

Um exemplo disso é a presença do Sankofa, um ideograma Adinkra, uma tecnologia e escrita ancestral, oriunda dos povos Akan, sobretudo do povo Ashanti de Gana, impressa nas grades, janelas, portões de ferro e portas de casas e edifícios brasileiros, como se vê no link: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/> Observe esse símbolo nos portões das casas de Araraquara, pesquise sobre seus significados e construa fotografias e ilustrações com o Sankofa e suas va-

riações. Amplie sua percepção sobre o Sankofa e os demais símbolos Adinkras que transmitem a sabedoria, a política, a organização social, os valores e provérbios e normas de condutas, além da filosofia e visão de mundo africana em: <https://youtu.be/3wOAVLlKhZU> ou https://youtu.be/2_q8Dkwylcw ou <https://youtu.be/4wQ1vuvjiac> ou <https://youtu.be/lao6k7J9WSw> ou <https://www.adinkrasymbols.org/> e outras formas de escrita, comunicação, filosofia e linguagem africana.

Esses conhecimentos foram trazidos de África, especialmente, dos territórios, reinos, impérios e sociedades da África Central e Ocidental, lugares de procedência de boa parte das pessoas africanas que foram escravizadas no Brasil. As edificações, os ofícios e as construções no Brasil Colônia foram erguidas com muito suor, regadas com o sangue pingado da violência e estruturado pelo conhecimento do/a negro/a africano/a. Entre as produções e produtos oriundos dos conhecimentos desenvolvidos por africanos/as no Brasil, estão as joias crioulas, os adornos, os balangandans e os amuletos feitos por artífices escravizados e negros oficiais de ourivesaria. As joias crioulas “ornamentavam os pulsos, colos e orelhas das mulheres” negras de religiões de matriz africana e das Irmandades Negras da Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais (Museu Afro Brasil, 2012, s/p). Visualizem as joias crioulas presentes no acervo do Museu Carlos e Margarida Costa Pinto disponível no link: https://www.guiademuseus.com.br/detalheponto.aspx?fk_ponto=1110 ou na exposição Arte, Adorno, Design e Tecnologia no Tempo da Escravidão disponível no link: https://artsandculture.google.com/story/KgURO_cvqMpaIA?hl=pt-BR ou numa visita presencial ao acervo do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, localizado no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do Parque do Ibirapuera em São Paulo.

Pesquise esses ofícios nas pinturas das obras de Jean Baptiste Debret e de Johann Moritz Rugendas e descubram as mãos negras de africanos/as que participaram da construção e do desenvolvimento do Brasil com seus conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos trazidos de África e recriados nas invenções tecnológicas no Brasil (Araújo, 2010), como se observa nas seguintes imagens (Debret, 1965; Cunha, 2005, p.20; Ulhoa, 2019; Freitas, 2020): - De Jean Baptiste Debret intituladas: (1) Negros serradores de tábuas; (2) Sapataria; (3) Vendedor de arruda; (4) Negros livres vivendo do seu trabalho; (5) Transporte de uma viatura desmontada; (6) Vendedor de cestos; (7) Vendedoras de Angu; (8) Comboio de Café Seguindo para a Cidade; (9) Vendedor de Tabaco; (10) Negra tatuada vendendo caju; (11) Ganhadeiras e tocador de berimbau; (12) Calceiteiros; (13) Loja de carne de porco; (14) Barbeiros ambulantes; (15) Colar de ferro, castigo dos negros fugitivo; (16) Padaria; (17) Loja de barbeiro; (18) Engenho manual que faz caldo de cana; (19) Refresco do Largo do Palácio; (20) Negras livres vivendo de suas atividades; (21) Dia de entrudo (carnaval); (22) Carregadores de leite vindo para a cidade; (23) Lavadeiras do rio Laranjeiras; (25) Vendedor de flores e de fatias de coco; (26) Os refrescos do Largo do Palácio; (27) Negros vendedores de carvão; (28) Negra vendedora de bebida; (29) Negros cangueiros e (30) Um jantar brasileiro. - De Johann Moritz Rugendas intituladas: (1) Escravizados urbanos coletando água no Brasil da década de 1830; (2) Engenho de Açúcar; (3) Preparação da Raiz de Mandioca; (4) Lavagem do Ouro no Itacolomi, (5) Escravizados trabalhando na colheita de café, (6) Escravizados trabalhando no garimpo e (7) Escravizando fazendo farinha de mandioca. - Nas fotografias de Marc Ferrez no Acervo Instituto Moreira Salles que retratam: (1) Quitadeiras em rua do Rio de Janeiro, em 1875; (2) Lavagem de ouro, em 1880, em Minas Gerais; (3) Escravizados na colheita de café, Vale do Paraíba, em 1882; (4) Escravos na colheita do café,

Rio de Janeiro, em 1882; (5) Construção da estrada de ferro Príncipe do Grão Pará, em 1882, em Petrópolis, no Rio de Janeiro; (6) Negra com o filho, em Salvador, em 1884; (7) Partida para colheita do café no Vale do Paraíba, em 1885; (8) Primeira foto do trabalho no interior de uma mina de ouro em Minas Gerais, em 1888. E de outras imagens que mostram: (1) a extração de diamantes em Curralinho-MG, de Meyer em 1818; (2) Senhora na liteira (uma espécie de “cadeira portátil”) com dois escravizados, na Bahia, em 1860, foto de fotógrafo desconhecido no Acervo Instituto Moreira Salles; (3) Fazenda Quititi, no Rio de Janeiro, em 1865. Observe o impressionante contraste entre a criança branca com seu brinquedo e os pequenos escravizados descalços aos farraços, fotografia de Georges Leuzinger do Acervo Instituto Moreira Salles; (3) Negros escravizados transportando homem numa liteira e (4) Negras da Bahia, ambas fotografias feitas em Salvador, na Bahia, em 1869, por Alberto Henschel; (5) Negra com uma criança branca nas costas, na Bahia, em 1870 preservada no Acervo Instituto Moreira Salles; (6) Engenho de Itamaracá, no Pernambuco, em 1647, pintado por Frans Post para o mapa de Gaspar Barlaeus; (7) Escravizados trabalhando na extração do látex e na fabricação de calçados de borracha, imagem presente na página 219, do livro de Daniel Parish Kidder (2008), intitulado *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias* (1840).

É interessante que nessas imagens não só o trabalho está visível, como também o uso das vestimentas típicas dos diversos povos africanos trazidos para o Brasil, essas imagens de Rugendas e Debret que espelham as pessoas africanas - na década de 1830 no Rio de Janeiro ou as fotografias de Christiano Junior e de outros fotógrafos no final do século 19 nas cidades brasileiras - revelam a ocupação massiva da África no Brasil (Cunha Júnior, 2010, p. 25), uma ocupação que legou civilização, identidade, estética, cultura e ciência para o Brasil (Souza, 2018; Fonseca, 2014; Luz, 2000; Querino, 1955, 1980). Veja uma mulher negra com vestimentas e joias crioulas fotografada em 1885 por Marc Ferrez em Salvador no link a seguir: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliansa/handle/20.500.12156.1/2570>, olhe para outra mulher negra com turbantes fotografada por Alberto Henschel no Rio de Janeiro em 1870, visualize no link: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliansa/handle/20.500.12156.1/6847>. O que essas imagens transmitem? Parte desse material pode ser consultado nos livros: (1) *A Travessia da Calunga Grande*, escrito por Carlos Eugênio Marcondes de Moura; (2) *Sujeitos Iluminados: a Reconstituição das Experiências Vividas no Estúdio de Christiano Jr.*, de Fabiana Beltramim e (3) *Negros no estúdio do fotógrafo* por Sandra Sofia Machado Koutsoukos.

A ideia da observação dessas imagens tem como objetivo estimular um novo olhar do/a estudante sobre a história. Apesar de os escritos de Debret e Rugendas revelarem o ímpeto eurocêntrico e escravista da época que reforça a visão dos europeus contra pessoas indígenas e africanas (Freitas, 2020), é necessário estimular outros olhares e ângulos da história, olhares que compreendem nas imagens a contribuição e a participação africana e indígena na construção e no desenvolvimento da sociedade brasileira. É oportuno propor reflexões, recriações e releituras dessas imagens, seja em ilustrações de textos, performances, de-

senhos ou colagem digital, como fez o artista Gê Viana na releitura da obra *Um jantar brasileiro* de Debret (1824), propondo uma ressignificação do olhar na obra *Sentem para jantar*, na série *Atualização traumática de Debret*, disponível em <https://mam.rio/ge-viana/> ou no vídeo <https://youtu.be/Qqbh9K3VSKY>

Ademais, ao longo da história, as pessoas e a população africana e indígena deixaram suas marcas, reafirmaram suas identidades e empreenderam inúmeras e diversas formas de luta e resistência pela liberdade. Mulheres e homens negros escravizados e libertos resistiram e sobreviveram de inúmeras formas dentro do sistema escravista, organizando formas de compra de alforria, de acúmulo de bens e dinheiro, de compra de terras e plantio, entre outras estratégias que permitiram mais mobilidade na sociedade (SOUZA, 2018). Esse olhar permite compreender que, apesar das condições impostas pela escravização a que estavam submetidos, os/as imigrantes os/as africanos/as nunca foram tábuas rasas, mas sim pessoas pensantes, seres humanos dotados de inteligência, cultura e conhecimentos construídos a milhares de anos, sujeitos/as protagonistas e herdeiros/as de todo o legado da vida, da civilização e da ciência nascidos em África, como se pode observar na história dos reinos, impérios e outras organizações das sociedades africanas e negras citadas neste documento e aprofundadas pela *Coleção História Geral da África* (UFSCar, 2010) e outras fontes afiorreferenciadas (Fonseca, 2022; 2021; Souza, 2018; 2012; Cunha Júnior, 2010; Ki -Zerbo, 2009; Nascimento, 1996; 2008).

Cabe ressaltar mais uma vez que essa grande diversidade de conhecimentos presentes na população africana, conseqüentemente, na força de seu trabalho, proporcionou a construção do Brasil, uma vez que os ofícios e saberes envolvidos em todos os ciclos de produção no país, como a cana-de-açúcar, o ouro, o algodão e o café, eram campos de conhecimento oriundos de diferentes regiões do continente africano (Cunha Júnior, 2010, p. 21). Os/as africanos/as preconizaram “o retorno às fontes antigas e tradicionais” de suas ciências, técnicas e tecnologias, mas também promoveram “simultaneamente a inovação do novo e do velho conhecimento” (Fonseca, 2021, p. 16). Ademais, todo trabalho e a gama de conhecimentos empreendidos pelos/as africanos/as escravizados/as não somente construiu, mas enriqueceu o Brasil. Como essa distribuição de renda foi feita após a abolição da escravatura? Cabe à reflexão sobre as conseqüências da escravização e seus desdobramentos na realidade social, racial, educacional e econômica da população negra. Por isso, recomenda-se a visualização da série Coleção Antirracista para entender rapidamente os efeitos desse período e a necessidade do letramento racial, acesse em: <https://youtu.be/19cfwxlqRZI?list=PLggyRMb5eNeKXHKhQ-T4xUQ5O3JlkkX7RS> ou o vídeo 13 de Maio de 1888: A Lei Áurea realmente libertou os escravizados?, disponível em: <https://youtu.be/IYEU-s1uw3l0>

Concisamente, o legado dos povos indígenas e da África para o Brasil é inegável, é visível, audível, sensível, perceptível, comestível, simbólico e expressivo, festivo e religioso, tecnológico e científico, mas, sobretudo, civilizatório. O que se quer é estabelecer a compreensão de que a história da África e de sua descendência negra não começa com a escravização, pelo contrário, a história da humanidade e da civilização começa na África e essa história do continente africano é anterior à chegada dos asiáticos, bem como dos conquista-

dores árabes e europeus (Souza, 2018, p. 49). Do mesmo modo, não há Brasil sem povos indígenas e africanos, como diz Célia Xakriabá: “antes do Brasil da Coroa, existe o Brasil do Cocar. Antes do Brasil do verde e amarelo, existe o Brasil do jenipapo e do urucum. Não conheceremos o Brasil antes de conhecer a história indígena” (Murad, 2022), essa é a proposta, esse é o desafio possível: descolonizar pensamentos, relações, sentimentos e práticas para ver o Brasil a partir das perspectivas indígenas e africanas.

Em vista disso, explore a perspectiva descolonizadora e afro-indígena da história para construir trabalhos, pesquisas e conhecimentos com os/as estudantes e para fomentar essa visão leia: (1) o subtítulo 4.1 Evidências da presença bantua-africana no Brasil da tese intitulada Permanências Africanas no Congado Brasileiro (Souza, 2018) disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/a24e26ff-cf22-4e49-a3ba-db7f78ef8f57> (2) Tecnologia Africana na Formação Brasileira (Cunha Júnior, 2010) disponível em: https://cpvceasm.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/05/cadernotecnologias-africanas_ceap_vf.pdf (3) o artigo O desafio do visível: a representação da população negra nas viagens pitorescas de Debret e Rugendas (Freitas, 2020) disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/974/836> e (4) o artigo A escravidão negra no Brasil: análise dos aspectos cultura e trabalho por meio das obras de Johann Moritz Rugendas e Jean Baptiste Debret, disponível em: <https://www.unifucamp.edu.br/wp-content/uploads/2010/10/6-A-escravid%23U00c3%23U00a3o-negra-no-Brasil-segundo-Debret-e-Rugendas-Cl%23U00c3%23U00a1udia-e-Neliane.pdf>

Para essas e demais dimensões da influência de origem indígena e africana citadas nesta temática, é interessante criar lista das tecnologias africanas no Brasil correlacionando com as tecnologias da antiguidade da África ou construir listas, infográficos e cartazes com as tecnologias, costumes e conhecimentos herdados das culturas indígenas e africanas, sendo oportuno também a construção de outras atividades que envolvam contação de histórias, infográficos, leituras dramáticas, jogos e brincadeiras, construção de maquetes, oficinas, de atividades e produções artísticas, musicais e visuais, o uso de vídeos e de outras estratégias de ensino-aprendizagem que explorem a influência das culturas indígenas e africanas na sociedade brasileira em outros aspectos e dimensões tais como nas artes e arquiteturas; nas vestimentas e tecidos; nas literaturas, mitologias, lendas, contos e cantos populares, provérbios e histórias; nas práticas de cuidado, higiene e saúde, como se vê no hábito de tomar banho, escovar os dentes, hidratar a pele, pentear, trançar ou ornamentar os cabelos, de utilizar ervas para fins medicinais e terapêuticos, entre outros costumes advindos das culturas de origem africana e indígena. Para aprofundar nas danças, musicalidades e instrumentos musicais, nas festas, festejos, festividades e tradições culturais sugiro que consultem o conteúdo descrito anteriormente para o 1º semestre de 2024 no tema articulador *Dança e Musicalidade*.

Busque relacionar as expressões culturais, as danças e musicalidades citadas com as produções artísticas de artistas negros/as, como as obras *Sem título*, 1965 e *Dança*, 1965 de Heitor dos Prazeres em <https://projetoafro.com/artista/heitor-dos-prazeres/>, a obra *Autorretrato* de Wilson Tiberio (é a terceira imagem disponível em: <https://projetoafro.com/artista/wilson-tiberio/>, a obra *Pulando carnaval* de 1969, a tela *Figura dançando* de 1970, a tela *Capoeira* de 1970, a tela *Sem título* de 1971 que parece retratar a

corde do Maracatu e a tela *Festa junina II* de 1974, pintadas por Maria Auxiliadora da Silva e disponíveis no acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) em <https://masp.org.br/exposicoes/maria-auxiliadora-da-silva-vida-cotidiana-pintura-e-resistencia>. A partir dessas obras, é possível propor atividades artísticas que promovam releituras, recriações e novas interpretações tanto das obras quanto das danças, instrumentos e musicalidades de origem africana e indígena, descritas no tema articulador *Dança e Musicalidade*. Essas produções podem ser elaboradas, exibidas e catalogadas em portfólios, pôsteres, murais, performances e exposições com textos e ilustrações. Para ampliar a percepção sobre Dança, Arte e Musicalidade sugerimos o vídeo Danças africanas e afro-brasileiras, com Inaicyra Falcão e Luciane Ramos Silva em <https://youtu.be/kgfo3SDamjo>, o vídeo Cosmologia bantu: interações, tradução, ritmo, e força vital, com Tiganá Santana em <https://youtu.be/uuly07vg7O8>, o vídeo O artesanato africano [...], disponível em <https://youtu.be/wVm7wREbEus>.

Sendo assim, para pesquisar e conhecer a influência e participação das culturas indígenas e africanas na sociedade brasileira, agrupe esses aspectos e dimensões em temas para sorteio e divisão dos grupos, de modo que os/as estudantes possam organizar um seminário com apresentações, imagens, textos, cartazes, maquetes, vídeos, esculturas, performances, entre outras possibilidades, como sugestões de temas para a construção dos seminários dessa temática estão: **1-** Palavras de origem indígena e africana no Brasil (incluir os topônimos (nomes de cidades, lugares, locais, estados); **2-** Fauna e flor com nomeações de origem indígena no Brasil; **3-** Comidas, alimentos e bebidas de origem indígena e africana no Brasil; **3-** Nomes e sobrenomes de origem indígena e africana; **4-** Danças, ritmos e instrumentos musicais de origem indígena e africana no Brasil (consultar o tema articulador

Dança e Musicalidade descrito anteriormente neste documento; **5-** Religiões de origem indígena e africana no Brasil (consultar o tema articulador *Religiosidades e a temática Religiões*, religiosidades e espiritualidades de matrizes africanas e indígenas descritos anteriormente neste documento); **6-** Profissões, trabalhos e ofícios desempenhados por africanos/as no Brasil; **7-** Tecnologias, invenções e técnicas de ofícios desenvolvidas com o trabalho de africanos/as e indígenas no Brasil; **8-** Artes e artesanatos de origem indígena e africana no Brasil; **9-** Arquitetura e construção desenvolvidas com o trabalho de africanos/as e indígenas no Brasil (consultar o tema articulador *Territórios* descrito anteriormente neste documento); **10-** Festas, festividades e tradições de origem indígena e africana no Brasil (incluindo o Carnaval, Festa Plantar na Mata do povo indígena Anacé; Festa do Congado, Festa da Congada ou Reinado, Festas de São Benedito, Festa de São Gonçalo, Festa do Divino Espírito Santo, Festa Junina ou Festas de São João no nordeste e no norte, Festas de Yemanjá, Festa de Batuque, Festas de Irmandades Negras, o Toré, Festas das Colheitas (realizadas por povos indígenas); Festival de Parintins (que destaca a tradição do boi-bumbá), festas indígenas que podem ser consultadas no link https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/06/cerca-de-600-projetos-estao-inscritos-para-concorrer-a-quatro-editais-do-mpi/16_edital_ancestralidade-viva.pdf e outras; 2021). O que se propõe aqui é conhecê-los e estudá-los.

11- Usos, costumes e hábitos de origem africana e indígenas no Brasil (incluir as práticas de cuidado, beleza, benzimento, higiene e saúde); **12-** Literaturas e oralidades (incluir mitologias, lendas, contos e cantos populares, provérbios e histórias de origem indígena e africana no Brasil, não utilizem o termo folclore, mas sim, cultura popular); **13-** Tranças e penteados de origem indígena e africana; **14-** Vestimentas, adornos e joias de origem indígena e africana no Brasil (consultar também o tema articulador *Corporeidade e Estética*; **15-** Povos africanos que participaram da formação do Brasil (considerando suas culturas, etnias, idiomas e regiões de origem); **16-** Línguas africanas e indígenas que influenciaram a língua portuguesa no Brasil; **17-** Personalidades das culturas indígenas e africanas influentes na sociedade brasileira (consultar o tema articulador *Representatividade* descrito anteriormente), entre outros.

Por fim, os conhecimentos e legados dos povos indígenas e africanos impactaram culturas, ciências, paisagens, religiões, sociedades e economias do mundo, das Américas e do Brasil resultando em novas recriações a partir de suas culturas, línguas e sociedades originárias (Carney & Watkins,

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Livro - Tecnologia africana na formação brasileira, por Henrique Cunha Junior. Disponível em: https://cpvceasm.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/05/cadernotecnologias-africanas_ceap_vf.pdf

As contribuições dos povos indígenas para o desenvolvimento da ciência no Brasil: os povos originários colaboram de diversas formas com a sociedade brasileira desde a chegada dos portugueses até os dias de hoje. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v74n3/v74n3a11.pdf>

Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. Por Henrique Antunes Cunha Júnior. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf

História dos afrodescendentes: disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Por Henrique Antunes Cunha Júnior. Disponível em: [file:///D:/Usuario/Downloads/57807-Texto%20do%20artigo-751375239315-1-10-20211231%20\(1\).pdf](file:///D:/Usuario/Downloads/57807-Texto%20do%20artigo-751375239315-1-10-20211231%20(1).pdf)

Culturas africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta da localização dos empréstimos. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20808/13409>

O fazer científico e o conhecimento africano: pistas e esboços - um breve diálogo, mas necessário por Dagoberto José Fonseca. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1251>

Protagonismo quilombola: seus sujeitos e seus saberes influenciando a educação por Prof. Dr. Dagoberto José da Fonseca. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2238-121X2014000100107&script=sci_abstract

O negro no Brasil e seu olhar para a África e a América Latina: um olhar sobre a globalização sul-sul pelo Prof. Dr. Dagoberto José da Fonseca. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/novos-olhares-sociais/article/view/4455/2274>

Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. com a Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/379123.PDF>

Através das águas: os bantu na formação do Brasil. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1189/1087/4090>

Agricultura do encantamento: receitas e histórias da comida como identidade: olhares das juventudes sobre seus territórios. Disponível em: https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2021/09/agricultura-do-encantamento_ver-sao-digital.pdf

A partir do capítulo 1 do livro O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje do MEC/SECAD. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf

Revista Moitará a partir das edições de 2014. Disponível em: <https://fundacaoarapora.org.br/revista-arapora/>

Línguas indígenas. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/saudeindigena/quemsaoeles/linguasindigenas.html>

Línguas indígenas brasileiras. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/L%-C3%ADnguas_indigenas_brasiliras_RODRIGUES,Aryon_Dall%C2%B4lga.pdf

O legado fundamental dos povos africanos para a cultura brasileira. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/06/o-legado-fundamental-dos-povos-africanos-para-cultura-brasileira.html>

África em Artes. Disponível em: http://www.mu-seuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/africa_em_artes.pdf

Diáspora africana. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/>

Consulta aos dados do Tráfico Transatlântico de Escravizados. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>

Vídeos

Historiador Elikia M'Bokolo fala sobre legados civilizatórios da África. Disponível em: <https://youtu.be/kpBjk13BH2E>

Contribuição Afro para a ciência e a tecnologia no Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/nvCs-SfgeBIQ>

Influências indígenas na culinária brasileira. Disponível em: <https://youtu.be/UOEJvqFtj8U>

Cultura alimentar afro-brasileira - sabores, cores e destinos. Disponível em: <https://youtu.be/mSPzjyL0r8Q>

Heranças africanas na culinária brasileira. Disponível em: <https://youtu.be/He6FBxX22bl>

O que é a Cosmovisão indígena? Disponível em: <https://youtu.be/xH9lGbZq520>

Cidades Ancestrais: Arqueologia Urbana e Memória dos Povos Negros e Indígenas. Disponível em: https://youtu.be/e2Bczu9THr0?list=PLr2tOfQSm0OwmFYpvn55hIY0ooN_8cnL

Cabelo Crespo: Por que Foi Estigmatizado? Disponível em: https://youtu.be/i_knQceFluo

O que é diáspora africana? Disponível em: https://youtu.be/9SJRTuLnJ_Q e

O que são diásporas africanas? Disponível em: <https://youtu.be/F0nCsXdQSQ8>

Receita de Arroz doce da Autêntica Culinária Afro-brasileira. Disponível em: <https://youtu.be/wVqj73UVn1c>



CARTOGRAFIA DA ÁFRICA E DOS PAÍSES AFRICANOS NA CONTEMPORANEIDADE



A atual Cartografia do mapa político do continente africano foi resultado da partilha de África que desrespeitou as fronteiras étnicas, culturais e linguísticas que já estavam estabelecidas pelos povos originários dos territórios em África antes da invasão e conquista europeia (Capossa, 2005; Uzoigwe, 2010). No entanto, recomenda-se a problematização das divisões e fronteiras estabelecidas no atual mapa político de África com os territórios visualizados no mapa das fronteiras étnicas editado por George Murdock que apresenta 835 regiões étnicas dos povos africanos. Observe e reflita sobre as diferenças entre os mapas, visualizando o Mapa político da África disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_pol%C3%ADtico_da_%C3%81frica.svg ou no site: <https://www.guiageo.com/africa-politico.htm> e o Mapa de Fronteiras Étnicas da África em: <https://www.tudogeo.com.br/2018/08/20/mapa-fronteiras-etnicas-africa/>

A África é o terceiro maior continente do mundo e o continente com a maior diversidade étnico-cultural do mundo, mas no imaginário coletivo de grande parte do povo brasileiro, a África está reduzida a um país; por isso, é necessário dar a conhecer de maneira panorâmica os 54 países africanos considerando, aproximadamente entre 2.100 mil a 3.000 idiomas (conforme as variações linguísticas entre as etnias, seus povos e as línguas europeias), fala-se idiomas, línguas e não dialetos. As mais de 2.000 mil etnias e os mais de 8.000 mil grupos subdivididos entre as etnias, seus povos, suas linhagens, famílias e comunidades que vivem e ocupam territórios que por vezes ultrapassam as fronteiras de um ou mais países (Atienza, 2019; Njeru, 2023; Study, 2023; Epstein & Kole, 1998), fala-se etnias, povos e não tribos, pois o desafio é também descolonizar os

conceitos e/ou ressignificá-los.

Com essas considerações é oportuno pesquisar as regiões de África que compreendem África Setentrional ou do Norte, África Ocidental, África Central, África Oriental e África Meridional ou Austral, criando uma lista das regiões e dos países que as compõe como: África do Sul, Angola, Argélia, Benim, Botsuana, Burkina Faso, Burundi, Cabo Verde, Camarões, Chade, Comores, Costa do Marfim, Djibouti, Egito, Eritreia, Essuatíni, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau, Lesoto, Libéria, Líbia, Madagascar, Malawi, Mali, Marrocos, Maurício (ou Ilhas Maurício), Mauritânia, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Quênia, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, República do Congo, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Seychelles (ou Ilhas Seychelles), Somália, Sudão, Sudão do Sul, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue (e ainda, a República Árabe Saharaui Democrática, um território autoproclamado no Marrocos, reivindicado pela Frente Polisário). Além das 5 regiões África Setentrional, África Ocidental, África Central, África Oriental e África Meridional, a União Africana (UA) reconhece a diáspora africana como a 6ª região da África, sendo o Brasil o país com a maior população negra fora do continente, devido ao tráfico transatlântico de escravizados criado pela Europa, que trouxe milhares de pessoas africanas para as Américas. Dessa forma, é interessante elaborar uma ilustração do mapa da África que apresente as regiões do continente africano e a diáspora como a 6ª região da África, estabelecendo a conexão com as Américas, principalmente com o Brasil. Para inspirar essa construção ilustrativa, observe a ilustração de Edson Ikê, destacando a ligação do Brasil com a África em: <https://ensaiografico.com.br/infografico-editora-moderna/>, o mapa

da diáspora africana do início do século XVII até 1873 no link https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Mapa-da-diaspora-africana-do-inicio-do-seculo-XVII-ate-1873-Fonte-A-Corda_fig3_317256274 e os infográficos sobre os fluxos de migração da diáspora africana nos links <http://www.fapemig.br/pt/noticias/339/> e <https://acervodeimagens.ciar.ufg.br/acervo/diaspora-2/> Outra possibilidade, é a divisão e o sorteio das regiões entre os grupos para construir um seminário que liste os países que compõe cada região e que estude e pesquise os aspectos do território, geografia, línguas, povos, culinária, dança e música e perspectivas das culturas dos países africanos, entre outros aspectos citados anteriormente. Ou, construir uma apresentação em PowerPoint para apresentar um panorama geral da cartografia de África e aprofundar no estudo e na pesquisa de países selecionados por representatividade de cada região, ou maior densidade demográfica, entre outros critérios estabelecidos, no entanto, é essencial que os/as estudantes saibam identificar que África, além de ser o berço da humanidade, é um continente com 54 países com uma diversidade e história imensas e com grande contribuição para a humanidade. É oportuno, organizar um seminário ou trabalho em grupo para pesquisar e conhecer os países africanos, seus territórios, povos e etnias, geografias, rios, climas, culturas, povos, línguas, danças, músicas, festividades e celebrações, moda, cinema, religiosidades, culinárias, arquiteturas, economias, universidades, o tamanho do território e o número de habitantes, entre outros aspectos dos países de África, contextualizando a história de cada país de modo geral e aprofundando na história do país escolhido no grupo. Podendo até correlacionar se algum povo presente em determinada região ou país da África esteve presente na construção do povo e da cultura brasileira, dizendo de outra forma, é pertinente indagar sobre a influência e a participação dos povos africanos de determinada

região ou país na formação do Brasil.

Como reflexão, em que medida e no que determinado povo e região da África influenciaram a sociedade e a cultura brasileira? Ou ainda, quais foram as contribuições da África para o Mundo? Qual é o legado africano para o mundo, para as Américas e para o Brasil? Dada a participação e influência africana na evolução e ocupação humana, na criação e transformação da cultura, ciência, tecnologia e inovação, vestimenta, instrumentos musicais, arte, música, dança, escrita/papel, trabalho, culinária, festividades, espiritualidade/religião/religiosidade e língua no Brasil, nas Américas e no Mundo, o conhecimento e legado dos povos africanos produziram criações e recriações das culturas, ciências, paisagens, religiões, sociedades e economias da África nas Américas e no Brasil. A diáspora africana oportunizou criações e recriações a partir de suas culturas, línguas e sociedades de origem, o intuito é identificá-las para aprender com elas e com os modos de transmissão e preservação das tradições (Carney & Watkins, 2021; Souza, 2018). Ademais, há países da África como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe que falam português e fazem parte, junto com Timor-Leste, na Ásia e Portugal, na Europa, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), uma organização internacional compostas por nações lusófonas que tiveram a colonização portuguesa (Ministério das Relações Exteriores, 2014).

Com esse ensejo é importante conhecer a história das bandeiras dos países africanos e o que cada cor e símbolo nas bandeiras representam em seus contextos. A partir disso sugerimos a construção de um jogo da memória ou jogo de rota com as bandeiras dos países africanos trazendo histórias e informações. Uma alternativa, é a criação de artes e produções inspiradas nas bandeiras africanas, em suas cores, significados e sentidos para seus povos segundo as culturas e características dos países pesquisados. Veja as bandeiras dos países

da África em: <https://youtu.be/D9AgSQbkXLk>
Como sugestão final, é interessante introduzir a história de cada país, da região sorteada ou do país africano escolhido, a partir dos/as artistas, times, atletas e seleções de futebol ou de outros esportes participantes da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, ou ainda, das músicas e danças africanas que embalam as famosas trends e os challenges nas redes sociais .

Um exemplo disso, entre outras possibilidades, é mostrar os vídeos da chegada da seleção masculina de futebol de Gana na Copa do Qatar, o vídeo da seleção feminina da África do Sul cantando com a goleira Andile Dlamini e/ou as muitas músicas de artistas da Nigéria, Gana, África do Sul e de outros países africanos que embalam os passos do gênero Afrobeat e Amapiano tão difundidos e viralizados na internet.



SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Geografia da África: Possibilidades para uma Educação Antirracista. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8774/6137>

Afrocentrando os mapas: cartografia africana e experiências de mapeamento no continente africano. Disponível em: <https://revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/339/283>

Vídeos

África Pré-Colonial: Reinos de Ouro e Sabedoria Ancestral. Disponível em: https://youtu.be/YZibW_ACn94

Todos os 54 países da África. Disponível em: <https://youtu.be/TPtitzmlEUI>

A história da África nos Mapas. Disponível em: <https://youtu.be/o67ArPM9l80>

História da África. Disponível em: <https://youtu.be/CAUom6E7Wp8>

How Diverse is Africa? (ative a legenda em português). Disponível em: <https://youtu.be/YUQ-Qm2f1rDk>



¹ As trends são ideias, formatos ou estilos que ganham destaque na internet e muitas pessoas começam a seguir, enquanto os challenges são desafios criados e compartilhados pelos/as usuários/as que envolvem ações, danças ou piadas, incentivando pessoas para participar e reproduzir os vídeos ou posts, esses conteúdos são muito eficazes para viralizar os temas e engajar seguidores nas redes sociais.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS, AS RESISTÊNCIAS E AS LUTAS POR LIBERDADE E DIREITO DA POPULAÇÃO AFRICANA, NEGRA, QUILOMBOLA E INDÍGENA



Conhecer as organizações, os movimentos sociais, os marcos e as lutas pela liberdade e pelos direitos civis e humanos, conhecendo as origens históricas, lideranças, ações, conquistas e legislações decorrentes do ativismo de movimentos sociais e pessoas que compõem a história e a cultura da população africana, negra, quilombola e indígena. Para isso é necessário compreender que as populações de ascendência e descendência indígena e africana submetidas inicialmente ao jugo da escravização e, posteriormente, as consequências do racismo, sempre criaram e exerceram inúmeras formas de resistência diante das opressões e violências acometidas pela dominação eurocêntrica e ocidental.

Uma das primeiras formas de resistência indígena no período colonial do Brasil foram as fugas, as lutas e a formação de aldeia em localidades mais distantes da colonização e entre as formas de resistência negra no Brasil colônia foram as fugas do cativeiro, as insurgências contra a escravização e a formação de quilombos, como os famosos Quilombo dos Palmares e Quilombo do Piolho (ou do Quariterê). Além disso, as danças, celebrações, festejos e ritualísticas realizados nas aldeias, terreiros, canaviais, senzalas e outros espaços também representaram a expressão da resistência social, cultural e espiritual dos/as africanos e indígenas diante do colonialismo, além do que, tais expressões manifestavam as culturas de suas origens; entre essas expressões, podemos apontar a Capoeira, o Toré, o Congado, o Batuque, o Samba, o Afoxé, o Candomblé, o Jongo, o Samba de Rosa e tantas outras que expressam o existir e o resistir dessas populações (Luz, 2000; Munanga & Gomes, 2006; Souza, 2018). Diante

do que foi colocado até aqui, é interessante desenvolver uma aula introdutória para apresentar brevemente esse panorama da resistência negra e indígena no Brasil colônia.

Outro aspecto é compreender que entre essas inúmeras estratégias para viver e sobreviver, as populações africana, negra, quilombola e indígena também se organizaram em coletivos, irmandades, instituições e por meio de perspectivas teóricas, intelectuais, culturais, políticas e/ou religiosas empreenderam ações e saberes em prol da liberdade, da equidade, da igualdade de oportunidades e do direito de ser e existir. Nesse sentido, é oportuno organizar seminário ou trabalho em grupo dividindo ou sorteando os temas entre a turma para pesquisar, conhecer e estudar: **(1)** o Movimento Abolicionista (com ênfase nas lideranças negras pelo fim da escravização); **(2)** a Imprensa Negra Brasileira; **(3)** as Irmandades Negras no Brasil (como a Irmandade da Boa Morte e as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, Irmandades de São Benedito e outras); **(4)** o Pan-africanismo, considerando as edições do Congresso Pan-Africano, as lideranças e a influência pan-africana no ativismo de Abdias Nascimento, Addie Waites Hunton, Aimé Césaire, Alma La Badie, Amy Ashwood Garvey, Anna Julia Cooper, Aoua Kéita, Carlos Moore, Cheikh Anta Diop, Claudia Jones, CLR James, Edward Wilmot Blyden, Frantz Fanon, George Padmore, Ida B. Wells, Ida Gibbs Hunt, Ivan Van Sertima, James Africanus Beale Horton, Jeanne Martin Cissé, Jessie Redmon Fauset, Jomo Kenyatta, Kwame N'krumah, Lélia Gonzalez, Léon Damas, Marcus

Garvey, May Ayim, Molefi Asante, Léopold Sédar Senghor, Silvester Williams, W.E.B Du Bois, entre outros/as; (5) o Pan-negrismo; o Garveyismo; (6) o Movimento Rastafári; (7) o Movimento dos Direitos Civis (incluindo a Grande Marcha sob a liderança de Martin Luther King Jr., o Nacionalismo Negro com a popularidade de Malcolm X, os Movimentos “Black Power” e o Partido dos Panteras Negras); (8) o Movimento Negritude; (9) os Clubes Sociais Negros (também conhecidos como Clubes Negros Recreativos ou Associações Negras, como o Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de Setembro, a Sociedade Beneficente Treze de Maio, o Centro Cívico Palmares, o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio e tantos outros); (10) a Frente Negra Brasileira (FNB); (11) o Movimento Social Negro no Brasil (incluindo a Marcha Zumbi dos Palmares e a Marcha Zumbi + 10); (12) o Teatro Negro no Brasil (incluindo a Companhia Negra de Revista e o Teatro Experimental do Negro - TEN); (13) Movimento Negro Unificado (MNU); (14) o Movimento Quilombola (incluindo a Educação Escolar Quilombola); (15) o Movimento Social Indígena no Brasil (incluindo o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), a garantia dos direitos indígenas na Constituição Federal de 1988, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a União das Nações Indígenas (UNI), a Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), o Acampamento Terra Livre (ATL), a criação da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), a luta contra o marco temporal, a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA),

a Educação Escolar Indígena, o Fórum Nacional de Educação Escolar indígena (FNEEI), a criação do Ministério dos Povos Indígenas e a atualização do nome da FUNAI para Fundação Nacional dos Povos Indígenas; (16) o Feminismo Negro; (17) o Mulherismo Africana; (18) a Afrocentricidade; (19) a Filosofia Africana; (20) as Ações Afirmativas no Brasil (adotadas após a Conferência de Durban) e (21) o Movimento Black Lives Matter (Luz, 2000; Munduruku, 2002; Domingues, 2005, 2007; Munanga & Gomes, 2006; Karnal, 2007; Baniwa, 2010; Munduruku, 2014; Salvadori, 2014; Munanga, 2016; Diagne, 2017; Silva. et al., 2017; Souza, 2018; Jekupé, 2020).

Entre outros aspectos para a abordagem desses 22 temas, é interessante que as apresentações dos trabalhos tragam imagens e destaquem a origem e localidade desses movimentos e ações, as datas de criação ou surgimento, as principais lideranças, as principais reivindicações e conquistas, podendo trazer poemas, documentos, músicas, vídeos, peças teatrais, filmes e fotografias que demonstrem e apresentem a história dessas perspectivas, ações e movimentos. Após a apresentação dos trabalhos, é possível, criar de maneira coletiva, uma linha cronológica do tempo que posicione essas ações, organizações, conquistas e movimentos sociais em seus períodos de criação, influência e vigência no Brasil do período colonial até hoje, destacando também as lideranças da população africana, negra, quilombola e indígena.



SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

A cultura negra: luta e resistência de um povo. Disponível em: <https://www.brasildefatoba.com.br/2017/12/21/a-cultura-negra-luta-e-resistencia-de-um-povo>

Resistência ancestral. O encontro entre as lutas indígenas e a preservação do meio ambiente. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/blog/resistencia-ancestral#:~:text=A%20luta%20dos%20povos%20ind%C3%ADgenas,pautas%20dos%20movimentos%20de%20resist%C3%A4ncia.>

Especialistas destacam protagonismo negro pelo fim da escravidão. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-05/especialistas-destacam-protagonismo-negro-pelo-fim-da-escravidao>

A luta abolicionista e o papel do negro na construção da própria história. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-luta-abolicionista-e-o-papel-do-negro-na-construcao-da-propria-historia/>

Muito além da princesa Isabel, 6 brasileiros que lutaram pelo fim da escravidão no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091469>

Antes do 13 de maio [...]. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22475>

O abolicionismo como movimento social. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/Cr-VbxyNKtm7vCZWxXgRz6qg/?lang=pt>

Imprensa negra: 190 anos de luta antirracista li-

gam passado e presente. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/imprensa-negra-190-anos-de-luta-antirracista-liga-passado-e-presente>

Imprensa Negra Paulista. Disponível em: <https://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/>

O papel da imprensa negra brasileira. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/157190>

As irmandades como redes de resistência na diáspora brasileira. Disponível em: <https://josif.ifsuldeminas.edu.br/ojs/index.php/anais/article/view/1727>

Imprensa Negra Paulista. Disponível em: <https://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/>

O papel da imprensa negra brasileira. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/157190>

As irmandades como redes de resistência na diáspora brasileira. Disponível em: <https://josif.ifsuldeminas.edu.br/ojs/index.php/anais/article/view/1727>

As irmandades religiosas como focos de resistência negra. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/581/as-irmandades-religiosas-como-focos-de-resistencia-negra/>

Sobre o pan-africanismo ler a Sessão VI do capítulo 23 ao 25 do Livro História geral da África, VIII: África desde 1935 (Mazrui & Wondji, 2010). História geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>

Pan-africanismo e libertação. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000095962_por

Panafricanismo: a história (Resenha). Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/download/18984/13476/51868>

Lélia Gonzalez e o pan-africanismo. Disponível em: <https://pensamentosmulheristas.wordpress.com/2016/07/29/lelia-gonzalez-e-o-pan-africanismo/>

África deve-se unir? a formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negrístas e panafricanos (séculos XVIII-XX). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25971/1/Tese%20Guilherme%20Navarro%20%28Digital%29.pdf>

Um balanço historiográfico sobre o garveyismo às vésperas do centenário da unia. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2062>

Rastafári, o movimento religioso que começou na Jamaica e se espalhou pelo mundo graças ao reggae e Bob Marley. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nqe-5ee89lo#:~:text=Rastaf%C3%A1ri%2C%20o%20movimento%20religioso%20que,ao%20reggae%20e%20Bob%20Marley&text=Cerca%20de%20100%20mil%20pessoas,Jamaica%2C%20em%20abril%20de%201966.>

Transgressão e Resistência nas estéticas do Rastafári. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/4992/4091>

As irmandades religiosas como focos de resistência negra. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/581/as-irmandades-reli->

[gias-como-focos-de-resistencia-negra/](#)

Sobre o pan-africanismo ler a Sessão VI do capítulo 23 ao 25 do Livro História geral da África, VIII: África desde 1935 (Mazrui & Wondji, 2010). História geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256>

Pan-africanismo e libertação. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000095962_por

Panafricanismo: a história (Resenha). Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/download/18984/13476/51868>

Lélia Gonzalez e o pan-africanismo. Disponível em: <https://pensamentosmulheristas.wordpress.com/2016/07/29/lelia-gonzalez-e-o-pan-africanismo/>

África deve-se unir? a formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negrístas e panafricanos (séculos XVIII-XX). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25971/1/Tese%20Guilherme%20Navarro%20%28Digital%29.pdf>

Um balanço historiográfico sobre o garveyismo às vésperas do centenário da unia. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2062>

Rastafári, o movimento religioso que começou na Jamaica e se espalhou pelo mundo graças ao reggae e Bob Marley. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nqe-5ee89lo#:~:text=Rastaf%C3%A1ri%2C%20o%20movimento%20religioso%20que,ao%20reggae%20e%20Bob%20Marley&text=Cerca%20de%20100%20mil%20pessoas,Jamaica%2C%20em%20abril%20de%201966.>



Transgressão e Resistência nas estéticas do Rastafári. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/4992/4091>

Uma perspectiva contemporânea sobre o Movimento Rastafári. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/xGmg4MPpHRdZ9L3gKYm8c7L/>

O Movimento dos Direitos Civis (a partir da página 243). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7489427/mod_resource/content/1/HISTORIA_DOS_ESTADOS_UNIDOS%5B1%5D.pdf

As canções da liberdade do movimento pelos direitos civis nos estados unidos (a partir da página 206). Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Rezende-3/publication/379471652_Crianças_direitos_humanos_e_educacao_nos_diagnosticos_e_prescricoes_de_documento_da_UNESCO/links/660aefd7390c214cfd2f652d/Crianças-direitos-humanos-e-educacao-nos-diagnosticos-e-prescricoes-de_documento-da-UNESCO.pdf#page=207

Do blues ao movimento pelos direitos civis: o surgimento da “black music” nos Estados Unidos. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/27903>

A negritude como movimento e como devir. Disponível em: https://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo15/02_DIAGNE_Ensaios_Filosoficos_Volume_XV.pdf

Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74041>

Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41616059?seq=1>

As Cores da Cidadania: Os Clubes Negros do Estado de São Paulo (1897-1952). Disponível em: https://www.cecult.ifch.unicamp.br/pf-cecult/public-files/projetos/9912/projeto_clubes_negros.pdf

Clubes negros no Brasil: puzzle de um campo emergente. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/93849>

Clubes negros, associativismo e história da educação. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/3579>

Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/10961>

As lutas políticas nos clubes negros : culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172963>

Entenda o que foi a Frente Negra, movimento pioneiro criado há 90 anos. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/entenda-o-que-foi-a-frente-negra-movimento-pioneiro-criado-ha-90-anos/>

A Frente Negra Brasileira. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=35590>

Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/hqBHpk-JHNtbrVMgJb3Fpv9M/>

Como se fosse bumerangue: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/mHGp9Kxkm-JY6GJ7z7xs8stC/?lang=pt&format=html>

Movimento negro: história, conquistas e polêmicas! Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro/>

Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4H-qn/>

A Lei N° 10.639/03 Como Fruto Da Luta Anti-Racista do Movimento Negro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/sales_santos_mov_negro.pdf

O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n18p133>

A invenção do teatro negro no Brasil. Disponível em: <https://lbr.uwpress.org/content/46/2/113.short>

Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2016v18n1p109>

Trajatória e Rupturas do Teatro Negro Brasileiro: Do Movimento Abolicionista aos Quilombos Artísticos Paulistanos. Disponível em: https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/etno_-_bianca_camila_-_trajetoria_e_rupturas_do_teatro_negro.pdf

Movimento Negro Unificado (MNU) – O que é, história e importância. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro-unificado/>

Uma história oral do Movimento Negro Unificado por três de seus militantes. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/05/>

uma-historia-oral-do-movimento-negro-unificado-por-tres-de-seus-fundadores

O MNU. Disponível em: [https://mnu.org.br/mnu-2/#:~:text=O%20Movimento%20Negro%20Unificado%20\(MNU,Paulo%20em%20pleno%20regime%20militar.](https://mnu.org.br/mnu-2/#:~:text=O%20Movimento%20Negro%20Unificado%20(MNU,Paulo%20em%20pleno%20regime%20militar.)

O que é Quilombo? Disponível em: <https://conaq.org.br/coletivo/terra-e-territorio/>

Origem e histórico do quilombo na África escrito. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28364>

A luta quilombola em movimento. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2021/11/12/a-luta-quilombola-em-movimento/>

O movimento social quilombola [...]. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.v17n315-08>

Questão quilombola [...]. Disponível em: <https://www.uel.br/pos/sersocial/pages/arquivos/Congresso%202022/Relacoes%20etnico-raciais%20e%20povos%20indigenas%20e%20comunidades%20tradicionais%20e%20Políticas%20Sociais/6498-404921-56010-2022-03-15.pdf>

Educação Escolar Quilombola [...]. Disponível em: https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaold_790_790612ec065988ca.pdf

Educação Escolar Quilombola [...]. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5223>

Movimento Indígena: história e principais objetivos! Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-indigena/>

O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/525550/mod_forum/intro/munduruku_cons_finais_3.pdf

Movimentos Sociais e Movimento Indígena [...]. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/68864>

Educação Escolar Indígena. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-escolar-indigena/>

A educação escolar indígena no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/A_educacao%C3%A7%C3%A3o_escolar_ind%C3%ADgena_no_Brasil

Lélia Gonzalez e outras mulheres: Pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/307/285>

Feminismo negro para um novo marco civilizatório. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>

Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>

O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/P3H4p4XQsPqSqJLm9KH6tC/?format=html> Acesso em:

Mulherismo africana: práticas na diáspora brasileira. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2d47/dfa528d9af54df758d0cc6cce91f0afcc9e7.pdf>

Mulherismo Africana: proposta enquanto equilíbrio vital a comunidade preta. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ltaca/article/view/31961>

Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. Disponível em: https://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE_Ensaio_Filosoficos_Volume_XIV.pdf

Afrocentricidade: um conceito para a discussão do currículo escolar e a questão étnico-racial na escola. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/2903>

Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-03052020000500131-&script=sci_arttext

Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180411093819id_/https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/1216/pdf

Filosofia Africana: Ontem e Hoje. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5142835/mod_resource/content/1/02.%20Joseph_i._omoregbe_-_filosofia_africana._ontem_e_hoje.pdf

Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854>

A Filosofia Africana: por uma educação anti-racista. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cgf/article/view/3352>

Ações Afirmativas: uma proposta de superação do racismo e das desigualdades. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3211/321127307007.pdf>

Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/JXPnmdcRhtfnnv8FQsVZzFH/?lang=pt>

O legado da Conferência de Durban para o Brasil. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/o-legado-da-conferencia-de-durban-para-o-bra-sil/#:~:text=A%20cria%C3%A7%C3%A3o%20da%20Secretaria%20de,sistema%20de%20cotas%20em%20universidades>

As ações afirmativas descolonizam a educação e reeducam o Brasil. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2022/01/19/as-acoes-afirmativas-descolonizam-a-educacao-e-reeducam-o-brasil/>

Avanços nas Ações Afirmativas com a Lei de Cotas. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/155775-avancos-nas-acoes-afirmativas-com-a-lei-de-cotas>

Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas. Disponível em: https://eticoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes_afirm_combate_racismo_americas.pdf

O movimento Black Lives Matter: influência na política dos Estados Unidos e sua internacionalização. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/ci/article/view/14281>

É importante ver a sociedade por uma lente negra, diz fundadora do Black Lives Matter. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/24/e-importante-ver-a-sociedade-por-uma-lente-negra-diz-fundadora-do-black-lives-matter/>

O que tá acontecendo no mundo: movimento Black Lives Matter. Disponível em: <https://blog.imagineie.com.br/black-lives-matter/>

Black lives matter nos currículos? [...]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/CqWDjTjc-DRm4tqwRxM4yJpx/?lang=pt>

Vídeos

Pan-africanistas: ideias e ações #1- O que é Pan-africanismo? Disponível em: <https://youtu.be/IkTnzU5p4qQ?list=PLKubDWMBYmAQFR-NUx4bey-KNcJIQ66oSA>

Filosofia africana, racismo epistêmico e o ensino de filosofia. Disponível em: <https://youtu.be/m5fPXy-lUWw>

Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza. Disponível em: <https://youtu.be/uh-j6DzaVAv0>

Daniel Munduruku reflete sobre o movimento indígena na atualidade. Disponível em: <https://youtu.be/Bujkh0-3QZY>

Movimentos Sociais Contemporâneos- indígenas. Disponível em: <https://youtu.be/h-IK1fwdtZI>

Terra dos Índios (1979). Filme de Zelito Viana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a23uGjqZU18>

Movimento negro brasileiro contemporâneo - Aula 1. Disponível em: <https://youtu.be/89c-DyHf1KFQ> **Aula 2.** Disponível em: <https://youtu.be/GQcRKS4xapw>

Aula 3. Disponível em: <https://youtu.be/mzZ-2Rw-IVqw> **Aula 4.** Disponível em: <https://youtu.be/rCErAE-3A4A>

HISTÓRIAS E CULTURAS DAS POPULAÇÕES NEGRAS E INDÍGENAS EM ARARAQUARA



A história de Araraquara é marcada por processos de ocupação, trânsito, passagem, resistência e convivência entre diferentes grupos e culturas. Os primeiros humanos habitantes de Araraquara foram os povos indígenas. De acordo com Marcel Mano (2006, p. 11), a presença dos povos indígenas em Araraquara é constatada por meio das fontes documentais, relatos, impressões e vestígios materiais deixados por essas populações. Delimitada geograficamente pelos rios Mogi-Guaçu, Grande, Tietê e Paraná, a região de Araraquara foi território ancestral e local de passagem e constituição de diferentes sociedades indígenas que deixaram registros através dos artefatos líticos, objetos, vasilhames, urnas funerárias e formas de cerâmica de sociedades indígenas.

Segundo Mano, “os sítios ceramistas nessa região, por exemplo, revelam registros de diferentes tradições culturais” como: Tupi Guarani; Aratu–Sapucaí e Itararé (Mano, 2006, p. 11), inclusive Mano (2006) afirma que o termo Guayaná utilizado acriticamente por historiadores regionais para se referir aos habitantes indígenas ancestrais de Araraquara é um termo genérico. Dessa forma, de acordo com Mano (2006), esse termo é pejorativo e equivocado, pois se relaciona à visão que os portugueses tinham sobre as populações indígenas não tupis que resistiram à invasão dos portugueses em seus territórios “do período colonial até a metade do século XX” (idem, p. 309). Na verdade, “nunca existiu uma nação Guayaná para os Campos de Araraquara” (ibidem, p. 310), esse termo foi uma construção e representação eurocêntrica e estigmatizada.

Por isso, no território interposto entre os rios Grande, Paraná, Tietê e Mogi-Guaçu nunca houve um etnônimo Guayaná e, longe de representar uma área cultural

do ponto de vista da etnografia, essa região se encontra como uma área de transição e intersecção culturais. Grupos tupiguaranis repartiam esse território com os Cayapó e Kaingáng, além de assistir intrusões históricas de outros grupos, como Xavante, Bororo e Payaguá. O rio Tietê parece ter sido, no interior do atual estado de São Paulo, o limite de ocupação entre esses dois grupos Jê majoritários na região: os Cayapó e Kaingáng. Quanto à área de ocupação Guarani, esta devia se estender desde o Piracicaba pelo médio Tietê à altura da embocadura do rio Jaú e daí a noroeste passando pelas cabeceiras dos rios Jacaré-Guaçu e Jacaré-Pepira até o médio Mogi-Guaçu. Ao norte e oeste dessa linha era área de ocupação Jê (Mano, 2006, p. 310).

Cabe ressaltar que os povos indígenas deste território resistiram à intrusão europeia, mas infelizmente, muitos deles, quando não exterminados, se refugiaram em outras localidades do país, é interessante localizar os territórios atuais dessas sociedades indígenas e compreender se esse processo de fuga ocorreu com elas também. Desse modo, em Araraquara, as etnias indígenas que por aqui estiveram presentes, portanto, ancestrais dessa terra, foram Kaingang, Guarani, Kayapó e Panarás (Mano, 2006). Assim, para aprofundar nessa história, é interessante pesquisar a tese de Marcel Mano, intitulada “Os campos de Araraquara: um estudo de história indígena no interior paulista”, disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/362147>, as produções da Fundação Araporã e o acervo do MAPA - Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara para conhecer os vestígios e artefatos deixados pelas sociedades indígenas que viviam na região e em Araraquara, localizando também o nome e os modos de vida das culturas e das etnias que viviam por aqui na região, como os povos indígenas dos troncos linguísticos Jê e

Tupi-guarani das etnias Kayapó, Guarani, Kaingang, Bororo, Xavante e Payaguá (Mano, 2006, p. 231-311).

É recomendado que o/a professor/a promova pesquisas para que os/as estudantes possam conhecer os significados das palavras de origem indígena que dão nome aos lugares, cidades e rios da região, como o nome da cidade de Araraquara e o seu significado na língua indígena Tupi, por exemplo. Para identificar os nomes indígenas dos lugares, rios e cidades da região, é oportuno consultar mapas, sites da internet, a memória e o conhecimento de moradores/as de Araraquara e região. Para saber mais sobre as culturas das etnias indígenas que estiveram presentes nos primórdios de Araraquara e região, consulte o site Povos Indígenas no Brasil, acessível pelo link: <https://pib.socioambiental.org/>

Nesse sentido, desvelar a história indígena de Araraquara e região é uma oportunidade de visibilizar a história e a presença da ancestralidade dessa terra onde moramos e construímos nossas vidas. No entanto, independente dos termos que se encontra nos materiais, é sempre bom utilizar termos e conceitos que conferem dignidade às pessoas indígenas e africanas, então utilizem o termo indígena e não índio, aldeia ou povo e não tribo, escravizado e não escravo, dentre outros termos utilizados com consciência histórica e de pertencimento étnico-cultural. Sendo assim, indicamos alguns materiais que possibilitam conhecer um pouco mais sobre a história indígena no interior paulista, em Araraquara e região, são eles: (1) Catálogo. De dentro para fora: as coleções de referência de Arqueologia do MAPA; (2) MAPA na Escola: conexões entre museu, escola e a rua; (3) Cartilha do Patrimônio Histórico e Cultural de Araraquara, Santa Lúcia e Américo Brasileiro-SP; (4) Educação Patrimonial. Em busca do passado: nossa história sendo recontada por meio do patrimônio cultural regional; todos esses materiais citados estão disponíveis no site da

Fundação Araporã, no link: <https://fundacaoarapora.org.br/material-educativo/>

Para visualizar objetos e artefatos das culturas indígenas presentes na região, agende uma visita da turma ao MAPA - Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara. Ademais, para conhecer e aprender com pessoas indígenas de diversas etnias é oportuno participar das edições da Feira de Culturas Indígenas que acontece anualmente em Araraquara e proporciona rodas de conversas e atividades culturais com exposição de artes indígenas; essa feira é organizada pela Fundação Araporã em parceria com órgãos da Prefeitura Municipal de Araraquara. Atualmente, há pessoas indígenas residindo na cidade de Araraquara? Se sim, de quais etnias? Palikur, Guarani Kaiowá, entre outras?

Além dos povos indígenas e europeus, os povos africanos também contribuíram para a construção desta cidade. A partir do século XVIII, com a criação de gado, o aumento do comércio, as plantações de cana-de-açúcar, a produção de aguardente, o cultivo de algodão, milho, fumo, arroz, feijão, mandioca, cereais e, posteriormente, com a expansão do plantio e da colheita do café e a construção da ferrovia foi necessário o uso de mão de obra para o desenvolvimento dessas economias, por isso, os/as africanos/as chegaram à cidade na condição de escravizados e contribuíram para o crescimento da economia e da cultura locais, contribuindo muito para o enriquecimento de famílias, pessoas e comércio que se beneficiavam do trabalho escravizado. Com a abolição da escravidão, Araraquara recebeu muitos imigrantes estrangeiros da Europa, conhecidos hoje como italianos e essa situação foi o fim do trabalho escravizado na cidade? O que foi da população negra no 14 de maio? Como a população negra foi inserida na cidade? Para explorar as contribuições da população africana em Araraquara, é recomendável localizar as casas e edificações construídas com mão de obra escravi-

zada, trazendo fotos antigas e atuais, apresente esse aspecto na perspectiva do trabalho técnico e especializado que africanos exerciam, como discutido anteriormente na seção da temática “Influência e participação dos povos indígenas e africanos na formação do Brasil” deste documento.

Cabe assinalar que o tráfico de escravizados africanos, forjado pela Europa e a exploração do trabalho escravizado, foi uma violação aos direitos humanos, um fato da história que precisa ser visto como o processo mais duradouro e tenebroso da história mundial, é importante acessar a memória dessa violência, para que ela jamais se repita. Outro fato é que boa parte da população negra escravizada de Araraquara e região vieram do tráfico interno oriunda de outros estados brasileiros (Fonseca, 2024). Parte desse registro está presente no livro “A História Comprovada: fatos reais e as dores da escravização araraquarense” (Laurindo, et. al., 2023) que é resultado de um esforço coletivo para expor a realidade escravista de Araraquara através dos registros de compra e venda de pessoas africanas e sua descendência negra escravizadas; o livro está disponível em: <https://editorarima.com.br/produto/a-historia-comprovada-fatos-reais-e-as-dores-da-escravizacao-araraquarense-e-book/>. Uma sugestão de atividade com os/as estudantes é criar desenhos, poemas e recriar histórias sobre as pessoas negras escravizadas que estão descritas nas transcrições resumidas de escrituras de compra e venda de escravizados do livro citado, imaginem a história dessas pessoas em seus contextos de origem, imaginem as características físicas, sociais e culturais dessas pessoas, reconstruam suas histórias em África e reconstruam suas histórias em Araraquara do ponto de vista humanizado e positivo. Utilizem os lápis com vários tons de peles negras para pintar essas pessoas e se inspirem no livro Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis de Jarid Arraes para escreverem os poemas, os textos e/ou cordéis, veja a reflexão sobre esse livro no Canal Letras acessando o link:

<https://youtu.be/sHr5qUe0VEo>

Dessa forma, pesquisar os nomes das ruas, edifícios, praças e instituições de Araraquara que carregam o nome de pessoas negras como homenagem pode ser uma forma de conhecer a história e diante dela, quais são as pessoas negras e indígenas homenageadas em Araraquara? Quais são os nomes? Quem são, onde estão e como essas pessoas são representadas na história? Crie uma maquete, texto ou exposição para trazer o nome de pessoas negras do passado aos dias atuais que poderiam ser homenageadas como nome de ruas, edifícios, praças, escolas e instituições em Araraquara.

Um fato importante para correlacionar é o Linchamento dos Britos, que aconteceu na madrugada do dia 6 de fevereiro de 1897, após a morte do Coronel Antônio Joaquim de Carvalho. Esse episódio de coronelismo da história de Araraquara, além de ter impactado a política local no início do século XX, também originou a lenda da serpente gigante que vive embaixo da Igreja Matriz e faz a ligação entre a igreja e o cemitério dos Britos (Câmara Municipal de Araraquara, s/d.; Françoso, 2017; Dalbert, 2015; Telarolli, 1977). Mas de fato, o que motivou a ocorrência desse evento na história de Araraquara? Quais foram as motivações para o linchamento dos Britos? Qual o cenário histórico, social e político por trás dessa situação? Qual era o retrato social da sociedade araraquarense naquela época? O que ocorria no Brasil nesse período histórico? Para saber mais sobre o mito da cobra, leia o artigo Modernidade em Araraquara, disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/6987> ou assista o vídeo disponível em: <https://youtu.be/EEU638nAH-I>. Sobre o linchamento dos Britos visualize os links https://youtu.be/u4w_bl3Sijo e <https://youtu.be/Dy9O-Ru7FW-s>. Sobre o contexto escravista no Brasil, assista o episódio 2 da Coleção Antirracista em: <https://youtu.be/AP5FwuTsAtQ?list=PLggyRMb5e-NeKXHKhQT4xUQ5O3JlkkX7RS>

A partir desse fato, considerando que a cobra é uma das figuras mitológicas mais antigas do mundo, salientamos duas percepções dessa narrativa, a primeira é a oportunidade de correlacionar a cobra com outras perspectivas possíveis. Nessa direção, uma vez que Araraquara era terra indígena, é preciso pesquisar mais sobre a compreensão sobre a cobra na ótica dos povos indígenas que habitavam a região antes da presença da população branca e negra e da visão ocidental sobre a cobra associada a maldição da construção da igreja. A segunda percepção, oportuniza pensar que a cobra pode ser os caminhos feitos pelos rios de Araraquara que serpenteiam as terras acima do aquífero Guarani e que passam por baixo da Igreja São Bento até chegar ao cemitério dos escravizados, que ficou conhecido como cemitério dos Britos após o linchamento (Fonseca, 2024). Desse modo, a representação da cobra pode ser também os caminhos que costuram os dois mundos: o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, ou seja, o mundo menos visível e o mundo mais visível. Com isso, cada cultura atribui seu significado mitológico à cobra. É oportuno ver mapas antigos da cidade para conhecer os caminhos dos rios e recriar o mito da cobra de Araraquara a partir dos significados da cobra nas culturas indígenas e africanas. Pesquise a presença e o significado da cobra para os povos Kaingang, Guarani, Kayapó e Panará e conheça outras visões indígenas sobre a cobra, como se vê nos textos: A serpente costura os mundos [...], disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/04/a-serpente-costura-os-mundos-conheca-significados-das-cobras-para-artistas-e-educadores-indigenas/> e As serpentes da vida, disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/as-serpentes-da-vida/>, no livro “Antes o mundo não existia” de Umusi Parokumu e Toramu Kehiri, disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/P00184.pdf> e no vídeo Flecha 1 - A Serpente e a Canoa, disponível em: <https://youtu.be/Cfroy5JTcy4>

Pesquise a presença e o significado da cobra na mitologia de povos de origem africana tal como: **(1)** na narrativa de Òṣùmàrè (Oxumaré), a cobra-arco-íris, que se transforma em cobra e em arco-íris na cosmovisão do povo Yorubá; **(2)** a História do Rei Hamilé e a figura de Dã, conhecido também como Dambê ou Dangbe para os povos Ewes e Fons, considerando o significado da palavra Daomé e o templo da serpente Dangbe na cidade de Uidá, no litoral da atual República do Benim; **(3)** o mito da criação para os povos Fon, do antigo Reino do Daomé, atual Benin, que se inicia com a serpente cósmica Aido-Hwedo e sua esposa Mawu; **(5)** a serpente cósmica da criação, Chinaweji ou Chinawezi, mãe de todas as coisas e ancestral do povo Luba de Angola e República Democrática do Congo; **(6)** a grande serpente, Minia, presente na mitologia da criação dos povos do sul da Argélia a Tombuctu, no Mali; **(7)** na filosofia dos povos Akan de Gana, em que a imagem-escrita Adinkra - Owo foro adobe (a cobra sobe na palmeira de ráfia) representa uma virtude, um ato de coragem e persistência da cobra. Sua ação simboliza a determinação, paciência, resiliência e excelência, na superação de desafios, no alcance das metas e na realização de algo improvável, incrível e impossível. Também representa o valor da admiração por alguém ou por algo, pois ao subir na superfície espinhosa da ráfia, a cobra enfrentou dificuldades e superou as adversidades, esse provérbio pode servir de inspiração para as ocasiões da vida; **(8)** a serpente arco-íris, conhecida como Nkongolo no idioma Kikongo dos povos Bakongo, é retratada como Hongolo na língua Kimbundu dos povos Umbundu, assim como Ndamba, na língua Cokwe Kongolu, ambos presentes em Angola e países adjacentes. No Brasil, é retratado como Angorô nos candomblés Kongo-Angola; **(9)** nas representações da cobra no Egito Antigo, associada ao deus-sol Rá (conhecido também como Amon-Rá, Rá-Atum ou Atum-Rá) e outras divindades como Apophis, Agathodaimon, Ahi, Wadjet, Renenutet, Uraeus,

Nehebkau-Kau, Mehen, Tefnut, Wepset, Nepit, Heptet, Kebechet, Kematef, Meretseger, nas representações de ilustrações encontradas em vários locais e nas mumificações de serpentes nos cemitérios egípcios, como Akhmin, Kom Ombo, Lahun, Manfalt, Sa al-Hagar, Buto, Tebas e outros; **(10)** Mami Wata (Mami Uata/Maame Wata/Mamba Munti/Nala Damajanti) divindade feminina, sagrada e mitológica das águas, uma espécie de sereia, que assume a forma metade humana e peixe, ora metade humana e cobra, presente na África Ocidental, Central, Oriental e Meridional, como no Togo, Gana, Costa do Marfim, Benin, República Democrática do Congo, Angola, Serra Leoa e outros países africanos, mas também na diáspora africana. Ela está presente nas sociedades africanas mais antigas, no mito de criação dos povos Dogon e nas representações da Etiópia e do Egito Antigo, conhecida também como Mami Aruru na Mesopotâmia, presente também no hinduísmo da Índia (Laranjeira, 2015, Zenicola, 2018; Lóia, 2021; Fressato, 2023; National Museum of Art African, s/d; Sampaio, s/d).

Entre outras narrativas, pinturas e grafismos que expressam a criação do mundo, a Cobra, representa: o movimento contínuo; a força criativa das águas e seu processo de criação e gestação da humanidade; a fertilidade e prosperidade; a continuidade do ciclo vital; a conexão do céu e da terra; a ligação do mundo material e espiritual; a relação da natureza com a vida; a simbologia do Universo; a progenitora das coisas e da vida; as virtudes da observação, equilíbrio, inteligência, força, renovação e proteção; a ligação com o mundo espiritual; a relação com as águas e sua força de criação da vida; a sabedoria ancestral; a simbologia da continuidade e da permanência da vida; os sentidos dos caminhos, das medicinas tradicionais e da ancestralidade; sobretudo a relação eterna entre vida-morte-vida que a figura da cobra traz em diversas culturas do mundo (Laranjeira, 2015, Zenicola, 2018; Lóia, 2021; Fres-

sato, 2023; National Museum of Art African, s/d).

Inclusive, abrindo um parêntese, a imagem, a representação e/ou a forma sinuosa da cobra podem ser associadas a outras estéticas, ações, metamorfoses, histórias e culturas como: **(1)** na cultura chinesa, em que o povo Xia (夏) mantinha a cobra como símbolo, que posteriormente foi transformado em dragão, associado à cultura, sobretudo pelo Imperador Yu, da dinastia Xia(夏朝), ainda se destacam, o dragão Yinglong (應龍) e as narrativas das deidades Nüwa (女媧) e Fuxi (伏羲) e de Lun-Wang, o Rei Dragão na mitologia chinesa; **(2)** os Nagas ou Nāga, divindades da mitologia hindu e budista, presentes na Índia e no Camboja fronteira com Tailândia; **(3)** a Manasa, deusa da cobra na Índia, Ananta, a serpente da eternidade na mitologia hindu, Shiva, um deus hindu e na lenda contada no 16º capítulo do 10º canto Bhagavata sobre a dança de Krishna com a cobra Kaliya; **(4)** na figura de Lilith, a esposa de Adão na mitologia hebraica e mesopotâmica, associada à serpente, há menções de Lilith nas narrativas suméria, babilônica, assíria, hitita, egípcia, grega e israelitas; **(5)** a cobra que rouba a planta do rei de Uruk na Epopeia de Gilgamesh, poema escrito pelos sumérios, na Mesopotâmia; **(6)** na prática de encantamento de cobras na África, Ásia, Oceania e Américas; **(7)** as serpentes emplumadas criadoras do mundo e da humanidade, como Quetzalcóatl na cultura asteca (responsável pela descoberta do milho), KukulKán na cultura maia, Ahpop, Guatezuma, Gukumatz, Ru Ralcá, Tepechqui, Meconetzín e outros nomes equivalentes na Mesoamérica; **(8)** a deusa Eobshin na mitologia coreana; **(9)** a divindade Miwa na mitologia japonesa; **(10)** Antaboga, a serpente do mito de criação na mitologia javanesa no Bali e Indonésia; **(11)** Yurlunggur, a serpente arco-íris, criadora da vida na mitologia dos povos aborígenes, conhecida também como Julunggul, na Austrália; **(12)** Ningizzida, a serpente com cabeça humana da mitologia suméria; **(13)** na cultura europeia

com a aparência de Gorynychishche no conto sobre Dobrynya Nikitich, de Leviatã e do monstro do lago Ness, a imagem de Sirona (deusa dos povos celtas da Gália), da Eternidade (simbolizada por uma fênix na mitologia romana) e dos dragões (serpentes voadoras e evoluídas, cujo corpo é composto por combinação de outros répteis), nas simbologias das deusas serpentes como a Angícia (deusa da mitologia romana, venerada pelos povos Marsos da Itália), a Deusa das Serpentes minóica (cuja estátua foi encontrada em Creta, ilha da Grécia), a Medusa, a Hidra de Lerna (criaturas da mitologia grega), o Basilisco, rei das serpentes no período medieval, a Jormungand, serpente de Midgard na mitologia nórdica, a Melusina (deusa das águas doces em rios e fontes sagradas da Europa antiga).

Por fim, a cobra também está presente na mitologia cristã, com destaque para: **(1)** o pecado cometido por Eva e Adão ao comer o fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal sob a influência da serpente falante no Jardim do Éden; **(2)** a serpente de bronze feita por Moisés e colocada sobre um bastão para ressuscitar os mortos pelas picadas das ferozes cobras (conforme mencionada na bíblia, no livro de Números, capítulo 21, do versículo 4 ao 9); **(3)** a destruição de Neustã, a serpente de bronze construída por Moisés e destruída pelo Rei Ezequias quando assumiu o trono de Judá (segundo a bíblia, no livro II Reis, capítulo 18, do versículo 4 ao 12), **(4)** o cajado de Arão que se transformou em serpente quando foi jogado no chão diante do faraó e dos seus oficiais (conforme consta na bíblia, no livro de Êxodo, nos capítulos 7) e **(5)** a vitória de São Jorge ao derrotar o dragão com sua espada Ascalon. Além disso, é possível associar o formato da cobra na natureza como, por exemplo, na silhueta dos rios Amazonas e Solimões vistos de cima serpenteando a floresta, ou no formato da dupla hélice do DNA, uma estrutura molecular biológica icônica, presente nos seres vivos que se assemelha ao formato de duas cobras em espiral. A sua esté-

tica tem inspirado diversas formas, decorações e construções, como a Ponte Helix, em Singapura (Khan Academy, s/d; Silva, s/d; Bíblia Sagrada, 2012; García & Paraguay, 2013; Ogden, 2013; Nunes & Telles, 2018; Lóia, 2021; Panova, 2023; Ventura, 2023; Ortega, 2024).

A semelhança da forma da representação dual da serpente com a dupla hélice do DNA (ADN) presente em todos os organismos vivos, coincide muito com as mitologias de povos africanos, indígenas e originários que acreditam no princípio da energia vital ou força vital, que dá vida a todos os seres no planeta. Esse princípio vital em forma de duplicação está dentro das formas de vida na terra, inclusive a humana (Fressato, 2023; Narby, 2018; Harner, 1980). Dessa forma, para Campbell (2010, p. 154), “em toda parte onde a natureza é venerada como animada em si própria, ou seja, inerentemente divina, a serpente é reverenciada como seu símbolo”. Para Fressato (2023), tantas similaridades não são coincidências, pois:

A descoberta do ADN confirmou cientificamente o que mitologias ancestrais repetem há milhares de anos: o princípio vital em forma de duas serpentes entrelaçadas é único para todas as formas de vida e a vida se originou na água. Toda a experiência e sabedoria humana está acumulada no ADN e pode ser acessada e reproduzida em cada impulso ou desejo realizado por cada ser humano, reconectando-o com sua natureza arcaica e colocando-o em sintonia com todas as formas de vida (Fressato, 2023, p. s/p).

Em suma, há diversas histórias associadas às cobras, por sua vez, as cobras associadas às águas, ao arco-íris e às chuvas. Nesse caminho, é pertinente refletir sobre a presença da cobra entre as narrativas do mundo, sobretudo, em Araraquara. Sendo assim, é interessante propor reflexões, criação de performances, elaboração de textos e releituras em desenho que correlacionem o mito da serpente de Araraquara com: **(1)** o formato da dupla hélice de DNA; **(2)** a forma de Ejö irin (co

bras de metal) ou Méjì ejò irin, o bastão de Oxumaré, que representa duas cobras entrelaçadas numa lança de ferro; **(3)** o Caduceu, emblema de Mercúrio, o deus olímpico na cultura grega e de Hermes na cultura romana; **(4)** o símbolo da serpente enrolada no bastão de Asclépio, deus da medicina na mitologia grega; **(5)** os símbolos da medicina, farmácia, fisioterapia e contabilidade; **(6)** a obra *O Pecado Original e a Expulsão do Paraíso*, de Michelangelo pintada de 1508 a 1512, no teto da Capela Sistina no Vaticano, mostra Adão e Eva sendo enganados pela serpente; **(7)** as obras literárias e artísticas indígenas, como o livro “Guaynê derrota a Cobra Grande – Uma história indígena” escrito por Tiago Hakiy do povo Sateré-Mawé, o desenho *Canoa serpente* do povo Desana por Torãmü Këhíri, as obras “Yube Inu Yube Shanu” do Movimento dos Artistas Huni Kuin – MAHKU e “Cordel do Sonho Alheio” e “Thijibu” de Merremmii Karão Jaguaribaras e um puff no formato de jiboia criado por Rita Huni Kuin (disposto na sala multiuso, conhecida como a sala da jiboia, localizada no 7º andar do Museu das Culturas Indígenas em São Paulo) e/ou as instalações, grafismos e pinturas de Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Jaider Esbell e outras obras que retratam as cobras e suas representações entre os povos indígenas (Castro, 2001; Ortega, 2024). É interessante conhecer e estabelecer as semelhanças entre as narrativas e as representações sobre a cobra entre os povos do mundo. Faça um tour pela sala jiboia do Museu das Culturas Indígenas (MCI) em São Paulo, disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br/exposicoes/exposicao-virtual-tour-da-sala-da-jiboia/> e conheça a obra “Yube Inu Yube Shanu”, disponível no acervo do Museu de arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) em: <https://masp.org.br/acervo/obra/yube-inu-yube-shanu-mito-do-surgimento-da-bebida-sagrada-nixe-pae> e “Cordel do Sonho Alheio” e “Thijibu”, disponíveis em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/revista-eletronica-conexao-cultura-e-pensamento/2edicao/merremii-karao-jaguaribaras>.

Outro aspecto desse episódio é conhecer a história do casarão do Coronel Antônio Joaquim de Carvalho que era fazendeiro do café e que mesmo após a abolição da escravidão a fazenda permaneceu com o trabalho escravizado. Segundo as histórias populares, quantas pessoas negras na condição de escravizadas trabalharam e morreram na fazenda que dizem ser mal-assombrada? Quais são e onde estão sua descendência? Não teriam direito os/as escravizados/as que ali morreram de um enterro digno e memória de suas existências? Onde estão os documentos que falem sobre elas, será que tem algum documento sobre essas pessoas no livro “A História Comprovada: fatos reais e as dores da escravidão araraquense?” Isso seria possível mediante pesquisas e escavações na senzala e na fazenda para conhecer a história desse lugar diante do que ficou ali. Apresente essa história e converse com os/as estudantes sobre as diversas violências e silenciamentos cometidos pelo processo escravizador e discutam sobre os processos de resistência e existência da população negra de Araraquara. Sobre a história do casarão, veja o vídeo: <https://youtu.be/5vo-R8vxRVY>

Nesse caminho, conheça e pesquise a história da população negra de Araraquara, conhecendo a história do Baile do Carmo, sua origem com Damião Antônio de Souza, sua articulação com a comunidade e famílias negras e a permanência do baile até os dias de hoje em que ele foi reconhecido como patrimônio de Araraquara. Conheça e pesquise também as histórias do movimento negro em Araraquara entre as conquistas, realizações e instituições, como o GANA (Grupo de Artes Negras de Araraquara), o FECONEZU (Festival Comunitário Negro Zumbi), a Academia A do Samba, as Escolas de Samba Estrela do Santana, Benê do Vitorio De Santi, União de Palmares, Coliseu Dourado, Mancha Araraquara, Catados na Rua, Gaviões do Selmi Dei, Nação Quilombola, Anjos da Vila, Unidos da Morada do Sol e Pra Frente Brasil, os Blocos de carnaval

Apesar de Você e Delicadas da Vila, a Ong Fonte, o Centro Comunitário 20 de Novembro, o JONESCO (Jovens Negros Conscientes), o Centro de Referência Afro - Mestre Jorge, a Casa SP Afro Brasil “Oswaldo da Silva - Bogé”, o Centro de Cultura das Religiões de Matrizes Africanas, o Conselho Municipal de Combate à Discriminação e ao Racismo (COMCEDIR), as agendas promovidas pela Coordenadoria Executiva de Políticas Étnico-Raciais como o Novembro Negro em referência ao 20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra e tantas outras ações da comunidade negra araraquarense.

Realize entrevistas e conheça a história das famílias negras de Araraquara com consciência social e racial, como espaço de resistência e aquilombamento, presentes na condução dos terreiros de matriz africana, das escolas de samba, na participação e criação de ações de resistência e de movimentos sociais e nas inúmeras ações que explicitam o combate ao racismo e a manifestação da cultura de raiz africana em Araraquara. Conheça e pesquise a história de pessoas e de famílias negras como as famílias Andrade, Botelho, Camargo, Claudino, Clemente, Laurindo, Salvador e tantas outras. Conheça a história de pessoas negras de relevância para a comunidade negra, tais como: Benta Raquel, Luzia Pinta, Adalberto Camargo, Alessandra de Cássia Laurindo, André Luis Braz, Carmelita Campos, Claudete de Sousa Nogueira, Claudio Lúcio Claudino, Dagoberto José Fonseca, Eliana Aparecida Xavier dos Santos, Enedina Ferreira de Andrade, Enir Rocha da Silva, Eva Aparecida da Silva, Francisco Luiz Salvador – “Kiko”, Hilário Francisco de Souza, Isaías Arsênio da Silva, Ivone Camargo, José Carlos Anselmo da Costa - “Ziza”, José Luiz Bonifácio, José Roberto de Pádua de Camargo que nomeia uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Araraquara, Lúcio José Maria, Luiz Cláudio Barcellos, Márcia Alves, Maria Nazaré Salvador, Mestre Jorge, Oswaldo da Silva Bogé, Padre Batista Laurindo, Pércio Damázio, Rita de Cássia Corrêa Fer-

reira, Roberto Antonio Soares, Roseli do Carmo Gustavo, Valquíria Pereira Tenório, Washington Lúcio Andrade e tantas outras. Pesquise as histórias das pessoas homenageadas pelo Prêmio Zumbi dos Palmares (desde 2005), pelo Prêmio André Braz e pelo Prêmio Doutora Rita de Cássia Corrêa Ferreira (desde 2016) para conhecer homens e mulheres que são parte da comunidade negra de Araraquara e por ela são reconhecidas/os. Ao pesquisar as famílias e pessoas negras de Araraquara que promovem a consciência de seu pertencimento, utilize as conversas, a oralidade, vídeos, álbuns de família e fotografias para trazer as histórias dessa população negra, inspira-se no trabalho da Profa. Dra. Joana D’Arc de Oliveira que apresenta os saberes de comunidades negras do interior paulista, acesse o texto Territórios negros urbanos resistem mantendo memória negra e tradição quilombola, disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/territorios-negros-urbanos-resistem-mantendo-memoria-negra-e-tradicao-quilombola/>

Em síntese, o intuito dessa temática é promover o conhecimento e o estudo sobre a participação e a presença dos povos indígenas e dos povos africanos e de sua descendência negra em Araraquara do passado aos dias atuais, sendo assim, para ampliar o conhecimento sobre a diversidade de culturas e povos que constituíram e constituem Araraquara é interessante pesquisar os desfiles em comemoração ao aniversário de Araraquara, organizados pela Secretaria Municipal da Educação, como o desfile do ano de 2018 intitulado “Nossa Morada do Sol: da Abolição aos 20 de Novembro”, o do ano de 2019, nomeado “Campos de Araraquara: Terra Indígena” e o de 2020, “Araraquara: Muitos Povos, Uma Só Morada”. Por fim, a partir desses desfiles, sugere-se montar uma produção ou uma exposição com textos, imagens, objetos e fotos que mostrem a cultura e a presença indígena, africana e da população negra em Araraquara.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

A História Comprovada: fatos reais e as dores da escravização araraquarense. Disponível em: https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/03/A-Historia-Comprovada-%E2%80%93-fatos-reais-e-as-dores-da-escravizacao-araraquarense_ebook1.pdf

A História Comprovada: acervo de ativista com 3,5 mil itens e Baile do Carmo preservam memória do povo negro de Araraquara. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/03/24/a-historia-comprovada-acervo-de-ativista-com-35-mil-mo-preservam-memoria-do-povo-negro-de-araraquara.ghtml>

A Influência da raça nas relações de poder: uma análise sobre o município de Araraquara. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1c59ec48-a01a-41d4-907f-73236c85b6f7/content>

Os campos de Araraquara: um estudo de história indígena no interior paulista. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/362147>

Compreendendo a imagem de uma cobra em diferentes imagens linguísticas e culturais do mundo. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/17881>

A cobra na cosmologia das rezadeiras amazônicas. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/7179/717975897013/html/>

O culto da serpente no reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia séculos XVII e XVIII. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/29102/1/o_culto_da_serpente_EDUFBA_2015.pdf

O poder local na República velha. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/413>

O poder local na República velha. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6675>

Baile do Carmo: festa, movimento negro e política das identidades negras em Araraquara-SP. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6675>

O batuque em Araraquara: entre memórias e (re)vivências. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/5036.pdf

Prêmio Zumbi dos Palmares. Disponível em: <https://www.camara-arq.sp.gov.br/Memorial/Pagina/722#:~:text=17%C2%BA%20Pr%C3%AAmio%20Zumbi%20dos%20Palmares,Negras%20em%20Araraquara%2DS-P%E2%80%9D>

Prêmio Doutora Rita de Cássia Corrêa Ferreira. Disponível em: <https://siave.camara-arq.sp.gov.br/arquivo?ld=147273>

Vídeos

Roda de Conversa “A História do Povo Negro de Araraquara”. Disponível em: https://youtu.be/poM_kwdDfJg

CONCEITOS ANTIRRACISTAS E VALORES CIVILIZATÓRIOS DE RAÍZES AFRICANAS E INDÍGENAS



Esta temática tem o intuito de abordar os principais termos, conceitos e práticas para o antirracismo no espaço escolar. Sendo assim, como abordar com ética a história, a cultura e as pessoas de origem africana e indígena no Brasil? Como se referir a essas populações? Como conhecer e abordar os conteúdos e conhecimentos dessas populações? Quais termos, usos e sentidos é preciso compreender para lidar com essa temática?

As temáticas podem ser abordadas a partir de conceitos, referências e literatura de autores/as, especialmente de ascendência e descendência africana e indígena, para além de correlacionar os temas, trazer a perspectiva desses povos e de suas culturas na construção do conhecimento e das práticas pedagógicas a serem desenvolvidas na escola. Sumariamente, tem-se o intuito de correlacionar as temáticas à prática pedagógica a partir de uma base conceitual e metodológica situada nas culturas de raiz africana e indígena como intento de formação. Assim, é oportuno pesquisar, estudar e conhecer conceitos antirracistas e valores civilizatórios das culturas de raiz africana e indígena, entre muitos outros, tais como: *sulear*, *ntu*, *ubuntu*, *ukama*, *teko porã*, *sumak kawsay* ou *suma qamaña*, *dingo-dingo dia môyo ye zinga*, *kibôlebôle*, *consciência* (*sakhu sheti*), *matripotência*, *agência*, *territorialidade*, *tradição oral/oralidade/escrita/outras formas de registro*, *luz/vida*, *existência/resistência*, *axé/energia vital*, *abya yala*, *pindorama*, *pachama-ma*, *bem viver*, *circularidade*, *cosmopercepções*, *ludicidade*, *espiritualidade/espiriticidade*, *corpo-*

reidade, *musicalidade*, *representatividade/protagonismo/valorização/reconhecimento*, *culturas*, *luta antirracista*, *aquilombamento*, *cooperativismo/comunitarismo*, *adinkras/sankofa*, *identidade e pertencimento étnico-cultural*, *complexidade/pluriversal*, *direito à diferença*, *direito à terra*, *equidade*, *sustentabilidade socioambiental*, *experiência/vivência*, *indígena*, *originário*, *autoafirmação de cada povo indígena* (nome e sobrenome que traz o nome da etnia que pertence), *povo*, *aldeia*, *parente*, *população negra*, *negro/negra*, *pluriversalidade*, *roça*, *família/comunidade/clãs/nações/metade/linhagem familiar-comunitária-ancestral*, *chefia/liderança política/liderança espiritual/hierarquia*, *língua/linguagem*, *fundamentos*, *ofícios/profissões*, *mutirão/trabalho coletivo* - *trabalho*, *política e economia*, *ritualística* (ritos e rituais de passagem, funerário, nomeação/nascimento, matrimônios, de colheita, alimentos, de limpeza e cura, dos ciclos e estações do ano e outros), *memória*, *tradição*, *antirracismo*, *ativismo/artivismo*, *a'eweté/aweto/viva*, *histórias*, *sagrado*, *arte*, *pro-vérbios*, *mitologias*, *contos*, *narrativas sagradas*, *grafismo*, *sabedoria*, *mãe terra*, *ancestralidade*, entre outros termos e valores como o respeito às formas de vida, à natureza, ao universo, aos/as mais velhos/as, às crianças e às mulheres. Portanto, é preciso considerar que cada cultura, cada povo nomina esses e outros conceitos e valores conforme suas visões de mundo, línguas, tradições e organização social.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

Textos

Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>

Abya Yala. Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/abya-yala/>

Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74962>

Cosmovisão Africana no Brasil [...]. Disponível em:

<https://filosofiadaancestralidade.wordpress.com/2013/03/01/cosmovisao-africana-no-brasil-elementos-para-uma-filosofia-afrodescendente-eduardo-david-de-oliveira/>

Os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na ERER [...]. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/254346/001161050.pdf;jsessionid=9A30207669473A2E6449FCF-81DAC517D?sequence=1>

Ubuntu como modo de vida: contribuição da filosofia africana para pensar a democracia. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/jpHyJCYDK3MwBDN3Qdk7YqH/#>

Valores afro-brasileiros na educação. Disponível em: <https://culturamess.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>

Os valores civilizatórios africanos e indígenas nas práticas de fortalecimento da cultura de paz nas escolas brasileiras. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/alembra/article/view/911>

Mulher negra e educação: a colonialidade destrói, valores civilizatórios afro-brasileiros reconstroem. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP/article/view/42066>

Metodologias ativas a favor da Educação Antirracista. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21773/metodologias-ativas-na-educacao-antirracista>

Vídeos

Tradição e valores morais - Culturas indígenas. Disponível em: <https://youtu.be/UaCEY4gnyY0>

Falas da Terra - Documentário sobre a cultura indígena no Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/repPmoz8ozQ>

Culturas indígenas (Playlist do Itaú Cultural com 74 vídeos). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mqrte5vv3to&list=PLaV-4cVMp_odz6HQTxtbmEG5ZmcrljHSsx&pp=iA-QB

Ubuntu, por uma filosofia que descoloniza. Disponível em: <https://youtu.be/b5LX2xgpdgA>

1ª Mostra Afro-Indígena da Educação (1ª MAIE/2024) em Araraquara. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q4vx6JrV-TOW&list=PLqGAG9jV7SUqnK3zgC2XQU0_Z7uglo1Tw



Ubuntu: o que significa essa filosofia africana e como pode nos ajudar nos desafios do hoje. Disponível em: <https://youtu.be/KaQSlvWV7wo>

Pensar Africanamente - Adinkra: símbolos africanos no design brasileiro. Disponível em: <https://youtu.be/NkXonb27Elc>

Valores Civilizatórios Africanos e Cosmologia Africana e Afro-Brasileira. Disponível em: <https://youtu.be/XVDIJ9GfecY>

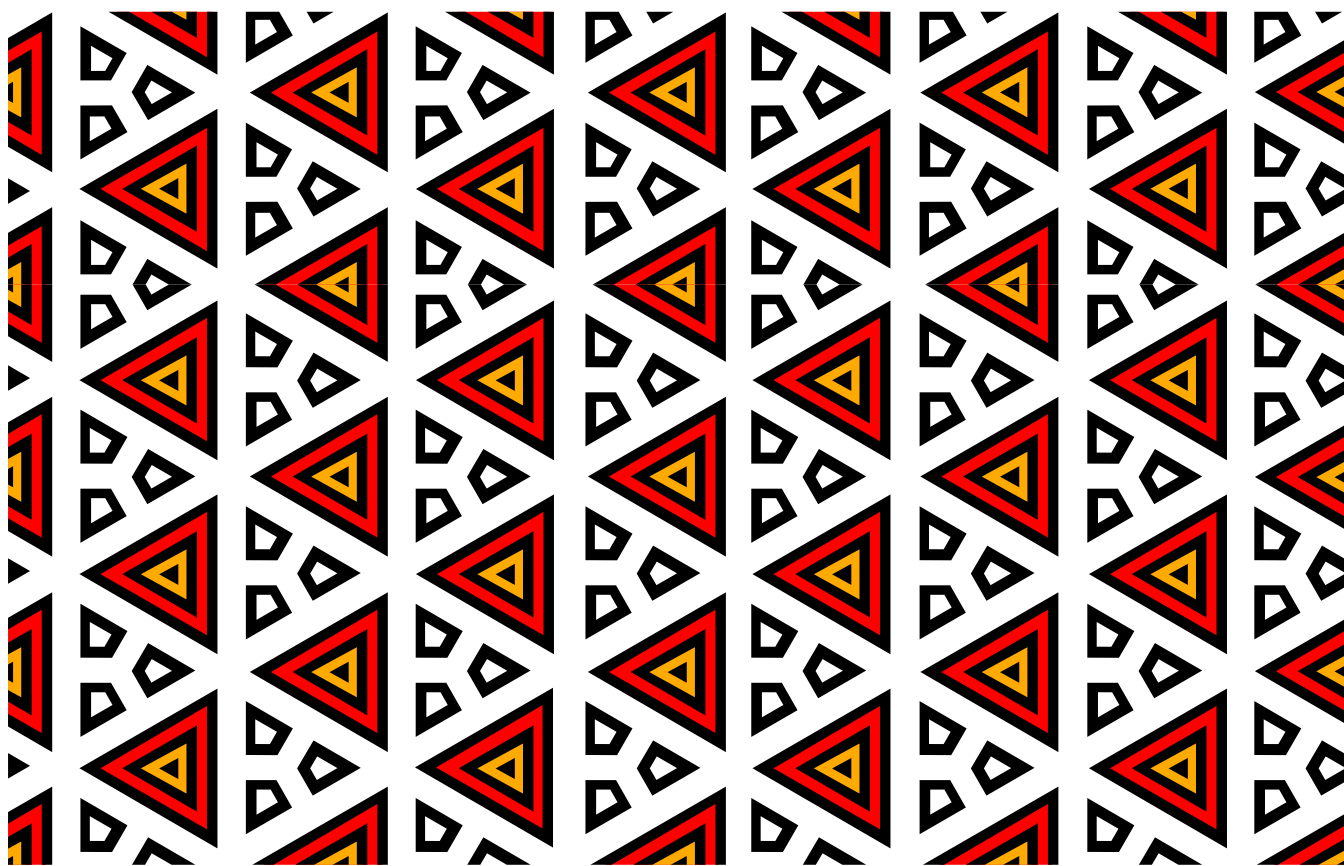
Valores Civilizatórios Afro brasileiros e a pedagogia decolonial. Disponível em: https://youtu.be/1qyMgPLAa_Q

Educação infantil e valores civilizatórios afro-brasileiros. Disponível em: <https://youtu.be/Euonc2TGn6U>

Novas Bases para o Ensino da História da África no Brasil - Valores Afro-Brasileiros na Educação #1. Disponível em: <https://youtu.be/-dndKV-Ficm8>

Valores Civilizatórios Afro-brasileiros Educacionais #1 - Valores Afro-Brasileiros na Educação #2. Disponível em: <https://youtu.be/3--A3nLS-0pk>

Símbolos Adinkra | Mwana Afrika Oficina Cultural. Disponível em: <https://youtu.be/4wQ1vuv-jjac>



JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS E LITERATURA INFANTOJUVENIL DE RAIZ AFRICANA E INDÍGENA



Recomenda-se consultar o conteúdo descrito anteriormente para o 1º semestre de 2024 nos temas articuladores Literatura e Ludicidade. Sendo assim, sugere-se que a abordagem dessa temática seja feita de maneira transversal para a Educação Integral e os anos finais do Ensino Fundamental, trazendo os jogos, brinquedos e brincadeiras e a literatura infantojuvenil como recursos didáticos-metodológicos que perpassam pelas temáticas do currículo, conectando conhecimentos e vivências das culturas africanas e indígenas. Neste aspecto, é apropriado pesquisar e compreender os sentidos e os significados da arte e da ludicidade presente na dança, música, literatura, jogos, brinquedos e brincadeiras das culturas de raiz africana e indígena. Nessa direção, quais são suas funções dentro das sociedades africanas e indígenas? Como são e aparecem nas culturas indígenas e como se manifestam nos povos, culturas e territórios de África?

É preciso considerar que a arte e a ludicidade não são apenas formas artísticas de recreação e entretenimento, elas têm funções e desempenham papéis importantes dentro das culturas e tradições de raízes africanas e indígenas, sendo parte do cotidiano e da expressão do pensamento filosófico de seus povos. Assim, para buscar respostas para esses questionamentos, sugerimos que estudem esses aspectos a partir dos textos: **(1)** Arte indígena desperta uma consciência que o Brasil não tem de si mesmo em <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/03/jaider-esbell-arte-indigena-desperta-uma-consciencia-que-o-brasil-nao-tem-de-si-mesmo>, **(2)** África: culturas e sociedades em <https://arteafricana.fflch.usp.br/pt-br/node/47>, **(3)** Arte Africana ou Artes Africanas? em https://www.africaeafrikanidades.com.br/documentos/Arte_aficana_ou_Artes_Africanas.pdf, **(4)** Dossiê Artes Africanas [...] em <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/issue/view/2550> e **(5)** Artes do contemporâneo africano [...] em https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/valdir_pierote_silva___denise_dias_barros_-_artes_do_contempor%C3%82neo_africano._vida_cria%C3%87%C3%83o_e_multiplicidade.pdf, bem como dos vídeos da Aula Magna Aportes da arte africana no modernismo da arte ocidental em https://youtu.be/sSb6_nz8egA?list=PLDROBbUuWit079Yr73N-nlrtQIUVCoeJJ, da fala sobre Danças africanas e afro-brasileiras, com Inaicyra Falcão e Luciane Ramos Silva em <https://youtu.be/kgfo3SDamjo>, da aula sobre Cosmologia bantu: interações, tradução, ritmo, e força vital, com Tiganá Santana em <https://youtu.be/uuly07vg7O8>, do vídeo Máscaras africanas em <https://youtu.be/Ft8HPgNogr8> e do vídeo sobre o artesanato africano como forma de arte, renda e tradição em <https://youtu.be/wVm7wREbEus>, que podem corroborar na compreensão dessas perspectivas a partir de suas tradições.

Para influenciar essa pesquisa e culminar numa intervenção pedagógica na escola, recomendamos a leitura das dissertações de mestrado de Valéria Aparecida Al-garve sobre cantinhos de africanidades, disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2009/11/Diss-VAA.pdf> e de Fabiano Maranhão sobre os jogos africanos e afro-brasileiros nas aulas, disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2502?show=full>, bem como do Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras, disponível em: <https://anansi.ceert.org.br/biblioteca-pdf/catalogo-jogos.pdf>

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS E MATERIAIS:

África em Artes. Disponível em: http://www.mu-seuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/africa_em_artes.pdf

Vídeos

Brincadeiras afrorreferenciadas. Disponível em: <https://youtu.be/F61YD1SSNlo>

Brincando em Família | Jogos Indígenas – TA. Disponível em: <https://youtu.be/wWa6K32o0sE>

A onça e a galinha | Brincadeira indígena | Série Auê 1T. Disponível em: <https://youtu.be/2lgbG-D3oIRM>

‘Momento Eco’ aborda as brincadeiras infantis da aldeia Yudja. Disponível em: <https://youtu.be/x4giMtuooTA>

Referências utilizadas na construção das temáticas para o EHCAAQI

APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Não ao marco temporal. Cartilha sobre o julgamento decisivo para o futuro dos povos indígenas do Brasil e o enfrentamento da crise climática. Disponível em: https://apiboficial.org/files/2023/06/marcotemporal_cartilha_v7.pdf Acesso em: 10 set. 2024.

A Lei Griô Nacional. O que é Griô? s.d. Disponível em: <http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-grio/> Acesso em 02 jul. 2024.

ADEYEMI, Michael B.; ADEYINKA, Augustus A. The Principles and Content of African Traditional Education: Educational Philosophy and Theory. Vol. 35. 2003.

ADI, Hakim. Pan-Africanism: A History. Londres: Bloomsbury, 2018.

ADI, Hakim. Pan-Africanismo: uma história. Salvador: Edufba, 2022.

ADNANE, Mahfouz Ag. Pulular sob o rolo compressor: sobre a resistência Kel Tamacheque à agressão colonial francesa (1881-1919). Anos 90, vol. 26, UFGS, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5740/574069672027/html/> Acesso em: 13 jul. 2024.

AFONSO, Camilo. A educação tradicional do noroeste de Angola: formas de transmissão de saberes e sua presença na Bahia. Tese de Doutorado. Salvador: UNEB, 2016. Disponível em: <https://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2017/05/CAMILO-AFONSO.pdf> Acesso em: 13 jul. 2024.

Agrupación Xangô & CTERA - Secretaria de Derechos Humanos. Guia para docentes sobre afrodescendientes y cultura Afro: Afroargentín@s. Buenos Aires: CTERA, 2014. Disponível em: <https://agrupacionxango.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/05/guia-para-docentes-afroargentinxs.pdf> Acesso em: 12 jul. 2024.

AIKINS, Joshua Kwesi. Queen Nanny and maroon resistance. In: NESSE, Immanuel (Ed). The internationalencyclopediaofrevolutionand protest. Londres: John Wiley& Sons, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781405198073.wbierp1227> Acesso em: 22 set. 2009.

ALMEIDA, Daniella. Povos indígenas pedem prioridade em proteção, diz presidente da Funai Joenia Wapichana. Brasília: Agência Brasil, 17/04/2024. Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-04/protecao-e-a-grande-demanda-dos-povos-indigenas-diz-joenia-wapichana#:~:text=O%20Brasil%20tem%20cerca%20de,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20\(IBGE\).](https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-04/protecao-e-a-grande-demanda-dos-povos-indigenas-diz-joenia-wapichana#:~:text=O%20Brasil%20tem%20cerca%20de,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20(IBGE).) Acesso em: 14 out. 2024.

ALVARADO, Guillermo Antonio Navarro. África deve-se unir?: a formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negrístas e pan-africanos (séculos XVIII – XX). Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2018.

ANDREWS, George Reid. América Afro-Latina, 1800-2000. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ANGATU, Casé. Carlos José Ferreira dos Santos. Histórias e Culturas Indígenas - alguns desafios no ensino e na aplicação da Lei 11.645/2008: de qual História e Cultura Indígena estamos mesmo falando? In: História e Perspectivas. Uberlândia (53): 179-209, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32772/17715> Acesso em 03 mai. 2024.

ANGELO, Claudio. “Luzio” reforça tese sobre América antiga. Jornal Folha de São Paulo. São Paulo, sábado, 27 de novembro de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2711200401.htm> Acesso em 05 jun. 2024.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. Quilombolas: tradições e cultura da resistência. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

ARAÚJO, Douglas. Design e Tecnologia na Escravidão. Museu Afro Brasil Emanuel Araújo. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/CgXR0MWwAyyxlg?hl=pt-BR> Acesso em: 23 jun. 2024.

ARAÚJO, Emanuel (org). A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Museu Afro Bra-sil, 2010.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 11ª ed. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

ARROYO, Raoni Wohnrath. Uma visão pós-colonialista da filosofia da história de Hegel. 3º Encontro de pesquisa na graduação de filosofia da Unesp. Vol. 1, nº 1, 2008. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/Raoni%20Arroyo%20-%202024%20-%20_216-222_.pdf Acesso em 28 jun. 2024.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. Tradução: Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. In: Ensaaios Filosóficos. Volume XIV– Dezembro/2016. Disponível em: https://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE_Ensaios_Filosoficos_Volume_XIV.pdf Acesso em 08. Jul. 2024.

ASANTE, S.K.B.; CHANAIWA, David. “O pan-africanismo e a integração regional”. In: História Geral da África, vol. XVIII: África desde 1935, cap. 24, p. 873-896. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000095959_por Acesso em: 08 jul. 2024.



ASSIS, Caroline Chagas de; RIBEIRO, Renata Albuquerque; GARCIA, Ana Saggiaro. Integração regional africana: panorama, avanços e desafios. Boletim de Economia e Política Internacional – BEPI. n. 32. Jan./Abr. IPEA, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11193> Acesso em: 13 jul. 2024.

Atienza, Erika. Meet the Tribes in Africa: An Overview by Region, 2019. Disponível em: <https://whileinafrica.com/meet-the-tribes-in-africa/> Acesso em: 13 jul. 2024.

BANIWA, Gersem. As contribuições dos povos indígenas para o desenvolvimento da ciência no Brasil: os povos originários colaboram de diversas formas com a sociedade brasileira desde a chegada dos portugueses até os dias de hoje. Cienc. Cult., São Paulo, v. 74, n. 3, p. 1-6, Set. 2022. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v74n3/v74n3a11.pdf> Acesso em 17. Mai 2024.

BANIWA, Gersem. Educação escolar indígena: estado e movimentos sociais. Revista da FA-AEBA: Educação e Contemporaneidade, 2010. vol.19, n.33, p.35-49. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeaba/v19n33/v19n33a04.pdf> Acesso em: 12 jul. 2024.

BARBOSA, Muryatan Santana. Pan-africanismo e relações internacionais: uma herança (quase) esquecida. Revista Carta Internacional: Belo Horizonte, v. 11, 2016, n. 1; p. 144-162.

BARBOSA, Muryatan Santana. O debate pan-africanista na revista Présence Africaine (1956-1963). História: São Paulo, v. 38, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/kPzDXn-3xS9jDHtpzmr9JpfH/#> Acesso em: 10 jul. 2024.

BBC News. As práticas médicas do Egito Antigo que são usadas até hoje. BBC News Bra-

sil, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40634202> Acesso em 05 jul. 2024.

BBC News. Mapeamento genético revela novas origens de escravizados no Brasil. BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53534656> Acesso em 14 jul. 2024.

BENEDETTI, Julia. Considerações gerais sobre radiação solar e danos à pele. Out/nov, 2023. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-da-pele/radia%C3%A7%C3%A3o-solar-e-danos-%C3%A0-pele/considera%C3%A7%C3%B5es-gerais-sobre-radia%C3%A7%C3%A3o-solar-e-danos-%C3%A0-pele> Acesso em 14 jun. 2024.

BERNAL, Martin. Black Athena: the afroasiatic roots of classical civilization. New Jersey: Rutgers University Press, 1987.

BOAHEN, Albert Adu. História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/hist_geral_7_0.pdf Acesso em: 08 jul. 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Etnias indígenas. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/cadastro_unico/etnias.pdf Acesso em: 30 abr.2024.

BRASIL. Senado Federal. Manual de Comunicação da Secretaria de Comunicação Social (SECOM). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/indio#:~:text=Use%20no%20plural%3A%20os%20ianom%20C3%A2mis,%2C%20os%20uaimiris%2C%20os%20xavantes> Acesso em: 30 abr. 2024.

BLASCO, Lucía. BBC News Mundo. Como a genética está reconstruindo a fascinante jornada dos primeiros humanos à América. Publicado em 20 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-3c7c-d43a-42e9-4379-a5f1-a02af109fabf> Acesso em: 03 maio. 2024.

BRASIL. Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 03 mai. 2024.

BRASIL. Lei N° 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 03 mai. 2024.

BRASIL. Lei N° 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n° 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 48, p. 1, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 03 mai. 2024.

BRASIL. Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março

de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cne-cp_003.pdf Acesso em: 03 mai. 2024.

BRASIL. Parecer CNE/CEB n.º:13/2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação, 2012. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10806-pceb013-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 03 mai. 2024.

BRASIL. Parecer CNE/CEB N.º: 14/2015. Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei n° 11.645/2008. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação, 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=27591-pareceres-da-camara-de-educacao-basica-14-2015-pdf&category_slug=novembro-2015-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 03 mai. 2024.

BRASIL. Pareceres e Resoluções sobre Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12988-pareceres-e-resolucoes-sobre-educacao-das-relacoes-etnico-raciais> Acesso em: 3 maio. 2024.

BRITO, Sabrina. Por que só o Homo sapiens sobreviveu? Publicado em 07/08/2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/por-que-so-o-homo-sapiens-sobreviveu> Acesso em 14 jun. 2024.

BUENO, Lucas. Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um 'Novo Mundo'? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 14, n. 2, p. 477–496, maio 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/zK3QHJvwqL7XBjfQ7Chxnpm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 03 mai. 2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA. A Cidade. s/d. Disponível em: <https://www.camarar-arq.sp.gov.br/Pagina/Listar/886> Acesso em: 13 jul. 2024.

CAMPBELL, Joseph. As máscaras de deus. Mitologia criativa. São Paulo: Palas Athena, 2010.

CAMPESATO, Maria Alice Gouvêa. Da oralidade à escrita: povos indígenas, História do Tempo Presente e os desafios no campo educacional. *Revista Tempo e Argumento. Florianópolis*, v. 15, n. 40, p. e0103, 2023. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180315402023e0103> Acesso em: 3 mai. 2024.

CANN, Rebecca L.; STONEKING, Mark; WILSON, Allan C. Mitochondrial DNA and human evolution. *Nature*. 325, janeiro de 1987, p.31-36. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/325031a0> Acesso em 21 jun. 2024

CAPOSSA, Romão. Algumas consequências da Conferência de Berlim (1884-1885) para a atual África. *Identidade!*, [S. l.], v. 7, n. 2005 jan-jun, p. 10–18, 2023. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/Identidade/article/view/2286 Acesso em: 29 set. 2024.

CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra. Salvador: Artegraf, 2016.

Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/mphistoria/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Turma_2014/Eliane_Fatima_Boa_Morte_Do_Carmo.pdf Acesso em 28 de junho de 2022.

CARNEY, Judith A; WATKINS, Case. Arroz, protagonismo africano e a transformação ecológica das Américas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 16, n. 2, p. e20200089, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/98kfjyqXfS97XsStHJwQ-g5K/#> Acesso em: 22 set. 2024.

CARNEY, Judith; MARIN, Rosa Acevedo. Aportes dos escravos na história do cultivo do arroz africano nas Américas. *Edição Estudos Sociedade e Agricultura*. v. 7, n. 1 Número 12 - abril de 1999. Publicado em 02-12-2013. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/149> Acesso em: 22 set. 2024.

CARVALHO, Thiago de Paula. Nossa origem africana: a história antes da história. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/5756/1/thiagodepaulacarvalho.pdf> Acesso em: 12 mai. 2024.

CASTRO, Isis Pimentel de; JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. Baquaqua, protagonista da liberdade: os usos de autobiografia no Ensino de História. *Revista Crítica Histórica*, v. 14, n. 28, p. 236–269, 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/16423> Acesso em: 10 jul. 2024.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, Academia Brasileira de Letra, 2001.

CASTRO, Vinicius. «A Serpente Arco-Íris.». **Universidade Estadual da Paraíba.** Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/13833/7847> Acesso em: 10 out. 2024.

CERQUEIRA, Caio Cesar Silva de. **Relação genótipo - fenótipo e a pigmentação humana: aspectos evolutivos e sua aplicação na genética forense.** Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196604/000900794.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 21 jun. 2024.

CHIARADIA, Clóvis. **Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena.** São Paulo: Limiar, 2008.

CISSÉ, Mamadú; ALVES, Joyce Amâncio de Aquino. **O legado dos pan-africanismos na União Africana: breves reflexões sobre desafios e perspectivas para os estados africanos.** **ABE-ÁFRICA. V.5, N.5. Outubro de 2021.** Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/44816> Acesso em: 08 jul. 2024.

CONTERNO, Ivan. **DNA indica que Luzio, esqueleto de 10 mil anos, é antepassado de indígenas atuais.** **Jornal da USP: São Paulo, 2023.** Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/dna-indica-que-luzio-esqueleto-de-10-mil-anos-e-antepassado-de-indigenas-atuais/> Acesso em: 5 jun. 2024.

CONTERNO, Ivan. **Quando os humanos da África dominaram o mundo.** **Jornal da USP: São Paulo, 2024.** Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/quando-os-humanos-da-africa-dominaram-o-mundo/> Acesso em: 6 jun. 2024.

CORDEIRO, Tiago. **12 religiões afro que se espalharam pelas Américas.** **Super Interessante.** Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/12-religioes-afro-que-se-espalharam-pelas-americas> Acesso em: 6 jun. 2024.

CORREA, S. M. DE S. **Imagens itinerantes de potentados banidos da África ocidental.** **Varia História, v. 36, n. 71, p. 433–471, maio 2020.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/WjBWG3ypPGGC7cNgjmh8FQB#> Acesso em: 12 jul. 2024.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata.** São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005. Disponível em: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/44570.pdf> Acesso em: 12 jun. 2024.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **Africanidade, afrodescendência e educação.** **Revista Educação em Debate, v. 2, n. 42, p. 5-15, 2001.** Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14604> Acesso em: 15 maio 2024.

Tecnologia africana na formação brasileira. Rio de Janeiro: CeaP, 2010. Disponível em: https://cpvceasm.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/05/cadernotecnologias-africanas_ceap_vf.pdf Acesso em 20 jun. 2024.

O Ensino da História Africana. **Geledés. 05/09/2013.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-ensino-da-historia-africana/> Acesso em 20 jun. 2024.

Tecnologias africanas e educação. **DPAAE - Salvador: EDIFBA, 2023.** Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/prpgi/editora/livros/ciencias-humanas/Tecnologiasafricanaseeducaocad7.pdf> Acesso em 20 jun. 2024.

DALBERT, Lucas André. A Influência da raça nas relações de poder: uma análise sobre o município de Araraquara. Monografia. Araraquara: UNESP, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1c59e-c48-a01a-41d4-907f-73236c85b6f7/content> Acesso em: 12 jul. 2024.

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e História do Brasil. São Paulo: Editora Martins, 1965.

DE BARROS, A. M., & VENTRES, W. (2014). Temporalidade e memória indígena: desafios gnoseológicos na formação de professores guarani mbyá para escola diferenciada. *Tellus*, (3), 109–123. <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/28> Acesso em: 3 maio. 2024.

DIAS, Thiago Leandro da Silva. Subsídios para inclusão da história das ciências africanas e afrodiáspóricas no ensino de ciências. In: *Open Science Research*. Editora Científica Digital. Publicado em 16/02/2022. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articulos/220107132.pdf> Acesso em 28 jun. 2024.

DIAGNE, Souleymane Bachir. A negritude como movimento e como devir. *Ensaaios Filosóficos*. Volume XV - Julho/2017. Disponível em: https://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo15/02_DIAGNE_Ensaaios_Filosoficos_Volume_XV.pdf Acesso em: 14 jul. 2024.

DIAGNE, Bamby. L'éducation traditionnelle en Afrique: Ses possibles apports bénéfiques à l'école moderne. *Culture*. 21 septembre 2022. Disponível em: <https://www.meer.com/fr/70619-leducation-traditionnelle-en-afrique> Acesso em: 14 jul. 2024.

DIAWARA, Mali Gaoussou. Abubakari II, explorateur mandingue. Paris: Harmattan, 2010.

DIOP, Cheikh Anta. Civilization or barbarism: an authentic anthropologic. Nova York, Westport, Laurence Hill & Company, 1981.

Entrevista Cheikh Anta Diop: Origem da espécie humana e Civilização egípcia. Entrevista realizada em 1985. Canal retomando narrativas históricas, publicado em 2017. Disponível em: <https://youtu.be/XpqzEytY4Bc> Acesso 03 mai. 2024.

DIOUF, Sylviane A. Slavery's Exiles: The Story of the American Maroons. New York: New York University Press, 2014.

DOMINGUES, Joelza Ester. Palavras de origem Tupi para trabalhar com os alunos. 11 de setembro de 2021. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/palavras-de-origem-tupi-para-trabalhar-com-os-alunos/> Acesso em: 12 jun. 2024.

DOMINGUES, Joelza Ester. Palavras de origem africana para trabalhar com os alunos. 12 de setembro de 2021. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/palavras-de-origem-africana-para-trabalhar-com-os-alunos/> Acesso em: 12 jun. 2024.

DOMINGUES, Petrônio José. A insurgência de ébano: a história da frente negra brasileira (1931-1937). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2005.

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, v. 12, n. 23, p. 100–122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBR-Q5s6VTN6ngRXQy4Hqn/#> Acesso em: 13 jul. 2024.

DOS SANTOS, Roberta Fernandes. O ensino de Histórias e Culturas Indígenas: um olhar para o Currículo Paulista de História do Ensino Fundamental e seus materiais de apoio. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48135/tde-23102023-171905/pt-br.php> Acesso em 28. abr. 2024.

DOUMBIA, Fatima. O conceito de desenvolvimento atual na África ou o paradoxo de um conceito subdesenvolvido. Trabalho & Educação. v. 20, n. 2, p. 117-129. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8743> Acesso em: 08 jul. 2024.

DUSSEL, Enrique Dias. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección SurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p. 55-70. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf Acesso em: 08 jul. 2024.

ENAP. Fundação Escola Nacional de Administração Pública. Acesso aos direitos fundamentais: uma abordagem da pauta indígena. Módulo 1: A História dos povos 1 indígenas brasileiros. Brasília: 2021. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6820/1/M%C3%B3dulo%201%20-%20A%20Hist%C3%B3ria%20dos%20povos%20ind%C3%ADgenas%20brasileiros.pdf> Acesso em: 03 maio. 2024.

EPSTEIN, Edmund L.; KOLE, Robert, eds. The Language of African Literature. Asmara, Eritreia: Africa World Press. 1998.

ERER EM FOCO: espaço para ensaio e reflexão. A matriz cultural indígena e a ERER: desafios e possibilidades. 2a. Edição - Dezembro/2020. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2020/12/erer-em-foco-espao-de-ensaio-e-reflexo--2a--edio-de-z-2020-compactado.pdf> Acesso em: 03 maio. 2024.

FAUSTINI, Eduardo Marquês. Nacionalismo e pan-africanismo na África pós-independência: os casos de Gana e Tanzânia. Dissertação de Mestrado. UFRGS: Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/242268> Acesso em: 08 jul. 2024.

FAUSTINO, Deivison Mendes. A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do “Ser” negro. Tecnologia e Sociedade, vol. 9, núm. 18, Universidade Tecnológica Federal do Paraná: Curitiba, 2013.

FARIA, Marjorie Prado Juqueira de. Os silenciados quilombolas e indígenas na formação de Caconde: território como testemunha do esquecimento. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo: UFABC, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ufabc.edu.br/index.html> Acesso em: 10 jul. 2024.

FLORENTINO, M.; AMANTINO, M.. Uma morfologia dos quilombos nas Américas, séculos XVI-XIX. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 19, p. 259–297, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/h6G4NL5f-4f5Pcn9xjZRPjDf/#> Acesso em: 10 jul. 2024.

FLORVIL, Tiffany. Traçando rotas e comunidades da diáspora africana. *Afro-Ásia*, 46, 2012. p. 265-277. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/afro/n46/a08n46.pdf>

FOÉ, Nkolo. A Questão Negra No Mundo Moderno. Sankofa (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 4, n. 8, p. 60–82, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88812> Acesso em: 28 jun. 2024.

FONSECA, Dagoberto J. Sobre história e cultura de África e Brasil. Entrevista. 25 de junho de 2024.

FONSECA, Dagoberto J. Um povo, duas nações: Angola e Brasil – o mundo Bantu no Atlântico. São Paulo: Editora Dandara, 2024.

FONSECA, Dagoberto J. (org). As mentiras do ocidente. São Paulo: Selo Negro, 2022.

FONSECA, Dagoberto J. O fazer científico e o conhecimento africano: pistas e esboços - um breve diálogo, mas necessário. *Revista da ABPN*. v. 13, n. 36. Mar - Mai 2021, p. 7-31. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1251> Acesso em: 07 jul. 2024.

FONSECA, Dagoberto J. O negro no Brasil e seu olhar para a África e a América Latina: um olhar sobre a globalização sul-sul. *Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais*. Vol.1 - n.1 – 2018. p. 26-59. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/novos-olhares-sociais/article/view/4455/2274> Acesso em: 07 jul. 2024.

FONSECA, Dagoberto J. Antropologia Brasileira: seus conceitos e sua dinâmica sociocultural nacional. Tese de Livre Docência. Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara, UNESP, Brasil, 2014.

FONSECA, Dagoberto J. Protagonismo quilombola: seus sujeitos e seus saberes influenciando a educação. *Rev. Comunic [online]*. 2014, vol.21, n.1, pp.107-119. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/comunic/v21n1/2238-121X-comunic-21-01-00107.pdf> Acesso em: 07 jul. 2024.

FONSECA, Dagoberto J. África: Desconstruindo mitos. Secretaria de Educação Municipal de São Paulo, CEERT: São Paulo, 2009.

FRANÇOZO, Luís Michel. Modernidade em Araraquara (SP): narrativas míticas e relações de poder. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*. Dos-siê: Religiões e Religiosidades na Modernidade Tardia. V.6, p. 83-107, Dez., 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/6987> Acesso em: 12 jul. 2024.

FREITAS, Iohana Brito de Freitas. O desafio do visível: a representação da população negra nas viagens pitorescas de Debret e Rugendas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 172–196, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/974> Acesso em: 03 jul. 2024

FRESSATO, Soleni Biscouto. As serpentes da vida. A terra é redonda. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/as-serpentes-da-vida/> Acesso 14 out. 2024.

FUNAI. Fundação Nacional dos Povos Indígenas (anteriormente Fundação Nacional do Índio). Ministério da Justiça. Visão Povos Indígenas. Disponível em: http://sii.funai.gov.br/funai_sii/informacoes_indigenas/visao/visao_povos_indigenas.wsp# Acesso em: 30 abr.2024.

Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Ministério dos Povos Indígenas. Povos Indígenas. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atualizacao/povos-indigenas> Acesso em: 08 out. 2024.

FUNARI, Pedro Paulo; JUSTAMAND, Michel; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani. Las evidências da presença africana no continente americano no período do Brasil pré-colonial. Boletín Antropológico, vol. 36, núm. 95. Universidad de los Andes, 2018. p. 43-61. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/712/71256133003/html/> Acesso em: 09 jun. 2024.

FUNDO BRASIL. Povos Indígenas: história, cultura e lutas. s/d. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/quem-somos/> Acesso em: 11 set. 2024.

GABRIEL, Deborah. Nanny Queen. 26/07/2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nanny-queen/> Acesso em: 22 set. 2009.

GARCÍA, Antonio Delgado; PARAGUAY, Fundación Libertad. La serpiente-emplumada como transmisora del iconismo americano. formación y desarrollo. Cuadernos de arte e iconografía, v. 22, n. 44, p. 277-294, 2013.

GEYSER, Emerson. Palavras de Origem Africana usadas em nosso vocabulário. Geledés. 07/11/2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/palavras-de-origem-africana-usadas-em-nosso-vocabulario/> Acesso em: 14 out. 2024.

GRONDIN, M.; MOEMA, V. O maior genocídio da história da humanidade: mais de 70 milhões de vítimas entre os Povos Originários das Américas – resistência e sobrevivência. Toledo-PR: GFM Gráfica e Editora, 2018.

GUIDON, Niède. A maior concentração de pinturas rupestres do mundo está no Piauí. In: Sapiência, Ano 2, Nº 5, 2005, p.6-7.

GUIMARÃES, Vilma; NOGUERA, Renato. Racismo: uma questão de todos nós. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2018. Disponível em: http://social.educacao.salvador.ba.gov.br/docs/chegandojunto/35%20-%20PROJETO%20PEDAG%C3%93GICO%20COMPLEMENTAR%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20ANTIRRACISTA%20LIVRO%20RACISMO_DIGITAL.pdf Acesso em: 14 out. 2024.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: História geral da África, I: metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A educação tradicional na África. In: Revista THOT. n. 64. São Paulo: Palas Athena, 1997, p. 23-26.

HARARI, Yuval Noah. Sapiens: uma breve história. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4899892/mod_resource/content/2/Sapiens%20Uma%20Breve%20Hist%C3%B3ria%20da%20Humanidade.pdf

HARNER, Michael. O caminho do xamã. Um guia de poder e cura. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 26.

HAWASS, Zahi (2012). Entrevista concedida pelo arqueólogo e egiptólogo Zahi Hawass. Episódio do Nova África - Berço da Humanidade. YouTube, 03 de outubro de 2012. Disponível em: <https://youtu.be/0Mal2nGLink> Acesso em 27 mai. 2024.

HEGEL, G.W. F. Filosofia da história. Brasília: Ed. UnB, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil: 500 anos de povoamento. Centro de Documentação e Disseminação de Informações: Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf> Acesso em: 03 maio. 2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros> Acesso em: 10 maio. 2024.

ISA. Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos Acesso em 30 abr.2024.

JAMES, George G. M. Stolen Legacy: Greek Philosophy is Stolen Egyptian Philosophy. 1954. The Journal of Pan African Studies 2009 eBook. Disponível em <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/o-legado-roubado-george-g-m-james.pdf> Acesso 9 jul. 2024.

JEKUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

KANITZ, Henrique & ORTIZ, Juan. 5 contribuições de pesquisadores africanos à ciência. Revista Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ciencia-da-africa> Acesso em: 04 jul. 2024.

KANT, Emmanuel. Observações sobre o sentimento do belo e do sublime: São Paulo: Papi-rus, 1993.

KARNAL, Leandro. et al. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

KAYAPÓ, E.; BRITO, T. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?. Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 38–68, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445>. Acesso em: 4 jul. 2024.

KHAN ACADEMY. Descoberta da estrutura do DNA. s/d. Disponível em: <https://pt.khanacademy.org/science/biology/dna-as-the-genetic-material/dna-discovery-and-structure/a/discovery-of-the-structure-of-dna> Acesso em: 08 Out. 2024.

KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias (1840). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, p. 219. Disponível em: <https://livraria.senado.leg.br/reminiscencias-de-viagens-e-permanencias-no-brasil-provincias-do-norte> Acesso em: 15 out. 2024.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. «Oxumarê». O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon. Pallas: Rio de Janeiro, 2015.

KI -ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf> Acesso em: 4 jul. 2024.

KI -ZERBO, Joseph. Para quando a África? entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LANGA, E. N. B. África: antecedentes históricos da Organização da Unidade Africana. Tensões Mundiais, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 189–218, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/2826>. Acesso em: 17 set. 2024.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986.

LARANJEIRA, Lia Dias. *O culto da serpente no reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia: séculos XVII e XVIII*. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/29102/1/o_culto_da_serpente_EDUFBA_2015.pdf Acesso em: 14 out. 2024.

LASISI, Tina et al., Human scalp hair as a thermoregulatory adaptation. *PNAS - Proceedings of the National Academy of Sciences*. Vol. 120. nº 24. June, 2023. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.2301760120> Acesso 1 jul. 2024.

LAURINDO, et. al. *A História Comprovada: fatos reais e as dores da escravização araraquarense*. São Carlos, SP: RiMa Editorial, 2023. Disponível em: <https://editorarima.com.br/produto/a-historia-comprovada-fatos-reais-e-as-dores-da-escravizacao-araraquarense-e-book/> Acesso 1 jul. 2024.

LIMA, Leonardo Grazioli de Andrade. *A cor de pele em humanos: um caso de seleção natural e a contribuição da genética no debate sobre raças no século XXI*. *Genética Na Escola*, v. 15 n. 1, 2020, p. 10–17. Disponível em: <https://doi.org/10.55838/1980-3540.ge.2020.327> Acesso 14 jun. 2024.

LIU, Hua. et al. A geographically explicit genetic model of worldwide human-settlement history. *The American Journal of Human Genetics*, v. 79, n. 2, p. 230-237, 2006. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov.translate.googleusercontent.com/view/PMC1559480/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc Acesso em: 10 jun.2024.

LODY, Raul. *Santo também come*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

LÓIA, Luís. *Arquétipos mitológicos universais: alguns exemplos na Mitologia Africana*. *Digitaltheke*. Vol. 1 N.º 35. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/AfricanaStudia/article/view/11283> Acesso em: 10 out. 2024.

LOPES, Jahan Natanael Domingos. *Estudo sobre os griots e griotes africanos: a ressalva da tradição na modernidade*. *Anais da XII Semana de Geografia da Unicamp: Por uma geografia afrocentrada*. Campinas: Unicamp, 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/semanageounicamp/article/view/3430> Acesso em: 05 jul. 2024.

LOPES, Larissa. *10 invenções que não existiriam se não fossem por mulheres negras*. Publicado em 25/06/2020. Disponível em: <https://revista-galileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/06/10-invencoes-que-nao-existiriam-se-nao-fossem-por-mulheres-negras.html> Acesso em: 14 out. 2024.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOPES, Nei. *Dicionário da antiguidade africana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LOPES, Nei. *Novo Dicionário banto do Brasil*. São Paulo: Pallas, 2003.

LOPES, Nei. *Bantos, índios, ancestralidade e meio ambiente*. In: **NASCIMENTO, Abdias Thoth.** n. 5. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1998. p. 75-78. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf> Acesso em: 05 jul. 2024.

LUCIANO, Gersem dos Santos (Gersem Baniwa). O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf Acesso em: 03 maio. 2024.

Capítulo 8 Contribuições dos povos indígenas ao Brasil e ao mundo. In: O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf Acesso em: 03 mai. 2024.

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira. 2ª. Ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

MACEDO, Cesária Alice. Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil. In: BARROS, J. M. (Org.). Diversidade Cultural: da proteção a promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. pp. 76-87. Disponível em: https://observatoriodiversidade.org.br/wp-content/uploads/2011/11/WEB_Diversidade-cultural_080211.pdf Acesso em: 12 jul. 2024.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. Ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. Ciência negra para a descolonização do saber. Revista O Menelick 2º Ato. 2015. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/mais/ciencia-negra> Acesso em 27 junh. 2024.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. A genialidade negra estrategicamente ocultada. Portal Afro, 14/07/2016. Disponível em: [https://www.portalafro.com.br/a-genialidade-negra-estrategicamente-ocultada/](https://www.portalaфро.com.br/a-genialidade-negra-estrategicamente-ocultada/)

[portalafro.com.br/a-genialidade-negra-estrategicamente-ocultada/](https://www.portalafro.com.br/a-genialidade-negra-estrategicamente-ocultada/) Acesso em: 14 out. 2024.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afro-descendente. Portal Afro, 15/07/2016. Disponível em: <https://www.portalafro.com.br/ciencia-tecnologia-e-inovacao-africana-e-afrodescendente/> Acesso em: 14 out. 2024.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. Invenções africanas que mudaram o mundo. 16 de junho de 2022. Revista Raça. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/invencoes-africanas-que-mudaram-o-mundo-2/> Acesso em 03 jul. 2024.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. Ciência, tecnologia e inovação africana. In: FREITAS, Régia Mabel da Silva. Educação antirracista. Salvador: Assembleia Legislativa, 2023. p. 263-292. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/fserver/imagensAlbanet:upload:antirracismo.pdf> Acesso em 01 jul. 2024.

MALOMALO, Bas'ilele; FONSECA, José Dagoberito; BADI, Mbuyi Kabunda (Org.). Diáspora africana e migração na era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho. Curitiba: CRV, 2015.

MANÉ, Abudo. Os Djidius da Guiné-Bissau: Oralidade e ancestralidade na música contemporânea. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Bacharelado em Humanidades. Acarape: UNILAB, 2019. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2924/1/Abudo%20Man%C3%A9_TCC_PP.pdf Acesso em: 08 jul. 2024.

MARIANO, Delsa de Fátima dos Santos. Escravos e libertos: autores das ações de liberdade em diamantina (1850-1871). Dissertação. Diamantina: UFVJM, 2016.

MARK, J. J. Papiros médicos do Antigo Egito. World History Encyclopedia. Tradução de Cláudia Barros. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1015/papiros-medicos-do-antigo-egito/> Acesso em: 08 jul. 2024.

MARQUES, Lorena de Lima. Diáspora africana, você sabe o que é? Fundação Cultural Palmares: Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/diaspora=-africana-voce-sabe-o-que-e#:~:text=A%20di%C3%A1spora%20africana%20%C3%A9%20o,o%20tr%C3%A1fico%20transatl%C3%A2ntico%20de%20escravizados>. Acesso em: 18 set. 2024.

MAZRUI, Ali A; WONDJI, Christophe. História geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190256> Acesso em: 08 jul. 2024.

MELO, Patrícia. O problema do povoamento da América: uma nova proposta explicativa". v.1, nº 14. UFPE. Revista Clio Arqueológica: Recife, 2000. p. 263-272.

MENDONÇA, Renato. A influência africana no português do Brasil. Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca/download/983-Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf Acesso em: 07 jul. 2024.

MENEZES. Paula Mendonça de. Repensando a questão indígena na escola. Moitará: Revista Eletrônica da Fundação Araporã Edição Especial V. 1, Nº1 | Nov-Dez 2014. Disponível em: <https://fundacaoarapora.org.br/revista/revista-moitarav-q-no-1-2014/> Acesso em: 3 maio. 2024.

Ministério das Relações Exteriores. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Publicado em 12/07/2014 13h11 Atualizado em 02/04/2024 15h43, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/mecanismos-internacionais/mecanismos-inter-regionais/cplp> Acesso em: 22 set. 2024.

MISSAGGIA, Bruna Oliveira. Homo Heidelbergensis (Surgiu na África A partir do H. Erectus há cerca de 600 mil anos. Capacidade craniana de 1200 Cm³- entre 1100cm³ e 1325cm³). UFRGS de Portas Abertas. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/ppgbmmuseu/homo-heidelbergensis-surgiu-na-africa-a-partir-do-h-erectus-ha-cerca-de-600-mil-anos-capacidade-craniana-de-1200-cm%C2%B3-entre-1100cm%C2%B3-e-1325cm%C2%B3/#:~:text=partir%20do%20H.-,erectus%20h%C3%A1%20cerca%20de%20600%20mil%20anos.,-cm%C2%B3%2D%20entre%201100cm%C2%B3%20e%201325cm%C2%B3\)&text=H-%C3%A1%20400%20mil%20anos%2C%20separou,delas%20deu%20origem%20ao%20H](https://www.ufrgs.br/ppgbmmuseu/homo-heidelbergensis-surgiu-na-africa-a-partir-do-h-erectus-ha-cerca-de-600-mil-anos-capacidade-craniana-de-1200-cm%C2%B3-entre-1100cm%C2%B3-e-1325cm%C2%B3/#:~:text=partir%20do%20H.-,erectus%20h%C3%A1%20cerca%20de%20600%20mil%20anos.,-cm%C2%B3%2D%20entre%201100cm%C2%B3%20e%201325cm%C2%B3)&text=H-%C3%A1%20400%20mil%20anos%2C%20separou,delas%20deu%20origem%20ao%20H) Acesso em: 3 maio. 2024.

MOITARÁ. Revista Eletrônica da Fundação Araporã. Disponível em: <https://fundacaoarapora.org.br/revista-arapora/> Acesso em: 3 maio. 2024.

MOREIRA, M. G. de A. Entre silêncios e representações: história e cultura indígena no ambiente escolar. Revista Polyphonia, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 175-188, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/34131>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MORENO-MAYAR, J. Victor; STRAUSS, André Menezes; et. al. Early human dispersals within the Americas. Science, vol. 362, nº. 6419. New York, 2018. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.aav2621> Acesso em: 07 jun. 2024.

MOURA, Clóvis. História do Negro Brasileiro. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

MOURA, Clóvis. Rebeliões da Senzala. 3ª ed. São Paulo: LECH, 1983. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4584886/mod_resource/content/2/14%20-%20Rebeli%C3%B5es-da-Senzala-Clovis-Moura_Completo.pdf Acesso em: 08 jul. 2024.

MOURA, Clóvis. Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo. Afro-Ásia, Salvador, n. 14, 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20824> Acesso em: 22 set. 2024.

MUNGALA, A.S. L'Education traditionnelle en Afrique et ses Valeurs Fondamentales. Ethiopiques. Revue Socialiste de Culture Negro - Africaine, n° 29, fev. 1982. Disponível em: https://jaga.afrique-gouvernance.net/_docs/L_education_traditionnelle_en_afrique_et_ses_valeurs1.pdf Acesso em: 23 jun. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 109–122, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2016v18n1p109>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 68, p. 46–57, 2006. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i68p46-57. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13482>. Acesso em: 3 maio. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, cultu-

ras e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. Ministério da Educação: Brasília, 2005. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/379123.PDF>

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 28, p. 56–63, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28364> Acesso em: 23 jul. 2024.

MUNANGA, Kabengele. África - Trinta anos de processo de independência. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 18, p. 100–111, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26002> Acesso em: 16 jun. 2024.

MUNANGA, Kabengele. O universo cultural africano. Revista Fundação João Pi-nheiro, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 14(1-10), jul.-out. 1984.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. 2.ed. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2ª ed. Editora Angra LTDA: São Paulo, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando. São Paulo: Editora do Autor, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970 - 1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. Três reflexões sobre os povos indígenas e a Lei 11.645/08. Moitará: Revista Eletrônica da Fundação Araporã Edição Especial V. 1, Nº1 | Nov-Dez 2014. p. 20-24.

Disponível em: <https://fundacaoarapora.org.br/revista/revista-moitará-v-q-no-1-2014/> Acesso em: 3 maio. 2024.

MURAD, Fernando. Narrativas ancestrais. Rio de Janeiro: Rio2C. Disponível em: <https://rio2c.meio-emensagem.com.br/noticias2022/2022/04/28/narrativas-ancestrais/> Acesso em: 14 jul. 2024.

MUSEU DA UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A dispersão dos seres humanos Homo Sapiens. 2021 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/museu/a-dispersao-dos-seres-humanos-homo-sapiens/> Acesso em: 03 maio. 2024.

MUSEU AFRO BRASIL. Ofícios e corporações no Brasil escravocrata. Núcleo de Pesquisa do Museu Afro Brasil. Nov. 2012. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/instituicoes-artisticas/of%C3%ADcios-e-corpora%C3%A7%C3%B5es-no-brasil-escravocrata> Acesso em: 23 junho. 2024.

NAÇÕES UNIDAS. Especial: Entre o Brasil e a África houve uma troca forte e poderosa, diz Alberto da Costa e Silva. 24 maio 2018. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/80084-especial-entre-o-brasil-e-%C3%A1frica-houve-uma-troca-forte-e-poderosa-diz-alberto-da-costa-e> Acesso em: 19 set. 2024.

NARBY, Jeremy. A serpente cósmica. O DNA e a origem do saber. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

NARDELLI, Bruna. Dez invenções de mulheres negras que revolucionaram a humanidade. Publicado em 10/06/2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/dez-invencoes-de-mulheres-negras-que-revolucionaram-a-humanidade> Acesso em: 14 out. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. Thoth. n.1. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1997. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Editora Perspectiva. Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: matrizes africanas da Cultura Brasileira, Org. E. L. Nascimento, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). A matriz africana no mundo. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Lutas Africanas no Mundo e nas Américas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). A matriz africana no mundo. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 141-182.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Lutas Africanas no Mundo e nas Américas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). A matriz africana no mundo. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 141-182.

NASCIMENTO, Elisa Lakin e GÁ, Luiz Carlos. Adinkra. Sabedoria em símbolos Africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Qual é a origem da humanidade segundo a ciência. Publicado 21 de dez. de 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2024/04/as-4-curiosidades-sobre-atlantida-o-continente-perdido-que-vao-te-surpreender> Acesso em: 03 maio. 2024.

NATIONAL MUSEUM OF ART AFRICAN, s/d. Disponível em: <https://africa.si.edu/exhibits/mamiwata/who.html> Acesso em: 14 out. 2024.

- NAVARRO, E. de A. Os nomes de origem indígena dos municípios paulistas: uma classificação. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 50, n. 2, p. 733–752, 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2865>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luis Beethoven. *O Povo de Luzia*. 1. ed. São Paulo: Editora Globo, 2008. v. 1.
- NEVES, Walter Alves. A Saga da Humanidade. Um conjunto de aulas gravadas no Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Canal USP: São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLAudUnJeNg4sUpVQaygeymsa8fVsZjkCb>. Acesso 06 jun. 2024.
- NEVES, Walter A.; JUNIOR, M.J.R.; MURRIETA, R.S.S. *Assim caminhou a humanidade*. São Paulo: Palas Athena, 2015.
- NHANDEWA, Tiago. *Conversa sobre a diversidade dos povos indígenas*. 05 set. 2024.
- NJERU, Efraim Kimani. Quora. 2023. Disponível em: <https://www.quora.com/If-there-are-2-000-languages-spoken-in-Africa-does-that-mean-there-are-2-000-ethnic-groups-If-so-how-are-they-able-to-form-stable-governments-representing-so-many-different-peoples>. Acesso em: 13 jul. 2024.
- NOBLES, Wade W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. Nascimento, Elisa (org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-297.
- NOGUERA, Renato. *O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: editora Pallas, 2011.
- NUNES, R., & TELLES, M. P. de C. A dupla hélice: como descobri a estrutura do DNA. *Genética Na Escola*, 2018. p. 84–85. Disponível em: <https://doi.org/10.55838/1980-3540.ge.2018.288>. Acesso 09 out. 2024.
- OBENGA, Theophile. *La Philosophie africaine de la période pharaonique - 2780-330 avant notre ère*. Paris: L'Harmattan, 1990.
- OBENGA, Théophile. Egypt: Ancient History of African Philosophy. In: KWASI, Wiredu (ed.). *A Companion to African Philosophy*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004, p.31-49. Disponível em: https://filosofia-africa-na.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/obengat._egipto_hist%C3%B3ria_antiga_da_filosofia_africana_2004.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.
- OGDEN, Daniel. *Drakon: Dragon Myth and Serpent Cult in the Greek and Roman Worlds*. USA: Oxford University Press, 2013.
- OLIVEIRA, Julvan Moreira de. *Africanidades e educação: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de Kabengele Munanga*. 2009. 324 f. Tese (Doutorado em Educação). USP, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-153811/pt-br.php>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- ORIÁ, Ricardo. O negro na historiografia didática: imagens, identidades e representações. T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. *Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.*, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 154–165, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27748>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ORTEGA, Anna. A serpente costura os mundos: conheça significados das cobras para artistas e educadores indígenas. *Associação Cultural Nonada Jornalismo*. 22 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/04/a-serpente-costura-os-mundos-conheca-significados-das-cobras-para-artistas-e-educadores-indigenas/> Acesso em: 06 ago. 2024.

PADIAL, Leon Santos. A diversidade étnico-racial negra nos currículos escolares brasileiros e colombianos: desafios e possibilidades. *Tese de Doutorado*. São Paulo: USP, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-26092019-172436/pt-br.php> Acesso em: 10 jul. 2024.

PANOVA, E.; TJUMENTSEVA, E.; BOCHARNIKOVA, N.; JUMANOVA, Z.; LOBANOVA, J.; LEPIKHOV, N.; KOROLEVA, I.; VOROBÉVA, G. Compreendendo a imagem de uma cobra em diferentes imagens linguísticas e culturais do mundo. *Revista EntreLinguas*, Araraquara, v. 9, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/17881> Acesso em: 10 out. 2024.

PARÉ-KABORÉ, Afsata. L'éducation traditionnelle et la vie communautaire en Afrique: repères et leçons d'expériences pour l'éducation au vivre-ensemble aujourd'hui. McGill

Journal of Education / Revue Des Sciences De l'éducation De McGill, 48 (1), 2013. Disponível em: <https://mje.mcgill.ca/article/view/8927> Acesso em: 10 jul. 2024.

PASCARELLI FILHO, Nelson. Cientista e Inventores Negros. *Geledés*. 26/04/2008. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cientista-e-inventores-negros/> Acesso em: 14 out. 2024.

PATAXÓ, Kanátýo. Txopai e Itôhã: História con-

tada por Apinhaera Pataxó. Editora formato, 1997. Disponível em: https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/lemad-dh-usp_txopai%20e%20it%C3%B4h%C3%A302.pdf Acesso em 10 jun.2024.

PAULA, Eurípedes Simões de. As origens da Medicina: a Medicina no Antigo Egito. *Revista de História*, São Paulo, v. 25, n. 51, p. 13–48, 1962. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1962.121683. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/121683> Acesso em: 3 jul. 2024.

PEDROSO, Wagner de Azevedo. Escravos, senhores, posses, partilhas e um plano insurrecional na Freguesia de Nossa Senhora da Aldeia dos Anjos, RS (1863). *Dis-sertação de Mestrado*. Porto alegre: UFRGS, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/96204> Acesso em: 10 jul. 2024.

PEREIRA JUNIOR, Lucimar da Silva. A influência das línguas indígenas brasileiras no vocabulário do português brasileiro: como abordar o tema na educação infantil? *Revista Owl*. vol. 1, n. 3, Campina Grande, nov. 2023. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/113/117> Acesso em: 04 jun. 2024.

PEREIRA, Maria Izabel De Carvalho. «Emi». *Linguagens do cotidiano em tendas, comunidades, fraternidades, centros e barracões de Candomblé, Umbanda e outros cultos de raiz afro-brasileiros*. Ituiutaba: Barlavento, 2014.

PERTILE, Rosangela de Almeida. A história das técnicas médicas a partir de ilustrações em papiros do Egito antigo. *Khronos*, São Paulo, Brasil, n. 10, p. 79–88, 2020. DOI: 10.11606/issn.2447-2158.i10p79-88. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/176084..> Acesso em: 8 jul. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; NUNES, Marta Regina dos Santos; & NDIAYE, Mamour Sop. Educação para as Relações Etnicorraciais: O ensino de ciências e suas tecnologias. Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens. Universidade do Estado da Bahia -UNEB-Campus XVIII V2: n.3 Jan/Jul: 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/issue/view/589> Acesso 07 jun. 2024.

PINHEIRO, Lucivalda de Lima. A cultura africana e afro-brasileira no I ano do Ensino Fundamental I da Escola Mãe Hilda. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia) – Faculdade da Cidade de Salvador, Salvador, 2017. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/de-116483-ea81-4d61-9a44-42d88a6bbc8d/full>

PIVETTA, Marcos. Primos de Luzia. Revista Pesquisa FAPESP. Edição 119, Jan 2006. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/primos-de-luzia/> Acesso 10 jun. 2024.

PIVETTA, Marcos. Niède Guidon. Revista Pesquisa FAPESP. Abri 2008. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/niede-guidon/> Acesso 11 jun. 2024.

PIVETTA, Marcos. Diáspora há 2,5 milhões de anos. Artefatos de pedra lascada achados na Jordânia seriam indício de saída de humanos arcaicos da África 400 mil anos antes do que se pensava. Revista Pesquisa FAPESP. Edição 282, Ago 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/diaspora-ha-25-milhoes-de-anos/> Acesso 10 jun. 2024.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Abya Yala. In: 1º Encontro de Diálogos Interdisciplinares Latino-americanos: comemorando os 100 anos de Edgar Morin. PROLAM: USP, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/abya-yala/> Acesso em: 07 maio. 2024.

PREZIA, Benedito A e HOORNAERT, Eduardo. Brasil indígena: 500 anos de resistência. São Paulo: FTD, 2000.

PRIMEIROS NEGROS. Richard B. Spikes e os carros de ontem e hoje. s/d. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/richard=-spikes/#:~:text=O%20dispositivo%20de%20troca%20de,autom%C3%A1tica%20da%20virada%20do%20s%C3%A9culo.&text=Seu%20sistema%20de%20seguran%C3%A7a%20de%20freio%20autom%C3%A1tico%20tamb%C3%A9m%20foi%20significativo> Acesso em: 14 out. 2024.

PRIMEIROS NEGROS. Criatividade sem limites. s/d. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/invencoes-negras-no-nosso-dia-a-dia/> Acesso em: 14 out. 2024.

QUERINO, Manuel Raimundo. A arte culinária na Bahia. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3998> Acesso em: 12 jun. 2024.

QUERINO, Manuel Raimundo. A raça africana e os seus costumes. Salvador, Livraria Progresso editora, 1955. Disponível em: <https://archive.org/details/aracaaficana/page/n29/mode/2up> Acesso em: 12 jul. 2024.

QUERINO, Manuel Raimundo. O colono preto como fator da civilização brasileira. Afro-Ásia, n. 13, 1980, p. 143-158. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20815/13416> Acesso em: 12 jul. 2024.

QUILOMBOS, 2012. Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/guia-conhecer-fantastico/20210407/281805696734487> Acesso em: 12 jul. 2024.

RABESCO, Rafaela. O ensino de história e cultura indígena na escola: os desafios da formação e da prática educativa através da musicalização. Moitará: Revista Eletrônica da Fundação Araporã. Edição Especial V.2, N. 1 | Nov-Dez 2014. Disponível em: <https://fundacaoarapora.org.br/revista/revista-moitará-v-q-no-1-2014/> Acesso 3 maio. 2024.

RASHIDI, R. Commentary: Black Bondage in Asia. In: RASHIDI, R; VAN SERTIMA, I. (org.). African Presence in Early Asia. New Brunswick: Transaction Publishers, 2007. p. 138-139.

RATTS, Alex. (Re) conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilizações. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Brasil Afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 307-326

REIS, João José. A revolta de Demerara. Jornal de Resenhas. Folha de São Paulo. São Paulo, quinta, 13 de agosto de 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenhas/rs13089804.htm> Acesso em: 11 jul. 2024.

REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil. A história do levante dos malês 1835. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6878517/mod_resource/content/1/Joao%20Jose%20Reis%20%20Rebeliao%20Escrava%20no%20Brasil_%20A%20Historia%20do%20Levante%20dos%20Males%20em%201835CompANHIA%20das%20Letras%20%282004%29.pdf Acesso em: 30 out. 2024.

FAPESP. Ameríndios eram siberianos. Revista Pesquisa Fapesp. Edição 71, jan 2002. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/amerindios-eram-siberianos/#:~:text=Os%20estudos%20iniciais%20confirmaram%20a,e%20>

30%20mil%20anos%20atr%C3%A1s Acesso em: 11 set. 2024.

RIBEIRO, Berta G. O índio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro/UNEB, 2013. Disponível em: <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/08/o-indio-na-cultura-brasileira.pdf> Acesso em 13 jul. 2024.

RIBEIRO, Marcelo R. S. Cosmopoéticas da descolonização e do comum: inversão do olhar, retorno às origens e formas de relação com a terra nos cinemas africanos. v. 5 n. 2 (2016): REBECA 10. 2017. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/376> Acesso em: 05 jul. 2024.

RIVET, Paul. As origens do homem americano. São Paulo: Editora Ahembi, 1960.

RODNEY, Walter. Como a Europa subdesenvolveu a África. São Paulo: Boitempo, 2022.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas brasileiras. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasiliras_RODRIGUES,Aryon_Dall%C2%B4Igna.pdf Acesso em: 12 jul. 2024.

SAID, Edward Wadie. Freud e os não europeus. Prefácio: Joel Birman Boitempo. Tradutor(a): Arlene Clemesha. São Paulo, 2004.

SAIONETI, Leandro. 10 grandes inventores e cientistas negros da história. Super interessante. Publicado em 16 nov 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/os-10-maiores-inventores-e-cientistas-negros-da-historia> Acesso em: 14 out. 2024.

SALVADORI, Maria Angela Borges. Clubes negros, associativismo e história da educação. *Dourados: Educação e Fronteiras*, v. 3, n. 9, p. 94–107, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/3579>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SALLES, Silvana. DNA antigo conta nova história sobre o povo de Luzia. *Jornal da USP: São Paulo*, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/dna-antigo-Conta-nova-historia-sobre-o-povo-de-luzia/> Acesso 05. jun. 2024.

SAMPAIO, Luiz Fernando P. Conhecendo o Egito: caixa para múmia de serpente. Disponível em: <https://antigoegito.org/conhecendo-o-egito-caixa-para-mumia-de-serpente/> Acesso 14 out. 2024.

SANTANA, Caio. Um Brasil de 154 línguas. *São Paulo: Jornal USP*: 10/01/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/um-brasil-de-154-linguas/#:~:text=Estima%2Dse%20que%2C%20antes%20da,l%C3%ADn-guas%20ind%C3%ADgenas%20faladas%20no%20Brasil> Acesso em: 15 out. 2024.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/plugin-file.php/345975/mod_forum/intro/sales_santos_mov_negro.pdf Acesso em: 12 jul. 2024.

SANTOS, André Luiz Campelo dos. Paleomi-grações na América: uma abordagem arqueogenética. 2020. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal. 6.ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record: 2001.

SANTOS, Blenda. Pan-africanismo em 125 anos: uma perspectiva de gênero. *Nexo Jornal*. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2021/11/09/pan-africanismo-em-125-anos-uma-perspectiva-de-genero> Acesso em: 16 set. 2024.

SANTOS, Blenda. Entre ativismos e pan-africanismos: “travessias” internacionais de mulheres negras. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia (UFBA): Salvador, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33960/1/Jesus%2C%20Blenda%20Santos%20de.%20Entre%20Ativismos%20e%20Pan-Africanismos%20%28Disserta%C3%A7%C3%A3o_Vers%C3%A3oFinal%29.pdf Acesso em: 16 set. 2024.

SANTOS, Thalyta Roberta Barbosa dos. A cultura médica egípcia e suas práticas cirúrgicas. In: *VI Encontro internacional de jovens investigadores*. Salvador, 2019 Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/join/2019/TRABALHO_EV124_MD1_SA46_ID1872_23082019233711.pdf

SCARDIA, Giancarlo. et al. Chronologic constraints on hominin dispersal outside Africa since 2.48Ma from the Zarqa Valley, Jordan. *Quaternary Science Reviews*. v. 219, p. 1-19. set. 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277379119302847> Acesso 10 jun. 2024.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac&Naify, 2006.

SERTIMA, Ivan Van; RASHIDI, Runoko (Orgs.). *African presence in early Asia*. New Brunswick e Oxford: Transaction, 1985.

SERTIMA, Ivan Van. *They Came Before Columbus: The African Presence in Ancient America*. New York: Random house trade paperback edition, 2003. Disponível em: <http://thehouseof-sankofa.com/books/Ivan-Van-Sertima-They-Came-BeforeColumbu.pdf> Acesso em 19. jan.2017.

SHIBURAH, M. E. *A presença da melanina no corpo. Entrevista.* 22 de maio de 2024.

SILVA, Daniel Neves. *Lilith*. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/lilith.htm#:~:text=Ela%20%C3%A9%20conhecida%20como%20a,que%20causava%20mal%20aos%20homens> Acesso em: 10 out. 2024.

SILVA, Ediliz Aparecida Ferreira da. *A importância da cultura africana na formação da sociedade brasileira e suas reflexões sobre o ensino de história no ensino fundamental I: Estudo de caso nas escolas públicas do Estado de São Paulo*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 07, Vol. 04, pp. 28-53. Julho de 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/reflexoes-sobre-o-ensino> Acesso em: 13 jul. 2024.

SILVA, Hosana dos Santos. *Disciplina Breve Introdução à História das Línguas no Brasil*. São Paulo: Unifesp, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/8ce7f93f-96a3-49c1-bc59-501d5d579cb5/content> Acesso em: 12 jul. 2024.

SILVA, Marcos Araújo Castro e. *Perspectiva genômica sobre a origem, história e diversidade dos povos indígenas da América do Sul:*

do povoamento inicial à colonização europeia. 2021. Tese (Doutorado em Biologia (Genética) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41131/tde-09122021-151927/pt-br.php> Acesso 03 jun. 2024.

SILVA, Mário Augusto Medeiros. et al. *As Cores da Cidadania: Os Clubes Negros do Estado de São Paulo (1897-1952). Projeto de Pesquisa*. Campinas: Unicamp, 2017. Disponível em: Acesso em: https://www.cecult.ifch.unicamp.br/pf-cecult/public-files/projetos/9912/projeto_clubes_negros.pdf 14 jul. 2024.

SILVA, Jônatas Conceição da. *Vozes quilombolas: uma poética brasileira*. Salvador: Edufba, 2006.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil*. Educação, 30(3). 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745> Acesso em: 09 jul. 2024.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras*. **MUNANGA, Kabengele (org).** *Superando o racismo na escola*. Ministério da Educação: Brasília, 2005. p. 155-172. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/ebooks/379123.PDF>

SILVA, Tiago Ferraz da. et. al. *Genomic history of coastal societies from eastern South America*. *Nature Ecology & Evolution*. vol 7, 1315–1330, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41559-023-02114-9> Acesso 5 jun. 2024.

SILVA, Vagner Gonçalves da et al. *Através das águas: os bantu na formação do Brasil*. (Coleção Viramundo). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2023.

Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1189 Acesso em 16 jun. 2024.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Ancestralidade e produção do conhecimento. In: SI-QUEIRA, Maria de Lourdes. Siyayma: uma visão africana do mundo. Edição da auto-ra, 2006. p. 29-35.

SOARES, Lucia. Notas sobre um doce afro-brasileiro. Disponível em: <https://sobremesah.com/escola-de-confeitaria/notas-sobre-um-doce-a-fro-brasileiro/> Acesso em: 12 jun. 2024.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. Ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA [s.d]. Disponível em: <https://www.sbd.org.br/cuidados/conheca-a-pele/#> Acesso em: 14 jun. 2024.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Maias - Economia e Sociedade. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historia-da-america/maias-economia-sociedade.htm>. Acesso em: 11 de set. 2024.

SOUZA, Tatiane Pereira de. Permanências africanas no Congado Brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Orientador: Dagoberto

José Fonseca. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP - Araraquara, 2018.

SOUZA, Tatiane Pereira de. Áfricas: processos educativos presentes no Terno de Congada Chapéus de Fitas. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Orientadora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Universidade Federal de São Carlos, 2012.

STUDY. A diverse Africa. 2023 Disponível em <https://study.com/academy/lesson/video/ethnic-groups-in-africa.html> Acesso em: 14 jul. 2024.

TALGA, Jaqueline. Os griots da contemporaneidade: a passagem dos conhecimentos e as distâncias espaciais. In: Anais do SILIAFRO. Uberlândia: EDUFU, 2012.

TEDLA, Elleni. Sankofa, African Thought and Education. New york, Peter Lang, 1995.

TELAROLLI, Rodolpho. O poder local na República velha. São Paulo: Global, 1977.

TERENA, Marcos. O tema indígena e a educação. Moitará: Revista Eletrônica da Fundação Araporã Edição Especial V. 1, Nº1 | Nov-Dez 2014. Disponível em: <https://fundacaoarapora.org.br/revista/revista-moitara-v-q-no-1-2014/> Acesso 3 mai. 2024.

THORWALD, Jürgen. O segredo dos médicos antigos. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

TODÃO, Jefferson dos Santos. A história da Matemática e a Lei nº 10.639/03. In: FREITAS, Régia Mabel da Silva. Educação antirracista. Salvador: Assembleia Legislativa, 2023. p. 171-190. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/fserver/imagensAlbanet:upload:antirracismo.pdf> Acesso em 01 jul. 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Educação-diversidade-igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças. Revista Fórum Identidades, Itabaiana-SE, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1740>. Acesso em: 23 set. 2024.

TURATTI, Maria Cecília Manzoli. O Povo de Luzia – em busca dos primeiros americanos. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), São Paulo, Brasil, v. 17, n. 17, p. 317-319, 2008. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v17i17p317-319. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernos-decampo/article/view/47702> Acesso 5 jun. 2024.

ULHOA, Clarissa Adjuto. Os recipientes atribuídos aos africanos e a seus descendentes nas obras de Debret como reveladores de colonialidades e agenciamentos. Revista Mosaico, v. 12, p. 14-36, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333888340_os_recipientes_atribuidos_aos_africa-nos_e_a_seus_descendentes_nas_obras_de_debret_como_reveladores_de_colonialidades_e_agenciamentos/fulltext/5d0ae5fc299bf1f539d17b7e/os-recipientes-atribuidos-aos-africanos-e-a-seus-descendentes-nas-obras-de-debret-como-reveladores-de-colonialidades-e-agenciamentos.pdf Acesso em: 21 jun. 2024.

UNESP (s/d). A linhagem evolutiva do homem. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2.htm> Acesso em 06. mai. 2024.

UNESP (s/d). Etapas Evolutivas - Os Primeiros Hominídeos? Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2a.htm> Acesso em 06. mai. 2024.

UNESP (s/d). Etapas evolutivas - O Gênero Homo. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2b.htm> Aces-

so em 06. mai. 2024.

UNESP (s/d). Evolução Humana e Aspectos Sócio-Culturais. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev3.htm> Acesso em 06. mai. 2024.

UNESP (s/d). Evolução Humana e Aspectos Sócio-Culturais: Considerações Finais. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev3b.htm> Acesso em 06. mai. 2024.

UNESCO. Coleção História Geral da África. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/?option=com_content&view=article&id=16146 Acesso 13. mai. 2024.

UNIÃO AFRICANA. Relatório intercalar sobre as actividades e perspectivas da criação do alto comité sobre a década das raízes e da diáspora africanas (Ponto proposto pela República Togolesa), Addis Ababa: 2023. Disponível em: [https://portal.africa-union.org/DVD/Documents/DOC-AU-WD/EX%20CL%201420%20\(XLII\)%20_P.pdf](https://portal.africa-union.org/DVD/Documents/DOC-AU-WD/EX%20CL%201420%20(XLII)%20_P.pdf) Acesso em: 24 jun. 2024.

UZOIGWE, Godfrey N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: História geral da África: VII, África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2010. cap. 2. Coleção História Geral da África. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000064435_por Acesso em: 08 jul. 2024.

VENTURA, Dália. Quem foi Lilith, 'primeira mulher de Adão', e por que ela renunciou ao Paraíso. BBC News Mundo, 20 março 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy0rx10e28po> Acesso em: 10 out. 2024.

VERNER, Pierre Fotumbi. Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África. São Paulo: EdUSP, 1999.

VIEIRA, Jofre Teófilo. Uma tragédia em três partes: o motim dos pretos da Laura em 1839. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: UFC, 2006.

VIEZZER, Moema; GRONDIN, Marcelo. *Abya Yala!: Genocídio, resistência e sobre-vivência dos povos originários do atual continente americano*. Bambual Editora LTDA, 2020.

WALDMAN, Maurício. Africanidade, espaço e tradição: a topologia do imaginário espacial tradicional africano na fala “griot” dobre Sundjata Keita do Mali. *África, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP* n. 20-21, p. 219–268, 1998. Disponível em: <https://revistas.usp.br/africa/article/view/75248> Acesso em: 8 jul. 2024.

WEDDERBURN, Carlos Moore. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. 2ed. Belo Horizonte, Nandyala, 2012.

WEDDERBURN, Carlos Moore. *O racismo através da história: da antiguidade à modernidade*. 2007. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/2007/07/30/o-racismo-atraves-da-historia-carlos-moore-livro/> Acesso em: 15 jun. 2024.

WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas bases para o ensino da história da África no Brasil. In: BRASIL/MEC/SECAD. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03*. Brasília: MEC/Secad, 2005. p. 133-166.

WENCESLAU, Jose Francisco Carminatti. NEVES, Walter Alves & PILÓ, Luís Beethoven. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos, São Paulo, Globo, 2008, pp. 336. *Revista de Antropologia, São Paulo, Brasil*, v. 54, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/38609> Acesso em: 7 jun. 2024.

Wikipedia. *List of ethnic groups of Africa*. 2018. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/List_of_ethnic_groups_of_Africa#cite_ref-9 Acesso em: 13 jul. 2024.

ZENICOLA, Denise Mancebo. MAMIWATA: um mito em deslocamento. v. 13 n. 1. In: *Anais do VII Congresso da Abrace*. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/publionline/abrace/hosting.iar.unicamp.br/publionline/index.php/abrace/article/view/2155.html> Acesso em: 14 out. 2024.

ZOUBAREF, Fernanda. *Invenções de pessoas negras que ajudam no seu trabalho. Atualizado em 03/09/2024*. Disponível em: <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/inventores-negros-que-criaram-algo-que-ajude-no-trabalho/> Acesso em: 14 out. 2024.



Desejamos que os conhecimentos escritos aqui potencializem sua prática pedagógica.

Gratidão, Aínapo, Ubuntu, Aweto!

